



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**DOCTORADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO**

**ANA MICHELE DA SILVA LIMA**

**FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE DE AÍDA BALAIÓ: BIOGRAFIA DE UMA  
EDUCADORA NEGRA EM FORTALEZA – CE (1908-1970)**

**FORTALEZA – CEARÁ**

**2019**

ANA MICHELE DA SILVA LIMA

FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE DE AÍDA BALAIO: BIOGRAFIA DE UMA  
EDUCADORA NEGRA EM FORTALEZA – CE (1908-1970)

Tese apresentada ao curso de Doutorado Acadêmico em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação. Área de concentração: Formação de professores.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Lia Machado Fiuza Fialho.

FORTALEZA – CEARÁ

2019

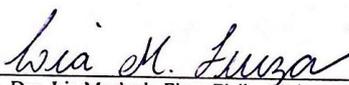
ANA MICHELE DA SILVA LIMA

FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE DE AÍDA BALAIÓ: BIOGRAFIA DE UMA  
EDUCADORA NEGRA EM FORTALEZA – CE (1908-1970)

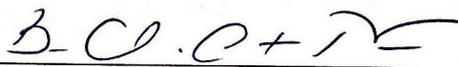
Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação. Área de Concentração: Formação de Professores.

Aprovada em: 18 de dezembro de 2019.

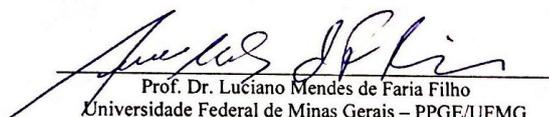
BANCA EXAMINADORA



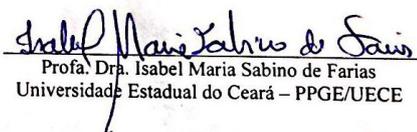
Prof.ª. Dra. Lia Machado Fiuza Fialho (Orientadora)  
Universidade Estadual do Ceará – PPGE/UECE



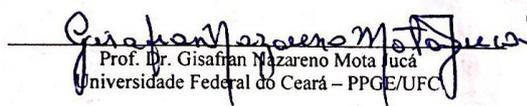
Prof.ª. Dra. Berenice Abreu de Castro Neves  
Universidade Estadual do Ceará – MIHL/UECE



Prof. Dr. Luciano Mendes de Faria Filho  
Universidade Federal de Minas Gerais – PPGE/UFMG



Prof.ª. Dra. Isabel Maria Sabino de Farias  
Universidade Estadual do Ceará – PPGE/UECE



Prof. Dr. Gisafan Nazareno Mota Juca  
Universidade Federal do Ceará – PPGE/UFC

Dedico este trabalho a Deus, à minha família, na pessoa de meu esposo, aos meus pais e irmãos, que estiveram ao meu lado, pelo apoio, admiração e incentivo, que foram imprescindíveis.

## AGRADECIMENTOS

Este momento significa para mim mais do que seguir um ritual acadêmico, me incentiva aqui a uma memória afetiva e a um sentimento de gratidão, pois a realização desta pesquisa contou com o apoio, a compreensão, o carinho, o trabalho e cuidado de diversas pessoas, sem as quais esta atividade talvez não se realizasse.

Sou grata pelo apoio e incentivo da Profa. Dra. Lia Machado Fiuza Fialho, um agradecimento em especial, pois como orientadora nunca deixou de tecer as devidas cobranças com sua postura criteriosa e profissional, exemplo a ser seguido, como uma mulher de personalidade peculiar, que nos cativa e nos faz pensar que não dá para parar, para esperar, que nós temos que almejar e que podemos acreditar que vai dar tudo certo. Amiga, sim, de compartilhar temporalidade, eu no mestrado e ela no doutorado, de apoio e torcida fundamental na aprovação de meu concurso público para docente do IFCE, um sonho, e na minha luta de cursar um doutorado, sonhos sonhados juntos ou separados, foram compartilhados e abraçados juntos muitas vezes. Nas horas de fuga das pressões da vida acadêmica, com sua alegria e espontaneidade, é alguém que almeja crescer, mas partilha do mesmo sentimento para os que a rodeiam.

Ao Professor Dr. Gisfran Mota Jucá e a Professora Dra. Isabel Maria Sabino de Farias pela pronta disponibilidade, participação e ajuda necessária à construção desta pesquisa, possibilitando novos olhares ao objeto de estudo, pelo auxílio com dicas, estímulos e direcionamentos para melhor estruturação desta produção, desde a qualificação do projeto à sua participação na defesa.

No mesmo trilhar, também se destaca a honrosa participação da Professora Dra. Berenice Abreu de Castro Neves, que foi minha docente ainda na graduação em História. Um exemplo de profissional séria e responsável, que veio ao encontro de minha tese cheia de pontos de entrecruzamentos de pesquisas e de vida com a proposta abordada, e, desde a qualificação, deu auxílio para um maior desenvolvimento do trabalho, como apoiadora junto aos seus bolsistas na disponibilidade de materiais e fontes.

Grata ao Professor Dr. Luciano Farias Mendes Filho, por sempre ser cortês e atencioso, e ter aceitado o convite para compor a banca; ademais, como um pesquisador admirável na área da História da Educação, teve um comportamento e posicionamento ímpar, deixou-me honrada de poder compartilhar de suas contribuições.

A todos os professores pelos conhecimentos adquiridos no curso de doutorado, e a alguns, em especial, ao Prof. Dr. Jacques Therrien, Prof. Dr. Heraldo, Prof. Dr. Albio, Prof. Dr. João

Batista, Profa. Marina Dias, Profa. Olmo pelo apoio e acolhida, junto a contribuições em meu crescimento, na minha formação docente, desde indicações de leituras e proposições contribuintes à pesquisa.

Agradeço aos amigos de turma: Jones, Jô, Edith, Samara, Wilson, Pedro, Ciro, Karla, Luzirene, Sthefanie, Marlene, Rafa, Karine, Alisson, Vanessa e Valeska, sem os quais o doutorado não teria sido o mesmo de partilha de conhecimentos, de abraços e muitas risadas, que serão guardadas com grande apreço de um período tão frondoso de minha vida.

À Vitória, à Mayanne, à Hanna, à Priscila, ao Hugo, à Cris e à Karla Colares (desde o NHIME), à Aparecida, à Márcia, à Gennifer, à Antonielle, à Guadalupe, à Nahyri, ao Bruno, à Karla (do pós-doutoramento) enfim ao grupo PEMO e a todas as figuras que o compõem e que fazem do nosso grupo e reuniões momentos ímpares; assim como a todos que colaboraram com indicações bibliográficas, empréstimos e acesso aos diversos materiais, além das alegrias compartilhadas. A Scarlett O'hara que, apesar de fazer parte do grupo, tornou-se muito além de uma companheira de vida acadêmica, mas de partilha de sonhos, choros, desejos, alguém que já faz parte de minha vida.

Aos amigos do trabalho que acompanharam essa trajetória tão boa e árdua ao mesmo tempo, pois fui me delineando nos escritos de minha tese e nas disciplinas necessárias e exigidas na pós-graduação, em todo corrente tempo, trabalhando, lecionando e mudando de meio citadino de trabalho. Assim cito alguns, em agradecimento especial e representativo dos que compartilharam esta labuta de observar minha dedicação, emoções de alegrias e de conflitos que um passo como o doutorado proporciona: Willame (IFCE – Tabuleiro do Norte); Zé Roberto, Irislany, Lorena Lima, Gilvan, Lee, Dário, Aluana; Dora, Gilberto, Fabiana, Cristianne, Kylvia, Andrea (IFCE – Fortaleza/JAC); dentre outros, como Dani, Djany, Tarnyelle, Kayciane e Andressa com quem divide casa e que hoje compartilho amizade de vida.

Ainda sobre o IFCE não citarei nomes, porque todos eles são, sem dúvidas nenhuma, muito importantes, meus alunos, quase filhos, irmãos, que conseguem renovar minhas energias, conseguem me fazer acreditar que sou capaz de contribuir com outrem e que me deixam ser quem sou, tentando sempre ser melhor como profissional. Amo o que faço e minha relação com os alunos é só um bom reflexo disso.

Grata ao Felipe e à Dona Rosa da Biblioteca Pública Estadual Menezes Pimentel; a Carla da sala de História do Seminário da Prainha e aos servidores sempre atenciosos, na medida do possível, do Acervo Público do Estado do Ceará. À Irmã Rita, ao Leandro e à Sheila, que auxiliaram na busca de resquícios de Aída Santos e Silva no trilhar do Colégio Imaculada

Conceição, não só sendo acolhedores, mas extensão de meus braços nas buscas dos arquivos da escola.

Ao Acervo Mucuripe, na figura do Diego de Paula, um rapaz ímpar, de iniciativa louvável e que não só é importante por ter sido auxílio e acolhimento frente às buscas e investigações da história de Aída, mas por ser um honroso vislumbrador da relevância da História, Memória e Identidade de um povo, de um lócus e do Mucuripe, que é dele, que é de Aída e dos Balaios, que é meu e de tantos que lutam por um lugar de fala para alguém que lute junto à comunidade.

À escola estadual Matias Beck, na figura de sua diretora Virgínia e da professora Roberta Kelly, esta, amiga historiadora, contemporânea de graduação; à escola Municipal Consuelo Amora, na figura da diretora; e também à Associação dos Idosos do Mucuripe, Oscar Verçosa, que para além da figura importantíssima para esta tese que é sua gestora, Dona Tatá, esta faz também um trabalho inquestionável, louvável e de referência no Mucuripe, há muitos anos.

Imensamente grata serei a todos os colaboradores diretos e indiretos, no auxílio de fontes e arcabouços de/para minha pesquisa, que não só a tornaram algo possível quanto exequível. Em especial à família Balaio, na figura de Sayonara Santos e Noemia Balaio, como também às senhoras Teda de Castro Chagas, Tânia de Castro Chagas e Aída de Castro Chagas. Em nossa biografia, todas abriram as portas de suas casas, memórias e histórias que foram determinantes para avanços e esclarecimentos propostos por este estudo.

Aos mucuripeiros, como carinhosamente se intitulam os moradores do bairro, Dona Terezinha e sua filha Heloísa, Dona Vilany, Dona Maria, minha tia Diana. Em especial aos discentes de Aída Balaio, essenciais para a constituição de nossos objetivos e pressupostos, como: Dona Tatá (Otacília Verçosa), Senhor Gavillan, Dona Brígida e sua Irmã Malu (moradoras vizinhas da casa de meus avós maternos), Dona Ozita Carmo e sua irmã Arlinda Ramos, Senhor Júlio Pinto e o Senhor José Maria.

À professora Zilsa Santiago que, além da contribuição de seus escritos, em sua tese de doutoramento, para a historiografia da História da Educação do Ceará, ainda nos foi extremamente gentil e solícita na busca de me ajudar no encontro com fontes e colaboradores que pudessem enriquecer mais esta biografia. À Elisangela pela gentileza e profissionalismo na correção textual ortográfica.

À secretaria da pós-graduação, do PPGE, na figura de Rosangela e Jonelma, profissionais ímpares, receptivas, amigas e apoio sem igual a todos, um obrigado é pouco por todas as solicitações urgentes e pedidos de socorro, sempre atendidos, meninas.

À Universidade Estadual do Ceará por possibilitar a realização deste trabalho e obtenção do título de doutora, uma instituição que tenho orgulho e apreço por ter feito parte desde a graduação, acompanhando seu crescimento e ampliação. Desejo que as políticas públicas continuem a proporcionar acesso à educação pública, gratuita e de qualidade, também no nível superior e de pós-graduação.

Aos amigos que são companheiros indiscutíveis de vida: Mayara (minha amiga-irmã), Juliete, Janilson, representantes de tantos amigos que me apoiam como torcedores, incentivadores, ombro amigo, companheiros profissionais, de lutas, seres humanos que tanto admiro e torço.

À minha sogra Nete (Maria Sousa) representando a família de meu esposo, Cleiton Sousa, por toda sensibilidade e afeição. E ao meu marido, em especial, pois este se tornou meu companheiro de vida e compartilhador de sonhos há nove anos, obrigada pela compreensão, pela cobrança e por não deixar que eu me satisfaça com pouco, tenho ciência que todas as críticas foram e são com o intuito de me ver crescer. Seu exemplo de resistência e perseverança, afeto e carinho, foram essenciais desde a minha entrada no doutorado até a finalização deste trabalho.

Sou grata à minha família pelas inúmeras demonstrações de dedicação, compreensão e afeto. Meus pais, Aureliano e Dorismar, referências, meus orgulhos, exemplos e acolhimento, que, junto aos meus irmãos, Marcos e Natan, formam uma família ímpar que me incentiva, apoia e se dedica a mim com o desejo sempre de ver o meu melhor, muito grata a Deus pela bênção de ter uma família, e de tê-los como minha família.

O meu maior obrigada a Deus, pelo que sou e tenho, por todas as bênçãos e pela serenidade e confiança necessária para esta conquista. No intuito de sempre aprender cada vez mais a intenção de ajudar, de partilhar conhecimentos, de crescer como pessoa, mas, primeiramente, por não me deixar esquecer nunca que tenho de ser sempre mais grata e humilde, com fé e serenidade no coração.

“A ostra, para fazer uma pérola, precisa ter dentro de si um grão de areia que a faça sofrer. Sofrendo a ostra diz para si mesma: ‘Preciso envolver essa areia pontuda que me machuca com uma esfera lisa que lhe tire as pontas...’ Ostras felizes não fazem pérolas... Pessoas felizes não sentem a necessidade de criar. O ato criador, seja na ciência ou na arte, surge sempre de uma dor. Não é preciso que seja uma dor doída... Por vezes a dor aparece como aquela coceira que tem o nome de curiosidade. Este livro (tese) está cheio de areias pontudas que me machucaram. Para me livrar da dor, escrevi”

(Rubens Alves – Ostra feliz não faz pérola).

## RESUMO

A investigação trata da história de vida de Aída Balaio (1889-1970) – mulher, professora, negra, religiosa, alfabetizadora e madrinha de crianças de quase um bairro inteiro. A partir da constituição de uma biografia, objetiva compreender a atuação profissional e as práticas educativas decorrentes da formação educativa de Aída, voltada para o magistério, no recorte temporal de 1908 a 1970, justificada pelos anos de que se tem registro de sua atuação junto a processos educacionais. A pesquisa está inserida no campo da História da Educação, amparada na perspectiva da História Cultural e utiliza a metodologia da História Oral entrecruzada com a análise documental escrita para os direcionamentos e análises desta produção, tendo como relevância a contribuição enquanto educadora para com a historiografia das mulheres, dos negros, dos pobres e profissionais da educação, os quais ainda pouco aparecem como protagonistas. Aída Balaio, na verdade, chamava-se Aída Santos e Silva, uma mulher que ganhou a memória coletiva do Mucuripe, com uma história de entrelace entre a Educação, o ensino primário, a Igreja Católica e a prática assistencialista. A formação educativa da docente se deu junto ao Colégio Imaculada Conceição, uma das escolas seculares de Fortaleza, descrita como uma instituição da elite feminina cearense. A biografia de Aída como educadora nos possibilitou ensinar lume à inserção da mulher na educação, no mercado de trabalho e na política, discutindo as atividades destinadas ao feminino, à história da feminilização do magistério, além de expor individualidades da professora que atuou mais de meio século na docência, intervindo na realidade que a cercava, reflexo esta de analfabetismo e da vida sofrida de pescadores e trabalhadores braçais do Mucuripe.

**Palavras-chave:** Biografia. Aída Balaio. História da Educação. História Oral. Formação de Professores.

## RESUMEN

La investigación trata sobre la historia de vida de Aída Balaio (1889-1970): mujer, maestra, negra, religiosa, maestra de alfabetización y madrina de niños de casi todo un vecindario. Basado en la constitución de una biografía, su objetivo es comprender el desempeño profesional y las prácticas educativas resultantes de la formación académica de Aída, orientada a la enseñanza, en el período de 1908 a 1970, justificado por los años de su trabajo con procesos educativos. La investigación se inserta en el campo de la Historia de la Educación, con el apoyo de la perspectiva de la Historia Cultural y utiliza la metodología de la Historia Oral entrelazada con el análisis documental escrito para las direcciones y análisis de esta producción, teniendo como relevancia la contribución como educador con la historiografía de mujeres, negros, pobres y profesionales de la educación, que todavía parecen poco como protagonistas. Aída Balaio, de hecho, se llamaba Aída Santos e Silva, una mujer que ganó la memoria colectiva de Mucuripe, con una historia de entrelazamiento entre Educación, educación primaria, la Iglesia Católica y la práctica del bienestar. La formación educativa del maestro tuvo lugar en el Colégio Imaculada Conceição, una de las escuelas seculares de Fortaleza, descrita como una institución de la élite femenina de Ceará. La biografía de Aída como educadora nos permitió dar lugar a la inserción de las mujeres en la educación, el mercado laboral y la política, discutiendo actividades dirigidas a las mujeres, la historia de la feminización de la profesión docente, además de exponer las individualidades del maestro que trabajó más de la mitad siglo en la enseñanza, interviniendo en la realidad que lo rodeaba, un reflejo del analfabetismo y la vida sufrida por los pescadores y trabajadores manuales en Mucuripe.

**Palabras clave:** Biografía. Aída Balaio. Historia de la Educación. Historia Oral. Formación docente.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 –</b>	<b>Aída Balaio.....</b>	<b>20</b>
<b>Figura 2 –</b>	<b>Ester (Teté).....</b>	<b>35</b>
<b>Figura 3 –</b>	<b>Justificativa para nomenclatura do CIES Aída Balaio.....</b>	<b>65</b>
<b>Figura 4 –</b>	<b>Fachada do Posto Municipal de Saúde de Aída Santos e Silva.....</b>	<b>66</b>
<b>Figura 5 -</b>	<b>Fachada da escola Aída Santos e Silva.....</b>	<b>67</b>
<b>Figura 6 –</b>	<b>Valmir, o segundo filho homem de Aída e Francisco Balaio.....</b>	<b>75</b>
<b>Figura 7 –</b>	<b>Demarcação do Mapa atual do Mucuripe – 2019.....</b>	<b>76</b>
<b>Figura 8 –</b>	<b>Trajeto Casa de Aída – Clóvis Beviláqua (2019).....</b>	<b>76</b>
<b>Figura 9 –</b>	<b>Fachada da Casa de Aída Balaio antes da Via Expressa.....</b>	<b>78</b>
<b>Figura 10 –</b>	<b>Bethzaida.....</b>	<b>80</b>
<b>Figura 11 –</b>	<b>Carteira de Identidade de Aída Santos e Silva (a última feita por Aída no ano de 1967).....</b>	<b>94</b>
<b>Figura 12 –</b>	<b>Capa do Livro: Mucuripe De Pinzón ao Padre José Nilson.....</b>	<b>100</b>
<b>Figura 13 –</b>	<b>Capa do Cordel em homenagem a Aída Balaio.....</b>	<b>101</b>
<b>Figura 14 –</b>	<b>Francisco Balaio da Silva (esposo de Aída Balaio).....</b>	<b>110</b>
<b>Figura 15 –</b>	<b>Reportagem Jornal O Povo (13/01/1932).....</b>	<b>116</b>
<b>Figura 16 –</b>	<b>Lavadeiras do Mucuripe pelo olhar de Nelson Bezerra.....</b>	<b>118</b>
<b>Figura 17 –</b>	<b>Dunas em frente ao Iate Club.....</b>	<b>118</b>
<b>Figura 18 –</b>	<b>Colégio da Imaculada Conceição.....</b>	<b>134</b>
<b>Figura 19 –</b>	<b>Externato São Vicente de Paulo.....</b>	<b>136</b>
<b>Figura 20 -</b>	<b>Jornal O POVO – Coluna Opinião do Leitor – Resposta a Reportagem Aída Balaio (1989)–aluno.....</b>	<b>144</b>
<b>Figura 21 -</b>	<b>Grupo do Outeiro.....</b>	<b>145</b>
<b>Figura 22 –</b>	<b>Fachada do Grupo Escolar, vista pela Avenida Dom Manuel.....</b>	<b>147</b>
<b>Figura 23 –</b>	<b>Fotografia do que seria o U proposto pra se ter internamente nos</b>	

prédios que abrigassem os grupos escolares. Parte interna do Grupo Escolar do Outeiro.....	161
<b>Figura 24 – Capa do Livro João Pergunta.....</b>	<b>148</b>
<b>Figura 25 – Praia do Mucuripe por volta de 1940, anos depois de Aída Balaio já ter tornado frequentadora e posteriormente moradora do bairro.....</b>	<b>159</b>
<b>Figura 26 - Aída de frente a uma das casas simples do Mucuripe.....</b>	<b>161</b>
<b>Figura 27 – Fotografia antiga de Fortaleza- construção da Avenida Mucuripe.....</b>	<b>163</b>
<b>Figura 28 – Avenida Mucuripe.....</b>	<b>164</b>
<b>Figura 29 – Jornal O POVO – Coluna Opinião do Leitor – Resposta a Reportagem Aída Balaio (1989)–Luiza.....</b>	<b>172</b>
<b>Figura 30 – Retrata duas figuras de referencia em uma só imagem – A rendeira e O pescador.....</b>	<b>178</b>
<b>Figura 31 – Orson Welles durante gravações no Ceará (1942).....</b>	<b>179</b>
<b>Figura 32 – Otacília Verçosa (Dona Tatá).....</b>	<b>182</b>

## LISTA DE QUADRO

<b>Quadro 1 – Família Aída Balaio (árvore genealógica).....</b>	<b>32</b>
<b>Quadro 2 – Fontes orais.....</b>	<b>89</b>
<b>Quadro 3 – Fontes documentais.....</b>	<b>104</b>
<b>Quadro 4 – Trajetória educacional e profissional formal de Aída.....</b>	<b>135</b>
<b>Quadro 5 – Cadastro Funcional de Aída Santos e Silva.....</b>	<b>140</b>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>19</b>
1.1	AÍDA SANTOS E SILVA.....	30
<b>2</b>	<b>DELINEAR DOS PASSOS ATÉ AIDA.....</b>	<b>41</b>
2.1	TRAJETÓRIA ACADEMICA ATÉ A BIOGRAFIA.....	41
2.2	ESTRUTURAÇÃO DA BIOGRAFIA.....	47
<b>3</b>	<b>PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....</b>	<b>50</b>
3.1	A CONSTITUIÇÃO DO GÊNERO BIOGRÁFICO.....	52
3.2	A METODOLOGIA DA HISTÓRIA ORAL.....	57
3.3	CONSTRUINDO O ESTADO DA QUESTÃO.....	62
3.4	LOCALIZANDO AS FONTES DA PESQUISA.....	72
<b>3.4.1</b>	<b>Fontes orais e produções a partir de narrativa orais.....</b>	<b>78</b>
3.4.1.1	Familiares e Discentes.....	83
<b>3.4.2</b>	<b>Documentos escritos.....</b>	<b>91</b>
<b>4</b>	<b>AÍDA BALAIÓ.....</b>	<b>108</b>
4.1	CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO, EDUCACIONAL E FAMILIAR.....	113
<b>4.1.1</b>	<b>Educação Feminina.....</b>	<b>120</b>
4.2	FORMAÇÃO PROFISSIONAL.....	124
<b>4.2.1</b>	<b>Aída e o Colégio Imaculada Conceição.....</b>	<b>130</b>
<b>4.2.2</b>	<b>Externato São Vicente de Paulo.....</b>	<b>136</b>
<b>5</b>	<b>ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL.....</b>	<b>139</b>
5.1	ARRAIAL DE PELOTAS E O POVOADO DO MUCURIBE.....	142
5.2	3º GRUPO ESCOLAR E A EFETIVAÇÃO NO OUTEIRO .....	143
<b>5.2.1</b>	<b>Grupo escolar do Outeiro/Santos Dumont e Clóvis Beviláqua.....</b>	<b>143</b>
5.3	CURSO DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTO.....	149
5.4	ALFABETIZAÇÃO, APADRINHAMENTO, AULAS PARTICULARES PREPARATÓRIOS PARA EXAMES E CONCURSOS.....	150
<b>5.4.1</b>	<b>Discentes de Aída Balaio.....</b>	<b>152</b>
<b>6</b>	<b>O MUCURIBE E A MEMÓRIA LOCAL PARTILHADA COM AÍDA</b>	<b>159</b>
6.1	IGREJA CATÓLICA – ASSISTENCIALISMO – AÍDA BALAIÓ – REPRESENTATIVIDADES SOCIAIS.....	171
6.2	AÍDA E O CINEMA.....	176
6.3	AÍDA E DONA TATÁ.....	180

6.3.1	Otacília Verçosa.....	181
7	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	191
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	197
	<b>ANEXO.....</b>	208
	<b>ANEXO A – CADASTRO FUNCIONAL DE AÍDA SANTOS E SILVA.....</b>	209
	<b>ANEXO B – NOMEAÇÃO DE AÍDA BALAIO PARA O CURSO DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUCURIBE (1948).....</b>	212
	<b>ANEXO C – CHAMADA JORNAL O NORDESTE DE NOVEMBRO SOBRE A CAMPANHA DE JOVENS E ADULTOS.....</b>	213
	<b>ANEXO D – COLEÇÃO DE DOCUMENTOS – AUTORIZAÇÃO DE AÍDA ABANDONAR A CADEIRA MIXTA DO MUCURIBE.....</b>	214
	<b>ANEXO E – CERTIDÃO DE ÓBITO DE AÍDA SANTOS E SILVA.....</b>	216
	<b>ANEXO F – DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS PARA A MUDANÇA DO NOME DO CIES PARA HOMENAGEAR AÍDA BALAIO.....</b>	217
	<b>ANEXO G – PUBLICAÇÃO EM DIÁRIO OFICIAL AUTORIZANDO A MUDANÇA DO NOME DO CIES.....</b>	224
	<b>ANEXO H – PLACAS DA BIBLIOTECA AÍDA BALAIO – HOMENAGEM – ESCOLA DE ENSINO MÉDIO EM TEMPO INTEGRAL MATIAS BECK.....</b>	225
	<b>ANEXO I – REPORTAGEM O POVO DE 1989.....</b>	226
	<b>APÊNDICE.....</b>	230
	<b>APÊNDICE A – CRONOLOGIA DA HISTÓRIA DE VIDA DE AÍDA SANTOS E SILVA (AÍDA BALAIO).....</b>	231
	<b>APÊNDICE B – TERMO DE VALIDAÇÃO.....</b>	233
	<b>APÊNDICE C – TCLE.....</b>	234

## 1 INTRODUÇÃO

A investigação trata da biografia de Aída Balaio (1889-1970) – mulher professora, negra, religiosa, alfabetizadora e madrinha de crianças de quase um bairro inteiro, objetivando compreender a atuação profissional e as práticas educativas junto à formação para professora de Aída, no período de 1908 a 1970. Para o desenvolvimento do estudo fez-se necessário compreendermos a história de vida de Aída na interface com o contexto educacional, considerando também aspectos políticos, culturais e sociais da região do Mucuripe, Fortaleza, Ceará, delineando uma narrativa biográfica que permitiu dar maior visibilidade à trajetória de vida da docente; ensejando lume às ações e possíveis contribuições empreendidas pela educadora.

Buscou-se entender como a educação fomentada a Aída, sua atuação docente e seu entrelaçamento com o Mucuripe, no primeiro meado do século XX, possibilitaram a uma mulher negra galgar relativo reconhecimento em contexto sócio educacional e político conservador. A tese perpassa, assim, de maneira interdisciplinar por questões teórico-metodológicas da História e da Educação, no campo da História da Educação, por elaborar uma Biografia com mote também na formação e atuação de professores; e de tal modo perpassa por ações, emoções e posicionamentos de uma mulher que revela e é revelada no seu contexto sócio educacional, e que ganhou destaque e certo prestígio no bairro do Mucuripe, em Fortaleza – CE.

Algumas inquietações emergiram para motivar o estudo em tela: Como foi desenvolvida a educação familiar de Aída? Qual era situação social e financeira da família de Aída Balaio? Como uma menina negra, sem ser órfã ou rica, conseguiu educação diferenciada ao acessar um colégio de elite, que agregava uma dessas duas “classificações” para o ingresso de moças e formava uma seleta parcela de brancas e abastadas na primeira década do século XX? Quais razões e incentivos levaram Aída a atuar como professora em uma comunidade pobre e marginalizada constituída notadamente de uma zona de meretrício, de pessoas de vida e trabalho simples como pescadores, lavadeiras e estivadores<sup>1</sup>? Que contribuições foram empreendidas para que ela desfrutasse de dado prestígio social no bairro? Ante tantas inquietações, uma problemática pode ser considerada a questão geral dessa pesquisa: Como

---

<sup>1</sup> O estivador é responsável pela colocação, retirada e/ou arrumação de cargas nos porões ou sobre o convés de embarcações principais e auxiliares, imprescindível para execução do transporte marítimo. A escalção dos estivadores era feita pelos Sindicatos dos Operadores Portuários e dos Estivadores, fazia-se uso de sorteios ou rodízios entre o grupo de trabalhadores utilizava-se o sistema de rodízio. Disponível em: <https://educalingo.com/pt/dic-pt/estivador> Acessado em 20 nov. 2019.

Aída Balaio, uma mulher negra, de origem simples, galgou formação em escola de elite e alcançou determinado reconhecimento social por intermédio da sua atuação profissional no contexto educacional da região do Mucuripe, a ponto de ser ainda lembrada após seu falecimento, mesmo este ocorrido há quase meio século?

Foi apenas após seu falecimento, apesar de já galgar um lugar de grande prestígio ainda em vida dentre os moradores e lideranças do Mucuripe, que Aída Balaio veio a tornar-se nome de rua, de bibliotecas, de escola, de centro de saúde e de alusão ao Mucuripe. Quando, aos antigos moradores, são feitas indagações de quem seria referência no desenvolvimento educacional da região, é o nome de Aída que vem à tona sendo lembrado com jus.

Destarte, nos direcionamos a compreender como Aída Balaio virou sinônimo de pessoa culta, religiosa, influente, articuladora e de alteridade. E, ao mesmo tempo, entender por que, mesmo diante de certo reconhecimento – com nome homenageado em espaços públicos, supracitados, sua história e memória continuam relativamente invisibilizada diante de uma historiografia da Educação para além “dos muros” do Mucuripe.

A fotografia de Aída, **Figura 1**, nos dá ciência do fenótipo da professora, o registro se constitui da face de uma mulher negra, aparentemente simples e já bem madura. A imagem é a que está mais representativa na memória sobre a educadora, pois os que com ela conviveram, e que ainda estão vivos, só a descrevem como essa senhora já de idade, mulher séria, apesar de adjetivada como acolhedora, com boas e muitas amigas.

**Figura 1 – Fotografia de Aída Balaio**



Fonte: Acervo Familiar dos Balaio.

Importa destacar que “Aída Santos e Silva” é o nome de registro da professora Aída Balaio. Ela ficou conhecida popularmente pelo sobrenome Balaio em decorrência de seu marido, Francisco Balaio da Silva, Alferes, mais velho que Aída, com quem se casou, quando moça, aos 16 anos (GIRÃO, 1998). Tomamos ciência que o Senhor Francisco, marido de Aída, foi delegado da região do Mucuripe, em uma época que a significação do cargo de delegado e ou prefeito de uma região/povoado não concebe o mesmo que compreendemos contemporaneamente, segunda década do século XXI, principalmente, pela forma de se conseguir tal ocupação.

Uma mulher que construiria sua representatividade para além da figura masculina de seu cônjuge. No entanto, a marca paternalista e machista da constituição histórico-social da sociedade brasileira não é diferente da cearense, isso fez com que a sua esposa, por meio de seus próprios feitos e fatos, ficasse reconhecida por Balaio, sem mesmo ter oficialmente o sobrenome em seus registros. Contudo, foi por conta da nomeação do Senhor Francisco Balaio da Silva, que eles se mudaram para a localidade, para o Mucuripe, desse modo, a professora conheceria e se apropriaria do bairro como um lugar seu.

Os Balaios, familiares de Aída, assim ficaram conhecidos popularmente, no Mucuripe, um sobrenome conceituado, de prestígio social reconhecido pelos moradores da região, especialmente, os mais velhos, que lembram e fazem referências à senhora Balaio, carinhosamente chamada por elocuições, como: “ah, Dona Aída!”, “a professora Balaio”; “**a professora** (grifo nosso) do Mucuripe foi Aída Balaio”. Embora, nenhum de seus filhos esteja mais vivo, e muitos de seus amigos, colegas de trabalho e, até mesmo, seus discentes também não, nos foi possível localizar alguns amigos e discentes, para além de familiares no intuito de colaborar com a constituição desta biografia.

Teda Chagas (2019c) nos disse que: “a única que mamãe deu o nome da vovó para homenageá-la e meio pra herdar um pouco da intelectualidade da “Maída<sup>2</sup>”, não se formou como professora” e assim não seguiu carreira vinculada com a docência e ou com a educação de modo geral. “As outras, inclusive eu, todas nos dedicamos à docência e ou já atuamos como docente, mesmo por breve período, como eu”. Aída Chagas (2019a) declara, inclusive que, nunca foi tão dedicada à leitura e ao conhecimento quanto sua avó era, e como sua mãe esperava.

A biografada ainda tem outra neta chamada Aída, em sua homenagem, esta por sobrenome de batismo Balaio, diferente da avó, mas em comum, exerce a profissão docente.

---

<sup>2</sup> Uma denominação carinhosa que as netas se referenciam a sua avó Aída Balaio.

Esta Aída é filha do mais novo de Balaio, Waldenilo, que assim como Nair, sua irmã mais velha, buscou prestar homenagem à sua mãe. As questões de homenagens em família mostram o quanto à professora era admirada, pois muito mais comum são os Júnior e Neto, perpetuando o nome de referências paternalistas, mas que na família da docente é Aída o nome forte e de referência, e mesmo que o sobrenome Balaio tenha se destacado tanto como uma referência para essa família, isto acreditamos só ocorreu porque se tornou vinculado a memória dela.

Portanto, Aída Santos e Silva ficou mais conhecida como Balaio, e é assim que iremos chamá-la em nossos diálogos, não reafirmando uma postura paternalista e nem desmerecendo o seu nome de batismo, mas estamos trabalhando com a memória, e é por Balaio que essa mulher é mais lembrada, ao se dedicar à referida comunidade paupérrima, tanto que muitos dos participantes diretos e indiretos da pesquisa nem sequer sabiam o nome original da professora.

Aída Balaio nos é proposta como um sujeito que possibilita construir uma narrativa sobre o que era ser mulher nascida no final do século XIX, negra, católica e professora em um período de grande efervescência de mudanças políticas e sociais às estruturas da Educação do Brasil, com particularidades e dinamismos específicos do Ceará. Pois, o período ele não é só de modificações políticas muito marcantes para a história do Brasil, pois sua trajetória vai do processo de proclamação da República, período da República Velha, passa pela Era Vargas, a democratização até o período da Ditadura Militar no Brasil.

No Ceará, não foi diferente desse fervor de processos de variações políticas, desde a estrutura forte e marcante do período dos coronéis, que no estado foi uma estrutura que perdurou bem mais além do fim do período da República Velha. De tal modo, todos esses momentos também pautaram mudanças na estrutura da política educacional, de conquistas como a ampliação da oferta de escolas a um embate que perdurou ainda na segunda metade do século XX, que era a taxa de analfabetismo brasileiro, e Aída perpassou lecionando nesse largo espaço temporal.

Assim, temos também de nos deleitar junto a ela sobre o histórico da educação brasileira, na procura de compreendermos sobre as relações envoltas de Aída, que permearam e direcionaram o que era educação no perpassar da atuação dela nessa área, nos possibilita classificar o dado estudo no campo da História da Educação, fundamentado na “nova história cultural” (BURKE, 2008). O historiador Giovanni Levi (2002) trouxe em suas reflexões abordagens e classificações de como podemos formular tipologias para biografia, descrevendo

gêneros dessa, como: Biografia Modal – a Prosopografia; Biografia e Contexto; e Biografia Hermenêutica.

A primeira classificação está envolta de dois direcionamentos, seja uma vida enquanto exemplo de um todo, ou um padrão de um determinado grupo que os possibilite ser sujeitos biografados a partir dessa perspectiva, sendo exemplo, anuência de posturas e comportamentos. A segunda classificação, correlatando com a questão do contexto, é a biografia que se direciona a uma época, os meios e os ambientes, estudando uma vida muito mais como pano de fundo, palco e possibilidade de lume a fatores capazes de caracterizar e valorizar o contexto, e este dando resposta que a vida do então biografado não nos possibilitou explicar.

Por fim, a terceira, Biografia Hermenêutica, tem uma perspectiva antropocêntrica, interpretando diálogos, narrativas e descrições no processo de construção entre sujeitos e entre culturas, possibilitando um maior foco em uma temática específica de uma dada vida. Fazemos uma análise biográfica (DOSSE, 2009) de Aída, que utiliza a metodologia da História Oral (ALBERTI, 2005), no gênero história de vida (MEIHY; HOLANDA, 2007), entrecruzando com a análise documental, para constituir também uma biografia hermenêutica e holística. Já que o foco no trilhar de Balaio se propõe sobre seu entrelaçar com a Educação, e o que permeia esse processo.

A última tipologia biográfica supracitada, na classificação indicativa de Levi (2002), ampara a biografia em tela, intuímos, portanto constituir a história de vida de Aída Balaio com foco na sua interseção com a educação delineando sua formação e atuação profissional docente, considerando as subjetividades, individualidades presentes nos diálogos decorrentes da história oral, valorizando as narrativas e descrições no que concerne ao processo de constituição da identidade da Aída educadora entre os sujeitos do Mucuripe, desvelando e refletindo aspectos culturais e sociais de uma coletividade.

A representatividade dela está intrinsecamente aliada ao Mucuripe, bairro conhecido por belezas naturais, por palavras de poesias e músicas como as de Fagner, Dorival Caymmi, Carlinhos Palhano, dentre outras, além de imagens e filmagens que o eternizam, como as de Chico Albuquerque<sup>3</sup> e Orson Welles<sup>4</sup>. Recorrente também na historiografia

---

<sup>3</sup> Considerado um dos pioneiros da fotografia publicitária no Brasil, Chico Albuquerque trabalhou como still do set de filmagem de Orson Welles. O Still de cinema acompanha as filmagens, fazendo o “making of” do trabalho e produzindo fotos que serão usadas para a divulgação na imprensa, cartazes e folders. Cinco anos após registrar as filmagens, Albuquerque mudou-se para São Paulo, onde estabeleceu um estúdio que se tornou referência em todo o país. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/noticias/2015/05/06/mundo-comemora-centen%C3%A1rio-de-nascimento-de-orson-welles>. Acessado em: 15 nov. 2019.

acadêmica, desde pesquisas geográficas e históricas como: Holanda (2007), Cavalcante (2017), Ramos (2003), Neves (2007), Neves (2015), Damasceno (2018) Girão (1985) etc.; O Mucuripe foi e é o lugar de referência de Aída Balaio.

Um bairro situado no município de Fortaleza, estado do Ceará, denominado Mucuripe – no qual Aída morou e trabalhou como professora e que irá, digamos, deixar maiores vestígios e fontes sobre sua atuação. O bairro se situa na região praieira, cerca de quatro quilômetros a leste do Centro da cidade, distanciamento que já parecera bem maior por conta da não urbanização e acessibilidade à região, principalmente, até as primeiras décadas do século XX. Contudo, pelos lugares de trabalho, de moradia e frequentados por Aída, acabei perpassando muito além do Mucuripe para contar sua história, assim o Outeiro e o Centro da capital cearense serão também palcos de momentos e vivências da professora Balaio.

O Mucuripe compreende as comunidades do Conjunto Santa Terezinha, Castelo Encantado, Conjunto São Pedro e Serviluz, de modo geral, já foi considerado um simples povoado que circundava a capital, tendo seus limites bem além do que se concebe hoje no século XXI, um bairro simples, de moradores com raízes na relação com o mar e que apresentam, ao longo de sua historiografia, histórias de resistência, de dificuldades financeiras e de preservação do seu lugar de morada e identidade.

O Mucuripe vai ser, por muitas vezes, descrito por ser um lócus de habitações de pessoas pobres, de vida simples, de pouca ou nenhuma escolaridade, um sítio que já passou por diversas intervenções e mudanças, em grande parte, nada positivas, e sem a anuência de seus moradores. A título de exemplo do cenário que foi modificado por diversas vezes, principalmente, a partir da metade do século XX por conta do processo de urbanização, junto a prédios e hotéis luxuosos, avenidas a serem estruturadas, alargadas e limpas, muitas das famílias desse bairro foram sendo deslocadas a cada momento vislumbrando um objetivo que não levava em conta o querer daqueles moradores e o caráter de identidade destes com o lugar.

Da faixa de rua de vista ao mar até o alto das dunas do bairro, que contém em sua grande área o ponto mais alto de Fortaleza, praticamente, todos, recorrentemente, perpassaram por remodelações e reestruturações que não só afastaram à pobreza ou à falta de moralidade,

---

<sup>4</sup> Orson Welles (1915-1985), norte-americano foi ator, roteirista e diretor de cinema. Esteve no Brasil, por volta de 1940, para realizar o documentário "É Tudo Verdade", que acabou não sendo concluído. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/noticias/2015/05/06/mundo-comemora-centen%C3%A1rio-de-nascimento-de-orson-welles> Acessado em: 17 out. 2019.

quando da mudança das meninas da rua da frente<sup>5</sup>, as do meretrício, mas acabou afastando até as figuras tão representativas do local, como os pescadores.

No período que Aída Balaio exerceu o magistério no Mucuripe, principalmente no momento em que se tornou definitivamente moradora do bairro, não só alfabetizou, mas também apadrinhou diversas crianças, ganhando espaço na memória coletiva dos que com ela conviveram, ou dos que tiveram, em suas histórias de vida, alguma intervenção direta e/ou indireta da educadora. Nessa esteira, questionamentos são fomentados para compreendermos um pouco a memória deixada ou não por Aída e, se existe, de que maneira se perpetua e ou ainda se faz presente enquanto representatividade coletiva.

Há possibilidade de ter conseguido ganhar até maior ou menor notoriedade, mas que o tempo e as seleções da Memória, devido ao distanciamento temporal da apreensão da história oral coletada, já comprometem os feitos e fatos que possam ser vinculados a essa mulher. Destaco isso não só pensando em elogios e feitos de Aída, mas na perspectiva de compreendermos esse sujeito histórico mais afastado de um altar, de elogios.

Além de falar sobre o que é considerado Grande Mucuripe, e o que esta dada nomenclatura reverbera ou não no trilhar de Aída, que, mesmo não sendo nascida e ou mesmo criada no Mucuripe, o fará seu porto seguro, seu palco de lume na constituição de sua vida, ao mesmo tempo em que será abraçada e acolhida como alguém que representa os que lutam pelas melhorias do bairro. O que já posso indicar é que acredito que Aída deixara sua marca no Mucuripe tão forte quanto este lugar é o lócus mais significativo de sua memória.

Logo, iremos agora nos deleitar sobre os passos que nos levaram a Aída Balaio, às fontes que utilizamos para a construção da temática, e os esclarecimentos e concepções que permeiam a História da Educação, desde o que ela possibilita estudar, quais as implicações e possibilidades da Nova História, das fontes para além dos documentos oficiais escritos, do histórico do gênero biográfico e da ampliação da História Oral em suas vertentes. Seguimos para dialogarmos sobre qual o contexto familiar e educacional que permearam a formação de Aída; quais instituições e práticas pedagógicas se vislumbram a partir de sua trajetória; o que dizem seus discentes; quais relações essa mulher pleiteou ao ter seu nome envolto de questões sobre a Igreja, o assistencialismo e o Cinema.

Por fim, indicamos que ao destacarmos a Biografia de Aída Balaio acreditamos que ela pode nos permitir propor a relevância da produção sobre mulheres, ou o ensejar luz a

---

<sup>5</sup>Expressão utilizada por alguns de nossos colaboradores como Ozita Carmo e Dona Tatá, assim como se pode vislumbrar no livro de Girão (1998), quando se referiam as mulheres que praticavam o meretrício, na rua que ficava de frente ao mar, a primeira rua à beira mar.

diversos lócus – ricos em histórias e memórias – sujeitos e narrativas; como também trazer à tona temáticas como: o que é ser mulher negra no Brasil da primeira metade do século XX; o lugar do feminino nessa sociedade; a profissionalização feminina segundo as classes sociais que as moças ocupavam; o magistério enquanto profissão permitida; as instituições escolares como espaços de educação e segregação; a dificuldade do ensino secundário no Ceará no dado contexto; a formação específica de professores; ou seja, nuances da História da Educação num dado período, podendo contribuir para a historiografia da memória do Ceará, da História da Educação Cearense.

A Balaio iniciou sua atuação, segundo os registros de sua carteira profissional como professora, em 1908 e, por cerca de quase seis décadas, permaneceu lecionando, até falecer, no início de 1970, com ações e vínculos envoltos da estrutura da educação formal e não formal. Apesar de ser um largo espaçamento temporal, justificamos Aída não se torna professora somente ao concluir o curso, no Colégio Imaculada Conceição, pois a professora também se fez, se moldou e se readaptou em todo o seu percurso de atuação junto às suas prerrogativas de exercício do trabalho docente.

Então, propormos essa delimitação temporal (1908-1970) para a pesquisa, em consonância aos anos de formação e atuação como professora da biografada, focando em seu processo de constituição como docente junto à sua construção enquanto sujeito histórico, influenciado e sendo influenciada pelo meio, com quem conviveu e pelas proposições culturais, sociais, políticas e históricas que a delinearão. Contudo, perpassamos, por vezes, um período até mais abrangente, entre aos anos de 1889 a 1970, ou seja, o tempo de vida da educadora, marcos de nascimento e morte. Já que, mesmo focando em seu processo de formação e atuação educacional, sua vida está associada a um todo que, apesar de não ser nosso foco temático, nos é necessário para apreendermos as nuances da vida dessa educadora que possibilitaram sua atuação docente.

O século XXI, no primeiro meado, trouxe desafios à construção da pesquisa, mesmo que no pós Annales<sup>6</sup> (1929), e que já pudéssemos fazer uso de todo um panorama da ampliação de olhares, fontes e avaliações da História, que são mais do que facilitadores da produção historiográfica, todavia ainda assim emergiram desafios. Como exemplo, citamos o distanciamento temporal, não só do nascimento como da morte da professora, esta deixando uma lacuna presencial de quase meio século, que faz com que a memória sobre a referida

---

<sup>6</sup> Período de transformações e diversas mudanças que vinham em um processo de absorção de novas perspectivas e abordagens históricas, assim como de novas concepções do que é fonte histórica e o que podemos agregar como uma, classificar como uma. (BURKE, 2010)

professora se revelasse permeada de esquecimentos e por uma perspectiva de memória herdada<sup>7</sup>.

Dificuldades de encontrarmos familiares, destes quais conviveram e tinham assim narrativa sobre Aída. Alunos que pudessem estar vivos e que aceitassem contribuir e que tivessem algo para contribuir, pois chegamos a localizar uma de suas alunas, uma Senhora conhecida por Chaguinha, mas esta infelizmente, o Alzheimer não permitiu que fosse colaboradora da pesquisa. Além, de muitas das lembranças e referências da educadora são proposições replicadas e, muitas vezes, confundidas com a de sua filha Elizabeth Zaída<sup>8</sup>, que também galgou certo prestígio social no Mucuripe e atuou, assim como sua genitora, como professora no bairro.

“As novas dimensões do campo de trabalho do historiador encontraram uma possibilidade de diversificar as fontes a serem trabalhadas, passando a valorizar o significado de memória na compreensão da vida humana” (JUCÁ, 2003, p.44). Silva (2012, p. 53) explicita que: “[...] “episódios nucleares”, “memórias definidoras do self” e “memórias vividas”, que são expostos como referências de identidade pessoal e profissional, reconhecimento de uma experiência/vivência, ou, ainda, percepção de uma trajetória coletiva e singular”, se tornam possível a partir de episódios específicos, de vidas singulares, particularidades pessoais e profissionais ao explicar a vida coletiva que é inter-relacionada com essa individual.

Destacamos, portanto, que o fazer historiográfico da micro-história, com a realização de uma biografia (LORIGA, 2011), parte-se de uma única vida para compreender nuances e similitudes do macro, do contexto mais amplo e seus encontros e peculiaridades do micro. Considerando que “[...] todo indivíduo é a apropriação singular do universal, social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual” (FINGER; NÓVOA, 2014, p. 21).

De tal modo, é possível perceber a relevância de reconstituir a história e a memória de Aída, pois possibilitamos ampliar a compreensão não apenas de uma vida individual, mas sua interface indissociável com o coletivo (DOSSE, 2009), mesmo que a pretensa não seja o foco no contexto, este pode sim ser revisto em determinados aspectos em uma biografia hermenêutica. Ou seja, podemos entender o geral pelo particular, numa

---

<sup>7</sup> Michael Pollak (1992) afirma que as lembranças dos indivíduos podem está ligadas: aos acontecimentos vividos diretamente e ou aos fatos, experiências por tabela, que ele nomenclatura de memória herdada.

<sup>8</sup> A filha de Aída Balaio, Elizabeth Zaída Amora, também foi professora, mas sua atuação e memória ganhará maior visibilidade não por sua atuação profissional, mas por outras ações envoltas com a Igreja Católica e da figura de seu esposo, junto também à ascensão, econômico-social, deles.

perspectiva micro histórica, na qual se consideram aspectos sociais, culturais e características regionais do espaço e tempo determinado que se estude (LE GOFF, 2008).

Importa biografar uma educadora, pois a partir desse tipo de estudo podemos compreender que: “a maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino” (NÓVOA, 1992, p.17), uma vez que a cultura, a organização social, a econômica e a política de determinada comunidade, nas quais se insere o indivíduo, interferem na sua maneira de compreender o mundo e de se colocar diante disto. De tal modo, o comportamento individual reflete de maneira direta ou indireta nos “[...] padrões de expectativas culturais permitindo ao indivíduo verificar a maior ou menor adequação da sua própria trajetória individual às convenções sociais de quais são os eventos que tipicamente fazem parte de uma história de vida” (GAUER, GOMES, 2008, p. 508).

A escrita aqui apresentada tem por proposição uma melhor compreensão assim das peculiaridades e construção da figura da educadora Aída Balaio, refletindo sobre o que pesquisar da vida dela e quais datas e fatos são realmente relevantes, e como e porque fizemos determinada seleção, para refletirmos juntos sobre os dados históricos, mas, principalmente, de que maneira a constituição desta biografia se faz contribuinte para a pesquisa sobre História da Educação e formação de professores.

Inicialmente, pensamos vislumbrar sua educação familiar, sua escolarização, sua formação no Colégio da Imaculada Conceição e sua atuação profissional na Educação, formal e não formal. Cientes de que obter todas as repostas buscadas não é tarefa fácil, pois as indagações surgidas foram as mais diversas. Caminhos trilhados em busca de uma espécie de reconstituição, proporcionando reflexões sobre o que foi encontrado ou não, os porquês que permeiam os achados e relatos, buscando chegar mais próximos da verdade, sem a necessidade de alcançá-la, mas sob a regra de questionar e analisar as mais diversas nuances e interferências que estruturam e embasam os variados olhares sobre a História.

[...] a história oral nos conta menos sobre eventos do que sobre significados: [...] entrevistas revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas. [...] O que importa é que as fontes orais “contam-nos não apenas o que as pessoas fizeram, mas o que queriam fazer, o que acreditam estar fazendo e o que agora pensam que fizeram”. (PORTELLI, 1997, p.31).

Afirmo que a História Oral é um campo fértil de visões sobre um mesmo fato, versões permeadas de subjetividades, das linguagens abordadas na constituição de realidades, assim como nos diversos enquadramentos que permeiam todo esse processo. É importante

enxergarmos para além das narrativas, ser capaz e sensível para não querer ouvir só o que buscamos perceber sobre o que se fala, como se fala, pra quem se fala; e o tempo de fala ou silêncio, o pensar sobre, aberto a vislumbrar outra versão que não esperava, ou não desmerecer o que aparentemente é repetido e só reafirmação (ALBERTI, 2004).

Delineamos a constituição desta pesquisa apresentamos primeiro a Introdução que nos trouxe o tema, o objeto, brevemente a biografada, o objetivo da pesquisa junto à justificativa e relevância, como também a delimitação temporal. No próximo passo a ser dado, escolhemos falar, desenhar um pouco mais, brevemente, a Balaio, para que assim, ao ler estes escritos, já de início, tenhamos oportunizado o mínimo contato com a personagem principal, e em seguida passar a descrever como caminhamos academicamente, como chegamos até Aída.

Teço como ponto seguinte as discussões que aprimoram os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa, já que acredito ser importante tal propositiva, pois, apesar de ser uma produção de um doutorado e que cogita assim uma já apropriação destes conceitos, acho válido descrevermos de uma forma até didática, para quem queira se apropriar desta tese, e saiba, minimamente, os porquês de determinadas escolhas e linhas de pensamentos, como a importância da eleição e fidelidade à determinada metodologia e linha teórica, quanto à seleção e análise de fontes destacadas. Assim, apresento as fontes que permearam todo o texto e que estão elencadas para melhor visualização e posterior possível consulta em nossos escritos, por pesquisadores e ou interessados na temática.

Nos próximos tópicos, de forma mais contundente chegamos à vida de Aída Santos e Silva, abordando-a junto ao seu contexto, enveredando para a análise junto a sua formação e atuação, auxiliando a entender como essa mulher torna-se essa memória viva chamada Aída Balaio. Diante disso, dividimos o trilhar de Aída a partir das correlações que sua vida foi nos propondo enquanto camadas a se desvendar, indo de dualidades e entrecruzamentos, com: sua instituição de formação para credenciamento como professora; o papel feminino na sociedade e no magistério; a escola em que atuou em todo o seu período de efetivação de vínculo público; suas práticas pedagógicas relacionadas aos períodos da história da educação e descritas por seus discentes ainda vivos; do peculiar simbolismo com o Mucuripe e destacando o que acredito ser um dos maiores legados de Aída Balaio, Dona Tatá, discente que pelas proximidades das famílias, Verçosa e Balaio, torna-se amiga, compartilhadora de ideais, replicadora, propagadora de ações assistencialistas, preocupação com a Educação, fomentadora assim de um lugar para o protagonismo feminino que fez e faz a história do Mucuripe e dessas duas mulheres.

No próximo tópico, explanaremos Aída, mesmo que de uma maneira mais geral, para que possam apropriar-se dessa educadora e assim consigam conhecê-la, minimamente. Falando um pouco mais sobre quem é Aída Santos e Silva, antes de ficar mais conhecida por Aída Balaio. Buscando lhes inteirar mais sobre nossa biografada, dando-lhes um panorama geral das representações desta mulher, que acreditamos ser ímpar, enquanto sujeito histórico, independente de seu já possível destaque social e prestígio proposto.

### 1.1. AÍDA SANTOS E SILVA

Foi no contexto do pós-abolição da escravidão e proclamação da República no Brasil que nasceu Aída— mulher, negra e pobre —, em 1889. A cearense, natural de Fortaleza, filha de José Simões dos Santos e de Januária dos Santos, possuía pai profissional autônomo e a mãe dona de casa. O casal era de baixo poder socioeconômico e morava na região do Outeiro, ambiente periférico de casas simples, cheio de terrenos ocupados de forma desorganizada, e ainda existiam aqueles que eram tomados de posse, à época, em que se concentravam pescadores, portuários, artesãos e muitos retirantes advindos do interior, uns fugindo das secas, vindos à capital em busca de melhorias das condições financeiras, das oportunidades que acreditavam almejar na capital. (CAVALCANTE, 2017).

O Outeiro, supracitado, é um bairro descrito por Castro (1994) como o bairro de origem em Fortaleza de Aída, perpassando pelo período de sua formação para o magistério e, depois, ao retornar ao Mucuripe, o Outeiro torna-se lócus de boa parte de sua dedicação à docência também; uma localidade que já foi descrita no século XIX, como uma das porções mais pobres das limitações centrais de Fortaleza e que, segundo Cavalcante (2017), alguns autores apontam, algo que até então não tínhamos tido ciência, que existia, uma espécie de divisão, ou de localização de Outeiros que formavam o bairro do Outeiro:

Um, o da Prainha, ficava sobranceiro ao mar, em frente à reduzida faixa portuária, compreendendo a parte mais avançada do tabuleiro sobre o qual a cidade se assenta. O outro ‘outeiro’, o do Colégio (dos Educandos), localizado mais para o interior, constituía uma parte já bem aplanada da ribanceira delimitada por uma curva na margem direita do riacho”. Não obstante, essa parte do Outeiro localizada mais para o interior também era marcada pela concentração de palhoças. (CAVALCANTE, 2017, p. 125).

A partir de indicações de familiares, Aída morava próximo à localização que está o Colégio Militar de Fortaleza, sendo assim podemos afirmar que era do Outeiro mais ao interior no qual a professora residia em seu período ainda com os pais; e que o dado local era

destacado pelo autor supracitado, como um local de residências simples e de um perfil populacional pobre. Aída, filha de pais de origem simples nos apresenta pouca referência de seus genitores e de seus irmãos. As declarações mais próximas que obtivemos sobre irmãos de Aída e um pouco mais de sua origem familiar nos foram proporcionadas pelas netas Teda Chagas (2019c) e de Tania Chagas (2019b).

Na reportagem, de Ângela Barros Leal (1989), intitulada “A História do Ceará passa por esse rua” traz a afirmativa de que outras mulheres da família de Aída seriam professoras, contudo, Chagas (2019c) nos indica que não possui informação sobre outras mulheres da família da Balaio fossem dedicadas à Educação, no entanto, sim existia a tia Alzira, irmã mais nova, que sim exercia a mesma profissão. Indica-nos que Aída era a mais velha dentre as 4 mulheres, filhas do casal Santos, além dela tinham Alzira, Ninoca e Rosa.

A Educação era indicada pela professora como o grande problema do Brasil, pois via, ao longo de sua labuta na docência, um mundo grande de pessoas abandonadas ao analfabetismo e à ignorância. A Balaio teve acesso ao conhecimento e optou por não guardá-lo somente para si, quis, com ele, transformar a realidade de crianças. Aída, com efeito, pode ser considerada uma exceção à regra, junto a sua irmã Alzira. O que se esperava de uma mulher de origem simples e de cor conseguir não seria mais do que ser dona de casa, empregada doméstica, costureira, rendeira e ou lavadeira, profissões comuns nas regiões mais simples e pobres de Fortaleza.

Aída Santos Silva teve sete filhos, os que vingaram, quatro meninos e três meninas. Em ordem de nascimento: Elizabeth Maria (Betinha), Maria Nair, Valdir, Valmir, Elizabeth Zaída, Waldlys, Waldenilo. Filhos de uma professora e de um alferes, que foi delegado no Mucuripe, mas que nasceram ainda, praticamente todos, antes da família se fixar de vez no bairro; bailarino, professora, funcionários públicos e um deles ainda tornou-se preso político no Ceará, no período da Ditadura Militar no Brasil. Há muitas possibilidades de caminhos a se trilhar em narrativas sobre Aída.

É comum, dentre as falas dos colaboradores, ao narrarem que conheciam muito bem os filhos da Balaio, só citarem Zaída, Valmir, Waldlys e Waldenilo; no entanto, acreditamos que o ocorrido se justifica por estes serem os que acompanharam os pais na moradia do Mucuripe, já que Valdir faleceu cedo, e as meninas Betinha e Nair casaram-se e seguiram com seus companheiros para outras localidades. Chagas (2019a), por sua vez, nos contou que a mãe, Nair, dizia que já casou tarde para a época, pois fez matrimônio com 21 anos, idade que, para a época, já era sim considerada tardio (PRIORE, 2004). Enfim, as irmãs, depois de casarem logo fixaram residência nos arredores da Avenida Dom Manuel, já

Waldlys e Waldenilo foram incentivados a morar distante porque eram gays e isso era considerado desonroso para a família.

Segundo Santos (2019),

“ [...] o vovô, na época, assim que descobriu que o Valmir era gay, aparentava né, mandou ele para o Aracati, para trabalhar em um emprego bom, no Banco do Brasil, mas lá o tio Valmir, no carnaval, se vestiu de baiana e foi posto para fora”. Meu avô então disse: “Gostas de carnaval, pois você vai para o Rio de Janeiro!”. E mandou tirar uma passagem para o Rio de Janeiro para Valmir, que tinha na época em torno de uns 18 anos mais ou menos. Na verdade, a Maída tinha dois filhos gays, o tio Valmir e o tio Waldlys, os dois eram gays. O tio Valmir trabalhou até no teatro municipal e só foi voltar para o Ceará lá por volta de 1968 quando soube da doença da vó, sua mãe, já aposentado, veio embora de vez para o Ceará.”

Apesar de não ser nosso mote de pesquisa, precisamos destacar que Aída balaio vivenciou dentro de sua casa questões de preconceito de gênero, pois seu esposo, talvez, de educação mais conservadora acabou por tentar afastar seu filho gay do convívio que pudesse identifica-lo de algum modo, mas que Aída mesmo sendo uma mulher extremamente religiosa e de moral cristã, é referendada pelos familiares de mente aberta e respeitosa diante das colocações de seus filhos. Indicamos que não iremos discutir tais questões, no entanto, não poderíamos silenciar, totalmente, diante de tal indicação.

Trazemos no **Quadro 1** com os familiares de Aída, no entanto, nem todos os mencionados foram colaboradores ou tiveram destaque nesta historiografia, seja porque já haviam falecido ou pela impossibilidade do contato.

**Quadro 1 – Família Aída Balaio (árvore genealógica)**

PARENTESCO	NOME	DATA DE NASCIMENTO
PAI	José Simões dos Santos (em memória)	s/informação
MÃE	Januária Simões dos Santos (em memória)	s/informação
MARIDO	Francisco Balaio da Silva (em memória)	s/informação
IRMÃOS (todos em memória)	Alzira	s/informação
	Ninoca	s/informação
	Rosa	s/informação
FILHOS (todos em memória)	Elizabeth Maria	1908*
	Maria Nair de Castro Chagas	02/12/1910
	Valdir da Silva**	1915***
	Valmir Hugo da Silva	12/09/1917
	Elizabethzaída da Silva Amora (conhecida por Zaída)	13/07/1921
	Waldlys Balaio da Silva -	13/01/1925
	Waldenilo Balaio da Silva	26/07/1930
	(todos em memória)	

NORA	Noemia Mourão Balaio (esposa do filho mais novo de Aída Balaio, Waldenilo)	1925
GENRO	João Castro de Chagas (esposo de Nair, em memória)	1898
NETOS <sup>9</sup>	<b>Filhos de Bethinha</b>	
	Rita	s/informação
	Maria do Carmo	s/informação
	<b>Filhos de Nair</b>	
	Tiago de Castro Chagas (em memória)	s/informação
	Tadeu de Castro Chagas (em memória)	s/informação
	Valdir de Castro Chagas (em memória)	s/informação
	Teda de Castro Chagas	1933
	Thays de Castro Chagas	1939
	Túlio de Castro Chagas (em memória)	s/ informação
	Tolistoy de Castro Chagas	s/informação
	Tânia de Castro Chagas	1946
	Tolistoy de Castro Chagas	s/informação
	Tânia de Castro Chagas	1946
	Aída <sup>10</sup> de Castro Chagas	1951
	<b>Filhos de Elizabethzaída</b>	
	Ângela Maria	s/informação
	<b>Filhas de Waldenilo<sup>11</sup></b>	
		<b>Sayonara Santos</b>
	<b>Aída Mourão</b>	s/informação
	<b>Adriana Mourão</b>	s/informação
BISNETOS	<i>Filhos Sayonara Santos</i>	
	Ramon Mourão	s/informação
	Ramona Mourão Balaio	s/informação
	Nara Thays	s/informação
	<i>Filho da Aída de Castro Chagas</i>	
	Rafael Castro	1981

<sup>9</sup> Estas não são as únicas netas de Aída, que já possui até bisnetos, contudo foram às únicas que tivemos contato e que nos autorizaram a falar sobre.

<sup>10</sup> (conhecida como "Aidinha", ganhou o nome pela reivindicação de sua avó, pois, além de reivindicar uma homenagem, livrava a neta de ter o nome de Trustes, que adjetivou como um nome horrível).

<sup>11</sup> Waldenilo tem outros dois filhos de uma segunda esposa, após a separação de Dona Noêmia Balaio, contudo, por serem muito jovens, sequer conheceram Aída Balaio, imagina terem convivido com a avó, além disso, de modo geral, não tiveram contato com outros familiares.

	<i>Filho da Aída Mourão</i>	
		s/informação

\* Data aproximada afirmada pela família Balaio;

\*\*A família não sabe informar se Valdir tinha mesmo ou não o Balaio como sobrenome;

\*\*\* Ano dado como referência de seu nascimento, mas sem data precisa.

Fonte: Produzido pela Autora (2019).

Aída se casou com Francisco Balaio da Silva, aos 16 anos, em 1905, e logo começou a ampliar a família com diversas gravidezes, mesmo que, em todo o período, tenha ficado lecionando, isto é, seu papel de dar a luz, aumentando a família, não a afastou de forma definitiva do trabalho em nenhum momento. O destaque a essa informação nos é fomentado, pois, era comum, quando não já ao casar-se, e ou logo que passavam a ter filhos, as mulheres, de pronto deixavam de exercer sua profissão e passavam a dedicar-se somente a sua família e lar, como um papel prioritário feminino; e qualquer postura diferente, mesmo nas famílias mais simples, socialmente, ia de encontro à proposição dada como correta para as senhoras de família.

Todavia, a professora traçou independente do proposto à época como correto, uma história de vida singular, por vezes, é apontada, por seus familiares, como uma mãe que, praticamente, só carregava no ventre e dava luz aos filhos, mas todos os cuidados ficavam a cargo de uma moça, que iniciou a labuta de dedicação aos filhos da professora ainda jovem, Ester. Esta ficou conhecida e lembrada de forma carinhosa pelos descendentes de Aída como Teté, como todos se referenciam a ela sempre. Teté era uma espécie de empregada doméstica de Aída que passou a acompanhar a família, inclusive, Sayonara Santos indica que Teté chegou a segurar no colo sua filha mais velha Ramona Balaio, bisneta da professora Aída. E que morreu junto à família, “morreu nos meus braços”, disse Santos, 2018.

Por certo, o que sabemos é que Teté dedicou sua vida à família Balaio, tomando de conta não só dos afazeres domésticos, como também das necessidades e carinhos dos filhos de Aída. Ester é descrita como uma mulher simples, de um humor bem acolhedor, uma pessoa que estava sempre a sorrir, pois Chagas (2019c) recorda de sempre ser recebida junto com sua família e, até mesmo, outros primos, todos juntos, tudo ao mesmo tempo. “Ao chegar à casa de “Maída”, Teté fazia era alegrar-se pelo movimento que a casa ganharia com todos ali”. Pela fotografia que propomos logo abaixo, Teté era pessoa de fenótipo de pele clara, baixinha, magrinha, tem na sua pele a marca não só da idade em si, mas do trabalho árduo que uma doméstica e babá, desenvolvia naquela época, sem direitos trabalhistas.

**Figura 2 –Ester (Teté)**



Fonte: Acervo Familiar Balaio.

A única fotografia de Teté resguardada por Sayonara Santos foi enviada pela família de Ester, por volta dos anos de 1981, para que guardassem como lembrança daquela que virou uma espécie de segunda mãe dos herdeiros de seu Francisco Balaio. Teté teve importância sem igual para constituição de Aída Balaio, pois a professora, para não ser impossibilitada de continuar trabalhando por ter de cuidar de sete filhos, que era uma realidade na Família Balaio, contou com quem chamava de fiel escudeira (CARMO, 2019c).

Teté era a governanta da casa, pessoa de confiança de todos os membros da família e que tomava de conta de tudo ali, ela amava todos os filhos de “Maída”, mas o que ela mais gostava era o Nilinho (como era chamado carinhosamente o Waldenilo, o filho mais novo de Aída Balaio) (CHAGAS, 2019c). Santos (2018) ainda nos conta que sua avó costumava dizer, logo depois de passado o período de resguardo: “Teté pegue aqui esse menino, menino pra lá” e assim Teté era quem “criava” as crianças de Aída. Esta indicada como uma intelectual que amava ler, imagem replicada por todas as netas. Aída era uma personalidade que se identificava com seu trabalho de professora, mas que também se dedicava aos preceitos e afazeres da Igreja Católica, desde o ensino do catecismo, das intervenções religiosas de assistencialismo, como também no tocar no órgão da Igreja, durante as realizações das missas. Elegante, vaidosa, séria, admiradora do teatro, do cinema, alguém que costumeiramente usava roupas brancas, de linho, tecido nobre, e até joias, ganhava adjetivações que descreviam a Balaio, dentre falas de moradores antigos do Mucuripe e de seus discentes, como uma mulher imponente.

Os familiares ainda destacam que “Maída não era mulher de cozinha, de afazeres domésticos, não chegava nem perto dessas atividades, tinha verdadeira aversão de tal ocupação” (CHAGAS, 2019c); isto não era comum, ou tido como padrão às mulheres de sua época, muito menos, de pessoas de origem mais simples, e que, mesmo trabalhando para colaborar com o sustento da família, ainda eram as responsáveis pela logística de suas casas; mesmo as mais abastadas, que não se dedicavam diretamente às questões domésticas, tendo alguma auxiliar para isso, tinham as preocupações do cotidiano da casa envolto aos seus pensamentos e inquietações, que aparentemente, não era o caso de Aída (PRIORE, 2017).

Aída começou a esboçar seus primeiros escritos em saco de pão de papel por ausência de recursos para comprar cadernos (BALAIO, 2018) e conseguiu o privilégio de estudar em uma escola particular, de elite, considerada a mais prestigiada instituição para educação feminina de Fortaleza, principalmente a partir da transição do século XIX para o XX. Iremos aprofundar, em outro capítulo desta tese, as razões e justificativas sobre como acreditamos ter se dado o acesso de Aída ao Imaculada, tentando trazer respostas de como foi possível uma moça pobre e negra adentrar o colégio e receber a educação das moças brancas da elite de Fortaleza.

Era fato que as Irmãs que comandavam o Imaculada, acolhiam órfãs na parte lateral da escola para fomentar escolarização elementar, uma possibilidade de se ter alguma instrução, vinculando-se a atividades consideradas menos prestigiadas, além de educarem as moças de famílias conceituadas da capital e de cidades do interior cearense para galgarem bom casamento e ascensão social; no entanto, Aída não era órfã e, muito menos, de família rica, assim precisaremos como já supracitado revisar um pouco do histórico da escola para que possamos assim indicar os caminhos da educadora. (SOARES, 2013). Balaio, assim nasceu no processo de transição do período imperial brasileiro para a instalação da República, cinco anos depois da abolição da escravatura no Ceará, pois a data oficial da abolição da escravatura no Brasil foi do mês de maio do ano de 1888, no entanto, o Ceará foi o estado pioneiro nesse processo, e já em 1884 a abolição já era realidade, pelo menos em lei. Sobre esse cenário e contexto que irá nos apresentar um pouco de como se concebia o negro na sociedade cearense, nos possibilita discutir qual a realidade que Aída se inseria.

Indicada como uma intelectual, porque amava ler e dedicou-se por muito tempo a docência, não nos deixou tantas lembranças e recordações autorais escritas que pudessem nos colocar em um grau de proximidade de quem escuta uma confissão. Buscando conhecer quem era essa mulher no cotidiano, talvez sobre o seu próprio olhar, daquela que escolheu o

Mucuripe como abrigo, que lutou e ajudou a comunidade que ali vivia, e fez do lugar mais que sua morada, fez do bairro o seu lugar de Memória, na História.

Na reportagem Aída Balaio, a madrinha do Mucuripe que se tornou um capítulo, parte do livro, intitulado: a História do Ceará passa por essa rua, de mesmo nome, com autoria de Barros Leal (1989), esta autora afirma dizendo que Aída de vez em quando escrevia breves anotações ou histórias em cadernetas simples, mas que poucas foram às encontradas, e mesmo os filhos sequer tinham ciência desses escritos, baseada nas informações prestadas por Zaída sua filha; nessa esteira, infelizmente nenhum dos familiares localizados e que conseguimos contato possui a guarda desses registros da professora.

Ainda sobre a reportagem<sup>12</sup> há uma referência de que a Balaio havia sido intimada por seus filhos a acabar com a atividade docente, logo após a descoberta de sua doença – Aída estava com câncer no estômago, contudo, logo após sua morte, os filhos encontraram uns rabiscos breves, que, na publicação, faz-se alusão ao amor de Aída à sua profissão, um relato no qual a educadora diz que, mesmo com a proibição de seus filhos, continuou lecionando.

Aída escreve que ajudou alguns meninos a prepararem-se para exames de admissão em concursos públicos, falando que tinha feito apesar da proibição de seus filhos de continuar a trabalhar, pois agora estava doente. Indicamos que isso pode ser uma representação de amor e dedicação da professora à sua profissão, todavia também é representativo de alguém de personalidade forte e de fibra, teimosa e independente, talvez, pois estava acostumada a ser, por tanto tempo, a chefe da família, depois de viúva na década de 1950, e a ser uma mulher independente há também tanto tempo. Isso tornaria difícil simplesmente acolher o dito pelos filhos como uma ordem.

Sayonara Santos (2018) nos dá referência de uma carta produzida por Aída quando objetivava mandar notícias ao Rio de Janeiro, para seu filho, descrevendo como estava a família. A carta, segundo Santos (2018), era para Valmir, seu filho, que na época morava no Rio de Janeiro, onde passou décadas, e só retornou quando a doença de sua mãe se agravara, moléstia que acabou por levar à morte a educadora. Desse modo, reafirma-se que Aída escreveu e deixou rastros, digamos assim, contudo, além do distanciamento temporal já relatado aqui, temos ciência que existe no Brasil uma cultura, de modo geral, que não prima por guardas de memórias, por isso é salutar que as pessoas tenham ciência sobre a importância da história de cada um.

---

<sup>12</sup> A reportagem completa encontra-se digitalizada e consta nos anexos (ANEXO I).

Apesar de a família Balaio ser de boa longevidade e memória, e guardar alguns materiais que se tornaram nossas fontes, tivemos outros empecilhos como o conhecimento do que guardar e como que não nos oportunizaram verificar tais possibilidades de fonte. Assim, ao longo dos tempos, sem mais nenhum de seus filhos vivos, e com netos, em grande maioria, de avançada idade, os registros, os escritos de diários não puderam por nós serem revisitados por falta de preservação. Assim, não tivemos contato com a escrita mais descritiva de Aída em materiais didáticos, com sua caligrafia tão elogiada por seus discentes, como Antônio Júnior Magalhães, José Maria e Otacília Verçosa, além de seus familiares, como suas netas, Santos (2018) e Chagas (2019c).

A referência é que a caligrafia da professora seria primorosa e bem desenhada. Contudo, só conseguimos visualizá-la em breves anotações por trás das fotografias antigas de familiares, assim como nos textos de solicitação de licença médica e declaração de cadastro funcional que encontramos em meio às fontes localizadas no percurso da pesquisa. Foi assim, que decidimos priorizar a oralidade, que cheia de detalhes, destaca-se frente a outras fontes, ao nos proporcionar vislumbrar conhecer Aída de uma perspectiva mais subjetiva, pois as expressões, emoções e a própria seleção da memória nos leva a peculiaridades distintas daquelas que não conseguiríamos somente com o uso do documento oficial, ou mesmo os escritos particulares da Balaio.

Na memória do Mucuripe, celebrativa ou não, seja qual for à motivação para, o importante é que Aída tornou-se referência para além de nomenclatura de rua e ou instituições públicas que a homenageiam, e que ainda caminha pelos porões da memória e atravessa muros do distanciamento cronológico, deixando viva, o que muitos mucuripeiros<sup>13</sup> propõem como uma referência, da Educação para o Mucuripe, E é por meio de Aída que pretendemos vislumbrar um pouco da realidade educacional do período em que viveu e atuou como docente, sobre qual maneira as concepções do papel e comportamento de uma professora eram tecidas; como se dava a educação das moças pobres; negras e das brancas abastardas; de que maneira o catolicismo foi determinante na sua vida, como envolveu e ou influenciou de forma direta ou indireta em sua profissão e com seu alunado.

Instiga-nos saber quais as motivações e possibilidades vislumbradas por Aída que a possibilitou trilhar um caminho diferente. Sabemos que, na historiografia, há muitos relatos sobre o fato de as meninas pobres, que se tornavam professoras, não terem por objetivo, necessariamente, uma formação para ser uma moça culta e preparada para casar, e sim ser um

---

<sup>13</sup> Expressão mucuripeiros, apesar de ser popular, é uma nomenclatura utilizada também por outros autores que permeiam sua escrita em torno do Mucuripe.

meio de apoio e força financeira para suas famílias frente às dificuldades financeiras enfrentadas por tantas delas (LOURO, 2004), esta poderia ser uma hipótese, no entanto, nada comum para meninas negras.

Aída vivenciou de forma direta ou indireta alguns dos marcos da História da Educação como: maior acesso de mulheres à educação e a profissionalização na segunda metade do século XIX; em 1905, a legislação estadual com direcionamentos sobre a organização da escolarização; em 1920, a ampliação do número de Escolas Normais, que passaram a discutir e preocupar-se cada vez mais com a questão da pedagogia, da didática, de conceitos como a Escola Nova e a formação de professores; o movimento do higienismo e do papel da mulher no auxílio ao combate das epidemias e endemias; a política pública que objetivava menor índice de analfabetismo e a ampliação do ensino primário gratuito e mais homogêneo (ALVES, 2009), etc.

Sua história perpassa questões educacionais que merecem reflexão e permite ampliar compreensões sobre a História da Educação, especialmente, de Fortaleza - CE. A vida de Aída perpassa por esses e outros marcos importantíssimos para o cenário educacional do Ceará, e, inclusive, ela acaba atuando de forma direta e ou indireta como sujeito prioritário e ou auxiliar dos processos de tentativas e efetivações de transformações da Educação das primeiras décadas do século XX, semente e reflexo de uma dinâmica maior, política, econômica, social e educacional brasileira (SANTIAGO, 2011).

Podemos afirmar, de certa forma, que a memória conservada pelo Mucuripe sobre Aída é uma memória celebrativa, mas que nos possibilitou de início conhecer de alguma forma essa personagem e assim vislumbrar a possibilidade de construir esta biografia. Sabemos que depois do seu falecimento, e, principalmente, depois de tanto tempo do ocorrido, fica mais difícil ouvir narrativas que, de alguma maneira, possam trazer algo de negativo associado à professora. Importa mencionar que Aída apadrinhou muitas crianças, desde batismo, de crisma e ou de fogueira<sup>14</sup>, ficou conhecida como a madrinha do Mucuripe. Também adquiriu admiração e fez amizade com personalidades marcantes na história do Ceará como: o governador Virgílio Távora (1963-1966), a então primeira dama do estado Luiza Távora, o Prefeito Manuel Cordeiro Neto (1958-1962), que foi seu aluno, o Padre José Nilson.

---

<sup>14</sup> Era comum, até meados dos anos 1970, na capital cearense, nas zonas mais periféricas, ainda encontrando-se nas regiões interioranas, além da madrinha dos sacramentos do Batismo, Crisma e de Casamento, a madrinha de fogueira, época de comemoração dos santos juninos.

Dentre outras figuras influentes com as quais teve aproximação, a exemplo ainda temos um cineasta estrangeiro, dos mais conhecidos no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, Orson Welles, norte- americano foi ator, roteirista e diretor de cinema que esteve no Brasil, por volta de 1940 e que a docente conheceu e chegou a acompanhar o ofício. Uma mulher permeada de contextos, experiências e vivências diversas é Aída Balaio, figura feminina que nos possibilita assim revisitar fatos, datas, instituições, leis, lugares e memórias que a constituíram enquanto mulher, casada, docente, mãe e madrinha de inúmeras crianças carentes, envolta de seu contexto de transição entre o fim do século XIX e início do século XX, mas que chegou até a segunda metade desse mesmo século, ainda, bastante atuante profissionalmente e socialmente.

No intuito de darmos continuidade aos nossos escritos, acreditamos ser importante descrevermos como Aída foi escolhida para ser personagem a ser vislumbrada nessa empreitada biográfica, o porquê, quais os percursos e percalços tivemos para a produção desses escritos e de que modo nossas experiências, vivências, e histórias particulares vão ao encontro e/ou desencontros com a história de Aída Balaio. Assim, no próximo capítulo, iremos delinear como a vida da referida professora tornou-se nosso objeto de estudo.

## 2 O ENCONTRO COM AÍDA

Compreendo que uma pesquisa doutoral não se faz sozinha, muitas pessoas colaboraram a escrita dessa tese, por isso optei por escrever o trabalho acadêmico na primeira pessoa do plural. No entanto, peço licença para, neste capítulo, utilizar o pronome em primeira pessoa do singular, isto é, mudar a pessoa verbal no intuito de, explicar como se deu o meu encontro pessoal com o objeto de estudo. Por meio de quem, de onde e como iniciei a pesquisa.

O envolvimento com a temática da biografia em pauta deve-se há alguns caminhos trilhados junto à pesquisa acadêmica, e articulados com identidades e raízes de locais e culturas, que acredito ser necessário descrever para que possam compreender meus encontros e desencontros com a História da Educação, com a Escola e com o papel das professoras, da inserção da mulher no magistério. Desse modo, explicitar de que maneira o encontro com a Aída estava sendo delineado bem antes da cogitação desta tese a partir de minha trajetória acadêmica, acredito ser pertinente.

### 2.1 TRAJETÓRIA ACADÊMICA ATÉ A BIOGRAFIA

Iniciei minha vida acadêmica na graduação em Licenciatura Plena em História, na Universidade Estadual do Ceará, e o foco de meus estudos, no dado período, enquadrava-se com a perspectiva da História da Saúde e da Doença dentro do contexto cearense do início do século XX, mesmo já trabalhando sob a perspectiva da História Cultural.

Nessa esteira, pesquisando sobre uma doença ocular denominada Tracoma, no TCC para a conclusão do curso superior, revelaram-se intervenções escolares no Ceará, fruto de combate às variadas moléstias e à propagação de ideais higienistas destinadas por políticas públicas envoltas de fazer do meio citadino, principalmente das grandes capitais, um lugar mais moderno e civilizado. A saber, a produção era *Considerações em torno do Tracoma no Ceará – 1910 a 1950* (LIMA, 2010).

Assim, ao escolher um determinado contexto e uma doença, no direcionamento de que uma moléstia pode interferir de forma direta ou indireta numa organização social, dinâmica cultural e dimensões econômicas, encontrei uma doença, o Tracoma, que atingia, principalmente, crianças em idade escolar e jovens. O Tracoma, de forma endêmica tinha o Ceará, na região do Cariri, principalmente, um foco de proliferação, mas havia sim casos em outras cidades, assim como em Fortaleza. Desse modo, vislumbrei que, apesar da capital não

ser a mais atingida, era por ela que iniciava as primeiras denúncias e se cogitavam as primeiras manifestações de políticas públicas em referências à moléstia.

Foi caminhando junto ao combate ao tracoma que passei a estudar como se organizava as inspeções escolares e como se estruturou um serviço de fiscalização de higiene e conceitos sanitários no meio escolar, interferindo desde o que ensinar e como estudar, o conteúdo curricular que devia ser ministrado e a importância do aluno se apropriar desses ideais.

O mestrado, na linha de História e Memória, do programa de pós-graduação da Universidade Federal do Ceará – UFC se abriu como um desdobramento da pesquisa inicial da graduação. Nele, ocorreu o interesse de entender não só esse contexto histórico, já estudado na graduação, mas compreender melhor o papel da escola como mediadora e propagadora de ideologias, de práticas sociais e políticas, passando agora para investigar não uma História da Saúde e da Doença, e sim a inter-relação entre Educação e Saúde, tendo a escola, alunos e professores como intermediários de articulações políticas e sociais, como também cultural.

As inspeções escolares são exemplificações de como se deu, de que maneira passaram a se entrecruzar, Educação e Saúde, e quando isso passou a ser efetivado enquanto política pública; como todo esse processo foi determinante para se pensar o que é criança, o que é escola, o que é um ambiente saudável e o que era importante para os futuros trabalhadores do Brasil, que deveriam desenvolver-se e fazerem o país desenvolver, sendo assim um dos pontos cruciais das medidas adotadas e impostas nas primeiras décadas do século XX.

A dissertação foi intitulada como *EDUCAÇÃO E SAÚDE: A ESCOLA COMO LÓCUS DE HIGIENE NO CEARÁ (1930 - 1960)*, produção publicada em formato de livro, com algumas breves alterações e correções, intitulado *A Escola como Locus de Higiene no Ceará (1930 – 1960)* (LIMA, FIALHO, SANTANA 2014). O período da dissertação se delimitava de 1930 a 1960, como destacado no título do dado trabalho supracitado, um período equivalente à Era Vargas chegando ao período democrático da República no Brasil, que, na constituição de meus escritos, me vislumbrou outros caminhos nos quais até adentrei em minha dissertação, como a formação feminina para o magistério e as implicações da política de caráter nacionalista voltada para a formação de trabalhadores, contudo não foi o foco principal, o pensar dialético entre Educação e Saúde serviu mais para destacar um dado contexto histórico.

Num intervalo da dedicação acadêmica, entre o mestrado e o doutorado, que tomou um distanciamento temporal de três anos, somente em 2016 obtive a oportunidade de reaproximação com um grupo de pesquisa, Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (PEMO) que trabalha leituras de variados autores, como Peter Burke, Edward Thompson, Mehyn, Sabina Loriga, Guacira Lopes Louro, Marie-Christine Josso, entre outros sobre a História da Educação, com os quais, ao longo do mestrado e da graduação, alguns até me apropriei, outros tive acesso, mas não aprofundei no meu arcabouço de teóricos, e outros sem ter qualquer aproximação, acesso, revelavam conhecimentos que passaram a direcionar outros caminhos metodológicos do desenvolver de uma pesquisa científica.

No referido grupo, tive oportunidade de estudar mais sobre História da Educação, sobre Biografia e sobre a História das Mulheres, e havia um propósito de analisar a História do Ceará, ou melhor, a História da Educação no Ceará na perspectiva de pesquisas sobre educadoras, fazendo uso da História Oral enquanto metodologia. Um grupo formado, em sua maioria, por mulheres, graduandas e graduadas em Pedagogia, que me direcionou a pensar a constituição de uma biografia, e esta como possibilidade de gênero de pesquisa. A biografia até então constituída de um olhar receoso por minha parte, pois a concepção era de uma construção de caráter demasiado celebrativa e até distante da produção de caráter mais científico.

Não sabia como explicá-la, adjetivá-la ou mesmo tinha ideia de como compor, pois, as mínimas leituras sobre essa temática, que já tinham sido desenvolvidas, não demonstravam o quão rico e contribuinte possa ser esse fazer historiográfico para a História da Educação e para a historiografia de modo geral. Desse modo, até o progresso de encontrar um objeto, o objetivo e a escrita do estudo em tela foi bem difícil, apesar de, posteriormente, com as aproximações e as devidas apropriações, o fazer de uma biografia parecia meu ponto de encontro com a continuidade de minha formação docente em História, pois me permitiu visitar linhas, paradigmas e conceitos que fui articulando e aprimorando com muitos autores, com os quais já tinha trabalhado o que me ajudou assim a delinear meu campo de produção escrita.

Contudo, as indagações foram ganhando forma, como: quem biografar, por que e como? Posterior a cada leitura, novas perguntas e questionamentos surgiam, e a cada novo nome e porquê, um maior anseio surgia de fazer a escolha certa. Até que chegou a lembrança de Aída Balaio, nome já recorrente, de sonorização próxima, mas que pouco sabia sobre. Moradoras do bairro Mucuripe, Aída e eu, de imediato tínhamos tanto o bairro como a

profissão docente como ponto de encontro entre nossas histórias, embora de temporalidades distantes.

Seu nome chegou por intermédio de meu progenitor, admirador da educação, que já foi professor antes mesmo de ser pedagogo de formação superior; ele sempre escutou falar sobre os feitos e/ou fatos de contribuição e lisura da educadora Aída, assim, em confissões e diálogos comuns entre pai e filha próximos como nós, a meu ver indagando de que forma encontraria alguém interessante para fazer uma biografia, de pronta veio à sugestão do nome Aída Balaio. Quem era essa mulher? O que faria desse personagem importante e contribuinte com a Educação no Ceará? E de que modo à biografada permitiria discutir a formação docente como ponto crucial na produção do doutorado em Educação da Universidade Estadual do Ceará – UECE?

O programa de pós-graduação em Educação da UECE, diferentemente, do vínculo que tive na UFC, no mestrado, junto à linha de História e Memória da Educação, solicita aos seus doutorandos e mestrandos que as produções do programa sejam delineadas em torno da Formação de Professores, enquanto na Federal não se tinha um foco comum a todas as produções que os discentes do programa deveriam apresentar. Deste modo, muitas indagações, fruto, fomento e fermento das pesquisas de modo geral, e não diferente das acadêmicas, possibilitaram tomar a decisão de ir a campo, ao encontro de fontes que pudessem ser base da nova investigação, tornando-a exequível.

Nessa busca, localizei possíveis colaboradores para fornecer fontes orais e documentos, desde lembranças dispersas, a livros e registros sobre o Mucuripe, o que possibilitou me aproximar mais de Aída, ajudando nos primeiros passos do trilhar biográfico. Tudo isso ocorreu antes mesmo de conseguir uma das maiores realizações profissionais que almejava ser aprovada e poder cursar um doutorado. Contudo, necessitava já ter alguns direcionamentos para minimamente me sentir segura à submissão de uma seleção para a pós-graduação em Educação na Universidade Estadual do Ceará. E com um direcionamento de historiadora, tinha como propósito ir à seleção já com fontes e com algumas certezas que possibilitassem realmente ter o poder de conhecimento que não só a pesquisa era exequível, como era muito interessante.

A aprovação no doutorado foi uma conquista, e agora devia ir para a ação, abraçar a teoria e esta nova perspectiva metodológica, para não apenas concluir um curso e obter mais uma titulação, e sim para que pudesse ser uma etapa de me constituir enquanto pesquisadora e docente e que trouxesse, de algum modo, alguma contribuição ao lócus e raízes que

permeavam esta professora, isso ainda é uma pretensa, uma espécie de pressuposto que almejo de alguma forma me aproximar.

Ao fazer a escolha por uma mulher, de origem simples e negra, me tirou de uma zona de conforto sobre o quanto não podia silenciar-me ou silenciar uma bandeira de representatividades em torno de Aída Balaio. Refletir sobre o papel da mulher, o que era ser pobre no processo de transição dos séculos, qual acesso tinham à educação e de que maneira o fato de ser negra, no pós-abolição, no Ceará, tornava a história de Aída ainda mais peculiar perante seu prestígio social no Mucuripe.

Tendo ciência, por exemplo, de que escritos sobre Henriqueta Galeno e Maria Luiza Fontenelle, realizados por Sá (2018) e Freire (2017), respectivamente, mulheres que biografam outras mulheres, já de destaque social e político, teriam suas labutas facilitadas, por conta de subentender-se que elas, as biografadas, deixaram e ou guardaram mais memórias, parecia-me, de início, mais fácil. Por outro lado, seguir a trajetória de uma mulher simples, imersa em uma comunidade pobre com quase nenhum resquício escrito por si e com todos os seus filhos já falecidos, já me indicava uma labuta árdua para conseguir dar conta de sua biografia.

No entanto, ao compreender as trajetórias diversas, posso colocar que Freire (2017) biografou a partir da narrativa da biografada, e esta, por já ter tido e ainda ter um grau de exposição por conta de sua atuação pública na política, tem outros imbricamentos e preocupações, os quais eu e Sá (2018) não tivemos, pois biografamos alguém que já morreu. No entanto, na verdade, o que estou tentando defender é que cada uma, em seus contextos de inserção, possui enquadramentos sobre suas histórias e memórias que são relevantes, por tratar da educação de mulheres e da atuação profissional como educadoras, que não tiveram a devida visibilidade nas pesquisas científicas.

Não houve dificuldade de conseguir realizar minhas entrevistas, o nome de Aída me abriu portas, me ofereceu acolhimento, mas era uma biografia de quem já faleceu, o biografado vivo, indicaria um desafeto, dificilmente, seria assim tão simples falar sobre as pessoas sem nenhum receio, se a temporalidade de sua morte não fosse assim já tão distante, nos mostrando que cada biografia será sim um desafio a ser desvelado e que apresenta suas amarrações e problemáticas, assim como seus enquadramentos e possibilidades.

Contudo, apesar da não dificuldade da realização das entrevistas, conseguir os colaboradores para isto, é que me fez buscar, caminhar, conversar e observar o Mucuripe de uma forma mais frequente e atenta a perceber o que e ou quem poderia ser contribuinte para meus escritos. Complicado encontrar mais familiares e discentes, alguns não residem mais ali,

quase todos os colaboradores são idosos e que não vivenciam mais o cotidiano daquele lócus da mesma forma.

De início consegui logo o encontro com uma neta e a indicação de uma discente, porém chegar aos demais pesquisadores foi um trabalho de formiguinha, de escutar diversas vezes as entrevistas já apreendidas, e que, na verdade, foi sim um discente de Aída indicando o outro, e o outro indicando outro, assim se deu os caminhos que me levaram a outras perspectivas de Aída a partir de outros sujeitos, parte de seu alunado e ou de sua família.

Trabalhar com a micro-história e a metodologia da história oral sem dúvida se propôs algo desafiador. De modo geral, já trabalhava com o campo da História da Educação, optando por conceitos da Nova História, numa perspectiva da História Cultural, como já colocado. Entretanto, comecei a estruturar a pesquisa metodologicamente na História Oral, indicando as diversas contribuições do fazer historiográfico de uma biografia para a investigação acadêmica. A metodologia da História Oral se propõe como um novo olhar, caminho do trabalho do historiador que, ao abrir-se para vozes e discursos, possibilitou um fazer historiográfico que não permite enxergá-la apenas como uma fonte complementar ou mais uma forma de se fazer entrevistar, e sim ir além, compreender toda a estruturação e os imbricamentos possibilitados pelo uso dessa singular metodologia.

Assim, os relatos orais, imprescindíveis para a constituição desta historiografia, foram ponto inicial e crucial, os quais foram entrecruzados por documentos, proporcionando a constituição de uma história que articula indivíduo e contexto, especialmente o educacional, ao entrelaçar fios de fontes históricas diversas a partir dessa metodologia, mas tendo a História Oral como a norteadora. De acordo com Xavier (2014, p. 129): “[...] por intermédio do uso da abordagem micro histórica podemos fazer ressurgir reluzentemente os ‘anônimos’ e ‘invisíveis’, contribuindo para a ampliação da compreensão de seus respectivos campos de atuação como é o caso dos educadores...”.

Carvalho (2018), ao dialogar com o autor supracitado, destaca que as narrativas de pessoas, sem larga expressividade pública, possibilitam não somente a visibilidade desses, enquanto sujeitos históricos, possibilitando um olhar sobre a história de diferentes formas, dando lume a realidades e acontecimentos já até conhecidos, mas sem uma reflexão e ou inferência diversa. Desse modo, sobre esse viés “[...] a Micro-História procura enxergar aquilo que escapa à Macro-História, empreendendo para tal uma ‘redução da escala de observação’” (BARROS, 2007, p. 170). Este autor aponta uma “redução da escala de observação”, um olhar mais micro, de observar mais e outros aspectos. Olhar Aída me fez ir à

busca de compreender como se estruturaria a biografia pretendida que no próximo tópico tentaremos descrever.

## 2.2 ESTRUTURAÇÃO DA BIOGRAFIA

Delineando um passo a passo, para a elaboração do estudo em tela para que pudesse compreender a trajetória educativa e profissional de Aída, no intuito que esse caminhar proporcionasse esclarecimentos sobre a educação familiar e escolar, de forma básica e abreviada no que tange aos anos iniciais de Aída, bem como versando acerca de seu contexto social e econômico, principalmente, sobre como a Balaio foi se constituindo como professora e como atuava na profissão docente. Era o deleite de entender a Aída junto ao Mucuripe, à Educação formal Cearense, à Educação informal, e às suas práticas assistencialistas e religiosas.

As instituições, fatos e reformas educacionais no Brasil e cearenses como: o Colégio da Imaculada Conceição, escola católica particular considerada de frequência de elite feminina; a instalação e reestruturação dos grupos escolares no Ceará; o Grupo Escolar do Outeiro, no qual Aída tem seu registro de professora efetiva firmado, e nele perpassou por diversas mudanças não só de nomenclatura do grupo, como de políticas educacionais públicas; a Reforma de 1922, a Escola Nova e a ampliação de oferta e procura pelo Ensino Normal; e a Campanha de Alfabetização de Jovens e Adultos a partir de 1948, nos foi um percurso a demarcar para a compreensão da trajetória da docente.

Delineando marcações da trajetória de vida de Aída, transcorrerei sobre e sob marcos da História da Educação no Brasil, em específico a cearense, assim como um contexto de uma política nacional do período democrático brasileiro de grande relevância e desdobramento. Durante a dada leitura, percebi que a escrita da história de vida de Aída Balaio não é linear, e, portanto, a interpretação exposta, a partir de uma temática sobre essa vida, também não é, por vezes, cheia de avanços, mudanças, como também permanências e descontinuidades da realidade de uma mulher do contexto das primeiras décadas do século XX.

Faz-se, assim, necessário e justificado compreender a história de vida de Aída Balaio (1889-1970) na interface com o contexto político, cultural e social da região do Mucuripe, Fortaleza, Ceará, mas principalmente o educacional, objetivando, reitero, a delimitação de compreender a formação e a atuação da educadora (1908-1970). Esse escopo, portanto, vai se delineando pelo fazer biográfico, que me permitiu uma interpretação da

trajetória de vida de Aída, bem como a preservação da história e memória da educação do Mucuripe ao ensejar lume às ações empreendidas pela educadora. Permitindo, então, ampliar a compreensão sobre a História de Mulheres e fomentar a historiografia de personagens femininas que nem sempre galgaram de notoriedade na narrativa “oficial” (PERROT, 1988).

Contudo, busquei avaliar quem era essa mulher no cotidiano, que escolheu o Mucuripe como abrigo, que lutou e ajudou a comunidade que ali vivia, e fez do lugar mais que sua morada, fez do bairro o seu lugar de Memória, na História. Na memória do Mucuripe, tornou-se referência para além de nomenclatura de rua e ou instituições públicas que a homenageiam, Aída ainda caminha pelos porões da memória e atravessa muros do distanciamento cronológico, deixando viva, o que muitos mucuripeiros propõem como uma referência, da Educação para o Mucuripe.

No entanto, o que por meio de Aída pretenderia vislumbrar? Um pouco da realidade educacional do período em que viveu e atuou como docente, sobre qual maneira as concepções do papel e comportamento de uma professora eram tecidas, como se dava a educação das moças pobres, negras e das brancas abastardas, de que maneira o catolicismo foi determinante na sua vida, como se envolveu e ou influenciou de forma direta ou indireta com seu alunado, por exemplo.

A questão é que a Balaio não é recordada por uma pedagogia inovadora proposta, por um método específico, ou por um feito/fato tido grandioso para a História positivista e tradicional. Apesar disso, mesmo não sendo personagem de destaque do que fez no sentido da historiografia acadêmica e política, quando Aída acreditou na educação, o que fez nesta área, serviu a ela como escudo de sobrevivência e resistência. E ao compartilhar seus enfrentamentos na prática da docência com quem a rodeava, maior parte das vezes, pessoas bem mais necessitadas do que ela, mostrou um ímpeto valioso, pois, ao reconhecer a importância do conhecimento e da educação, acabou indicando novos caminhos que seus vizinhos de bairro também poderiam trilhar, possibilitando mudança na vida de muitos mucuripeiros.

Acredito que a constituição desta biografia vai possibilitar compreender peculiaridades individuais da história de vida de uma educadora, a qual atuou mais de meio século na docência, interveio e transformou vidas de inúmeras pessoas, alterando a realidade social e cultural que a cercava e contribuindo para compreender o cenário educativo da primeira metade do século XX na cidade de Fortaleza. Faz-se válido delinear a escolha de uma explanação teórico-metodológica, já que muitos dos conceitos e escritos aqui propostos podem ser, por exemplo, para a área da História, algo já concebido, e assim não se fazendo

necessário todo um discorrer sobre, no entanto, ao reafirmar os dados conceitos e estruturações estou buscando, de alguma forma, esclarecer a todos os leitores, independente de área de pesquisa e produção científica.

### 3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Iniciamos o fazer historiográfico partindo da premissa de Bloch (2001) de que o objeto da História não é o passado, mas é o homem no tempo, e que os indivíduos simbolizam e identificam, como o lugar e tempo histórico de uma coletividade. Alertamos que as classificações da História da Educação se dão de acordo com o foco de estudo e de como este é compartilhado com outros saberes, pois acreditamos que a escolha das temáticas e análises de pesquisa, enquanto produto seria fruto de uma perspectiva educacional, social e histórica, sob as influências culturais e econômicas.

Todavia, o Gênero biográfico foi uma escolha, assim como o sujeito a ser biografado, Aída, a qual terá sua vida analisada na inter-relação com os aspectos sociais, culturais e políticos de seu tempo, no entanto, com ênfase no contexto educacional, foco da pesquisa em tela que se insere no campo da Educação. Assim, as interpretações carregam consigo a concepção de Educação e de História do pesquisador, bem como de que lugar estamos a observar os fatos. Latour (1994) no indica que a História, em uma analogia, sendo um rio, nos possibilita observá-la de diversas formas, desde o simples contraponto da margem esquerda ou direita que se encontra, ou mesmo em que altura da margem e proximidade da água do rio se encontra, já que o lugar social do sujeito pesquisador e do objeto/sujeito/pesquisa também interfere na produção historiográfica. (CERTEAU, 2002).

A História, ao romper com a ideia factual, tradicional, ampliou suas investidas para o cotidiano, para a arte, para as questões populares, para as mulheres, para os escravos e para os pobres; especialmente desde as proposições da micro-história em Burke (1991) e Le Goff (2008). Desse modo, a construção do conceito de História teve seu próprio processo histórico, o qual trouxe à tona novas perspectivas do fazer historiográfico, e abriu possibilidades de se produzir um estudo não só do passado, como também do presente, ampliando a concepção de fontes e fomentando mais relevo para história do presente na História da Educação. Admissível, especialmente desde a perspectiva da ampliação dos domínios da História com a História Nova, junto à escola de Annales (1929) (LE GOFF, 2008), a nova forma de se pensar a produção científica na subárea História da Educação ganhou novos contornos.

Foi com a terceira geração dos Annales (1929) que conseguimos variações e transformações para o campo historiográfico; e as concepções de História, de Educação e da própria História da Educação se propuseram para além de escritos e documentos oficiais. Marc Bloch (2001) e Lucien Febvre (1985) nos levaram a proposições com base nas quais

devemos questionar a ideia de uma História linear e positivista, fundando uma revista, em 1929, na França, intitulada *Annales*<sup>15</sup>. Eles foram pioneiros para diversificar o fazer historiográfico, principalmente no que tange à ampliação das fontes históricas e de como utilizá-las, proporcionando não só um novo olhar, mas outras interpretações do fato histórico. Essa ruptura nos proporcionou o viés da História Cultural, a qual também possibilita compreender as permanências e continuidades pertinentes à História da Educação.

Por volta da década de 1930, especialmente após a terceira geração dos *Annales* (1929), a dita “Nova História Cultural” rompeu com a ideia historiográfica factual e positivista, pois esta concebia a História como uma narrativa única e possuidora de uma verdade inquestionável, na qual os grandes feitos e heróis eram enaltecidos como substrato potencial da História (LE GOFF, 2008). Le Goff (2008) é um autor que nos possibilita perceber permanências e continuidades do processo histórico, assim como as rupturas que possibilitam novas abordagens e métodos não apenas para História, mas também para História da Educação.

O autor supracitado saiu de críticas diversas do que se concebia por biografia à construção de um perfil do método biográfico, que propõe como um dos ofícios mais complexos do pesquisador na produção de História (LUCHESE; KREUTZ, 2010), colocação que concordamos. Tanto que muitas produções biográficas, na passagem do século XIX para o XX, ainda são frutos de uma abordagem voltada para a exaltação de personagens afamados na contramão do que esta pesquisa desenvolve.

A História das Mentalidades também proporcionou ao pesquisador da História da Educação encontrar uma interdisciplinaridade, ao trazer à tona novas possibilidades na concepção do que seja objeto e fonte. Contudo, por muito tempo, antes dessa nova configuração do fazer historiográfico proposto pela chamada escola dos *Annales* (1929), o gênero biográfico e a pesquisa em História oral foram renegados, principalmente porque as produções eram pautadas nos grandes homens e feitos, isto é, as figuras que ganhavam representatividade eram os heróis e os mártires, que, segundo Rodrigues (2015), baseando-se em discussões junto a Le Goff (2008), acabou por distanciar os historiadores desse tipo de produção.

---

<sup>15</sup> A revista fundada no ano de 1929 que teve quatro títulos e temporalidades: a primeira fora *Annales d'histoire économique et sociale* (1929-1939); a segunda *Annales d'histoire sociale* (1939-1942; 1945); a terceira *Mélanges d'histoire sociale* (1942-1944); e a quarta *Annales: économies, sociétés, civilisations que iniciou em* 1946. Como os grandes nomes da escola não só temos Lucien e Bloch, mas também Fernand Braudel, Georges Duby, Jacques Le Goff e Emmanuel Le Roy Ladurie que tinham por objetivo fazer um instrumento de enriquecimento da história (BURKE, 2010).

### 3.1 A CONSTITUIÇÃO DO GÊNERO BIOGRÁFICO

A História Cultural colaborou para ampliar o entendimento de que todos os indivíduos são sujeitos históricos de importância, e que as compreensões do cotidiano, da arte, das questões populares, das mulheres, dos escravos ou dos pobres, por exemplo, dependem de um olhar micro-histórico (BURKE, 2008) que possibilite luz às minorias ou pessoas comuns, menos privilegiadas e ou prestigiadas socialmente (THOMPSON, 1992). A aproximação da biografia como fazer historiográfico proposto junto à História só galgou maior representatividade a partir dos anos de 1960, quando Aída Balaio já era uma idosa de 71 anos, mas ainda continuava a alfabetizar crianças, jovens e adultos.

Destarte, a biografia vai surgir e conseguir ser um campo de possibilidades para compreendermos peculiaridades e experiências de sujeitos tanto de destaque e ou anônimos junto a possíveis compreensões do meio em que está imerso e imbricado, sendo, portanto, produção de caráter e relevância acadêmica (MACHADO, 2010). As concepções mais antigas que versavam a partir de uma linearidade histórica, cronológica, de abarcar da infância à morte da pessoa tentando dar conta da vida individual e coletiva como um todo, limitando-o a um produto final proposto como biografia. A proposta para Aída Balaio, objetiva enfatizar a análise de sua educação para a docência e suas práticas, mesmo quando falamos da vida da professora como um todo, e até mesmo de forma cronológica, por declararmos estar sob a análise de uma determinada temática, já vestimos uma nova roupagem do fazer biográfico, a de que não necessitamos dar conta de tantas nuances e processos que uma vida tem, e que o próprio biografado teria dificuldade de registrar.

Propõe-se, assim, uma pesquisa na qual o objeto de análise não é Aída Balaio, mas sua vida, ou melhor, sua proposição enquanto educadora com o foco de compreender a história educacional de formação e atuação profissional na interface com o contexto educacional, sem esquecer sua inter-relação com aspectos políticos, culturais e sociais da região do Ceará, Fortaleza e Mucuripe. Buscamos, portanto, uma produção que não torne o sujeito biografado um mito ou herói, mas que o desvele em suas fragilidades e fortalezas.

Unindo-se à prerrogativa de legitimação da biografia, essa pesquisa lança também visibilidade a uma mulher (PERROT, 1988), Aída, pessoa comum, com uma profissão peculiar ao sexo feminino em meados do século XX: professora de crianças, o que nos possibilita de trazê-la enquanto destaque. Interessa-nos pensar sobre quão difícil era e ainda é, termos histórias de mulheres escritas por mulheres, o olhar delas sobre elas, já que a produção histórica era feita por homens, sob o olhar do gênero masculino. Diante desse

quadro, importa conseguir legitimar (no sentido de podermos demonstrar a relevância), uma pesquisa que está inserida na História da Educação, a partir do método biográfico, tendo como objeto de estudo uma mulher comum, delimitando a pesquisa à sua formação e prática educacional, para podermos chegar a uma interpretação que contribua para essa área.

Análises sobre a mulher permitem a possibilidade de vislumbrar as vozes femininas, antes excluídas da narrativa histórica, as quais começaram a ser ouvidas, a ganhar corpo, especialmente, junto ao movimento feminista nos anos de 1970 na França. Intelectuais francesas, como Michelle Perrot, por exemplo, propuseram um novo olhar para as interações entre os sexos, originando contribuições e mudanças que vão permear campos como o da Sociologia e da História. Perrot (1988) afirma ainda que a memória das mulheres sempre foi silenciada pelas estruturas de poder, pela relação de desigualdade entre os sexos no cenário público e privado, assim como no fazer historiográfico.

A formação para o magistério e as práticas educativas e sociais desenvolvidas por Aída nos desvela uma negra letrada, atuante e respeitada socialmente no Mucuripe, fato que possibilita discutir todo um contexto educacional complexo, celetista e excludente. Aída, não se trata de uma pessoa anônima, foi referência no que concerne à educação no Mucuripe e mulher de confiança de políticos que se correlacionou no período, por demonstrar exercer certa influência na população local.

Aída desponta no cenário educacional do início do período republicano no Brasil, que o social era apresentado a partir da abolição da escravatura, da pobreza, do analfabetismo e da discriminação social (DAVIS, 2016); mesmo que um pouco tempo depois já no combate as epidemias e da busca pelo higienismo tanto quanto da modernização das cidades teremos a mulher, chamada para fazer parte do desenvolvimento do país, como peças importantes, preparando crianças para o bom exercício da cidadania sem nem ser considerada, fato que se fez pertinente até 1934, como cidadã. Contudo, essa mulher convocada para colaborar com o desenvolvimento educacional não tinha como lugar comum as características de ser negra e pobre.

Assim, lançamo-nos a investigar e entender um pouco dessa inter-relação entre o sujeito e seu contexto, a partir da biografia de Aída Balaio, educadora negra. Analisamos, para isso, a sua formação educativa e o início da sua trajetória profissional em articulação com a realidade fortalezense nas primeiras décadas do século XX, atentos ao cenário de reestruturação cearense e estruturação nacional. Nessa perspectiva, indicamos que não são apenas documentos oficiais, escritos e chancelados que são válidos para amparar a narrativa histórica, mas todo e qualquer vestígio que conta a história do homem e de seu tempo:

utensílios, diários, cartas, peças de vestuário, relatos orais etc. (LUCHESE; KREUTZ, 2010). A compreensão de que o processo histórico é permeado de permanências e continuidades (LE GOFF, 2008), assim como rupturas, permite considerar um tempo de longa duração para uma compreensão e apreensão mais plausível de mudanças.

Tal empreendimento é tarefa complexa, mas que não pode ser subjugada ou negligenciada pelos pesquisadores ante a complexidade de novas possibilidades e a necessidade de ampliação dos objetos para produção da História (LUCHESE; KREUTZ, 2010), os quais possibilitem novas abordagens e métodos, a exemplo da biográfica (DOSSE, 2015). A investigação biográfica que se concebe, malgrado às obscuridades históricas, é um campo de estudo que valoriza o individual, o subjetivo, as nuances e detalhes que significam o homem na sua cultura e contexto social (LEVI, 2002).

Nesse sentido, a constituição de uma biografia a partir da História Oral, que nos é apreendida como social, sobretudo porque o indivíduo só se explica na vida comunitária (LORIGA, 2011), também nos revelará nuances particulares de hábitos e costumes, os quais só o olhar mais cultural permite enxergar e destacar.

Como ferramenta, a história oral é apenas um complemento em que parte da entrevista vale como ilustração. Nesse caso, não se valoriza a especificidade da narrativa. Como técnica, a história oral é feita para discutir algum postulado já estabelecido. Nessa alternativa, ela deve duvidar dos discursos estabelecidos que, prioritariamente, instruem argumentos que serão contrapostos às entrevistas. (REIS, 1994, p.201).

Destarte, ao utilizar a história sob o olhar de fonte não se está propondo como errado, mas o tipo de produção que quer conduzir e quais os objetivos contributivos acredita delinear com as entrevistas, pode tornar a entrevista para a História Oral uma dinâmica que necessita de ações e olhares mais técnicos, não é só coleta de falas, e muito menos só transcrição. Reis (1994) nos indica justamente que devemos questionar esses relatos, e nesses questionamentos encontramos diversos argumentos que possibilitam ampliar o olhar sobre aquele mesmo discurso.

Se formos capazes, a subjetividade se revelará mais do que uma interferência; será a maior riqueza, a maior contribuição cognitiva que chega a nós das memórias e das fontes orais. [...] não temos, pois, a certeza do fato, mas apenas a certeza do texto: o que nossas fontes dizem pode não haver sucedido verdadeiramente, mas está contado de modo verdadeiro (PORTELLI, 1996, p. 4).

Portelli (1996) assim nos fomenta a ter cuidado em nossos questionamentos e interpretações das subjetividades das falas, já que refletir sobre determinada oralidade não quer dizer tê-la como algo errado ou que sempre tenho que confrontar, mas muito menos

conceber como verdade absoluta. No entanto, faz-se necessário que tenhamos a compreensão que não é absoluta a verdade da fala do colaborador, mas ela deve ser proposta como verdade.

Ainda que a compreensão mais ampla da História seja relativamente consensual no século XXI, é inegável que, por muito tempo, o gênero biográfico e a pesquisa em História Oral foram relegados a segundo plano de importância, com justificativas de que este tipo de estudo e metodologia eram pautados em subjetividades, não confiáveis ou sem credibilidade e importância acadêmica (FIALHO, 2017). Alberti (2004, p. 10 -11) nos coloca que “[...] o sucesso da história oral resulta em grande parte de sua vinculação a dois paradigmas da modernidade: o modo de pensar hermenêutico e a ideia do indivíduo como valor”.

Quando um entrevistado nos deixa entrever determinadas representações características (p.9) de sua geração, de sua formação, de sua comunidade etc., elas devem ser tomadas como fatos, e não como “construções” desprovidas de relação com a realidade. É claro que a análise desses fatos não é simples, devendo-se levar em conta a relação de entrevista, as intenções do entrevistado e as opiniões de outras fontes (inclusive entrevististas). Antes de tudo é preciso saber “ouvir contar”: apurar o ouvido e reconhecer esses fatos, que muitas vezes podem passar despercebidos. (ALBERTI, 2004, p.10)

Delineamos assim que não devemos questionar a veracidade da informação indicada pelo colaborador, mas devemos fomentar a ideia que aquela fala trouxe filtros, da memória, do momento da fala, do contexto em que a pessoa a hora está inserida, como também pra quem fala. A narrativa pode ter sido construída no intuito de agradar ao pesquisador e ou de ocultar representações. Assim o trabalho com as entrevistas, e em História Oral, não é um trabalho simples e muito menos homogêneo, a cada colaborador, o pesquisador deve estar ciente das nuances que os permeia.

A biografia vai conseguir se constituir um campo viável de possibilidades, muito recentemente, quando a distanciamos para lugares diversos das figuras ditas ilustres, de já destaque religioso e/ ou político, e principalmente de figuras masculinas, pois biografar uma mulher, de origem simples, que compartilha o ambiente de pobres e analfabetos no início do século XX, realmente é uma nova possibilidade de enxergar a história, de propor as interpretações dos acontecimentos históricos.

Assim, o campo biográfico nos propõe compreender peculiaridades e experiências de sujeitos comuns, ou seja, não renegamos ou mesmo deixamos de admitir a existência da biografia dos grandes heróis e as hagiografias, contudo propomos uma ampliação ao objeto de estudo, permitindo, na interação com o meio em que está imerso, sujeitos desconhecidos e ou excluídos dentre uma historiografia oficial, que não são abarcados em pesquisas de caráter

macro históricos, por muitas vezes, ou melhor, pela maior parte das vezes (MACHADO, 2010).

A biografia de Aída nos possibilita fazer uso de análises em torno de fotografias, publicações de jornais, placas de rua, a arquitetura de sua casa, das instituições que fez parte, ampliando não só as fontes em si que nos foram contributivas, como também a realização do dado trabalho, assim a oralidade, as narrativas e o uso da História oral como metodologia nos fez visualizar a professora Balaio de outras nuances, que só o documento escrito, oficial, não conseguiria nos proporcionar.

Interessam-nos os hábitos, costumes, posturas enquanto: esposa, mãe, profissional, mulher, religiosa; enfim diversas nuances que constituem Aída Balaio, quem podemos conhecer junto às cavalgadas que gostava como também os filmes que apreciava, assim como a que instituições estava vinculada, de que maneira coadunava com as mesmas, o que de marcante podemos, em uma escuta sensível, perceber nos relatos de familiares, amigos e discente um pouco mais da personalidade que aqui nos propomos a estudar. Afinal, a vida individual é indissociável da coletiva e sua identidade docente perpassa pelas experiências vivenciadas.

“A memória, na qual cresce a história, que, por sua vez, a alimenta [...]” (LE GOFF, 2008, p. 471), possibilita o uso da História Oral como fonte e metodologia, já que trabalhar com História Oral pressupõe o trabalho com memória. Jucá (2011, p. 28) nos alerta que, ao realizarmos entrevistas em História Oral, devemos: “compreender não apenas os indivíduos entrevistados, mas um espaço social mais abrangente, onde estão engajados” para um melhor direcionamento e interpretação dessas memórias. O indivíduo constrói, a partir de suas experiências, vivências e percepções de sua cultura, diversas interpretações, visões da sua realidade (THOMPSON, 1978).

Para Halbwachs (2004, p. 85), “[...] toda memória é coletiva, e como tal, ela constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros”. Assim, a investigação biográfica que concebemos aqui, portanto, se faz hoje como um campo de estudo que nos permite enveredar e conhecer modelos e metodologias que envolvem desde a configuração política, econômica e social de um locus até à formação pedagógica, às organizações escolares, bem como às experiências e representações do trabalho docente que permeiam os discursos e práticas educacionais de uma época. (LEVI, 2002).

Para a realização desta biografia, propomo-nos utilizar a metodologia da História Oral como premissa, pois acreditamos não só que nos é possível enxergar a oralidade para além de uma complementação, ou seja, fonte epicentral da pesquisa. Destarte, na próxima

seção, iremos nos deleitar na leitura sobre o que foi, como foi os usos e abusos da História Oral e as peculiaridades na produção biográfica de Aída Balaio.

### 3.2 A METODOLOGIA DA HISTÓRIA ORAL

O valor do uso da História Oral reside na possibilidade de diálogo a ser mantido entre os entrevistados e o pesquisador, onde a subjetividade na construção do conhecimento histórico não brota exclusivamente de uma única posição, mas do diálogo travado entre o entrevistador e o entrevistado. (JUCÁ, 2003, p. 52)

Ao refletirmos sobre a colocação acima de Jucá (2003), indicamos que a uma intencionalidade mútua, quem esta entrevistando tem direcionamentos, algumas amarrações do que perguntar e porque perguntar, o que quer descobrir e isso influencia quem está sendo entrevistado, pois existem enquadramentos não só de quem está falando, mas para quem está falando, o que acredita que deve ou não falar, ou mesmo o que quem lhe pergunta quer escutar. Pois, as memórias e as lembranças são despertadas, instigadas pelas perguntas feitas e existe assim um lugar de silenciamentos e ocultações que se desdobram a partir de quem tá interessado e por que.

Ao pensarmos a constituição desta biografia sob os parâmetros e proposições da História Oral, entrecruzados com fontes documentais oficiais escritas, compreendemos a História Oral enquanto metodologia, especificamente, como uma forma de se ter a oralidade como o norte e a base para o estudo. Cumpre destacar a existência de uma perspectiva da História Oral híbrida, pois articula a fonte oral com as demais tipologias de fontes, contudo a oralidade não está proposta enquanto mais uma simples complementação, ou mesmo somente uma técnica de recolha de dados.

Sobre isso, ao declaramos o uso da História Oral, enquanto metodologia faz-se válido salientarmos aqui a necessidade de esclarecermos como são coletadas as informações, isto é, principalmente, no que concerne à entrevista em História Oral, as quais possuem prerrogativas e particularidades que não devem deixar de ser revisitadas ao mesmo tempo esclarecidas para os sujeitos participantes do processo de biografização de Aída. Assim, o trabalho com a História Oral se justificaria como um meio que possibilita outros olhares, ou mesmo dá lume àqueles sujeitos que, na História, não ganharam visibilidade e ou foram esquecidos, excluídos das narrativas.

A oralidade pode tornar-se uma fonte documental tão válida e necessária quanto à fonte já proposta como escrita. Desse modo, pode ser usada de maneira exclusiva ou entrecruzada com outras fontes documentais para preencher as diversas lacunas e

interrogações na compreensão dos processos históricos, pois as “[...] fontes orais ou escritas, que se referem à vida cotidiana das massas anônimas, à sua vida produtiva, à sua vida comercial, ao seu consumo, às suas crenças coletivas, às suas diversas formas de organização da vida social” (REIS, 1994, p. 126), possibilitam ampliar interpretações e elaborações de narrativas históricas.

Meihy e Ribeiro (2011) indicam que a História Oral pode ser vista por diversas concepções e uso, desde uma ferramenta, técnica, metodologia ou disciplina e de acordo com a proposta de pesquisa, no entanto a proposição que optamos por utilizar, nesta pesquisa, foi enquanto metodologia, oportunizando contribuir, a partir de entrevistas realizadas com pessoas de um determinado grupo, envoltos a uma temática específica, ou seja, sobre Aída Balaio, com o direcionamento de toda uma estrutura de pesquisa e análise. As fontes orais, por muito tempo renegadas ou secundarizadas, são fontes que ensejam confiança e problemas, como qualquer outra, logo, podem ser usadas para tapar brechas das lacunas que os documentos não respondem totalmente, bem como podem ser utilizadas, inclusive, como fontes principais, como foi o caso da biografia de Aída.

Ainda nessa esteira, a criação do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), em 1975, nos possibilitou olhar a História Oral dando ênfase a uma concepção de que essa seria uma forma de registrar os testemunhos vivos. Superando o problema de entendimento de que a oralidade não é viável apenas para utilização como fonte secundária e ou complementar, mas possível como fonte primeira (ALBERTI, 2006). Faz-se válido ressaltar que no início do CPDOC eram registradas apenas histórias de personalidades ilustres e grandes líderes; só depois é que se foi dando visibilidade às minorias, aos excluídos. Sobre a História Oral, Meihy e Ribeiro (2011) alertam que:

[...] não se deve confundir história oral com entrevistas simples, isoladas, únicas e não gravadas. Também não cabe chamar entrevistas comuns de história oral, pois em muitos casos elas se orientam por procedimentos e práticas diferentes, respeitáveis e legítimas, mas em outras chaves explicativas ou outras necessidades. O que caracteriza a entrevista em história oral é a sistematização dos processos organizados pela lógica proposta no projeto inicial. (2011, p.13)

Propomo-nos então, aqui, a não só dizer a metodologia trabalhada, ou indicar uma simples explicação sobre, mas, explicar que não é necessário defender a sua legitimidade, por ser uma metodologia consagrada entre muitos estudiosos. Ao abordamos a História Oral, enquanto metodologia vislumbra-se que, apesar de parecer uma proposição já válida e estabelecida, importa descrever detalhadamente e fundamentadamente o percurso metodológico utilizado, por se tratar de uma pesquisa científica. No Brasil, a fonte oral irá

ganhar destaque por oportunizar indivíduos e grupos que foram, por muito tempo, inviabilizados e/ou marginalizados da historiografia oficial no que concerne à participação na elaboração da narrativa histórica, sem seu reconhecimento seria ainda mais difícil biografar Aída. No entanto, apesar de a História da Educação possuir muitos sujeitos e objetos de análise, temos poucas iniciativas de guardar memória, o que dificulta a preservação das fontes orais; somando-se a isso, ainda há os avanços tecnológicos que impingem mais dificuldades na atualização e conservação das oralidades.

A história e a memória de nosso país não são devidamente valorizadas, no entanto, no que tange à questão da oralidade, isso toma uma proporção ainda mais significativa de negação, quando não só a utilizamos pouco enquanto fonte, como também são poucos os fomentos e iniciativas de desenvolver lócus e medidas que possibilitem maior guarda das narrativas orais, situação mais grave concerne a guarda de oralidades no campo da Educação. Vejamos que a tecnologia, ao tempo que evolui e facilita a preservação das fontes, também é imprescindível para sua captura e arquivamento, já que interferiram direta e indireta na produção historiográfica; a digitalização de documentos, a gravação de oralidades e suas guardas permitem ampliar o acesso mais livre e democrático a arquivos. Logo, o uso do gravador, por exemplo, como instrumento capaz de captar e arquivar a fonte oral permitiu a propagação e ênfase maior em produções com a História Oral.

A prerrogativa de compreensão da História Oral, enquanto metodologia, nos leva a refletir sobre algumas ponderações a partir de suas particularidades, dentre procedimentos e instrumentos para a execução das entrevistas, pois exige especificidades e adequações que a diferem de uma dita entrevista “normal”, “comum” (REIS, 1994). Tanto que ao escolhermos utilizá-la como metodologia, junto à constituição de uma biografia, temos de ter ciência, primeiramente, de que não estamos buscando construir resgates, ou produtos fieis a uma verdade absoluta, já que, quando trabalhamos com a memória, a qual é o alimento da própria História (RE, 2008), há uma seleção consciente ou inconsciente de informações, porque não se guarda tudo, não se apreende tudo, e não se deve ter essa dada pretensa.

Ademais, tem os filtros do olhar do narrador permeado por escolhas consoantes às suas identificações, laços familiares, sociais e culturais, ou mesmo aversões, que interferem e importam ao constituir uma interpretação partilhada, ao mesmo tempo em que única, dos fatos e feitos da História replicados nas produções historiográficas (LOZANO, 2006). A memória é dinâmica e se transforma a cada dia, ensejando um contínuo ciclo de novas interpretações, já que “[...] lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 55).

Porém, além do filtro inicial do sujeito ao guardar a memória, ela ainda passa por outros diversos filtros, como: o do sujeito que, ao lembrar, traz à tona novo olhar e julgamento sobre o passado, faz outros filtros do que contar e como contar; o de quem escuta e interpreta na produção historiográfica, consoante a sua visão de mundo. Importa, ao pesquisador, sempre compreender, aguçar seus sentidos a perceber esses prováveis percursos da memória e dos discursos, questionando-se sobre os possíveis silêncios, reflexões, ponderações em todas as fontes; mas o trabalho com a oralidade ainda lhe traz desafios de subjetividades e esquecimentos que devem ser discutidos, desde o tom de voz, os gestos, pausas e abjeções de assuntos (BURKE, 1992).

Para Thompson (1992), a História Oral surgiu como uma proposta, uma nova alternativa de trabalhar os indícios históricos, e, nessa perspectiva, os historiadores se propõem ao uso de dados orais como forma de dar a voz àqueles que, por alguma motivação, foram ou se sentiram excluídos e ou esquecidos na construção historiográfica. O autor ainda destaca que a entrevista em História Oral não é rica só como campo disciplinar, ou coleta de dados, mas extremamente relevante, porque ela nos proporciona chegar a outras fontes, documentos escritos, outras oralidades e fotografias, por exemplo.

Faz-se válido salientarmos que, ao trazermos Thompson (1992), devemos esclarecer que este segue uma análise mais social do que escolhemos para análise, no entanto, apesar de nos propormos ao olhar cultural, destacar aqui a defesa do autor e demarcação de possibilidade de pesquisa a partir da História Oral, acredita-se ser válida até porque a questão cultural está totalmente permeada da social. Nessa perspectiva, a entrevista em História Oral tem outra proposição de ser, na medida em que há o intuito de aproximação, troca de sensibilidades, entre o sujeito entrevistado e o pesquisador, mas sem interferir, no intuito de induzir ao proporcionar um ambiente mais aconchegante que dê ao entrevistado abertura para compartilhar suas lembranças (ALBERTI, 2005).

Temos ciência de que a narrativa construída na biografia de Aída, de modo geral, trará consigo não um passado límpido, já que vai ser evocada uma lembrança, e esta vem permeada pelo presente; além disso, o momento da entrevista enquanto único traz uma visão sobre essa fala e vivência. Assim como uma fotografia não transparece tudo que ali aconteceu ou, às vezes, demonstra uma realidade reconstruída, o que fora reconstituído numa entrevista em História Oral poderá se mostrar díspar se houver a tentativa de repetir ou refazer uma dada realidade, mesmo que seja em outra entrevista com o mesmo pesquisador.

Bosi (1993, p. 281) nos propõe que a “[...] memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo”. Além disso, a

História Oral tem em seu caráter metodológico a obrigação, assim como no uso de qualquer fonte para além da oral, de se propor a ter um olhar mais aguçado sobre as subjetividades, representações, percepções e experiências que estão intrínsecas nas produções escritas, iconográficas e nas lembranças e esquecimentos da memória, e que nem sempre, ou melhor, na maioria das vezes, não irá aparecer de forma clara e direcionada. E foi com essa compreensão que entrevistamos, em história oral, os sujeitos que conviveram com Aída.

Em relação à memória de Aída Balaio, temos de destacar que ela faleceu em 1970, impossibilitando-nos de ter acesso a sua memória enquanto sujeito, mas não à memória que a permeia, isto é, trabalhamos com memória de herdeiros sobre Aída, por parte de familiares, amigos, registros e discentes. Contudo, cada uma dessas memórias compartilhadas em grande parte das vezes também será compreendida em suas individualidades, na medida em que a percepção do outro sujeito é única e importante também.

Em sumo, salienta-se, então, que, com o objetivo de realizarmos as entrevistas, utilizamos a metodologia da História Oral temática (MEIHY; HOLANDA 2007), para a constituição de uma biografia de Aída (LOZANO, 2006), importa agora descrever o percurso de coleta das fontes. Fomos à busca das pessoas que conviveram com Aída, que permearam de alguma forma na vida da educadora, seja direta ou indireta com a biografia, que possuam lembranças da docente e que suas falas pudessem contribuir com esta pesquisa. Isso nos deu a possibilidade de aproximação e apreensão de fatos, sujeitos e representações correlatos e ou de breve diálogo com a biografada. Ademais, as entrevistas se desenvolviam de forma livre, embora com um direcionamento temático – a vida de Aída – para saber mais sobre a docente e suas práticas.

Não impomos, de forma alguma, qualquer direcionamento fechado ou estrutura rígida, com perguntas já previstas para os relatos dos entrevistados, pois, como direciona os instrumentos e técnicas previstos no uso da História Oral como metodologia, utilizamos o diálogo fluído e livre sem roteiro pré-estabelecido. Esclarecemos, no entanto, que isso não quer dizer que não existiam inferências e propositivas de temáticas, mas preservamos o intuito de se abrir para a escuta sensível, por esta nos proporcionar a apreciação de emoções, de características dos colaboradores, das possíveis relações existentes com o biografado, mas, principalmente, encontrar detalhes e nuances que uma pergunta/resposta objetiva não proporcionaria.

Vejamos, pois, como conseguimos localizar as fontes para o desenvolvimento da pesquisa na construção do Estado da Questão. Segundo Nóbrega-Therrien e Therrien (2004), o termo “Estado da Questão” tem seu significado diferente do Estado da Arte ou com

Revisão Bibliográfica; a explicação para o Estado da Questão seria a de um estudo feito pelo pesquisador em plataformas e publicações historiográficas de modo geral para analisar a pesquisa enquanto inovadora, legitima-la quanto sua relevância levando em conta como o seu tema ou o objeto de sua investigação encontra-se no estado atual da ciência. Os autores indicam ainda que ao construir o Estado da Questão nos é possível indicar objetivos e ou, por exemplo, as categorias de análise.

### 3.3 CONSTRUINDO O ESTADO DA QUESTÃO

Autobiografias, diários das professoras, entrevistas, fotografias e outros documentos escritos, como ofícios, portarias e relatórios de intendentess, fontes orais e escritas, podem ser utilizados enquanto material e arcabouço para constituirmos fontes que agregaram e enriqueceram a constituição de uma biografia. (LUCHESE; KREUTZ, 2010). A biografia de Aída foi se constituindo a partir do intermédio de fontes orais e escritas, possibilitando a indução de pertinentes análises historiográficas.

Saviani (2007) nos aponta que as fontes como produções humanas podem ser divididas em fonte intencional e fonte espontânea. Contudo, temos ciência que a diferenciação entre as fontes, na busca de esclarecer suas peculiaridades, não quer dizer, de forma alguma, que há hierarquia de fontes, sejam elas classificadas como forem. Temos sim a predominância e ou a predileção por determinados usos e propostas, de acordo com a abordagem metodológica, assim como também sobre qual viés teórico o estudo se desenvolve, mas são opções, escolhas e não uma classificação de qual irá aproximar-se mais da verdade que acreditamos e ou queremos encontrar, contar.

A viabilidade da investigação biográfica proposta iniciou seus passos em uma busca instintiva na internet sobre possíveis escritos e ou quaisquer referências que pudessem, de primeira, nos indicar Aída Balaio. O Google foi nossa ferramenta inicial, direcionando-nos para alusões de sítios em homenagem à docente, objeto deste estudo, não aparecendo, no entanto, nenhum texto científico de publicação acadêmica e ou maior profundidade sobre seus vestígios. No entanto, isso é uma descrição inicial que se prolongou do início da pesquisa, em 2016, até 2018, pois neste corrente ano realizamos novas pesquisas, e encontramos um trabalho apresentado pela professora Lia Fialho, orientadora desta pesquisa, em um congresso no Uruguai<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> Disponível em: [http://www.sitioftp.com/EventosOPC/programa/resumenes/Panel/617/617\\_5.pdf](http://www.sitioftp.com/EventosOPC/programa/resumenes/Panel/617/617_5.pdf). Acesso em: 10 set. 2019.

Posteriormente, ainda neste mesmo ano, encontramos um texto de tese, de autoria do historiador cearense Airton de Farias sobre a Ditadura Militar no Brasil, em especificidade no Ceará, mas o Balaio que ele destaca no texto não é o de Aída, propriamente, mas do filho mais novo da educadora que fora um dos primeiros presos políticos na época da Ditadura Militar no Brasil, em que o autor do texto também faz uso da fonte oral, e das contribuições de Sayonara Santos, nossa colaboradora, neta de Aída, que, mais à frente, iremos expor melhor. Enfim, o primeiro trabalho, breve, uma produção de painel, foi desenvolvido junto às pesquisas dessa tese; e o segundo não cita o nome da educadora, mas a busca o destacou por ter o sobrenome da professora envolvido.

Em 2019, a partir do mês de março, já se pode encontrar uma produção de caráter científico sobre a educadora Aída Balaio, que também faz parte desta dada tese, um artigo publicado na revista UNISINUS, intitulado: *Biografia de Aída Balaio: prestígio social de uma educadora negra*<sup>17</sup>. Um recorte já desenvolvido pelos dados encontrados, até então em 2018, e que teve a colaboração das professoras Lia Fialho e Zuleide Queiroz. Isto é, as produções de características e preocupações acadêmicas encontradas são pesquisas desenvolvidas e ou correlatas ao processo de desenvolvimento desta tese.

No entanto, foram-nos válidas também algumas referências, já encontradas no ano de 2016, propostas de forma aleatória na internet, mas que nos foram, de início, de grande importância sobre o que se falava e se conhecia acerca da memória geral, mais coletiva e popular que permeava a construção da personalidade Aída. E esses outros indícios e lócus de onde poderíamos iniciar nossas buscas por Aída, também proporcionaram novas possibilidades de consultas e fontes, assim como nos alertamos para não irmos ao mesmo propósito de tais produções, uma memória celebrativa da educadora, sem ir além da descrição geral, do caráter discursivo, sem a busca de violar as dadas memórias referendadas.

Encontramos algumas menções à Aída, como a Rua Professora Aída Balaio, onde se localiza uma das primeiras escolas de ensino primário do Mucuripe, a Escola Matias Beck<sup>18</sup> (Projeto Político e Pedagógico – PPP 2016). Ainda na região do grande Mucuripe, tinha um CIES (Centro Integrado de Educação e Saúde), em 1992, pela Prefeitura Municipal

---

<sup>17</sup> Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2019.231.04/60746740>. Acesso em: 12 set. 2019.

<sup>18</sup> A Escola Matias Beck fora construída e destinada a uma maior intervenção e preocupação do estado com o ensino e com a dada situação econômica e social da região, em 1968, na verdade um grupo escolar criado e só oficializado como instituição que atendia do primário à 8º série em 1975, é considerada, em uma perspectiva de organização e arquitetura, a escola mais antiga do bairro Mucuripe. PPP (2016).

de Fortaleza, chamado Aída Balaio, antes Lagoa do Coração<sup>19</sup>, como era conhecida a comunidade no Vicente Pizón à época.

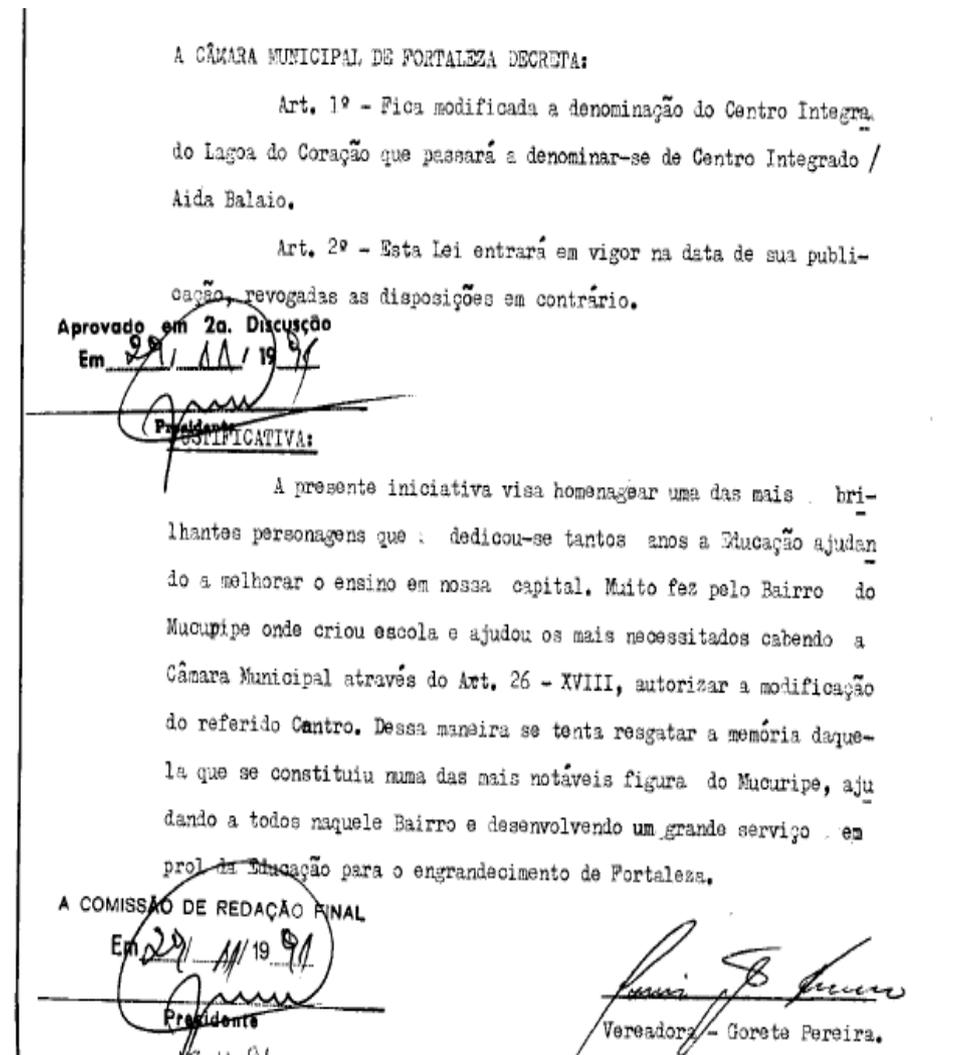
A prefeitura de Fortaleza estava sob a governança de Juraci Magalhães, o mesmo que está no cordel, que destacaremos mais à frente, como um incentivador da guarda da memória de Aída. Contudo, no vasculhar da investigação, encontramos que, na verdade, a nomenclatura atribuída à instituição foi de iniciativa de uma vereadora, Gorete Pereira<sup>20</sup>, conhecida da região do Mucuripe e que foi a autora da proposta pela modificação do nome do CIES Lagoa do Coração. No ato de mudança de nomenclatura, encontramos, dentre as palavras que servem como justificativa relatada em documento oficial de descrição pela nomenclatura atribuída, a prerrogativa de resgatar a memória e prestar homenagem àquela que se constituiu em uma das mais notáveis personalidades da Educação no Mucuripe.

---

<sup>19</sup> Segundo dados encontrados na tese de Cavalcante (2017) que dialoga sobre o Grande Mucuripe, a região foi considerada, na metade do século XX, uma comunidade mais populosa e problemática no que tange à atuação do poder público na assistência dos que ali habitam.

<sup>20</sup> Gorete Pereira, no período, era vereadora de Fortaleza (1989-1995). Seu nome completo é Maria Gorete Pereira, cearense, nascida em Juazeiro do Norte, em 1952, fisioterapeuta e política, filiada ao Partido da República (PR), com atuação política no Ceará e presente nome conhecido por moradores do Mucuripe. Já fora deputada estadual e federal, anteriormente.

**Figura 3 – Justificativa para nomenclatura do CIES Aída Balaio**



Fonte: Acervo Pessoal da Família Balaio.

A **Figura 3** acima traz o documento que ratifica a modificação da nomenclatura do CIES, localizado na região do Grande Mucuripe, assim como a justificativa utilizada para a dada homenagem. Contudo, o documento não nos mostra qual a real proposição da iniciativa da vereadora, e de que modo, por exemplo, a comunidade absorveu e legitimou a dada mudança de nomenclatura na época. Todavia, a comunidade que hoje circunda o local, já se acostumou a chamar por Aída, embora alguns relatos não saibam que ocorreu modificação do nome, pois a denominação, por exemplo, de dizer posto da Lagoa do Coração fosse apenas a referência de onde se localiza.

O mesmo local, o CIES, sofreu, mais de uma década depois, uma reforma e atualização de suas funções, e, no ano de 2015, com o atual prefeito de Fortaleza, em 2019, no

seu segundo mandato, o Senhor Roberto Cláudio, reiterou às justificativas da dada homenagem à Aída Balaio, contudo a Unidade passou a ser chamada de Aída Santos e Silva, nome de registro da Balaio. Infelizmente, não encontramos indícios e ou documentos que nos possibilitasse compreender de forma mais direta as razões que levaram o prefeito a modificar o nome de Aída Balaio para Aída Santos e Silva, mesmo após tentativas de acesso aos documentos que registrassem essa modificação, pois foram encaminhados contatos por e-mail para o setor responsável da Prefeitura Municipal de Fortaleza, contudo sem êxito.

Na ocasião da homenagem, a família, tomou ciência da mudança, participou também do momento da reinauguração do local, que teve em seu andamento um momento para reiterar homenagem à biografada, mas não tem a explicação da mudança para o nome de registro, digamos o original e diverso assim de Aída Balaio. Indagamos Sayonara Santos, neta de Aída e grande colaboradora desta tese, sobre como se dera e o porquê da mudança do local para o nome de registro de Aída, mesmo tendo ciência de que a comunidade do Mucuripe, que conheceu e ou lembra-se de Aída Balaio, quase nem tinha ou tem ciência do nome de registro da educadora. As figuras 4 e 5 a seguir são referentes aos dados estabelecimentos:

**Figura 4 – Fachada do Posto Municipal de Saúde de Aída Santos e Silva**



Fonte: Disponível na internet (Google Maps)

**Figura 5 – Fachada da Escola Aída Santos e Silva**



Fonte: Disponível na internet (Google Maps)

A figura 4 traz o posto Municipal de Saúde que leva o nome de Aída Santos e Silva, desde 2015, e a figura 5 a Escola que leva o nome de Aída, também desde 2015, contudo estes dois locais eram atrelados como uma só instituição, embora com seus direcionamentos e atendimentos específicos, mas era um CIES, um Centro de Integração de Educação e Saúde que atuavam de forma mais integrada e conjunta. As instituições localizam-se na Avenida Trajano de Medeiros, 813 – Vicente Pinzón- Fortaleza – Ceará, um bairro simples, que, na perspectiva geográfica e cultural, ainda faz parte do que se chama, popularmente, de Grande Mucuripe.

Nos relatos de Santos (2018), a iniciativa primeira de homenagem à avó se deu, porque naquela região ela também atuou não como docente, necessariamente, mas como um apoio e auxílio no combate a moléstias e problemáticas correlatas à pobreza que permeava a vida dos que ali já habitavam, e atingia, principalmente, as crianças, pois existia à época um alto índice de disenteria e desnutrição, casos relatados por antigos moradores. A neta de Aída, ainda nos narra que ela doou a muita gente o soro que era para dar às crianças, situação recorrente tanto nas buscas de moradores próximos à sua residência, como também com as suas visitas e caminhadas pelas ruas de areia do bairro.

Há relatos de que era comum na década, de 1950, 1960 e 1970 a recorrência da passagem de velórios em direção à Igreja Nossa Senhora da Saúde e ao Cemitério São Vicente de Paulo, o segundo mais antigo cemitério de Fortaleza, ainda em atividade. Caminhadas velando o corpo de anjinhos, como eram chamadas as crianças naqueles caixões

pequenos e azuis, que mostravam um pouco das mazelas e dores que aquelas pessoas de situação simples passavam em buscas de sobreviver aos tempos difíceis.

No entanto, o que se propôs destacar com as figuras 4 e 5, retomando-as, seria trazer questionamentos feitos de forma aleatória aos frequentadores dos dados locais, e muitos nem sequer os chamam pela nomenclatura atual, ou sabe dizer quem foi e porque o nome fora ali homenageado, alguns referenciam por “posto Aída”, como já destacado, anteriormente. Pensando numa perspectiva cultural, a população brasileira, cearense e a fortalezense, de modo geral, acostumou-se a ver nome de ruas e locais diversos das áreas urbanas receberem nome de pessoas que para muitos não têm importância, homenagens e representações que, por muitas vezes, não temos ciência da importância da alusão à determinada personalidade pública e ou anônima.

Aída Balaio também é a nomenclatura de duas bibliotecas de escolas do Grande Mucuripe. Isso está registrado nos PPPs, tanto da Escola Consuelo Amora da Prefeitura Municipal de Fortaleza, situada na Avenida dos Jangadeiros 577<sup>21</sup>, quanto do Colégio Matias Beck da rede estadual, este já citado, devido localizar-se na rua que leva o nome da educadora. No Matias Beck, fala-se da nomenclatura de Aída para com a Biblioteca, mas a instituição não tinha placa e ou qualquer texto de referência sobre a dada homenagem. No entanto, neste ano de 2019, por iniciativa da direção da escola junto ao Acervo Mucuripe, foi confeccionada uma placa que contém a nomenclatura do local e também outra contendo um texto elucidativo<sup>22</sup>, mesmo que de forma breve sobre quem foi Aída Balaio.

Assim como antes era no Matias Beck, na escola Consuelo Amora não tem nenhuma placa e ou algo escrito esclarecendo sobre a homenagem e reconhecimento de crédito a Balaio. Entretanto, Tânia Chagas (2019b) nos revelou que a homenagem foi, ainda na mesma década de morte de Aída; pois à época, ela, Tânia, também professora como a avó, ensinava nessa escola. A iniciativa, contudo, não foi sua, na verdade se deu por conta de uma professora chamada Egídia Garcia, professora influente, bem articulada e envolta com as questões do bairro, bem conhecida e ativa ainda à época. Fizeram um momento de inauguração e tudo para Maída, disse sua neta Chagas (2019b).

Alguns textos curtos e menções breves são encontrados pela internet, em diversos blogs, alguns até apresentam as devidas referências de seus conteúdos, contudo a maior parte

---

<sup>21</sup> A escola foi criada no período do governo da Maria Luísa Fontenelle, fica bem no pé do Morro do Mirante, ponto mais alto de Fortaleza, cidade que não possui tantas áreas elevadas. Tem denominação a escola de outra professora do Mucuripe, mas que teve sua vida encerrada de forma trágica, em consequência de um acidente ocorrido à época nas proximidades da Igreja Nossa Senhora da Saúde.

<sup>22</sup> As imagens das placas estão em Anexo.

não possui qualquer alusão de como e onde conseguiram algumas das informações publicitadas. Blogs como: FORTALEZA NOBRE<sup>23</sup>; CEARÁ CULTURAL<sup>24</sup>; PORTAL DA HISTÓRIA DO CEARÁ<sup>25</sup>; AGÊNCIA FORTALEZA DE NOTÍCIAS<sup>26</sup>; UERBET<sup>27</sup>; FÓRUM DE MULHERES NO FISCO<sup>28</sup>, estes são os que apareceram de forma aleatória, únicos até então, estão assim entre os que conseguimos angariar no propósito de termos uma referência de sítios que se propõem a permear a História e a Educação, especificamente no Ceará.

Os três primeiros blogs supracitados destacam-se por apresentarem, em grande maioria de seus conteúdos, referências e/ou alusões de onde as informações propostas advêm. Encontramos, ainda, com o nome de registro, Aída Santos e Silva, a professora citada no Fortaleza 2040, produzido pela prefeitura sobre os bairros, este especificamente trata sobre o Grande Mucuripe, permeando feitos e fatos históricos, dados geográficos, culturais e de saúde, além de questões de urbanização e intervenção municipal no lugar; e na Revista do Instituto do Ceará intitulada *Datas e fatos para a História do Ceará* (2010), que possui suas versões digitalizadas. Nessa revista, foi encontrada a notícia de seu falecimento, e a referência da homenagem que denominou um Centro Integrado de Educação e Saúde (CIES), Aída Balaio, fundados em 1992, já supracitados.

Buscando demonstrar assim como se iniciou o processo de realização do Estado da Questão de nossa pesquisa, destacamos ainda as buscas nas plataformas da CAPES (banco de teses e dissertações da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e da BDTD (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações) de forma mais direcionada e criteriosa em 2017. No intuito de encontrarmos produção acadêmica a partir de “Aída Balaio”, “Aída Balaio”, por “Aída Santos e Silva”, e “Aída Santos e Silva” nos portais, até aquele momento, não encontramos nenhum estudo científico com esses descritores, isto é, nenhuma pesquisa com menção à educadora de forma direta ou de modo geral, que nos possibilitou vislumbrar a originalidade da nossa produção.

Porém, esclarecemos que, no portal da CAPES, encontramos dois trabalhos como resultantes de “Aída Santos e Silva”, no entanto, são trabalhos da área da saúde, um de 2008, publicado em 2010, e outro de 2016, ambos por terem como objeto de estudo questões, discussões de saúde e doença e/ou práticas a serem ou já implantadas na Unidade de Atenção

<sup>23</sup> Disponível em: <http://www.fortalezanobre.com.br>. Acesso em: 10 ago. 2018.

<sup>24</sup> Disponível em: <https://cearacultural.com.br>. Acesso em: 10 ago. 2018.

<sup>25</sup> Disponível em: <http://portal.ceara.pro.br>. Acesso em: 10 ago. 2018.

<sup>26</sup> Disponível em: <http://agenciafortalezadenoticias.blogspot.com.br>. Acesso em: 10 ago. 2018.

<sup>27</sup> Disponível em: <https://uerbet.blogspot.com.br>. Acesso em: 10 ago. 2018.

<sup>28</sup> Disponível em: <http://forumdemulheresnofisco.blogspot.com.br>. Acesso em: 10 ago. 2018.

Primária em Saúde que tem por nomeação de Aída Santos e Silva, o antigo CIES Aída Balaio, somente. Um desses trabalhos também aparece na busca do portal da BDTD, de forma repetida e destacando novamente o não achado de qualquer referência de produções acadêmicas sobre a professora Balaio.

A ausência de pesquisas sobre Aída, ou mesmo qualquer menção mais direta sobre sua representação social de modo geral, e sem qualquer alusão a sua relação com a Educação, mesmo diante dos achados das homenagens e condecorações à sua pessoa enquanto educadora demonstrou que Aída Balaio não foi objeto/temática de quaisquer pesquisas científicas anteriores publicitadas nesses importantes veículos para disseminação acadêmica. Propomo-nos, assim, ser o meio que irá ensejar a Aída, luz, possibilidade de preservar a história e memória da educadora na interface com o contexto, numa perspectiva mais macro para a História, legitimando seus feitos e fatos que a tornaram latente na memória social de um bairro. Diante disso, demonstramos singularidades da constituição de uma biografia sobre uma educadora, de Aída Balaio.

Na continuidade da proposição do Estado da Questão, a BDTD nos trouxe mais algumas contribuições que podemos relatar, pois avaliando teses e dissertações de vários programas de pós-graduação brasileiro, disponibilizadas no portal, vislumbrando títulos e resumos das publicações. A análise se propunha em verificar a existência de trabalhos que remetessem à apreensão de nossa perspectiva de investigação: o gênero biográfico, publicações sobre mulheres e trabalhos sobre educadoras.

Vislumbramos que se configura um campo ainda de grandes possibilidades para uma maior ampliação e maior visibilidade a história das mulheres. Em nosso país, ainda tem uma produtividade não tão significativa sobre mulheres, produzidas por mulheres e que a proponham como sujeito principal da narrativa como em biografias, isto no campo de pesquisas e produções acadêmicas.

Fato relevante foi observado também para repensarmos e discutirmos em debates e frentes de diálogos sobre o fazer biográfico, é que notamos alguns trabalhos que não apresentam nem em seu título nem mesmo nas suas palavras-chave a palavra BIOGRAFIA (destaque nosso) mesmo quando se propunha a produzir uma. Isto é, quando não temos salientado, nestes pontos analisados, muitos trabalhos, eles ficam fora de estatísticas que podemos produzir tendo como foco a biografia enquanto produto de pesquisa, simplesmente pelo não uso afirmativo e esclarecedor de se colocar quanto gênero biográfico.

Salientamos também a questão da permanente relação do fazer biográfico ainda com as áreas da Literatura, campo de Letras, de modo geral, e / ou da História; a maior parte

das produções se adequava nestas áreas, isto não quer dizer que estamos fazendo uma crítica e ou menosprezando tal produtividade, no entanto, nos demonstra que ainda há um leque de possibilidades de apropriações da produção historiográfica que pode estar sendo vislumbrado de forma limitante na Educação. Os maiores dados referentes à Educação permeiam de um modo geral, citações mais do fazer das autobiografias, elencadas de forma bem mais significativa, do que biografias, pelo menos diante dos descritores, da análise de títulos, resumos e palavras-chave.

Entretanto, podemos analisar, indicando já algumas possíveis considerações, que tais dados possam ser ainda reflexos da própria mudança de constituição da História, da relação desta com o fazer biográfico, pois, mesmo diante de grandes avanços na apreensão científica da produção biográfica e de uma maior aproximação dos pesquisadores da História da Educação com este tipo de produção, ainda temos sim muitas resistências a transpor enquanto força e contribuição para que outros campos da Educação a concebam enquanto pesquisa contribuinte acadêmica e científica.

Porém, não só de negativas e ou baixa produção falaremos, pois se faz válido salientar a produtividade já existente, e os lócus onde já se tornam referências na produtividade de biografias no campo da Educação, assim como, principalmente, de mulheres educadoras e suas possíveis inferências e contribuições para a historiografia da História da Educação no Brasil, em âmbito local e regional também. Na perspectiva do Nordeste, a Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa, tem atrelado ao seu programa de pós-graduação em Educação, bons números de referências.

O professor Charliton Machado e a professora Maria Lúcia Nunes, ambos da Universidade Federal da Paraíba, vinculados ao Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE aparecem nos portais, recorrentemente, ou como orientadores ou como pesquisadores, como nomes de destaques no Nordeste com investigações que seguem produzindo não só o gênero biográfico, mas propondo mulheres como protagonistas, educadoras ou envolvidas nos processos educacionais, tendo utilizado também, nas pesquisas, proposições em torno da História Oral.

No Nordeste, ainda, podemos apontar como pesquisadora de destaque a professora Lia Machado Fiúza Fialho, que desenvolve seus estudos dentro dessa linha de pesquisa e tem publicações/orientações de teses e dissertações, bem como de artigos de ótima classificação de Qualis pela CAPES. Tal pesquisadora desenvolve trabalhos no âmbito da graduação e da pós-graduação, o que possibilitou encorpar um número de produções envolto de conceitos e temáticas da escrita biográfica, de história das mulheres, de educadoras do

quadro cearense, visando assim a ampliar nossa historiografia da educação cearense, que, de modo geral, ainda possibilita índice merecedor de ampliação de maiores olhares e dedicação.

O dado destaque feito a esses pesquisadores não desmerece todo um trabalho produzido e direcionado por outras regiões e trabalhos de outras áreas que também desenvolvem biografias, o intuito é de demonstrar que há no Nordeste, um crescente desenvolvimento de biografias de mulheres educadoras, utilizando a História Oral como metodologia e propondo uma produção temática, que nem foca só no contexto geral do biografado, mas entende a importância deste até para vislumbrarmos as contribuições para a área da História da Educação desses sujeitos históricos.

Podemos apontar, junto ao grupo de pesquisa Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (PEMO), produções biográficas como a de personagens cearenses, de educadoras nascidas no século XX e no XIX, como: Irmã Maria Montenegro, Maria Luísa Fontenelle, Henriqueta Galeno. E agora Aída Balaio vem contribuir de forma diversa com o escopo produtivo dessas produções, agregando uma mulher de origem simples, negra, professora da educação básica, na verdade do ensino primário, que não representou uma elite intelectual local, nem trilhou uma ascensão ao nível superior ou à representação política de um dos três poderes republicanos, ou mesmo foi diretora de uma escola.

Aída lecionou de forma efetiva em torno de 54 anos de seus 81 vividos, ensinando por quase todo o período em apenas 2 prédios, o do Outeiro e da sua residência no Mucuripe, e que se dedicou a alfabetizar pobres, ganhou prestígio entre eles, mas que, na historiografia que nos é proposto construir, tornou-se um dos sujeitos mais interessantes de se dar lume e ler em uma perspectiva biográfica. No entanto, não só educadoras cearenses, muito menos somente da capital e ou de professoras da educação formal, aparecem os índices das produções atreladas de forma direta e ou indireta ao grupo, tanto que há em desenvolvimento trabalhos de mulheres de destaque na região do Cariri, indígenas educadoras, piauienses; mulheres que atuaram como educadoras leigas à educação superior.

### 3.4 LOCALIZANDO AS FONTES DE PESQUISA

Desenvolvendo assim uma atividade de investigação de caráter exploratório e identificando outros locais e fontes que nos possibilitassem enriquecer a pesquisa, elencamos alguns deles que acreditamos que teria potencial de contribuição para o desenvolvimento da biografia de Aída Balaio, como: Instituto Histórico e Geográfico do Ceará; a Biblioteca Pública Gov. Menezes Pimentel; o Arquivo Público do Ceará; a escola em que Aída ensinou o

Clóvis Beviláqua (hoje, 2019, possui esta nomenclatura); as escolas que prestam homenagem ao seu nome; e a antiga casa de Aída, ainda habitada por seus familiares.

De posse de informações preliminares sobre Aída Balaio, procuraram-se parentes vivos que pudessem colaborar com suas narrativas em história oral. Uma rápida reconstituição da “árvore genealógica” de seus descendentes demonstrou que não apenas seu marido, mas que todos os filhos já haviam falecido, bem como as amigas e companheiras de trabalho, sobre isso, no decorrer da pesquisa, conseguimos registros da contemporaneidade na escola. No entanto, havia uma nora e cinco netas vivas, dentre estas uma que residia juntamente à nora de Aída, na mesma casa em que viveu Aída<sup>29</sup>, no bairro do Mucuripe.

Dando continuidade à descrição sobre os lócus contribuintes para a nossa produção historiográfica, temos a antiga casa de Aída, ainda habitada por seus familiares, como sua neta Sayonara Santos<sup>30</sup> (2018). Essa casa pertenceu aos Balaio desde 1908, quando vieram morar pela primeira vez no bairro, contudo não fora residência fixa da professora ao longo de sua trajetória, mas virou referência, não só porque ali morou, mas porque o lócus tornou-se uma escola, onde alfabetizou e ensinou muitas crianças, jovens e adultos.

Há um acervo dedicado ao Padre José Nilson e à sua relação com o Mucuripe, que foi almejado por uma figura chamada Verinha. Esta mulher, seguidora fiel do padre, morava com sua mãe, quase de frente à casa de Aída Balaio, no Mucuripe, e, ao constituir um acervo sobre o padre e o bairro que tanto atuou, ela guardou memórias, em pinturas, reportagens e fotografias que falaram e falam muito do pouco que podemos nos apropriar da História do Mucuripe. O padre José Nilson foi uma grande liderança do Mucuripe e este deixou escritos, e falas replicadas por quem, com ele, conviveu e acompanhou suas ações no Mucuripe, inferindo que a professora Aída Balaio era única, de boa conduta e moral, que o auxiliou, por vezes, nas lutas por melhorias de condições de saúde e educação dos mucuripeiros.

---

<sup>29</sup> A residência já passou por diversas modificações, tanto por iniciativa particular dos familiares, quanto por uma intervenção política na área. Ela se localiza em região onde foi construída uma Via Expressa em Fortaleza, essa avenida acabou retirando parte do terreno referente à casa de Aída Balaio, justamente o local onde ela utilizava como lócus para alfabetizar crianças. (SANTOS, 2018)

<sup>30</sup> A Via Expressa foi inaugurada em 2004, com 3,8 quilômetros de extensão, arrasando centenas de habitações populares pelo caminho e “rasgando” o Mucuripe ao meio, desapropriando inclusive a própria dona Verinha e seu museu comunitário. (CAVALCANTE, 2017). Avenida iniciada em 2002, em seu primeiro trecho, ainda em 2019, presencia-se obras diretas e ou correlatadas a dada via proposta que acabou retirando boa parte do terreno referente à casa de Aída Balaio, e acabou mexendo numa sala – hoje utilizada como garagem – que funcionava na época de vida de Aída como lócus para o ensino do ler e escrever. Na verdade, não era uma sala, a casa de Aída era ladeada de alpendres e no maior, que ficava do lado esquerdo, de quem se encontra de frente para a residência, foi neste lócus que Aída lecionou para muitos do Mucuripe e sua filha Zaída também, no entanto, de forma organizada, com cadeiras, quadro negro e ambiente limpo para a recepção do alunado. Informações estas obtidas e possíveis de serem afirmadas aqui a partir da fala de sua neta Sayonara Santos.

O Acervo Padre José Nilson foi fundado por Verinha em 17/05/1997, em sua residência, localizada na Rua Boa Vista de número 26. A residência deixou de existir com a construção da Via Expressa de Fortaleza (NIREZ, 2005). O acervo de Verinha foi por tempos, talvez, o único local físico de memória, no que tange a agregação de fontes sobre o Mucuripe e sobre algumas de suas ditas personalidades. Faz-se válido destacar que Verinha, que tanto guardou a memória e apontou a importância de tal ação, ficou com problemas de memória, muito jovem, pois ainda com cinquenta e poucos anos, ela passou a sofrer de Alzheimer, depois logo veio o tão imaturo falecimento.

O acervo que desenvolveu, hoje, está sendo reestruturado, no sentido de torná-lo possível à visitação, pois muita coisa se perdeu depois de sua morte, seja por não ter outra pessoa com espaço e dedicação como Verinha ou por ainda vivermos em uma sociedade que não entende a valorização dedicada ao que muitos concebem por antigo demais e velho. Contudo, tal acervo está sendo digitalizado por iniciativa da professora Berenice Abreu e seus bolsistas da Universidade Estadual do Ceará, como também pelo líder do Acervo Mucuripe, Diego de Paula, buscando assim não perdermos todo esse material e ao mesmo tempo possibilitar o acesso mais fácil às fontes históricas, a partir da tecnologia que temos a nossa disposição. Importa esclarecer, também, que uma parte do Acervo de Verinha encontra-se hoje sob a guarda da Igreja Nossa Senhora da Saúde, lócus de tantos anos da liderança e atuação do Padre José Nilson<sup>31</sup>.

Descobrir esses locais de guarda de fontes não foi tarefa fácil, devido de início muita das informações encontradas tinham contradições com alguns relatos já publicados, além de analisar que tipo de fontes iríamos propor na aplicação da História Oral híbrida. Quais os registros iríamos selecionar no sentido de não nos desfocarmos da nossa biografada. Além dos desafios que podemos descrever como: o arquivo público estadual estava passando por uma reforma, e os arquivos estavam todos em outro local, onde nem tínhamos acesso e o responsável por verificar onde estavam os documentos nem sempre por conta da organização, conseguia encontrar. O arquivo escolar do colégio Clóvis Beviláqua, que praticamente, não tem nenhum registro mais do prédio, de arquivos sobre o funcionamento dos grupos escolares, pois, alguns documentos, a apropriação só se deu através da referência de outros trabalhos acadêmicos já publicados.

---

<sup>31</sup> Apesar de não estarmos por hora identificando a pessoa desta escrita como um singular que acreditamos ser um propósito positivo falarmos que este padre tanto batizou a pesquisadora, seus irmãos e a maioria de tios e primos no Mucuripe, como também realizou o sacramento da Crisma. Desse modo, por vezes, ao estarmos propondo estes escritos, vemo-nos perpassando por histórias particulares e próximas de uma figura tão marcante para a história do Mucuripe, que, assim como Aída estamos dando lume, de certa forma.

Retomando a nossa biografada, iremos logo abaixo observar a fotografia de um de seus filhos, mas na verdade o intuito é de observamos a casa em que ele se encontra, a qual é a residência de Aída Balaio. Assim, na figura 8, apresenta-se um alpendre da casa da professora, percepção bastante destacada em quase todas as lembranças dos colaboradores. Observamos a residência, na dada estrutura, em comparativo com as moradias de outros mucuripenses, sempre fora identificada como de alguém com melhor posse diante da situação financeira e social daquele bairro de pescadores, onde muitas residências eram choupanas, além das que sequer, praticamente, tinham móveis dentro de casa.

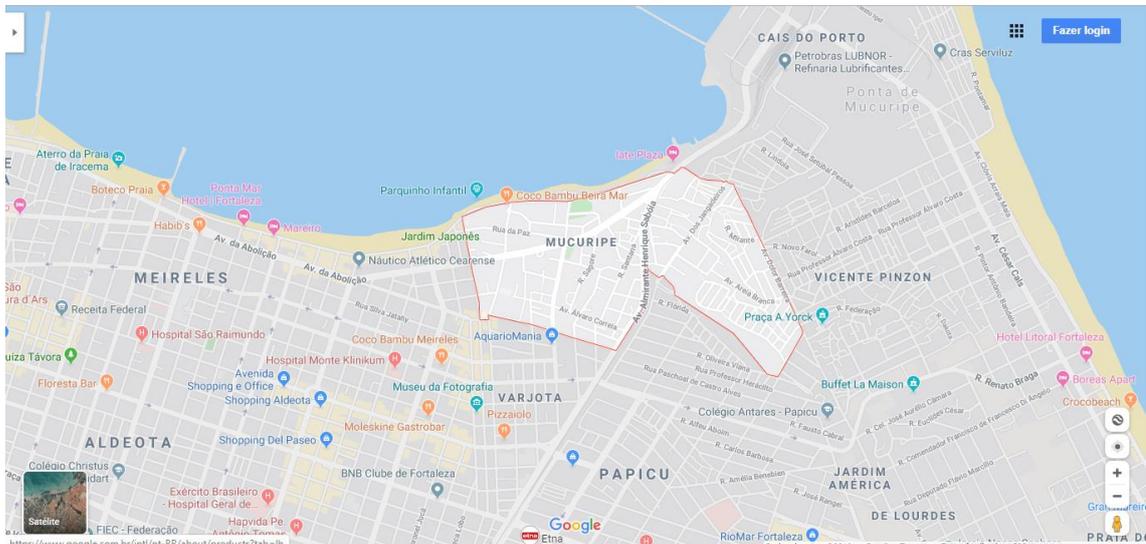
**Figura 6 – Fotografia de Valmir, o segundo filho homem de Aída e Francisco Balaio.**



Fonte: Acervo Pessoal da Família Balaio.

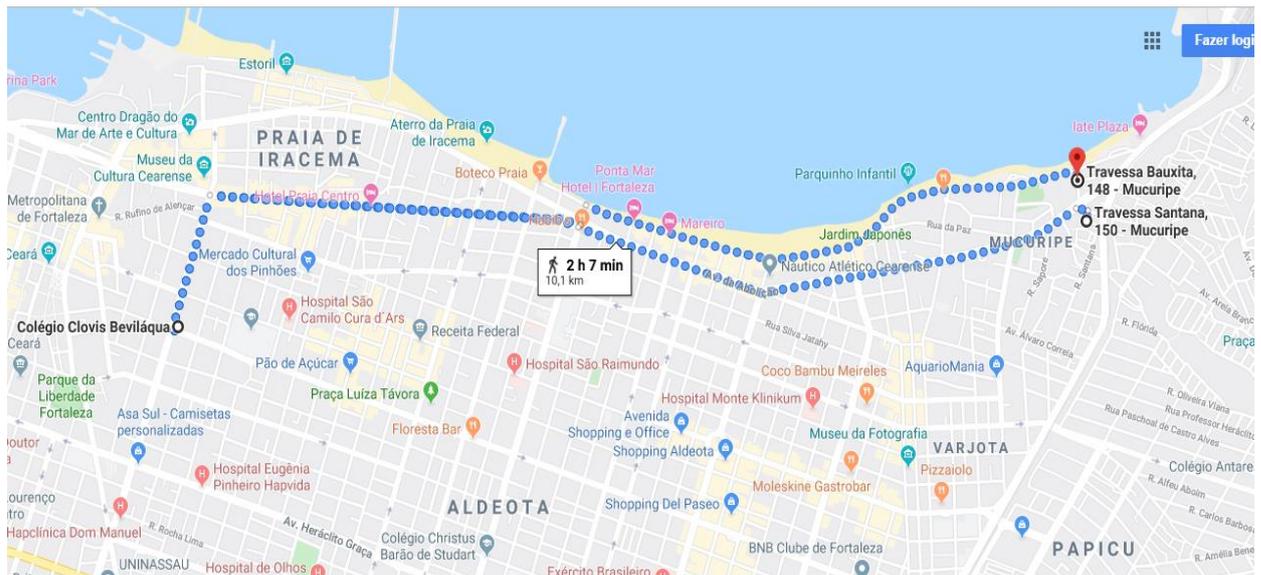
A fotografia acima traz Valmir Hugo da Silva, filho de Aída, este é um dos que, segundo Balaio (2018), mais buscou em vida demarcar a importância de sua mãe, foi fonte diversas vezes de pesquisas sobre o Mucuripe e dos fatos que permeiam esse locus, e, dentre eles, fez relatos que se envolvia ou intermediava a fala de participação da progenitora. Tanto que a neta indica que fora ele quem inicialmente fez a guarda de lembranças e fontes sobre Aída, salvaguardou de alguma forma a memória da professora. Balaio (2018) salienta ainda que essa fotografia já traz a casa de Aída de forma diversa, já não era tão simples como a imagem no interior, não que tenha transformado em algo luxuoso, mas que ocorreram melhorias, estas, ocasionadas e proporcionadas pelos filhos já adultos da docente, os que já trabalhavam foram conseguindo auxiliar nesses processos.

**Figura 7 – Demarcação do Mapa atual do Mucuripe – 2019**



Fonte: Google Maps, novembro de 2019.

**Figura 8 – Trajeto Casa de Aída – Clóvis Beviláqua (2019)**



Fonte: Google Maps, novembro de 2019.

As figuras 6 e 7, respectivamente, trazem o que se compreende hoje por território do bairro Mucuripe e a localização da residência de Aída Balaio em relação aos 2 locais de registro do exercício do ensino por nomeação pública, do início de sua efetivação, Clóvis Beviláqua, e após aposentadoria o Curso de Alfabetização de Jovens e Adultos. Conseguimos vislumbrar a proximidade da casa com a faixa de mar, da beira mar, esta não era a realidade inicial, já que com o avanço do mar, devido à construção do Porto do Mucuripe, assim como a ocupação de prédios e embelezamento da orla, a moradia hoje se encontra junto a duas

grandes avenidas e a apenas duas ruas da Avenida Beira Mar. No entanto, Chagas (2019c) nos relata que a casa ficava em cima de um elevado e, sem todos aqueles prédios e amontoados de residências, do alpendre da casa de sua avó, sim, era possível visualizar o mar, vista única, nos disse.

Magalhães (2019) descreve que existia uma parte da residência da senhora Aída Balaio dedicada exclusivamente para a educação. Aída lecionou em sua residência por muitos anos, no Mucuripe, antes e depois de tornar-se efetiva do estado, lecionando também no pós-aposentadoria, assim como lá sua filha Zaída, também se oportunizou a prática da docência. Anteriormente, quase de frente à residência, quando esta tinha a frente bem mais próxima ao trilho, existia uma praça referendada como Praça Aída Balaio, um triângulo pequeno, mas que, segundo os familiares e vizinhos do local, acabou ganhando a denominação por ter como a referência a casa da educadora do Mucuripe.

Destaca-se ainda que, na visão da rua para o morro, não tem mais as areias brancas, ruelas que formavam um emaranhado de casas simples de moradores que se viram no meio de um projetor urbanístico, que foi a construção da Via Expressa (Avenida Almirante Henrique Saboia) por volta do ano de 2004, sob a prefeitura de Juraci Magalhães, a antiga travessa Santana, o número 150, ladeado pelos fundos do posto Flávio Marcílio, o posto do Mucuripe, é uma residência ainda grande, talvez para os padrões do século XXI, mas que não tem nem mais a metade da área que compunha a casa de Aída.

Seu Balaio morreu, dona Aída ficou viúva, e ela montou um educandário aqui nessa mesma casa, que naquela época fazia tudo. Ela tinha um alpendre aqui, ela ajeitou, ganhou umas carteiras de uma amiga dela lá da secretária de educação do estado e botou aí. Era assim de gente, porque Dona Aída tinha muito cartaz como professora sabe?! (BALAIO, 2018)

Assim, o tempo, as transformações sociais, políticas e estruturais da trajetória de Aída estão envoltas das rupturas e modificações que o Mucuripe passou, e, apesar de não termos uma fotografia específica do alpendre da casa que acolheu, e foi adaptado como, seu educandário, a visualização do prédio nos demonstra o quão Aída Balaio não diferia da realidade de muitas professoras. Sua residência não era tão longe das possibilidades de muitos mucuripenses no período, lógico que não quero dizer que vivera paupérrima, mas não levava também uma vida de rica em meio às necessidades do Mucuripe. Apesar de ter dito que a casa de Aída servia como referência, acreditamos ser importante esclarecermos que, apesar de todos terem ciência do ensino de Aída ali, na frente da residência não tinha nenhuma placa, e/ou qualquer referência da existência de um estabelecimento de ensino ali.

**Figura 9 – Frente da Casa de Aída Balaio antes da Via Expressa.**



Fonte: Acervo Mucuripe, 2019.

Produzindo assim novos olhares e dinâmicas que somente este tipo de fonte, oral, metodologia possa nos fornecer e enriquecer no processo de constituição da temática, e como nos coloca Jucá (2011, p. 28): “compreender não apenas os indivíduos entrevistados, mas um espaço social mais abrangente, onde estão engajados”, é necessário para um melhor direcionamento e interpretação dessas memórias, pois, embora tenha buscado outras fontes, a maior parte do caminho delineado e a chegada até as fontes, seja por indicação ou por acesso facilitado por parte de seus familiares, deram-se pela oralidade, a qual nos foi tida não só como metodologia, mas como a base fundamental para a constituição de outros fios dessa costura histórica na busca pelas fontes.

Tivemos, assim, ainda, a labuta de buscar e coletar narrativas orais de possíveis colaboradores, principalmente, de sua neta, já supracitada, de sua nora, ainda viva, de moradores antigos do bairro e de uma já identificada ex-aluna que é uma figura também reconhecida no bairro. Inclusive, mais adiante, deleitar-nos-emos um pouco mais sobre quem é e o que essa ex-aluna representa hoje no Mucuripe na sua inter-relação com sua proximidade com Aída.

### **3.4.1 Fontes orais e ou produções a partir de narrativa orais**

A neta, Sayonara Mourão Balaio Rocha Santos, e a nora, Noêmia Mourão Balaio, foram contatadas em sua residência, a mesma casa das duas é a casa que morou Aída no

Mucuripe. Em visita aleatória da pesquisadora que objetivava apenas conseguir um contato telefônico ou alguma informação que permitisse o convite à participação na pesquisa, ocorreu uma coincidência, pois foi Sayonara Santos quem atendeu a campainha e quem, após apresentação do objetivo da pesquisa e da pesquisadora, abriu sua casa imediatamente, convidando-a a sentar e concedendo a entrevista em História Oral ao lado de Noêmia Balaio.

Infelizmente, a primeira conversa, ou seja, o contato inicial, com elas não se deu já com a metodologia da História Oral, pois apesar de ter conseguido explicar as razões da pesquisa e como se desenvolveria, elas disseram que marcaríamos um momento *a posteriori*, com mais calma e com mais cuidado, por parte delas, acredita-se apenas que o objetivo era tentarem buscar mais lembranças. Contudo, foram desde já falando e relatando algumas descrições de Aída, que tenho apenas anotado no caderno de campo.

No próximo encontro, dessa vez, previamente agendado, socializaram fotos da família e de Aída, o documento de identidade, um livro de memórias do bairro que fazia referência à Aída (Livro de Blachard Girão) e um cordel produzido em sua homenagem. Espontaneamente, Sayonara Santos foi tomando a dianteira na narrativa, contando o que sabia sobre Aída ao tempo que mostrava os documentos e se apresentava como a pessoa da família guardiã das recordações (fontes para a pesquisa) da avó; o que tornou a história oral fonte principal da pesquisa em tela complementada em mais outras duas entrevistas.

Faz-se válido esclarecer que sempre buscamos o total respeito à concessão das entrevistas, deixando aos colaboradores a decisão de como, onde, datas e horários. As entrevistas assim realizaram-se algumas vezes em ambiente propício e colaborativo com uma boa escuta posterior das conversas, como também tivemos momentos em que, apesar de ser possível compreender os áudios, foram produzidos muitos ruídos, buzinas e demais barulhos urbanos de uma grande avenida, visto que as concedidas entrevistas se deram na casa que fora de Aída, a qual, hoje, localiza-se em um Via Expressa de Fortaleza, Avenida Almirante Saboia, e, por isso, há uma constância de veículos grandes e pequenos e barulhos correlatos. Em todos os casos, respeitamos a escolha dos colaboradores e, em data e horários previamente estabelecidos, as entrevistas se realizaram com qualidade acústica e possibilidade de uma rica conversa.

O livro *Mucuripe de Vicente Pinzón ao Padre Nilson*, de autoria de Blanchard Girão (1998), cedido por Sayonara, de seu acervo pessoal, fora produzido a partir de memórias individuais e coletivas, relatadas e repetidas desde outros escritos elaborados por moradores do Mucuripe. Este se configurou tanto fonte secundária, a partir das impressões e interpretações do autor da obra; quanto primária, pois traz em suas páginas várias falas de

uma das filhas de Aída, Maria Bethezaída Silva Amora. Ela foi a herdeira, com formação de professora assim como a mãe, única das filhas mulheres a deixar um pouco da expressão de sua oralidade e referências de sua genitora registrada. Importa informar que, por vezes, falaremos de forma direta sobre a memória de Zaída, como era conhecida Bethezaída.

Destacamos que o livro de Blachard (1998) não se propôs como fonte primária para a construção histórica; no entanto, a obra é muito valiosa em descrições e destaques de figuras do Mucuripe, devido a isso, resolvemos utilizar, salientando a consciência de questionarmos as proposições, indicações de quem fala, porque falar e quem deixar falar.

Representações são tão reais quanto meios de transporte ou técnicas agrícolas, por exemplo. Quando um entrevistado nos deixa entrever determinadas representações características de sua geração, de sua formação, de sua comunidade etc., elas devem ser tomadas como fatos, e não como “construções” desprovidas de relação com a realidade. É claro que análise desses fatos não é simples, devendo-se levar em conta a relação de entrevista, as intenções do entrevistado e as opiniões de outras fontes (inclusive entrevistas). Antes de tudo é preciso saber “ouvir contar”: apurar o ouvido e reconhecer esses fatos, que muitas vezes podem passar despercebidos. (ALBERTI, 2004, p. 9,10).

A **Figura 10** traz fotografia de Bethezaída no Mucuripe, conhecida por Zaída, como já até salientamos, anteriormente, uma das filhas de Aída que teve a mesma formação da mãe, mas, diferente da matriarca, não chegou a dedicar-se por muito tempo ao exercício do magistério.

**Figura 10** –Bethzaida



Fonte: Plantão Ceará<sup>32</sup>

<sup>32</sup> PLANTÃO CEARÁ. Disponível em: <https://www.plantaoceara.com.br/2013/01/mucuripe-ilustre.html> Acesso em: 01 abr. 2019.

A imagem foi tirada da sacada de seu apartamento, um dos primeiros edifícios construídos naquele ponto da orla, e que virou moradia de alguns dos mais abastados do Mucuripe, à época dos anos 90 do século XX. Prédio que possui como vista não só o mar lindo da região, como também todo o contexto de vai e vem de jangadas, de pescadores e da venda do peixe. No popular, com a expressão de que se casou bem, Zaída tornou-se uma boa dona de casa e, ao mesmo tempo, uma mulher bastante dedicada à Igreja, como sua matriarca na relação de dedicação à religião. Sobre a situação financeira, para a realidade local, mesmo em um período que o Mucuripe já tinha avançado em alguns aspectos econômicos e estruturais, aparentemente, a filha da Balaio tinha bom poder aquisitivo, era esposa do dono da Farmácia.

O conhecido Seu Amora praticamente atuou como o médico da região, pois, de tanto vender e ver os casos de moléstias de mucuripeiros, Amora conseguia passar medicação, mesmo sem formação adequada, só na base da confiança, e reflexo do pouco acesso à saúde pública das populações mais carentes. Outra proposição que foi por muito tempo recorrente, até a primeira década do século XXI, antes de maiores fiscalizações e proibições, foi a venda a granel de remédios, pílulas diversas, de antigripais a antibióticos.

Retornando à esposa de Amora, Zaída, assim casada com um comerciante bem sucedido da região e que já vinha de uma família, em comparação às demais residentes do Mucuripe, com uma boa situação financeira, se verá um pouco mais distante da residência de onde sua mãe habitava, pois antes morava na rua de trás, coladinha, do lado mesmo. Também por ocasião da construção da Avenida Henrique Saboia (Via Expressa) tem sua residência demolida do local e passa a ser moradora no Edifício Marinho de Andrade, localizado no Mucuripe, só que agora a filha de Aída foi morar de frente para o mar, em uma residência mais valorizada na perspectiva imobiliária.

Um adendo a se esclarecer que o Edifício Marinho de Andrade ainda é conservado, contudo com menos glamour do que já foi referência um dia, pois frente a todos arranha-céus que foram sendo construídos no intuito de servirem como residenciais e hotéis, o antigo prédio, conhecido por muito tempo como o maior empreendimento da região da Beira Mar, hoje não faz frente aos novos empreendimentos, pois à época de sua construção era mais comum pavimentos apenas de no máximo de 3 a 4 andares (CAVALCANTE, 2017).

Interessante dar uma pausa explicativa para a formação de Zaída ser o magistério, e de não o ter exercido, ou melhor, da não dedicação maior à dada ocupação. Isso não se configura anormalidade, pois era comum que mulheres, ainda meninas que tivessem acesso ao estudo, escolhessem a formação para professora, como apenas um acréscimo em suas

adjetivações, um dado de que esta era uma mulher, minimamente, culta e esclarecida. Situação que permeou a juventude da professora Aída Balaio e que era tão comum quanto recorrente na realidade de suas filhas. O fato é que Dona Zaída – apesar de não ter atuado da mesma forma, como a mãe, isto é, não ter exercido a profissão de professora, e assim não ficar popularmente referendada no Mucuripe como docente, e sim como a esposa do Zé Amora e a filha de Aída que tinha uma voz linda, a qual cantava nas missas da Igrejinha de São Pedro – não deixou de ser lembrada também com grande respeito por parte da memória do Mucuripe.

Como os filhos de Aída não estão mais vivos ocorreu-nos grande preocupação em encontrarmos possíveis discentes da docente. Porém, durante o mês de julho de 2018, entramos em contato inicialmente com a Dona Tatá, Otacília Verçosa, por até então ser, de nosso conhecimento, a única discente ainda viva e ainda moradora do Mucuripe. Indicações da neta de Aída, a discente da educadora, por ser do Mucuripe e ali residir ainda, depois de muitos anos, foi referendada como uma das minhas maiores possíveis fontes de acesso a Balaio.

Dona Tatá é uma mulher idosa, que perpassa por problemas de saúde ultimamente, frutos da idade e da dedicação das ações de assistencialismo. O diálogo com Dona Tatá não foi tarefa tão fácil, não só por conta de suas limitações da idade, mas por ser uma mulher dita de pulso firme, que ainda trabalha e se dedica no alto dos seus 90 e poucos anos a uma casa comunitária que desenvolve atividades para idosos. Dona Tatá é dedicada a essa associação que foi vislumbrada e iniciada por seu progenitor, tanto que em sua homenagem, deu o nome de Associação Oscar Verçosa.

O primeiro contato foi possível devido a aproximações de familiares da pesquisadora com a entrevistada, que acabou facilitando muito todo o processo. Conseguimos o presente de sermos recebidos pela senhora de corpo ativo e de mente mais ativa ainda. Um momento rico de sentar e escutar, de ouvir e contar, a discente de Aída, mesmo em meio a barulho da rua e de algumas intervenções aleatórias quando ela direcionava a palavra aos outros presentes, mas que nos possibilitou vislumbrar um pouco de sua representatividade, de sua relação com o Mucuripe e de falas carinhosas sobre a sua madrinha, Aída Balaio.

Logo de início, mostrou-nos de forma altiva um pouco de si e do local que desenvolvera, assim como um pouco de sua própria história, mas, ao sentar para entender melhor sobre o que queria e pretendia ali, Dona Tatá manda de imediato um sobrinho, seu escudeiro, como ela o adjetiva, trazer água de coco como gentileza de sua recepção; e começa a falar um pouco de Aída, do Mucuripe, da sua relação como discente, da relação que

desenvolveu como amiga dos Balaios, filhos de Aída, e, em especial, de como talvez nem mesmo a Aída tenha conseguido ter ciência de como ela, a docente, teria a transformado em uma aprendizagem replicadora de seus ensinamentos por considerá-la inspiradora, do que Dona Tatá fez e ainda faz pelo Mucuripe.

Também fizemos uso da oralidade de Dona Tatá em outra entrevista, esta concedida ao jornalista Ruy Lima para o programa Memória Viva, que teve Otacília Verçosa como o foco e protagonista, para versar sobre si, sobre o Mucuripe, os jangadeiros, o mar, as políticas, sobre a História Local. O programa fora exibido em 21/07/2012 e realizado sobre o apoio da TV O POVO. A entrevista encontra-se disponibilizada na internet, mais precisamente em uma busca simples no Google, onde conseguimos visualizar o programa, postado em quatro blocos de uma média de 10 minutos cada, trazendo um texto junto ao vídeo, apresentando justificativa da então proposta de reportagem<sup>33</sup>.

No entanto, no perpassar dos escritos da tese, fez-se necessária uma nova visita à Dona Tatá, que se prontificou novamente a nos auxiliar na constituição desta biografia. Na ocasião, fomos à busca de mais detalhes e informações, agora fomentando e direcionando mais sobre algumas das lacunas que não conseguíamos explicar. Tratou-se, assim, de um momento válido, pois outras revelações e nuances de como a família Verçosa tornou-se próxima a dos Balaios, como também a lembrança de outros discentes que até então não haviam sido lembrados durante os relatos de memória de Otacília.

#### 3.4.1.1 Aída e as narrativas de familiares e discentes

Já quase na reta final do desenvolvimento da pesquisa, tivemos a felicidade do encontro com mais colaboradores necessários para conseguirmos sanar alguns esquecimentos e lacunas que a historiografia até então construída ainda apresentava. Em outubro do presente ano de 2019, em uma conversa aleatória com Dona Ozita Carmo, moradora antiga e

---

<sup>33</sup> Texto: Os olhos se abriram para o Mucuripe. A primeira vista e talvez a última que terá em vida. Filha de pescador acompanhava da terra as jangadas se afastando da orla, até que não se conteve em descobrir por conta própria a sensação de estar do outro lado. Vinte e quatro horas desaparecida com outros jangadeiros, foi a primeira e última vez em que pôde sentir as mesmas sensações vividas pelos homens do mar em suas aventuras. Jovem, conheceu Orson Welles em sua estadia em Fortaleza e fez parte do filme. E não só foi a atriz preferida do cineasta, como alvo de sua paixão e de um pedido de casamento. Pedido negado, noivados posteriores que não deram certo; adulta, virou líder comunitária. Conheceu presidentes da República e prefeitos de Fortaleza. É ela responsável pela retirada dos moradores do Mucuripe para que o governo urbanizasse a orla. Polêmica mudança era vista como a possibilidade de garantir melhor qualidade de vida para os que ali residiam. A Memória Viva deste sábado é de Otacília Verçosa, a dona Tatá, em entrevista exclusiva ao jornalista Ruy Lima. (a entrevista está disponível on line e pode ser visualizada pelo site youtube).

referência no trabalho de lavadeira no Mucuripe, a caminho da antiga padaria em funcionamento do bairro, conseguimos obter mais informações.

Os esquecimentos e lacunas supracitados, indicamos que seria principalmente em torno de como conseguiríamos construir um perfil da didática, da prática da vivência de Aída Balaio em sala de aula, apenas por um relato e ainda mais de alguém tão próximo da família, afilhada de Aída. Então, o encontro de mais discentes, se tornou um posicionamento mais palpável de quem era a educadora Aída em sala de aula.

Caminhando com seu pai, a pesquisadora, ao ser apresentada àquela senhora, referendada como uma das mais antigas da travessa São João, uma das ruas mais remotas do local, acaba por indagá-la da possibilidade de saber se aquela senhora chegou a conhecer Aída Balaio. Para nosso deleite, esta senhora não só conheceu a professora, como relatou que ela e sua irmã foram discentes dela, e que foi com Aída, praticamente, que obteve conhecimento de escola, de educação. De pronta, marcamos um momento viável a ela que pudesse nos receber para que coletássemos sua narrativa, logo de pronta explicamos o objetivo da pesquisa e como funcionaria sua colaboração.

Retornamos umas duas semanas depois, e Dona Ozita Carmo nos recebe na residência de sua irmã Arlinda, pois a residência que achávamos ser dela, na verdade era de sua irmã mais jovem, pois a dela ainda é a de herança de seus pais, de fundo correspondente a de sua irmã que fica de frente para a travessa São João, a qual se localiza atrás da mais antiga Igreja evangélica do Mucuripe, a Batista Regular, em uma rua sem saída, uma travessa conhecida como Rua do Luar. Enfim, ela foi alfabetizada, assim como sua irmã, por Dona Aída e depois de moça e adulta chegou por muito tempo a trabalhar na lavagem de roupas dos filhos da Balaio, por quem ela dedica, em sua narrativa, grande apreço.

Nas andanças e indagações feitas no perpassar pelas ruas do bairro, encontramos um cliente frequentador de um estabelecimento, descrito como um mercadinho, chamado Rei do Coco, que fica de frente ao Campo de Futebol do Mucuripe, Terra e Mar. Este cliente é conhecido como Gavillan, o senhor Magalhães (2019) ficaria mais conhecido por todos por Gavillan, filho de moradores antigos do Mucuripe e que ali ainda reside, famoso até por ter sido um dos grandes destaques do futebol desenvolvido no Mucuripe que o oportunizou fazer parte do elenco de times renomados do estado do Ceará. Disse-nos que foi aluno de Dona Aída e marcamos de pronta uma entrevista, logo após explicar do que se tratava o dado procedimento e como ele poderia nos auxiliar.

Ao escutar o diálogo com o ex-jogador, outro cliente frequente daquele estabelecimento e conhecido do pai da pesquisadora perguntou se já havíamos ido conversar

com o Jotinha, morador antigo de uma área do Mucuripe conhecida como “Cidade Baixa”<sup>34</sup>, da família dos Verçosa, que já destacamos aqui serem amigos dos Balaio, até tivemos um breve contato, mas não nos foi oportunizado a realização de uma entrevista. A conversa realmente foi bem breve, nos confirmou a informação que tinha sido discente de Aída, que conheceu de perto sua família. Sobre ele, posteriormente, descobrimos ser primo legítimo de Dona Tatá, bem como que sua residência encontra-se na Praça conhecida por Cidade Baixa, mas que desde 1971 ganhou oficialmente outra nomenclatura e, posteriormente, foi inaugurada em 1972 e reinaugurada por gestões da prefeitura municipal de Fortaleza em mandatos diversos.

O nome dessa praça é Olímpio Meira, personagem que, apesar de não ter nascido no Mucuripe, se destacará junto aos colegas de profissão do bairro e terá sua história também envolta com a personagem Aída. O conhecido Jacaré é um dos 4 homens que, no período de Vargas no poder, vão em busca de melhorias para sua categoria, e como homens simples mais corajosos e ousados viraram temática de roteiro de filme, justo o que Aída se envolvera com a direção de Orson Welles<sup>35</sup> no filme "It's All True" (É Tudo Verdade).

Na década de 1940, esses quatro pescadores cearenses navegaram, a bordo de uma jangada, entre as cidades de Fortaleza e Rio de Janeiro. Queriam protestar e chamar atenção do então presidente Getúlio Vargas para a situação em que viviam os pescadores. (NEVES, 2007). Há época estávamos no período conhecido na história como a Era Vargas (1930 - 1945), e na década de 1940, Vargas já estava em seu terceiro mandato consecutivo, mas neste período seu governo terá características ditatoriais, e que, na verdade, era um momento tenso mundialmente, pois estávamos em meio a Segunda Guerra Mundial.

Welles vislumbrou naquela viagem homérica mais uma história para seu filme "It's All True" (É Tudo Verdade). Durante filmagens no Rio de Janeiro, a jangada virou e um dos pescadores ao ser lançado desapareceu, seu corpo nunca foi encontrado. Apesar do trágico ocorrido, o diretor ainda continua as filmagens só que em Fortaleza, onde passou cerca de seis semanas. (HOLANDA, 2007).

Na continuidade de nossas buscas, ainda entrevistamos Dona Terezinha Bernardino, moradora antiga da Rua Alto da Saúde, localizada bem próxima à residência da docente, cerca de quatro residências à direita dos Balaio; mas senhora Bernardino relata não

---

<sup>34</sup> O nome Cidade Baixa refere-se à Rua Boa Vista, onde ficava o fluxo do Club Terra e Mar, famoso por produzir festas e carnavais conduzidos no Mucuripe. Sendo um aglomerado de casas que, literalmente, é uma baixa localizada na encosta do morro/duna que hoje é uma subida que lhes leva em direção ao Castelo Encantado.

<sup>35</sup> Mais à frente iremos esclarecer que tipo de participação nessa dada produção e qual a relação que Aída tinha com o cinema.

ter tido, praticamente, quase nenhum contato, conheceu melhor Zaída, sua filha, mas foi contributiva com a descrição do cenário que circundava a casa dos Balaio e sobre o que era o Mucuripe daquela época. Foi a partir da filha de dona Terezinha Bernardino, Heloísa Bernardino, que chegamos à Dona Maria da Silva Rocha, esta se declara afilhada de Aída, dentre tantas crianças da conhecida madrinha do Mucuripe, pois referêcia muitas vezes Aída como a madrinha do Mucuripe, a madrinha de quase um bairro inteiro, a madrinha de mais de 350 afilhados.

Infelizmente, a afilhada também não foi discente e ou tinha maiores detalhes a falar sobre Aída, no entanto, também possuía uma narrativa lúcida sobre o Mucuripe antigo, sobre as atividades de ganho que se desenvolviam ali, filha de pescador e de uma marisqueira<sup>36</sup>, teve seu sustento, até aposentar-se, na produção e venda do Labirinto, artesanato muito comum, desenvolvido por várias mulheres do Mucuripe e que Dona Birrita só faz por hobbies e ou para presentear familiares e amigos. Contudo, já destacamos aqui que essa senhora coloca que havia ensino para filhos de pescadores na colônia Z-2, e que foi lá que se alfabetizou, indicando que, em Dona Aída, para estudar pagava-se e que seus pais não tinham condições para isso.

Nesse mesmo dia, perpassando pelas ruas do Mucuripe, indo comprar uma ferramenta em um depósito localizado na Rua Córrego das Flores, localização da Igreja Batista supracitada, hoje a rua que inicia o Mucuripe, do lado do Morro, para além dos trilhos, vimos que ali estava de frente um Senhor que outros moradores indicavam de profissão ser um ex-marítimo<sup>37</sup>. Tal senhor, de idade bastante avançada, tem sua aparência já bem fragilizada, assim como sua voz e sua locomoção já dificultada. Seu Osvaldo Cândido de Almeida apresenta-se como um antigo morador daquela rua, mas que hoje, mesmo ainda morando no Mucuripe, reside em outro local, ao indicar, afirma ficar do lado de lá do trilho, do lado de lá da Via Expressa, em direção à Avenida da Abolição; relatou-nos ter sido aluno de Aída, mas por pouco tempo, tanto que sabe ler e escrever quase nada, mas o objetivo, ao procurar a escola da professora Balaio, foi por necessitar saber minimamente as quatro operações matemáticas, uma espécie de exigência para submeter-se a ser marítimo, conhecimento básico solicitado. Assim, fora aluno já adulto, como os outros de sua turma e não pagou nada por ter assistido às aulas.

No findar do mês de outubro do ano de 2019, Sayonara Santos fez a indicação por conversa em aplicativo de mensagem, afirmando que encontrara um senhor chamado Júlio

---

<sup>36</sup> Marisqueira: mulher quem pega e ou vende mariscos.

<sup>37</sup> Marítimo: relativo ao mar, no caso com quem trabalha com o mar, seja no cais do porto ou embarcado.

Pinto, que lhe contara com grande orgulho ter sido aluno de Aída Balaio, e que ela foi uma das pessoas mais importantes para ele, pois teria o oportunizado a mudar de vida, a sair da realidade de um simples pescador jovem para um oficial da Marinha, isto tudo por meio de seus ensinamentos. Fomos à residência referendada por Santos (2019) e encontramos um senhor de aparência ainda bem conservada, receptivo e acolhedor, nos recebeu de pronta ao falarmos no nome de Balaio. Esclarecemos o que buscava, do que se tratava e o que queríamos de sua memória.

Júlio foi aluno de Aída já na proposição de jovens e adultos, mas ele não foi alfabetizado por ela, sua experiência como discente foi quando, por volta de uns 15 anos, ele narra que Dona Aída, junto a um oficial da Marinha, chamado Amaral<sup>38</sup>, pergunta, na praia, a jovens que já se dedicavam à pesca, se não tinham interesse e pretensão de tornar-se marinheiro, e caso a resposta fosse positiva, oferecia ajuda, indicava que lhes daria aulas preparatórias para o exame de admissão na Escola de Aprendizes e Marinheiros.

Pinto (2019) obteve êxito, aprovado na seleção deixa a vida dura e sem grandes perspectivas de um simples pescador, para dedicar-se até a aposentadoria à Marinha, que o oportunizou conhecer diversos lugares, e hoje ter, em sua fala, uma qualidade de vida de quem conseguiu aposentar-se cedo e voltar a sua terra natal, ao seu bairro de origem e lá residir com sua família. Conta-nos que, assim como a casa de Aída, teve o terreno da casa que residia, herança dos pais, tomado, rasgado pela construção da Via Expressa, alega que o terreno começava do lado do trilho do trem e acaba de frente à pracinha do Coqueiro, na rua que leva o nome de seu avô Júlio Pinto. Destaca que sempre foi grato a Balaio, sempre que podia e vinha visitar os pais, os quais conseguiu melhorar a qualidade de vida, fazia visitas de agradecimento à professora e sempre buscava trazer algo para presentear-la mostrar um pouco de sua gratidão àquela figura.

Encontramos logo depois com o Senhor José Maria, oficial da Aeronáutica, vizinho das proximidades da residência de seu Júlio, e este foi quem nos indicou seu Zé Maria como um antigo discente da Balaio. Em uma segunda tentativa na ida a sua residência, obtivemos êxito e fomos prontamente acolhidos por este senhor – salientamos que sim, ao falarmos de Aída Balaio, quase que como uma nomenclatura mágica, nos abre portas e memórias de moradores antigos do Mucuripe, e com ele não foi diferente, mesmo sem ainda ter conseguido explicar as razões daquele encontro e da busca de sua colaboração. Deixamos

---

<sup>38</sup> Não temos nenhuma referência a mais que nos indique melhor de quem se tratava esse oficial e qual sua relação com a família Balaio, e de sua amizade com Aída, nem familiares e nenhum dos outros colaboradores entrevistados sabem nos esclarecer melhor.

que o Senhor Zé Maria nos contasse sobre o quanto orgulhoso era de ter obtido êxito na sua carreira profissional, de ter feito jus à dedicação de seus pais, de origem extremamente simples, ao propor ao filho o caminho dos estudos e do conhecimento.

Estudou na Escola José, Maria e Jesus<sup>39</sup>, no centro da cidade, mas com o tempo ficou pesado para seus pais terem de bancar o dinheiro da passagem e da alimentação de seu filho ainda pequeno, assim o colocaram para estudar com Dona Aída, em sua escolinha. Destaca-se que a escola não tinha nome na frente nem nada, mas era assim que chamavam. Lá começa a estudar com uns dez, onze anos mais ou menos pelo que relata. Diferente do Senhor Júlio, Zé Maria estudou ainda criança com Balaio e lá relata que teve uma das melhores bases da matemática, narrando que suas aulas eram boas, que se aprendia mesmo com ela; assim como alega que seus pais chegaram a pagar, sim, algo simbólico, mas como uma espécie de mensalidade, para que ele estudasse ali, e Júlio diz que ali era tudo de graça.

Há divergências entre a fala de antigos moradores e discentes da Aída no Mucuripe, pois a maior parte fala que ela nunca cobrou nada, tanto que sequer os pais tinham condições para isso, mas não por conta disso, ali deixaram de estudar. Outros já relatam que os pais direcionavam algum pagamento para a compensação dos trabalhos da professora, mas sem saber ao certo a quantia e como se dava essa dada negociação, proposições que retomaremos quando formos discorrer sobre a atuação de Aída na Educação no Mucuripe.

As últimas entrevistas foram cedidas por netas de Aída, de idade bem mais avançada do que Sayonara Santos. Teda de Castro Chagas, Tânia de Castro de Chagas, Aída de Castro Chagas nos receberam em seu apartamento, depois de investidas para esse encontro, intermediado por Sayonara. As três primeiras citadas são senhoras bem ativas, de maravilhosa recepção, com vivacidade e memória ainda bastante conservada sobre sua avó. Filhas de Nair, segunda filha mulher dos Balaio, moram todas juntas, onde apenas casou-se Aída, a mais nova, mas já separada, agora reside com suas irmãs mais velhas.

Coloquei que somente três das moradoras nos concederam entrevista, mas existe uma quarta filha de Nair, Thays Castro Chagas, a que de idade seria depois de Teda, sua irmã mais velha, mas sofre com a doença do Alzheimer, e por isso, infelizmente, não tivemos como conversarmos, apesar de lamentarmos muito, pois foi a neta que Aída Balaio criou. Thays é apontada como a queridinha da avó, pois foi à neta de Aída Balaio que conviveu como filha, indicada pelas irmãs e pela prima Sayonara Santos (2019), afilhada dela, e que a tem como

---

<sup>39</sup> Colégio Jesus, Maria José, educandário para meninos, ladeado pela Igreja Pequeno Grande e assim também pelo Colégio Imaculada Conceição, recebia meninos desvalidos. Sob a direção das Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo, no mesmo prédio já funcionou antes do educandário, outras propostas como cine e atividades paroquiais. (CASTELO, 1970).

uma segunda mãe, Thays seria a filha que a professora Balaio mais gostava. Assim, apesar de viva, a neta-filha, digamos assim, de Aída Balaio seria a que mais poderia nos descobrir intimidades da docente, que só quem passou mais tempo junto poderia revelar, mas por conta da doença, que atingiu justamente sua memória, não pode mais nos contar diretamente sobre suas impressões e emoções.

Esclareço que o não encontro mais breve com estas netas não se deu por razão, primeiramente, de refuto das mesmas, não que não pudessem ou quisessem colaborar, mas esclareceram, em nossa visita, que achavam, quando Santos (2019) intermediava o contato, que tinham de ter fotos, documentos, enfim comprovações da vida da docente, e isso não tinham, assim como acreditavam que o pouco que sabiam e lembravam não era tão importante, pois não moraram com a “Mãida”, como Thays, que era quem poderia nos relatar muito mais detalhes.

Em sumo, tivemos a favorável contribuição de: Magalhães (2019), Carmo (2019), Ramos (2019), Oliveira (2019), Pinto (2019), Lima (2019), discentes de Aída; como também contamos com a colaboração de Dona Raimunda, Dona Maria da Conceição (irmã de Mundinha), Dona Maria, Dona Terezinha e Carmozinda representando moradores antigos e ativos do bairro; e de Brígida e Malu, foram alunas de Zaída, na casa de Aída e conseguiram ser contribuintes tanto como observadoras da casa da educadora como em comparações de seus ensinamentos com a filha em relação ao irmão mais velho, conhecido como Doca, que teria tido uma vivência mais rica ao ser aluno mesmo de Aída; além de Santos (2019), neta de Aída e Verçosa (2019), afilhada e discente, que revisitamos. Organizamos o **Quadro 2** abaixo para facilitar a compreensão dos leitores, de modo geral, na identificação das fontes e onde se pode encontrá-las. Desse modo, no primeiro, incluímos informações de quem eram os entrevistados e qual relação direta ou indireta tinham com Aída.

**Quadro 2 – Fontes orais**

<b>Fontes orais</b>			
<b>Pessoa entrevistada/ Forma de Referenciar</b>	<b>Relação com a biografada</b>	<b>Datas das entrevistas</b>	<b>Duração da entrevista (Total do tempo)</b>
Sayonara Santos  (SANTOS, 2016/2017/2018/2019)	Neta	17/08/2016 28/01/2017 18/05/2018 09/11/2019	2h35min
Noêmia Mourão Balaio  (BALAIO, 2016/2018)	Nora	17/08/2016 28/01/2017 18/05/2018	1h45min

Otacília Verçosa (conhecida por Dona Tatá) (VERÇOSA, 2018/2019)	Discente	22/05/2018 22/10/2019	1h40min
Otacília Verçosa (conhecida por Dona Tatá) (VERÇOSA, 2012)	Discente (Entrevista cedida ao jornalista Ruy, utilizada aqui também como fonte)	21/07/2012 (revisitada no mês 07/2019)	40min
Raimunda Alves de Sousa (Dona Mundinha) <sup>40</sup>	Moradora antiga do Mucuripe, referência da memória do bairro.	21/10/2019	25min
Carmozinda Silva Sousa (SOUSA, 2019)	Moradora antiga do Mucuripe.	22/07/2019 15/10/2019	40min
Ozita Josino do Carmo (CARMO, 2019)	Discente	30/10/2019	31min
Gaivillan (Antônio Júnior Magalhães) (MAGALHÃES, 2019)	Discente	10/11/2019	20min
Terezinha Bernardino de Sousa	Moradora antiga do Mucuripe, de residência bem próxima a da professora Balaio.	05/11/2019	12min
Maria da Silva Rocha (ROCHA, 2019)	Afilhada de Aída e moradora antiga do Mucuripe	05/11/2019	20min
Neusa Costa (COSTA, 2019)	Amiga da família Balaio, moradora antiga do Mucuripe	05/11/2019	25min
Júlio Pinto Pereira Neto (NETO, 2019)	Discente	12/11/2019	30min
José Maria Albino de Lima (LIMA, 2019)	Discente	12/11/2019	18min
Osvaldo Cândido de Almeida (ALMEIDA, 2019)	Discente	10/11/2019	15min
Teda de Castro Chagas (CHAGAS, 2019c)	Neta	19/11/2019	35min

<sup>40</sup> Dona Mundinha é uma artista plástica conhecida não só por seu trabalho, mas por ser sim uma referência de memória e resistência do Mucuripe antigo que teima em criar raízes em suas ruas, casas e espaços.

Tânia de Castro Chagas (CHAGAS, 2019b)	Neta	19/11/2019	20min
Aída de Castro Chagas (CHAGAS, 2019a)	Neta	19/11/2019	20min

Fonte: Produzido pela autora (2019).

A importância de Sayonara Santos, dentre os colaboradores supracitados, deve ser destacada, pois essa neta Balaio, dentre os membros da família, foi quem abriu as portas de sua casa a nos confiar os mais diversos documentos e memórias que não foram para nós simples fontes, mas uma gama valiosa de informações que nos proporcionaram a aprovação no doutorado, por, durante a entrevista seletiva, já estarmos embasados com muitas fontes de referência de Aída, foi de cunho crucial para o êxito do processo. Nessa esteira, o apoio de Sayonara Santos foi um auxílio indispensável na continuidade da pesquisa e para a constituição biográfica. Dentre exemplos dessas fontes, concedeu-nos acesso à carteira de identidade, ao atestado de óbito, ao comprovante de aposentadoria, às fotografias de família, às nomeações e outras particularidades de nossa biografada, além de entrevistas e indicações de possíveis outros colaboradores.

### 3.4.2 Documentos escritos

A Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel é um locus que podemos nos apropriar de jornais, para além de outras obras e fontes. Em pesquisa nessa biblioteca, encontramos: o periódico *O Nordeste* e *O Povo*, do ano de 1922 e 1923 respectivamente, que remete algumas mudanças na questão da lotação de professores nos ditos novos prédios escolares, assim traz a lotação de Aída no dado momento; *O Nordeste*, menos completo, mas um pouco mais conservado, encontramos também na Sala de História, que guarda e disponibiliza a pesquisadores a consulta de diversos livros e documentos na sede da Universidade Católica que compartilha o prédio com o Seminário da Prainha.

O Jornal *O Povo*, posteriormente, acabamos revisitando-o em outros momentos, datas, também diversas, pois a seleção não era por tentativa de abarcar todo um período, mas narrativas e outras fontes foram direcionando para outros números e exemplares, sobre o Mucuripe em si, sobre Aída e sobre a Educação do Ceará naquele contexto.

O Almanach do Ceará<sup>41</sup> de 1923, que trata não só de informações sobre a Aída em si, mas sobre as principais mudanças e ações pertinentes à questão econômica, social e à educação no Ceará durante o período de 1922 e 1923, assunto também encontrado na dada Biblioteca, contudo, consultamos ali o período referendado de 1923 a 1938, pois era o que tínhamos disponibilizado.

Contudo, nas idas e vindas, entre o acervo da Biblioteca e o acervo da Sala de História do Seminário, conhecemos um historiador, que já exerceu a profissão docente, mas hoje da continuidade à sua curiosidade de pesquisador e escritor, seu nome Lucas Júnior. Este escutou minhas indagações aos funcionários desses locais, indagou-me o que procurava, o que estava pesquisando, assim me ajudou dando dicas do que conseguiria encontrar nos acervos públicos locais. Esse colega de profissão nos disponibilizou arquivos referendados dos Almanques do Ceará –, pois estes, nos escritos foram de grande valia, por publicitar muitos dos fatos e feitos da Educação no período da década de 1920, e assim nos auxiliou sobre leis, decretos, mudanças, adaptações que nos proporcionaram entender algumas ponderações e apontamentos do que estava ocorrendo em torno do contexto e práticas educacionais de Aída Santos e Silva no início de sua configuração como servidora pública. Revisitamos todos do período entre 1897 a 1938, disponibilizados por Lucas Jr.<sup>42</sup>, e alguns anos anteriores também analisados, mas esses números foram encontrados disponibilizados no site da Biblioteca Nacional, no setor da hemeroteca, até a década de 1940.

Nessas citadas fontes, encontramos menção à educadora como um dos nomes que assumiu – Aída Balaio ou Aída Santos e Silva – sua efetivação no serviço público. O período em destaque fazia referência da biografada como professora do Grupo Escolar do Outeiro (que anteriormente, chamava-se 3º Grupo Escolar e só terá a nomenclatura de Grupo Escolar Clóvis Beviláqua em 1947) e da Escola de Ensino Fundamental e Médio Clóvis Beviláqua (esta manteve a nomenclatura desde 1959) (SANTIAGO, 2011).

Fizemos visitas ao acervo do Instituto Histórico, a partir da Revista da instituição, produzida e publicada desde os documentos ali existentes e já catalogados. Documentos originais, em PDF, disponibilizados em CD, e alguns em mídia eletrônica via internet. A revista nos indicou o *Catálogo Ilustrado de Fortaleza* e um documento de autoria do Nirez, de 2010, intitulado *Datas e fatos para a História do Ceará*, no qual encontramos notícia de seu falecimento, como também da homenagem prestada a ela na nomeação do CIES.

<sup>41</sup> Almanach Estatístico, Administrativo, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará – Almanach Ceará.

<sup>42</sup> Conhecemos durante as idas à Biblioteca Estadual Menezes Pimentel e a Sala de História do Seminário da Prainha, apresentada pelo historiador, pesquisador e colega de profissão docente, Lucas Jr., o qual acabou se tornando um de nossos colaboradores nas buscas pelas fontes para a dada pesquisa.

No Arquivo Público do Ceará, encontramos fontes de naturezas diversas, como publicações de nomeações dos Presidentes do Estado, Relatórios administrativos e de cunho escolar. Localizamos, dentre os registros oficiais, alguns pontuais documentos que nos sinalizam Aída Santos e Silva nos seus manuscritos e relatórios, referentes aos Ofícios e aos Recebidos – Caixas de Instrução Pública (1922-30). Na busca nos relatórios de instrução pública do estado, conseguimos encontrar dois documentos que mencionavam inicialmente sobre a licença médica na qual Aída solicitava afastamento de seu trabalho, assim como, posteriormente, ainda no mesmo ano de 1922, um documento declarando o seu retorno às atividades.

O documento de nomeação de Aída para assumir como professora do grupo escolar do Outeiro, antigo nome da atual Escola Clóvis Beviláqua, encontramos, de início, na tese de Santiago (2011), transcrito, fazendo referência ao Almanaque do Ceará. Identificamos o dado documento, de extrema importância para nossa delimitação temporal, já que iniciamos nossas buscas a partir do ano de 1922, pela maior organização educacional cearense, devido a uma reforma que acontecera naquele mesmo ano. Assim, tanto o documento de nomeação quanto a própria reorganização educacional cearense pontuaram o ano de 1922 como um ano / marco crucial no processo de mudanças e avanços na prática, algumas vezes, e na perspectiva teórica, principalmente, para a demarcação do norte inicial de nossa biografia. No entanto, no transcorrer da pesquisa, acabamos encontrando outros indícios, assim como uma Xerox da carteira funcional de Aída, a qual nos revelou que ela já estava na prática da docência muito antes do ano de 1922.

Um ponto a esclarecermos aqui é a questão da tese de Santiago (2011), uma produção da história da educação sob a temática da arquitetura escolar, objetivando compreender, a partir da análise dos prédios de grupos escolares, de escolas modelos e colégios de ensino secundário, como podem refletir questões pedagógicas, propostas educacionais, frutos de um pensamento e contexto histórico educacional. Entendam que estamos explicando do que se trata a dada tese, pois apesar de nela constar somente o nome de nossa biografada, em uma nota de rodapé, e em um documento anexo, essa produção acabou sendo uma luz de onde procurar e como interpretar os almanaques, revistas, jornais e acervos escolares que a autora tivera acesso, o que possibilitou reflexões ainda mais ricas.

Além disso, Santiago (2011) dedica-se a descrever e falar um pouco dos significados históricos que o prédio da escola secular Clóvis Beviláqua pode revelar. Tais informações foram relevantes, pois essa instituição foi, praticamente, a única que Aída lecionou durante a Educação Formal, no ensino primário, para além dos fronts do Mucuripe.

Encontramos Aída de forma totalmente aleatória, nos anexos da tese de Santiago, o nome da docente como parte integrante dos servidores que trabalhariam na escola. Assim, não tinha algo direto sobre a nossa biografada, mas foi sim de grande valia, para realizarmos uma dada afirmativa, a de que Aída participou de alguma forma, direta ou indireta, da reforma na educação em 1922, no Ceará.

**Figura 11 – Carteira de Identidade de Aída Santos e Silva (a última feita por Aída no ano de 1967)**



**Fonte:** Arquivo Pessoal da Família Balaio

Trazemos aqui a imagem da identidade de Aída, primeiramente, para discutirmos um pouco de uma breve confusão que possa se ter entre a data exata do nascimento da professora. Na identidade, mais atual antes de seu falecimento, para sermos mais exatos, menos de dois meses antes do ocorrido, somente, consta que Aída Santos e Silva nasceu no ano de 1897, nem consta o dia e nem o mês do ocorrido, contudo durante a investigação fomos encontrando outras fontes que ratificam a data de 1889 como o ano de seu nascimento. Inclusive, encontramos datas de outros momentos da vida da docente, que a impossibilitava de ter realizado tais atividades se tivesse nascido em 1897.

Assim, inicialmente, havíamos resolvido tomar como data correta a que estava em seu documento de identidade, já que os familiares entrevistados não souberam dizer as razões reais de um possível conflito na data. Contudo, necessitávamos resolver a problemática, questionando e analisando melhor, assim, as fontes, inclusive junto aos familiares e demais colaboradores. Percebemos, então, que o único local que constava o ano de 1897 era o dessa carteira de identidade, que por motivação desconhecida saiu com erro, logo, passamos a usar o ano de 1889. No entanto, fomos fomentados a nos indagarmos mais e trabalharmos mais

sobre o dado conflito de data, em um momento mais artesanal de constituição desses escritos. Ocorria, de forma comum, erros de registros, por demora de pais e ou indivíduos já adultos para realizarem a confecção de seus documentos. A mais, há a possibilidade de Aída ter proposto como idade, anterior, a de 1889, para poder conseguir adentrar logo o mercado de trabalho, de fato, também é possível.

Todavia, diante de diálogos com outras fontes e com os colaboradores, todos afirmam que Aída morreu em janeiro de 1970, com 81 anos, acometida por um câncer de estômago, o qual já vinha deixando a docente debilitada; tanto que as netas, filhas de Nair, como Santos (2019), acreditam que pode ter sido até outra pessoa que retirou o documento para ela, em 21/11/69, pois, nesse dado período tão próximo a seu falecimento, a educadora já estava sempre de cama, uma vez que havia escolhido morrer em casa, ou seja, não cogitam de ela ter ido pessoalmente solicitar a confecção desse documento, RG.

Minha avó morreu de câncer de estômago, mas no final já da vida dela, nos 3 últimos anos, foi que piorou mesmo. Ela não queria ir para hospital, disse que queria ficar em casa que queria morrer em casa tanto que pagaram um médico particular o Dr. Bento Bruno Pimentel para vir aqui cuidar dela. Ela morreu tranquila rezava muito. Na época, tinha a barriga inchada. Mas minha vó era muito religiosa só andava de matilha só saía se fosse de matilha, era irmã de Maria, ela. (SANTOS, 2019)

Porém, além dessas duas incongruências de informações de datas, nos surgiu algo que acreditamos ser ainda mais conflituoso, dentre as informações fornecidas como fontes sobre a Balaio. Uma Xerox encontrada, durante a procura pela biografada, na residência de Sayonara Santos, antiga residência da docente, o achado de uma fotocópia do que seria a certidão de óbito da professora (em anexo), atestando a data de 19 de janeiro de 1970, do seu falecimento. Não havíamos questionado e ou observado qualquer problemática de incongruência no dado documento, até observarmos que os nomes dos pais de Aída não são os mesmo do RG, apontados pelos familiares como os corretos. Consta que Aída Santos e Silva seria filha de José Alves dos Santos e Januária dos Santos.

Santos (2019), sem ter uma explicação lógica para o ocorrido, pois nem tinha observado e ou tido ciência da situação até a indicação da pesquisadora, afirma que, assim como o RG pode ter sido feito por outra pessoa, o responsável pelo registro de óbito possa ter confundido. Temos plena ciência de que essa justificativa não é plausível, no entanto, não nos fora proposto nenhuma outra versão para o dado ocorrido. Contudo o papel reafirma uma informação cedida a nós por Santos (2019), a qual dizia que Aída possuía um médico particular, pois, mesmo no auge da doença, não aceitava ir para o Hospital, preferia ficar e

morrer em casa, o dado médico indicado era Bento Bruno Pimentel, o mesmo que aparece na certidão de óbito atestando a morte da professora Balaio.

Aproveitando, ainda, as informações que constam na carteira de identidade da docente, observamos que foi colocado como raça, no campo que corresponde à declaração de cor, que Aída seria parda. Aída era negra, não há como negar seu fenótipo pelo olhar de hoje e da possibilidade de reafirmarmos mais um personagem negro de importância e de resistência para destacar como referência na constituição da história e da historiografia brasileira.

A autora Davis (2016) que aborda em seus escritos diálogos sobre mulheres, raça e classe dentre uma pesquisa documental ao mesmo tempo de contribuições de suas experiências nos indica o quanto devemos problematizar sobre o reconhecimento da importante atuação das mulheres negras brasileiras, destacando este papel no que diz respeito a lutas históricas e contemporâneas pela liberdade. Aborda assim algo que devemos dar a devida atenção que seria a questão da representatividade de Aída enquanto mulher e negra de certo destaque em seu meio, de escolaridade e amizades, onde a população negra de forma mais maciça estava aquém nesses espaços e agregações.

Aída assim representa uma minoria de mulheres negras e ou de origem simples que não estavam exercendo funções sociais comum às mulheres, principalmente, as que estavam ao seu convívio no bairro do Mucuripe, como as lavadeiras, cozinheiras e donas de casa. Contudo, não podemos nos desvencilhar da busca por compreendermos quais eram esses limites que lhes era impostos e de que maneira. No entanto, tal importância não pode significar a incompreensão de seus limites e o que estava posto por trás do que nos passa a ideia de romper barreiras e obstáculos. Para além de simplesmente ocupar espaços, é necessário um real comprometimento em romper com lógicas opressoras. (RIBEIRO apud DAVIS, 2016, p. 13).

Entretanto, devemos e vamos refletir um pouco mais sobre a questão da cor no período abordado na tese. A declaração de Balaio como parda não a faz alguém que renega sua cor, ou como alguém que não conseguia se enxergar enquanto negra. Primeiro levante que iremos trazer é se seguirmos a linha de que o RG não fora solicitado diretamente pela docente, a declaração não se faz válida, pois a partir dela não podemos afirmar qual posicionamento diante de sua cor a Balaio se propunha. A mais, se trouxermos para uma perspectiva mais histórica, levando em conta a questão do contexto e dos conflitos de simbolismos e representatividades que a recente abolição da escravatura e a proclamação da República propunham, percebemos que naquele momento havia forte preconceito para com o negro, a ampla discriminação e a desvalorização de sua cor. (PRIORE, 2017)

Podemos indicar duas possibilidades que permeiam o contexto cearense no período, pois a Terra da Luz, além de ter sido o estado que primeiro libertou os escravos no Brasil, também tem sua configuração política, com a chegada da República, pouco modificada na estrutura do domínio de oligarquias. No estado do Ceará, apesar do término do que oficialmente teria sido a República Oligárquica, o que podemos observar na verdade é uma política, ainda atualmente, 2019, marcada por nichos políticos familiares, estruturados que remetem muito mais a uma continuidade de oligarquias que seguem a disputar o poder tanto dos governos municipais quanto do estadual, ou mesmo nas representações de deputados e do Senado. No entanto, o que queremos saber é por que Aída, negra, não se via nessa condição, e como ela conseguiu acessar lugares de mulheres brancas, e principalmente, de elite, sendo negra.

Há ainda, no Brasil, uma prática, e no Ceará não é diferente, de adjetivar negros como morenos (claros, escuros, bem escuros, misturado, de cor forte), na intenção de não indicar o que no período poderia ser tomado como algo pejorativo, renegando origens e raízes. No intuito de refletirmos sobre afirmações de que no Ceará não tem “negro negro”, que fulana é moreninha, que cicrano é mais escurinho, isto tudo para além ainda de maiores análises sobre a nomenclatura da afro-descendência, dos afro-brasileiros. No entanto, essa proposição ainda nos é tão atual, que existe um projeto de estudo e diagnóstico sendo desenvolvido, intitulado “O apagamento do negro no Ceará”, uma parceria de duas instituições públicas federais atuantes no estado do Ceará – IFCE (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará) e a UNILAB (Universidade Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira), na qual a pesquisadora desta tese faz parte enquanto um dos representantes do IFCE<sup>43</sup>.

O projeto tem o propósito de levantar a questão de como foi o desenvolvimento escravista no Ceará, quais as reais razões que possibilitaram o estado propor e efetivar a abolição antes do cenário nacional, não aceitando colocações de que aqui não existiam negros escravizados, que os que aqui trabalhavam em maioria eram domésticos e assim sem grandes conflitos de busca e concessão de liberdade. Pontuamos que tais prerrogativas se dão como uma forma de negar a resistência negra, e suas representatividades, enquanto lideranças de defesa da libertação da escravatura, dos quilombos e da identidade local com a cultural, proporcionando como um traço forte na sociedade cearense a ideia da morena e do moreninho ao mesmo do distanciamento da auto/heteroidentificação com a cultura afro-brasileira. Ainda

---

<sup>43</sup> O envolvimento e a representação da pesquisadora se intermediou pelo fato da mesma compor um núcleo de estudo sobre a questão afro-brasileira e indígena – NEABI vinculado aos institutos.

delineamos algumas questões sobre quem era e ou se enxergava negro no Brasil, logo após a abolição, destacamos que a posição econômica e social era de suma importância para a sociabilização, mesmo para os que “fugiam” aos padrões de cor da elite (PRIORE, 2017).

Nascida, Aída, em uma sociedade recentemente saída da caracterização escravista, como apresentava distinção social e participação política social sendo negra? Primeiro o acesso ao Imaculada lhe conferiu escolarização diferenciada, depois, seu marido se tornou delegado e ocupou um cargo de prestígio, que lhe conferiu maior visibilidade. Negar sua negritude era conveniente numa sociedade que via com maus olhos os negros. No silêncio em relação a sua cor é que percebemos a sua não identificação com ela e um não dito de declará-la enquanto, pois Aída Balaio não é caracterizada como negra em nenhuma de suas Memórias, sejam as homenagens e pronunciamentos, pois há uma quase inexistente de referência a sua cor. Apesar de estarmos descrevendo os documentos escritos, acreditamos ser complementar a nossa discussão supracitada algumas colocações da oralidade para refletirmos juntos sobre os dados encontrados nesses documentos.

Dona Noêmia (BALAIO, 2018) nos contou que “era a nora preferida de Aída”, e conta que a docente a achava linda, inferindo que Aída valorizava a sua cor de tom de pele claro: “[...] lógico, era linda mesmo, branquinha de olhos e cabelos mais claros, acredito que gostava mais de mim sim, as outras tinham até ciúmes”. Contudo, em retorno à casa de Dona Noemia, Sayonara sua filha, me alertara que, com o avanço da idade de sua mãe, teríamos que ser mais cautelosas ao nos apropriarmos de suas colocações, por hora a senhora nora de Aída já está em 2019 com um grau de Alzheimer avançado. Buscamos então pensar um pouco sobre a dada colocação, será mesmo que Dona Aída teria tal pensamento, primeiramente, pois Noêmia foi a única nora, oficialmente, que conheceu, pois dos filhos homens somente seu mais novo, Waldenilo, esposo de Noêmia Balaio e pai de Sayonara Santos, casou-se.

Antes de inferimos Aída enquanto negra, durante as entrevistas com a família, fizemos indagações às colaboradoras, e estas afirmaram que Aída era “mais escura” ou “morena”, ou melhor, “negra mesmo”, fala de Santos (2018) e Balaio (2018). Explica Chagas (2019c) que “Mãida” era negra, mas que tem ciência que na época era difícil alguém falar assim, abertamente, ou mesmo ter este tipo de consciência. Contudo, esclarecemos também que ela, Aída Balaio, tinha traços misturados, como muitos brasileiros e cearenses, pois “o seu cabelo era bem escurinho, pretinho mesmo, além de ser, extremamente, liso, fazendo-a aparentar-se como uma índia”.

Todavia, se sua mestiçagem não foi motivo de diferenciação, ou de um conflito no Mucuripe, pelo menos de discriminação, acreditamos não ter sido somente porque Aída não

se via como negra, mas, principalmente, porque a professora não estava imersa em um meio elitista, já que os moradores do Mucuripe eram pessoas simples, muitos de origem afro-brasileira e ou indígena, trabalhadores simples queimados da labuta exposta ao sol. Inclusive, é possível que a tão grande identificação dos moradores pobres e simples daquele local com Aída, num processo de admiração, ser decorrente da identificação deles com o biótipo da educadora e o reconhecimento de que ela se destacou, em detrimento ao que possivelmente se esperaria de seus pares de cor e nível social de origem.

Segundo a autora Lilia Mortiz Schwarz, uma “percepção difusa e pouco verbalizada parecia ser a de que não se era “negro para sempre”, até porque, muitas vezes, ascender podia significar embranquecer” (SCHWARZ, 2017, p.26). Isto é, na sociedade brasileira, por vezes, aqueles que ascendem socialmente em decorrência de uma perspectiva financeira não se vê, não se enxergam e nem são tratados como um negro.

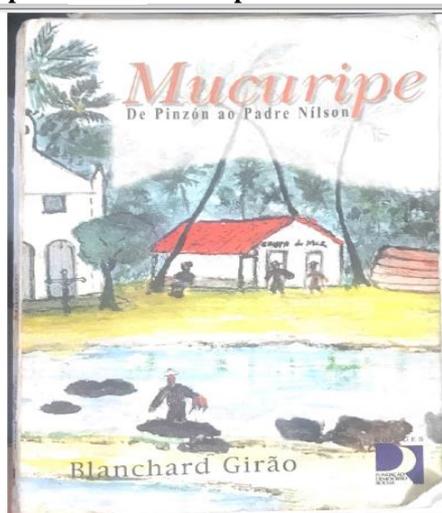
Seguindo então na descrição de outros lócus e do que encontramos neles no auxílio do desenvolvimento destes escritos, descobrimos um lugar físico, indicado e exposto nas mídias digitais, mais especificamente nas redes sociais, como Instagram e Facebook, tanto do responsável, quanto do projeto desenvolvido por ele, intitulado *Acervo Mucuripe*, uma iniciativa particular, de um rapaz formado na área de Turismo, de origem e residência no Mucuripe, que citamos brevemente antes, o qual buscou transformar um espaço pequeno, mas aconchegante de sua residência, casa de herança, como um sítio de memória do Mucuripe.

O nome dele é Diego de Paula, defende a Memória do Mucuripe – muito mais a compartilhada, herdada, do que a de si, por conta de sua latente juventude ainda. Propõe-se guardar dos mais diversos produtos e fontes associados à temática da História e Memória do Grande Mucuripe, assim como vem buscando tornar replicada a ideia de compartilhamento e de pertencimento, com o objetivo de que os moradores entendam a importância de sua História e de constituir suas identidades nos lócus em que nasceram e constituíram suas famílias.

Em visita ao Acervo, encontramos um livro sobre Orson Welles no Ceará, edição Demócrito Rocha de 2007, que, dentre suas páginas, reserva duas para descrever um pouco sobre quem foi a Aída Balaio e qual a sua relação com o cinema, e, mais especificamente, com a produção que desenvolvera na praia do Mucuripe. Neste, Aída proporcionará papel de intérprete e mediadora entre a comunidade simples e os estrangeiros designados pelas filmagens. Isso nos será, um pouco mais à frente, nestes escritos, ponto de partida para dialogarmos sobre quem era essa senhora que falava francês fluentemente e que era descrita como uma grande admiradora do Cinema, a saber. (PRIORE, 2017).

Ainda no Acervo, encontramos recortes do *Jornal O Povo* que reafirma que Aída já tinha seu lugar na memória do Mucuripe, demarcando-a junto à temática da Educação, bem como recortes que perpassam pela questão da religião e da Igreja **Nossa Senhora da Saúde no Mucuripe**, e outros assuntos sociais e políticos que permearam a história de vida da biografada.

**Figura 12 – Capa do Livro: Mucuripe De Pinzón ao Padre Nilson**



Fonte: Acervo Pessoal da Família.

Outro exemplar do livro de Blachard Girão (1998) foi entregue a familiares da pesquisadora, logo no início do desenvolvimento da biografia, ainda em 2017, enviado por uma moradora do Mucuripe, que ficou sabendo da busca de histórias do e sobre o Mucuripe, como também o anseio de ir ao encontro de informações sobre a docente.

Tivemos contato com um cordel intitulado *Aída um balaio de amor*, apresentado por Sayonara, uma produção do cordelista Dilson Pinheiro, feita em 1998, objetivando construir uma homenagem à professora Aída Balaio. Trechos do dado cordel foram lidos e reafirmados no dia em que Aída era imortalizada pela prefeitura de Fortaleza. Em dois momentos de homenagens a Balaio foram utilizadas as palavras de Dilson Pinheiro, a saber: tanto na ocasião da inauguração do CIES Aída Santos Silva, em 1998; como na reinauguração, quando o CIES fora desmembrado e tornou-se a Unidade de Saúde e Escola.

Figura 13 – Capa do Cordel em homenagem a Aída Balaio



Fonte: Arquivo Pessoal da Família Balaio.

O cordel tem nas palavras empregadas e na memória proposta um ar celebrativo e enaltecido da educadora, ressaltando o olhar de bondade, de dedicação, de religiosidade e de amor ao ofício por parte de Balaio. Na busca de outros possíveis achados da sua formação para o magistério no Colégio da Imaculada Conceição, fomos orientados a falar com a Irmã Rita, uma das responsáveis pela secretária da escola, como também apontada como a que auxiliaria na busca desses registros antigos da escola. Nas primeiras tentativas de encontro não obtivemos êxito, isso no ano de 2018, o que ocorreu por três vezes. Esclarecendo logo o que tínhamos por pretensão de localizar, na verdade, era o acesso a documentações sobre a escola, no provável período em que Aída ali estudou, e se haveria alguma possibilidade de se ter algum registro das alunas do período dos últimos anos do século XIX e os cinco primeiros do século XX.

Inicialmente, ligamos para a escola em busca de quem poderia ajudar em que momento poderia ir lá, e em que medida eles ainda guardavam documentos e memórias de alunos mais antigos. Contudo, somente em setembro de 2019, conseguimos comunicação direta com a Irmã Rita, e com Leandro, responsável por demandas da secretária do colégio, o qual está em pleno funcionamento, como também é quem a Irmã confia de fazer buscas e coletas nos arquivos remotos da instituição. Foi-nos cedido o telefone de Irmã Rita pela pesquisadora

Scarlett O'hara, componente e companheira do grupo de pesquisa PEMO<sup>44</sup>; ocorreram várias tentativas de ligações não bem-sucedidas, até que em ligação para a recepção do colégio, Sheila, responsável por essa função, explicou que Irmã Rita possui problemas de audição e mesmo já fazendo uso de aparelho, em ligações, a comunicação é muito prejudicada, nos levando a crer que, além da Irmã desconhecer o nosso número de telefone, tinha a questão da dificuldade de atender e compreender a conversa que ali aconteceria.

Tomando ciência disso, indaguei como então poderia falar diretamente com a Irmã, Sheila nos direcionou a falar diretamente com o rapaz supracitado, o Leandro; entramos em contato com ele, e este solicitou o que pretendia pesquisar, dados sobre Aída e o período que a busca nos arquivos devia se direcionar. Solicitamos ainda que poderíamos ter mais mãos à procura dessas informações, que se fosse necessário algum documento para que pudesse ter acesso, nos indicasse que faríamos. No entanto, Leandro esclareceu que não nos preocupássemos, que buscaria sim as informações, que ele era sempre o que realizava tal tarefa, que já estava acostumado e que entraria em contato nos proporcionando um *feedback*.

Não aceitando ficar somente à espera, reencaminhamos mensagens àquele número de Irmã Rita, por meio de aplicativo de mensagem, vislumbrando quem sabe alguma resposta ou luz sobre a passagem de Aída Santos e Silva naquele colégio, a visualização das mensagens ocorreu, mas as respostas não vieram de pronta, mas a Irmã respondeu. Esclarece-nos que o período buscado de informações é bem complicado, pois coloca que a secretária do Imaculada carece de registros de alunas do período do final do século XIX; ainda nos conta que também procurou indícios de sua avó que ali estudara nesse período, mas que não obteve êxito algum. Ainda destaca que os arquivos mais antigos datam de 1912 e que lamentava tanto quanto de não terem a guarda destes documentos do início do CIC.

Então, as afirmações e proposições sobre o período em que Aída Santos e Silva estudou no Imaculada foram concluídas e retiradas de informações objetivas e espaçadas no Almanach do Ceará, já citado anteriormente, que já traz em seus conteúdos publicitação de conteúdos de relatórios dos presidentes das províncias; em dois livros já publicados sobre a historiografia do colégio; uma revista publicada no período de comemoração do centenário da escola; e uma edição da Revista do Instituto, que relata sobre a construção da Igreja Pequeno Grande de responsabilidade das Irmãs que direcionam o colégio.

---

<sup>44</sup> A pesquisadora conseguiu o número na época que desenvolvia sua dissertação sobre Irmã Maria Montenegro; mulher de família abastada, foi aluna do Colégio Imaculada Conceição, ocupará a carteira de diretora da instituição além de se propor a ações e direções educacionais e de assistencialismos diversas tanto na frente do Imaculada, como à frente de outras instituições de ensino público e privado, em bairros mais periféricos e violentos da capital cearense (CARVALHO, 2018).

A mais, traz-nos alguns apontamentos do motivo de não se ter mais arquivos do findar do século XIX e início do XX, dando-nos alguns direcionamentos da direção da Irmã Gagné, diretora que acreditamos ser a responsável pela escola, no período em que Aída teria frequentado a instituição. Contudo, encontramos outra publicação do início do século XX sobre a obra da Irmã, mas que relata sobre um incêndio que ocorreu junto aos arquivos antigos da escola e que esta situação atingiu principalmente o período de direção de Irmã Gagné e a anterior a ela.

Ocorreu ainda a ida ao Colégio Clóvis Beviláqua, instituição da rede estadual de ensino do Ceará, localizada em Fortaleza, na Avenida Dom Manuel, nome atual do prédio do grupo escolar que Aída lecionou até sua aposentadoria. Em meio a nossa trajetória acadêmica, já havíamos, anteriormente, visitado e estudado um pouco dessa escola secular cearense, pois, na dissertação sobre a relação Educação e Saúde, foram estudadas as intervenções escolares e as reformas e construções das escolas, no início do século XX na capital cearense. O colégio Clóvis, mesmo não sendo construído como outros grupos escolares e com esse objetivo, à época já apresentava estruturação adequada ao pensamento proposto para a concepção de escola, de ensino, de pedagogia e de saúde que permeavam o ambiente, por isso, foi tomando como base durante a realização da referida dissertação.

Contudo, nosso retorno à dada instituição se deu por conta de uma informação encontrada na tese, já indicada, anteriormente, por Santiago (2011), pois a autora faz indicações de que encontrou na escola um livro de registros de frequência e dados tanto estruturais quanto didáticos da escola, do ano de 1916. Nessa esteira, objetivávamos ter contato com este material, que infelizmente, ninguém da escola nos soube dar alguma informação sobre. Tentamos contato com a autora da tese, esta é professora da Universidade Federal do Ceará – UFC, do curso de Arquitetura e Urbanismo, e o desenvolvimento da pesquisa se deu durante o seu doutoramento em Educação na mesma pós e linha que, no ano de defesa de seus escritos, logrei êxito em aprovação para cursar o mestrado.

O contato com a professora se desenvolveu por e-mail, encontrado em pesquisas no *Google* sobre a docente, logo após a tentativa de comunicação, obtivemos resposta, após trocados alguns e-mails de apresentação e de indagações, tivemos ciência que, infelizmente, ela não tinha mais esse material, em específico, digitalizado e reiterou que tudo fora disponibilizado pela escola, que lá guardavam o dado acervo nos arquivos escolares.

Retornamos à escola, e o único arquivo encontrado foi um álbum emblemático para a nomenclatura da instituição, referente ao dia em que o então governador Virgílio Távora, em solenidade pública, agrega personalidades de importância política e social do ano

de 1959, com a presença do homenageado, Clóvis Beviláqua e dá o seu nome à instituição. Como o ocorrido referendado no álbum se deu bem posteriormente à aposentadoria de Aída, não se tem qualquer referência sobre a professora nesse registro.

**Quadro 3 – Fontes documentais**

<b>Fontes documentais</b>	<b>Acervo</b>
Livro: O MUCURIPE (1998) De Pinzón ao Padre Nílson <b>Autor: Blachard Girão</b>	Acervo pessoal da Família Balaio
Livro: Colégio <i>Imaculada Conceição</i> (1997) Roteiro para uma nova visita ao passado <b>Autor: Maria Norma Maia Soares</b>	Acervo pessoal de Gennifer (componente do grupo de estudo e pesquisa PEMO)
Livro: ORSON WELLES no Ceará (2007) <b>Autor: Firmino Holanda</b>	Acervo Mucuripe
Livro: João Pergunta ou Brasil Seco (2010) <b>Autor: Newton Craveiro</b>	Acervo da Biblioteca Central da Universidade Estadual do Ceará – UECE
Reportagem de título: Memória Traz como tema Aída Balaio	Acervo Mucuripe
Livro: <i>Colégio da Imaculada Conceição: do Gênese ao Apocalipse</i>	Acervo do Instituto do Ceará
Reportagem sobre o prêmio “Mulher Mil”	Jornal <i>O Povo</i>
Homenagem a Aída em Memória <i>Jornal do O Povo</i> <i>Temática: O Mucuripe</i>	Acervo Mucuripe
O “conto” sobre a Excomunhão de Aída – por seu filho Valmir <i>Jornal O Povo</i>	Acervo Mucuripe
Documento de nomeação para reger o Curso de Jovens e Adultos no Mucuripe	Acervo pessoal da Família Balaio
Nomeação Aída 1922	Acervo da Arquidiocese de Fortaleza Tese de SANTIAGO (2011)
Documento de Homenagem à Aída como nome de escola	Acervo Digital da Assembleia Legislativa
Comentário sobre a reportagem: “A História do Ceará passa por essa rua: Professora Aída Balaio.” <i>Jornal do O Povo</i> <i>Temática: O Mucuripe</i>	Acervo pessoal da Família Balaio  Acervo Digital Mucuripe  Acervo físico de Jornais da Biblioteca Pública Menezes Pimentel

Reconhecimento pelos serviços prestados à Educação – Resposta à reportagem do O POVO (Anexo)	Acervo pessoal da Família Balaio Arquivo Físico – Jornais – Biblioteca Estadual Menezes Pimentel
Trechos e informações do Livro de Registros do 3º Grupo Escolar hoje Escola Estadual Clóvis Beviláqua	Tese de Santiago (2011)
Reportagem: “A História do Ceará passa por essa rua: Rua Professora Aída Balaio” (Anexo) Jornal <i>O Povo</i> Ano 1989	Acervo do Mucuripe Jornal <i>O Povo</i>
Livro: A história do Ceará passa por essa Rua Autor: Ângela Barros Leal	Acervo da Biblioteca de Humanidades da Universidade Federal do Ceará – UFC
Jornal <i>O Democrata</i> Ano de 1947	Acervo Digital – Hemeroteca – Biblioteca Nacional
Libertador Ano de 1889	Acervo Digital – Hemeroteca – Biblioteca Nacional
Jornal <i>Cearense</i> Ano de 1877	Acervo Digital – Hemeroteca – Biblioteca Nacional
<i>Fraternidade</i> Período de 1873-	Acervo Digital – Hemeroteca – Biblioteca Nacional
Jornal <i>Estado do Ceará</i> Ano de 1947	Acervo Digital – Hemeroteca – Biblioteca Nacional
Jornal <i>O Povo</i> Ano de 1951	Acervo físico de Jornais da Biblioteca Pública Menezes Pimentel
Álbum Histórico do Seminário Episcopal do Ceará Ano 1914	Arquivo Digital Revista do Instituto
Jornal Gazeta de Notícias 1946-48	Acervo físico de Jornais da Biblioteca Pública Menezes Pimentel
Fotografia da Residência de Aída Balaio	Acervo pessoal da Família Balaio
Constituição das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo (Anexo)	Casa Provincial Maria Medianeira
Ementário da Legislação Educacional do Ceará	Acervo Digital do Instituto
Fotografia da placa em sua homenagem na Escola Matias Beck	Acervo Digital Mucuripe
Documento de Afastamento de Aída por questões de saúde	Acervo do Arquivo Público do Ceará Caixa de Instrução Pública e Ofícios Recebidos de 1922
Documento de pedido de licença médica de 15 dias de Aída Santos e Silva que consta como se ela pertencesse, em outubro de 1922, ao 1º Grupo Escolar de Fortaleza	Acervo do Arquivo Público do Ceará Caixa de Instrução Pública e Ofícios Recebidos de 1922
Documento do Departamento Geral da Educação do Ceará datado em 04 de agosto de 1941, Fortaleza- CE. Consta a concessão de quatro meses de licença Aída Santos e Silva, com vencimentos, referente aos seus trabalhos de	Acervo do Arquivo Público do Ceará Caixa de Ofícios Recebidos de 1933/ 1941/1945-1948

vínculo no Grupo Escolar Santos Dumont fazendo menção a uma lei 568 de 1º e junho de 1939.	
Almanach Estatístico, Administrativo, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará – Almanach Ceará	Arquivo Digital – Hemeroteca – Biblioteca Nacional (anos de 1922- 1948)  Arquivo Digital – disponível CD Revista do Instituto (anos de 1897 – 1938)  Arquivo físico Biblioteca Estadual Menezes Pimentel
Jornal <i>O Nordeste</i> Anos de 1922 – 1923	Acervo Sala de História do Seminário da Prainha.
Jornal <i>O Povo</i> 1970 -1989	Acervo de Jornais Físicos - Biblioteca Estadual Menezes Pimentel
Revista do Instituto	CDs dos Arquivos Digitalizados do Instituto do Ceará (acervo pessoal da autora)

Fonte: Produzido pela autora (2019).

O quadro acima foi criado, objetivando indicar documentações utilizadas e onde foram encontradas. São diversos os lócus, pois, muitas das vezes, a partir de um assunto ou de uma fotografia, indicavam as entrevistas outras proposições e outros locais que poderíamos encontrar mais subsídios para a constituição desta biografia. Ademais, muitos só nos eram propostos numa escuta posterior das entrevistas, que, mesmo totalmente envolta no momento, ainda assim só conseguimos identificar e buscar as subjetividades e indicações nas releituras ou nas repetições de áudios.

Mesmo ante o esforço para angariar o maior número de registros que pudessem apoiar a narrativa de vida de Aída Balaio, sabe-se que as fontes aqui apresentadas não esgotam a discussão da biografia proposta nem esvaziam as possibilidades de emergência de novos dados e outras narrativas. Compõem, no entanto, o corpo documental que foi possível ser desvelado e que se tornou deveras relevante para a constituição de uma narrativa mais aproximada e possível da vida de Aída Balaio, trabalhada com cientificidade sem uma preocupação com acordos de linearidade e questões cronológicas. Nem todos os documentos, jornais, revistas encontradas nos foram diretamente contribuintes, mas optamos por elencar a todos, já que podem não ter, por hora, contribuído com a narrativa aqui proposta, mas poderá ser relevante a outras propostas e olhares a temática e à nossa biografia.

Listamos assim todas as fontes encontradas, e que, em sua maioria, fizemos uso direto em nossas reflexões. Exemplificando da lista quais foram as contribuintes de forma mais direta temos: Livro: *O Mucuripe* (1998); Livro: *Colégio Imaculada Conceição* (1999); Livro: *João Pergunta ou Brasil Seco* (2010); Reportagem de título: *Memória*; Livro: *Colégio da Imaculada Conceição: do Gênese ao Apocalipse*; Jornal do O Povo; Documento de

nomeação para reger o Curso de Jovens e Adultos no Mucuripe; Nomeação Aída 1922; capítulo do livro “A História do Ceará passa por essa rua: Rua professora Aída Balaio”; Fotografia da Residência de Aída Balaio. Assim as “[...] fontes aqui propostas, temos ciência, não [...] esvaziaram as possibilidades de emergência de novos dados” (ALMEIDA, 2017, p. 339), muito pelo contrário, só foram pontos iniciais e instigantes para buscarmos mais outras referências e possíveis constituições. Assim destacamos que as fontes supracitadas serão utilizadas como auxílio e delineamento para narrar à vida da professora Aída Balaio, e assim possibilitaram dialogar sobre o nosso objetivo proposto em torno da formação e atuação de Aída Balaio, tecendo discussões e revelando subjetividades sobre o contexto familiar e educacional do período de recorte.

#### 4 AÍDA BALAIO

Apesar de não termos intenção de construirmos uma história de Aída Balaio de forma cronológica como uma vida linear dentre o perpassar dos anos dessa história de vida, acabamos por, de alguma maneira, constituindo uma narrativa por vezes cronológica para facilitar o entendimento do leitor, já que iremos, então, caminhando junto a feitos e fatos dessa educadora, a partir de um passo a passo de Aída. Desde o seu contexto familiar, educacional, social, histórico, sua relação com a religião, a Igreja, suas formações e os episódios elencados vão constituindo as análises e discussões.

As informações de datas e fatos que serão expostos, neste capítulo, estão configuradas em formato de quadro intitulado – Cronologia da história de vida de Aída Santos e Silva (Aída Balaio), no apêndice, neste trabalho. Em busca por verificar quais as possíveis mudanças de postura e de vida que Aída perpassou, conseguimos vislumbrar, a partir de seus dados, um melhor perfil dos fatos e ações em que Aída foi se envolvendo no decorrer de sua vida, os quais buscamos compreender quais foram às intervenções ou não destes na constituição de sua formação enquanto docente junto às suas práticas sociais.

Como já apontamos, Aída Santos e Silva nasceu em 1889, e teve, em 1896, a provável data do início de seus estudos, quando começou a ter contato com as primeiras letras. Destacamos que tais dados são supostos pelo fato de não termos encontrado de forma efetiva os dados escolares de Aída no ensino primário. Além disso, tal idade era o mais provável ano em que os estudantes iniciavam sua educação primária, ou seja, a idade que começavam era algo em torno de seus 7/8 anos, por isso foi tomada como provável essa data como a de inserção de Aída na escola.

Tomando como hipótese o início da escolarização com sete ou oito anos, com cerca de 12 a 13 anos, se não tiver tido nenhuma interrupção no processo educacional ou reprovação, Aída em 1902 – 1903 estaria cursando o ensino secundário, ofertado pelas Irmãs de Caridade São Vicente de Paulo no Colégio Imaculada Conceição. Assim Aída já havia concluído o ensino secundário quando contraiu casamento, em 1905. Este ano é oficialmente o marco matrimonial de Aída com Francisco Balaio da Silva, o alferes, que marcou Aída, como marido, pai de seus filhos, como companheiro de lutas. Ele também cedeu o sobrenome que lhe ajudará a ganhar memória e prestígio no Mucuripe, Balaio. No mesmo presente ano de 1905, Aída acompanhando o esposo Francisco, se muda para o Mucuripe logo após a nomeação dele como delegado da região.

Há relatos de que seu Francisco tem esse dado sobrenome, mas este seria adquirido e ou agregado por conta de este ter lutado na revolta regencial, no período do Império Brasileiro, em torno dos anos de 1838 a 1840<sup>45</sup>. Contudo, de primeira, estranhamos a dada informação, pois apesar de todos confirmarem que seu Francisco era mais velho que Aída, para este ter se envolvido na revolta maranhense, teria que ter casado com a professora, em 1905, com mais de 80 anos, o que também não é o indicado pelos familiares.

Chagas (2019a), sua neta, diz que: “havia sim diferença, mas não recorda que fosse assim tão grande, pelo contrário, tanto que lembro é de uma revolta no Acre”. Fala reiterada pelas irmãs de Teda Chagas (2019a), Tânia e Aída, que o que sabiam sobre a participação do avô em uma revolta, representando o Governo, teria sido a do Acre. (CHAGAS, 2019a; 2019b). Esta revolta acreana, também é citada, em outros registros e breves reportagens sobre Aída, e de data de referência em 1902, mais condizente, no sentido da alusão da diferença de idade do casal Balaio, e de este ter se tornado um alferes.

Na busca de registrar um dado mais consistente sobre o fato, encontramos um documento que traz, dentre os nomes dos combatentes cearenses na dada revolta, o nome de um Francisco Balaio, mas ainda assim não podemos afirmar com isso qual a relação da dada revolta com o nome Balaio. Explicamos ainda que, em outros escritos nossos, fizemos referência ao sobrenome Balaio ser de origem do pai do esposo de Aída, o sogro, e não do senhor Francisco, pois assim não impediria de ele levar o sobrenome consigo, e nem de ser um alferes (FIALHO; LIMA; QUEIROZ, 2019). Quem aponta em corroboração a essa reflexão é Barros Leal (1989), pois indica também que o esposo de Aída já tinha o nome Balaio agregado por seu pai.

Um indício que essa possibilidade possa ser, realmente, viável foi que, ao rever fotos antigas dos familiares, a neta Teda indicou uma tia, irmã de seu Francisco, pelo nome de Luiza Balaio. Sendo assim, se suas irmãs já carregavam o Balaio no sobrenome, este não teria sido algo adquirido pelo esposo de Aída. (CHAGAS, 2019c). Afinal, quem era mesmo o esposo de Aída? O Balaio que deixou sua marca junto à história de sua esposa, mesmo sendo ela a protagonista de uma memória local. No entanto, se a historiografia sobre a professora e a

---

<sup>45</sup> Balaiada foi uma revolta popular ocorrida no Maranhão entre os anos de 1838 e 1841, que recebeu essa denominação devido ao apelido “Balaio” de Manoel Francisco dos Anjos Ferreira, uma das principais lideranças do movimento, que trabalhava fazendo cestos, balaios. As condições de miséria, fome, maus-tratos e opressão a que estava submetida a população pobre – trabalhadores livres, camponeses, vaqueiros, sertanejos e escravos – geraram descontentamento popular, o que motivou a mobilização para a luta contra as injustiças sociais em período de crise econômica no Maranhão decorrente da desvalorização do algodão, principal produto comercializado.

preservação de vestígios e memórias de sua história, mesmo ela ganhando grande representatividade na comunidade, são poucas, imaginem do seu esposo.

**Figura 14 –Francisco Balaio da Silva (esposo de Aída Balaio)**



Fonte: Acervo Familiar dos Balaio.

Em 1908, inicia sua trajetória na docência, segundo os escritos em sua carteira funcional, nos anexos do trabalho, e reconstruída para melhor apreciação no apêndice, no entanto, no Mucuripe será nomeada por volta de 1911, com 22 anos de idade, como responsável por cadeira mista do ensino primário e lá lecionou até meados do fim de 1922, quando Aída consegue cargo de professora de um grupo escolar localizado no bairro do Outeiro. Neste, ficou até meados de 26 anos, lecionando no mesmo prédio, mesmo quando este mudava de nome e proposição pedagógica de seu contexto.

Em 1922, nomeada para lecionar em um dos principais grupos da cidade, torna-se professora vinculada ao Estado, tendo seus registros mais organizados, a partir desse momento, devido à data ser também de maior organização da Educação do Ceará, com a Reforma de Lourenço Filho de 1922<sup>46</sup>. No mesmo período, apesar de manter a casa do Mucuripe, passa a morar mais próximo ao seu trabalho nos arredores do 3º Grupo Escolar. Há relatos de familiares que a família Balaio morou na Rua Rodrigues Júnior, na Rua Leopoldina e na Rua Soledade, endereços indicados, respectivamente por Verçosa (2019), Chagas (2019c) e Almeida (2019).

---

<sup>46</sup> Reforma encabeçada por Lourenço Filho, no ano de 1922, de ideal renovador, realizando modificações direcionadas a dar maior uniformidade e ampliação das escolas e do ensino primário cearense, reorganizando vários fatores da Educação desde materiais didáticos, currículo, formação de professores primários, e aplicando práticas escolares que se fundavam nos princípios da Escola Nova. (CASTELO, 1970).

Em meio ao nascimento de seus filhos, somente já quase no penúltimo, em 1924, com apenas 24 anos e já 5 (cinco) filhos, em relatos de sua filha Zaída no Livro: *O Mucuripe do Vicente Pizón ao Padre José Nilson*, nestes escritos atribui este ano para a real efetivação do vínculo de Aída como professora do Estado, isto depois de dois anos já trabalhando no dado grupo escolar, antes 3º Grupo Escolar, o qual passa a ser intitulado Grupo Escolar do Outeiro, ainda em 1922.

Aos 46 anos sofre uma perda irreparável, a morte de seu filho Valdir, o mais velho dentre os homens, em 1935, mesmo depois de toda dedicação a tratamentos, não resiste e falece de tuberculose. Chagas (2019c) nos conta que os avós chegaram a ter uma casa própria, na Avenida Dom Manuel, no entanto, teriam se desfeito desta como forma de angariar recursos para o tratamento do filho. Diversas são as lembranças dentre as fotos da família, as quais são ou do túmulo e ou das pessoas, dentre elas a Balaio e seus filhos, diante do túmulo de Valdir; em uma das imagens em seu verso traz palavras descrevendo Aída ladeando o túmulo do filho, muito chorosa, como de costume.

Em 1937, o grupo escolar que lecionava muda de nomenclatura, em mais um momento de fervor político de mudanças e implicações sociais, pois após conquistas referendadas aos 7 primeiros anos de Vargas no poder, o Estado Novo chega, também pautado em uma educação para o trabalho, mas as posturas, por hora, deviam ser mais controladas e vigiadas, pois estávamos diante de uma ditadura. O grupo assim passa a ser chamado de Santos Dumont. Lá, Santos (2018) comenta que seu tio Waldlys também trabalhou, ainda inclusive com sua avó, e que este costumava contar que não tinha a frente desta escola, mas passou a ter pés de benjamins, e que 3 destes foram plantados, um por si, outro por sua mãe e o terceiro por Luiza Távora, a qual irá tornar-se mais à frente amiga de Aída.

Registra-se que em 1948, com já seus 59 anos de idade e com mais de 25 anos de exercício do Magistério com vínculo efetivo, a professora Balaio resolve mudar-se por definitivo para o Mucuripe, onde ainda, no mesmo ano, irá lecionar direcionada à alfabetização de jovens e adultos, pois recebera a nomeação por parte de Walmik Albuquerque, então ministro da educação, como a professora responsável pelo Curso, sendo, portanto, de sua responsabilidade reger as aulas no Mucuripe. Isso oportunizou, assim, Aída a não mudar-se para o bairro de forma definitiva.

Em 1950, o senhor Francisco Balaio deixa a professora viúva, ela estava com 61 anos e faz com que esta, continue a lecionar até meados de seus 77 anos, quando posteriormente, foi acometida por um câncer de estômago Aída não exercitará da mesma

forma e dedicação o ofício de ensinar. Contudo, da sua viuvez até seu falecimento, a vida de Aída terá muitas peculiaridades que tornam sua historiografia interessantíssima.

Aída tem em seus registros uma participação em uma produção cinematográfica de Orson Welles, como mediadora entre os estrangeiros responsáveis pelo filme, os pescadores e os mucuripenses, atores e coadjuvantes. Falava francês por conta de sua formação com as Irmãs de Caridade São Vicente de Paulo. Apesar de existir, no século XX, principalmente, nas escolas regidas pelas irmãs francesas, o ensino do francês, não eram todas as moças que tinham acesso à dada disciplina no currículo, pois existia, diferenciação do que era visto pelas moças abastadas e pelas de origem simples como as órfãs.

Por volta de 1968, seu filho Valmir Hugo da Silva retorna para o Ceará, do Rio de Janeiro, onde passou todo o período de dedicação profissional, voltando já aposentado, justificando vir para sua terra natal devido à moléstia que acometia sua mãe. A Balaio ainda terá seu filho mais novo envolto com questões de subversão, enquadrado assim pela Ditadura Militar, pois o momento era de tensão e difícil para os que ousavam pensar, marcar sua ideologia. Nessa esteira, Waldenilo torna-se um dos nomes de presos políticos da Ditadura Militar no Brasil. No entanto, Aída não chegou a ter ciência do acontecido, por opção dos familiares, com a justificativa de que seria algo muito difícil para a professora e seria melhor não tomar ciência. Aída morre aos 81 anos de idade em casa, como preferiu, em 19 de janeiro de 1970, como republicado por Nirez em 2005, na Cronologia Ilustrada de Fortaleza– Roteiro para um Turismo Histórico e Cultural.

Em 1989, foi matéria de jornal em referência à homenagem que recebeu em uma rua do Mucuripe, um ano depois da constituição democrática ate então vigente e no ano das eleições diretas pós-ditadura militar, a matéria completa está anexada (Anexo) ao trabalho, pois como uma folha inteira de jornal, tivemos que dividi-la em partes na tentativa de visualização e conhecimento da reportagem. Em 1992, ainda recebera, a educadora, outras duas homenagens, em um posto de saúde e uma escola, ambas ganhando a nomenclatura de Aída Balaio, na localidade de Lagoa do Coração, dita como um dos lócus atuantes da Balaio. Tais homenagens ocorreram no mesmo ano que o Mucuripe ganhou destaque por uma explosão preocupante numa tubulação de Gás no alto do morro sob a responsabilidade do Grupo Edson Queiroz; bem como, na mesma data que ocorreu uma ventania que acometera a região, assustando a população e movendo telhados de casas, assim como fazendo descer partes dos morros do Castelo Encantado e do Mirante.

Descrevemos aqui fatos sem problematizá-los só narramos sem discuti-los. No entanto, refletir sobre não só se faz necessário, mas é o mais interessante frente à constituição

de um sujeito histórico e suas ações e emoções; problematizá-las é um desafio que tentaremos alcançar. São muitas as possíveis correlações de Aída e o contexto que a permeia, no entanto, temo ciência de que ela é muito mais que uma cronologia de datas e fatos brevemente estruturados cronologicamente.

Assim, a partir de então, ainda mais apropriados por correlações de datas e idade de Aída durante os processos, acreditamos que agora possamos buscar compreender os processos e a correlação de Aída com cada um. É fato que a nossa biografada é um marco cultural de uma sociedade paternalista, machista, na qual a figura feminina, pouquíssimas vezes, ganharia destaque maior do que o masculino. Nesse contexto, Aída ganhou lume na memória de muitos, agregou o nome mesmo sem o tê-lo oficialmente e revelou marcas desse embate da representatividade feminina na sociedade, junto a ocultações, esquecimentos e silêncios, muitas vezes.

#### 4.1. CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO FAMILIAR E ESCOLARIZAÇÃO DE AÍDA

Para conseguirmos compreender melhor sobre essa personagem se faz interessante dialogarmos um pouco mais sobre o contexto histórico que a permeava. Embates políticos declarados e subjetivos acompanhados da busca por maior representatividade de militares, da luta por visibilidade à voz e vez de mulheres, e a nova realidade de liberdade e exclusão de negros pós-abolição da escravatura eram panoramas característicos nas primeiras décadas do século XX.

O período de transição do final do século XIX, a partir de 1889, ano de nascimento de Aída Balaio, com a chegada da República no Brasil, tinha como projeto almejado o moderno, projeto de embelezamento e estruturação dos meios citadinos, concepções novas, de condutas, sobre a infância, a escola, principalmente, a primária, sua estrutura e função, e do ideal de nação almejado para a sociedade brasileira (PONTE, 1999).

Pertinente era essa configuração em formato micro, ou seja, o que repercutia e se passava na capital cearense. Desde as preocupações com questões em torno da salubridade e da formação dos ditos jovens, assim como com a configuração e a concepção de Educação no Brasil, referentes, justamente, aos ideais de modernidade e civilidade que chegaram junto à proposta republicana, e que proporcionaram algumas intervenções no meio citadino e nos processos educacionais (ALVES, 2009).

O Brasil chega à República com graves problemas sociais e educacionais, que, na configuração política de intervenção com resultados positivos nas duas áreas, mesmo mais de 130 anos depois, vê-se que a situação brasileira ainda apresenta, infelizmente, índices preocupantes no desenvolvimento de estruturas de suportes sociais, como a Educação, pois o país ainda apresenta problemas de oferta, continuidade e qualidade do ensino. Assim, era alarmante o índice de analfabetismo que se apresentava no início da República, e ainda hoje a continuidade da persistência de analfabetismo e ou semianalfabetos, mais de um século depois, nos mostra um pouco dos não avanços e continuidades da história da educação brasileira. (PRIORE, 2017)

Até a década de 40, o formulário do censo definiu o indivíduo como analfabeto ou alfabetizado, perguntando-lhe se sabia assinar o nome: as condições culturais, sociais e políticas do país, até então, não exigiam muito mais do que isso da população. As pessoas aprendiam a desenhar o nome, apenas para poder votar ou assinar um contrato de trabalho. A partir dos anos 40, o formulário do censo passou a usar uma outra pergunta: sabe ler e escrever um bilhete simples? (SOARES, 1998, p.55).

É em meio a esse cenário que Aída nasce e se constituirá parte de processos educacionais que buscaram transformar essa realidade. Ana Maria Freire (1993), ao discutir o analfabetismo no Brasil, propõe reflexão de como a nossa nação ainda está configurada com quadros pertinentes e preocupantes de analfabetismo e baixa escolarização mesmo que, há mais de um século, o Brasil venha propondo, como política vigente, ações e intervenções nas leis e lócus da Educação no Brasil.

A seca de 1915, uma das mais destrutivas, e que ficou bastante famosa dentre a literatura produzida, no Ceará, ante o quadro nacional brasileiro, na virada do século XIX para o século XX, apresenta um cenário constituído por flagelos recorrentes das questões geográficas e do clima seco, ao mesmo tempo em que, em meio a uma onda de buscas por avanços e pelo desenvolvido, inspirados na constituição europeia, a inspiração francesa do período da Belle Époque, o Ceará e a capital, em decorrência, viviam um turbilhão de propostas de melhorias, de tentativas de resultados e de poucos índices efetivados. Além de ser palco de conflitos políticos por conta da mudança do sistema político econômico, isto é, estávamos saindo do Império para a República. (SANTIAGO, 2011).

É importante destacarmos aqui que, no Ceará, pouco se visualizou alterações substanciais nessa conjuntura, devido às lideranças e o modo que ainda permeia a política local, muito envolta de práticas oligárquicas e de trocas de favores. A mais, esses flagelos e calamidades tinham uma causalidade recorrente no Ceará, eram as secas e todas as mazelas que se propagavam direta e ou indiretamente – deixando marcas físicas e de imagens, que

proporcionam, inclusive, que muitos brasileiros, que esquecem ou não possuem conhecimento geográfico do Nordeste, enxerguem ou falem do Ceará a partir da fome, da seca e da pobreza. (SANTIAGO, 2011).

Muitos foram os afastados, excluídos e mesmo marginalizados dos grandes centros e das linhas enxadrezadas propostas para a reorganização cidadina no Brasil das primeiras décadas do século XX. As camadas populares foram apartadas como se não pertencessem a esse projeto civilizador. Poucos dos Fortalezenses tinham condições e oportunidade de estudar, mesmo os homens, ou de frequentar os cafés, inspirados nos franceses, no período da Belle Époque Cearense (PONTE, 1999).

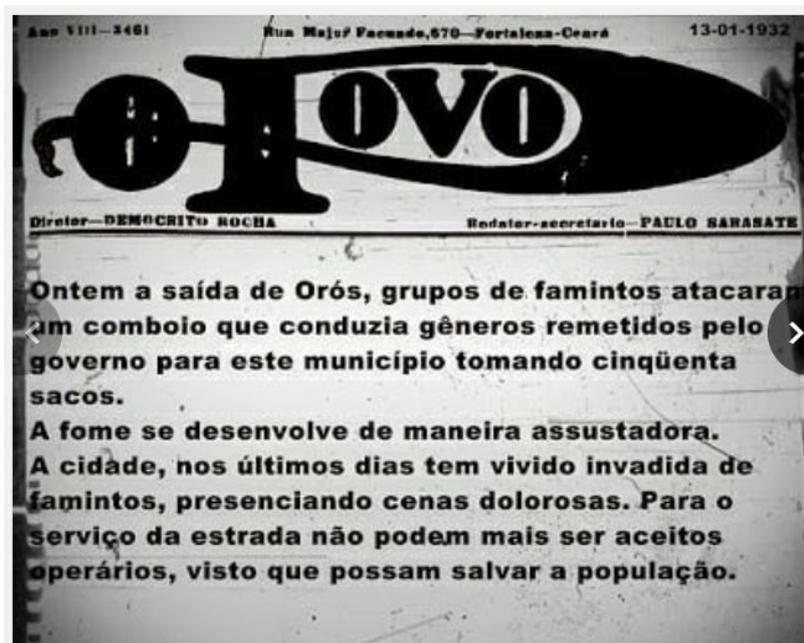
Por ocasião da seca de 1932, 17 anos depois da já supracitada de 1915, e dos constantes períodos de estiagem, a rotatividade de pessoas, à procura da capital fugindo das mazelas das secas e de possíveis melhores oportunidades na capital, se repetia desde 1877. Assim, “[...] o desemprego, as condições precárias de moradia, doenças”, como afirma Cavalcante (2010, p. 60), a cada momento problemático se repete, causando desorganização e a visão de milhares de retirantes, que veem as políticas públicas não serem feitas em busca de qualquer mínima real solução. Fortaleza ainda respirava as mudanças da *Belle Époque* (1890-1920), mas a busca de afastar os indesejáveis do processo de modernização só efetivava êxito para o interesse das elites.

Já no começo de janeiro de 1932, o jornal O Povo noticiava a situação da seca no Ceará, uma das maiores que já ocorreram na história do Estado. A falta de chuvas, morte de gado, migrações massivas e a fome disseminada, foram fatores bastante presentes nesta seca, e que estimulam os sertanejos a saírem de suas cidades em busca de melhores condições para a garantia de sua sobrevivência. Em 1932, matérias como essa do jornal O Povo não são raras, uma vez que a seca seria o estopim para uma série de conflitos sociais que iam permear a cidade de Fortaleza e o interior do Ceará. (NOBRE, 2018)<sup>47</sup>.

A transcrição da legenda esta proposta, pois, foi também uma seca que atingiu de alguma forma o Mucuripe e outras áreas periféricas do meio citadino fortalezense, já que esses retirantes eram encaminhados para trabalhos braçais no que se compreendia como povoamentos e arraial distantes para que assim buscassem ocupar estes territórios, e um desses foi o bairro de Aída, trazendo pra região uma outra estruturação, pois a vida pacata e longe do perneio da urbanização, estava agora com um índice demográfico completamente diferente. (Cavalcante, 2017)

<sup>47</sup> Texto postado como legenda da Figura 15 abaixo e publicado em Rede Social – Instagram (@fortalezanobre)

Figura 15– Reportagem Jornal O Povo (13/01/1932)



Fonte: Blog Fortaleza Nobre.

Assim o Mucuripe se via envolto a questões de como empregar e afastar os retirantes os quais acometiam moléstias que, em tempos em tempos, invadiam a capital cearense. Destaca-se que muitos destes, principalmente os advindos da zona rural – em maioria, pescadores, desempregados ou operários –, no início do processo de apropriação da localidade pertencente a Fortaleza, começaram a habitar essas localidades. O Mucuripe fornecera material para a reestruturação citadina, do eixo urbano fortalezense, sendo ao mesmo tempo este trabalho o meio de ocupar os que eram vistos como ociosos e preguiçosos, os quais, para serem alimentados, deveriam trabalhar para a melhoria da cidade que os acolhia, e a reportagem acima destacada enfatiza inclusive como que já não tinha como absorver mais retirantes como trabalhadores, destacando o pensamento que para se salvar eles deveriam ter uma ocupação, se distanciarem do ócio. (CAVALCANTE, 2017)

No entanto, não eram somente moléstia e problemas climáticos que traziam imigrantes e retirantes para a capital, a pouca aceleração da urbanização em muitas cidades foi o suficiente para provocar a atração de populações pobres para o meio urbano, onde procuravam se estabelecer nas áreas centrais, próximo ao mercado de trabalho, em busca de ganhar algo para sobreviverem. (PRIORE, 2004). As habitações dessas pessoas se caracterizavam por aglomerações coletivas, os ditos cortiços, ou mesmo os abarracamentos; além disso, aquela quantidade de gente espalhada pelas ruas sem ter para onde ir tornava um quadro preocupante para a elite e, para os governantes, motivos de cobrança para com as

soluções a serem tomadas de forma urgente, pois a rua era sim concebida como um espaço do desvio.

No Mucuripe, tal preocupação se estenderá até meados da metade da década de 1960, pois, por apresentar na sua faixa de praia uma zona de meretrício, mesmo as moças pobres com motivações para o trabalho tinha hora e locais que podiam ir e vir, mesmo que, muitas vezes, impossível de ser cumpridas, como nos relata Carmo (2019) que ainda muito jovem por volta de 12 anos, já trabalhava auxiliando sua mãe na lavagem, no engomar e na entrega de roupas, pois lavadeiras eram e tinham de sair à noite para a entrega do trabalho do dia, e em busca do trocado para o alimento. Ela afirma ainda que muitas de suas clientes principais eram aquelas mulheres de práticas indevidas na rua da frente, como coloca, e assim para sobreviver não tinha como escolher quem poderia ser o cliente ou não.

As lavadeiras, mulheres que se dedicavam a lavar e passar as roupas pra outrem, principalmente, das pessoas mais abastadas como o caso de Carmo (2019) e sua mãe, tinham sempre o direcionamento de ir às residências das patroas buscarem, em dia e horário já acordado antes, as roupas sujas. O local da lavagem era córrego ou corrente, geralmente em terreno plantado por ervas. Após a primeira lavagem e expostas ao sol para quasar, a roupa era novamente lavada, enxaguada e novamente estendida ao sol para secar. Não se apanhava a roupa enxamburada, que seria a vestimenta que não teria enxugado direito, difícil de passar – engomar, evitando deixar mau cheiro, ou mofo. As trouxas cheias de roupas de diversas dimensões eram levadas pelas mulheres que as conduziam na cabeça, cena comum nas periferias de Fortaleza por muito tempo, e no Mucuripe Aída deve ter visto e conhecido muitas. (ALMADA, 2007)

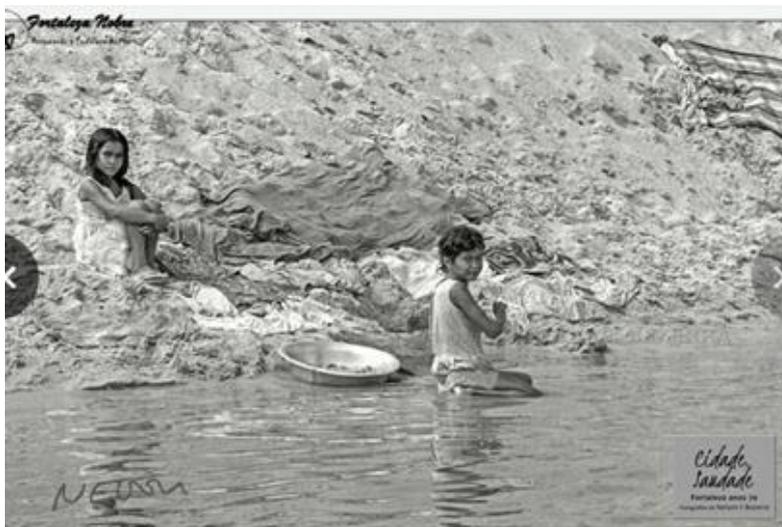
Carmo (2019) nos indica que, muitas vezes, para a realidade do Mucuripe, sim algumas das mulheres da zona do meretrício apresentavam até melhores condições que as meninas pobres da comunidade. As lavadeiras exerciam um papel de grande importância nos trabalhos domésticos, mas de relevância ainda maior na ajuda do sustento de suas famílias. Mas a prática de lavar roupas em corrente era comum não só para as profissionais, digamos assim, praticamente, todas as famílias no Mucuripe, assim era que lavavam suas vestimentas. Colocações como: “Fulana foi pro corrente bater roupa e só volta de tarde quando a roupa enxugar”, quando alguém perguntava; Usavam para lavar as roupas, sabão da famosa marca “Pavão” fabricado pela empresa Siqueira & Gurgel, vendido em barras (ALMADA, 2007). Nas figuras a seguir, **Figura 16 e a Figura 17**, fotos de Nelson F. Bezerra de senhoras e crianças lavando roupa em frente às dunas do Mucuripe, onde conseguimos visualizar também as roupas quarando.

**Figura 16** – Lavadeira do Mucuripe pelo olhar de Nelson Bezerra.



Fonte: Blog Fortaleza Nobre (2019) <sup>48</sup>

**Figura 17** – Dunas em frente o Iate Club, onde ficava um local que costumavam frequentar as lavadeiras do Mucuripe (foto produzida por Nelson Bezerra).



Fonte: Blog Fortaleza Nobre (2019) <sup>49</sup>

Ao buscarmos sobre qual era o quadro educacional no período do Brasil, o contexto que encontramos é uma realidade bastante problemática, uma vez que várias cidades brasileiras, como o caso das cearenses, não apresentavam, nem mesmo nas capitais, até a primeira década do século XX, prédios escolares públicos construídos para a finalidade da instrução primária. (CASTELO, 1970).

<sup>48</sup> Disponível em: <https://gramho.com/media/2185397216986260282>. Acessado em: 30 out. 2019.

<sup>49</sup> Disponível em: <https://gramho.com/media/2185397216986260282>. Acessado em: 30 out. 2019.

O discurso sobre a importância da educação na modernização do país era recorrente. As críticas ao abandono educacional em que se encontrava a maioria das províncias estavam presentes nos debates do Parlamento, dos jornais e até mesmo dos saraus. Os anos passavam, o Brasil caminhava para o século XX e, nas cidades e povoados, sem falar na imensidão rural, grande parte da população continuava analfabeta. (LOURO, 2002, p. 443-444).

A educação não era para todos, ao contrário, poucos dos fortalezenses tinham condições e oportunidades de estudar no fim do século XIX, e desses, a maioria era composta por homens de famílias com melhor poder socioeconômico (SOUZA, 2008), uma vez que as salas de aula para educação primária eram quase sempre na casa da professora ou em prédios alugados e/ou adaptados nas capitais, sem boa estrutura física, que dependiam da colaboração financeira dos pais dos estudantes.

No que tange à educação, a década de 1920 foi histórica, pois foi realizada uma reforma pautada nos sistemas nacionais de ensino implantados em diversos países. Tal momento trazia mudanças, transformações e rupturas no que se refere ao ensino, à educação em si, e ao conceito de pedagogia, com a Reforma no Ensino de 1922, que tinha proposições e prescrições que envolviam regras, saberes e metodologias de uma pedagogia normativa para o ensino primário e assim também para a formação de docentes. (SOUZA, 2008).

As salas de aula eram, às vezes, a casa do professor ou professora, ou funcionavam em prédios alugados e ou adaptados, lembrando que, tal funcionamento se dava sem nenhum incentivo direto do governo. E os sistemas de ensino ainda se restringiam, por proposta, a ensinamentos básicos da leitura, escrita e cálculo. (CASTELO, 1970). Ao mesmo tempo em que essa configuração se mantinha, recomendações de intervenções nos âmbitos social, cultural e político da sociedade brasileira ganhavam corpo.

Castelo (1970) indica que a realidade feminina, na perspectiva educacional, era ainda mais alarmante no fim do século XIX e início do século XX, pois mesmo as meninas que conseguiam ter uma maior formação acabavam em instituições sob o olhar da religião e das prendas domésticas, quase que intrínsecas a qualquer mulher. Somando-se ao contexto restritivo da educação, especialmente para as mulheres, importa considerar que a Lei Áurea foi publicada em 1888, sendo a exclusão de negros pós-abolição da escravatura uma característica presente na sociedade brasileira nas primeiras décadas do século XX (NAGLE, 2001).

Incumbências de que a escola primária deveria fornecer às camadas populares alguns conhecimentos técnicos, de cunho profissional; educar o povo, combatendo os maus comportamentos; regenerá-lo, propagando os discursos republicanos, transformando-os assim

em cidadãos vinham à tona (CASTELO, 1970). Contudo, a maior parte das escolas primárias existentes era de iniciativa de particulares e/ou das Congregações, restrita a uma elite branca; as mulheres que exerciam o magistério constituíram-se a figura que deveria repassar ideais de cidadania e conscientização cívica ao alunado, num período em que não era considerada cidadã (ALVES, 2009).

Especialmente a partir de 1930, no Ceará, inicia-se um momento histórico em que muitas moças pobres encontravam, na profissão de professora, a possibilidade de melhoria familiar, como meio de uma inserção social ou mesmo profissional. Entretanto, isso só foi possível depois de uma maior ampliação do ensino no Ceará do quadro de instituições para as crianças e para a formação de professores, junto à Reforma de 1922 (ALVES, 2009). Período que também contribuiu para a construção de uma imagem feminina para o ensino primário, de que a mulher seria uma boa professora porque possuía qualidades femininas natas e apropriadas para o magistério primário por ser mãe, esposa e por possuir um perfil bem mais delicado do que os homens.

Tais prerrogativas fomentaram o processo de feminização do magistério como continuidade de uma cultura machista, enraizada na perspectiva de gênero, que concebia a mulher os afazeres domésticos e a educação das crianças (CASTELO, 1970). Contudo, antes de compreendermos a feminização do magistério, temos que compreender como se dava a educação feminina, quem tinha acesso, quais os objetivos e como Aída está sendo embriagada por estes processos.

#### **4.1.1 Educação Feminina**

Quando os deputados regulamentaram com a primeira lei de instrução pública o ensino das “pedagogias” – aliás o único nível a que as meninas teriam acesso –, afirmaram que seriam nomeadas mestras dos estabelecimentos “aquelas senhoras que por sua honestidade, prudência e conhecimentos se mostrarem dignas de tal ensino, compreendendo também o de coser e bordar”. (LOURO, 2004, p.444).

A colocação acima nos indica um pouco do que era previsto para a educação feminina, da inserção das mulheres no magistério, da apropriação da mulher de outro espaço e papel, além de mãe, dona de casa e esposa, contudo todas essas proposições ainda demarcavam até onde podiam ir, como podiam e quais eram as mulheres que teriam perfil para assumir não uma profissão, mas quase que uma missão que nos deleitaremos a compreender perpassando pelas propostas e aspectos políticos e sociais que se instalavam no Brasil no início do século XX.

A educação feminina tem peculiaridades sobre as quais acreditamos ser válido nos apropriar para compreendermos a importância da escolarização inicial de Aída. É fato que não eram todas as mulheres que tinham acesso à mínima escolarização, principalmente as de famílias menos abastadas, as quais, quando possível, ler e escrever já era tido como muita coisa para uma menina saber. Em todo século XIX houve sim um relativo aumento no número de escolas, ou pelo menos de oferta de cadeiras, absorvendo, de algum modo, crianças das capitais e das zonas rurais (LOURO, 2004). Em tal contexto, Aída se insere como privilegiada até, já que era fato que havia certamente mais escolas para meninos, do que para meninas, ainda produto do processo de menor importância dada ao acesso feminino à escolarização, e em meio a essa conjuntura Aída fomenta a educação feminina em escola de referência na formação de esposas e mestras, estando em um perfil socioeconômico, digamos assim, aquém do que era previsto para as que conseguiam maior escolarização.

As cadeiras mistas, as escolas isoladas, reunidas, as professoras leigas, todas proporcionaram, de algum modo, o acesso mínimo à educação, onde a estruturação das escolas organizadas não chegava, e isto ainda vai ser realidade comum até a metade do século XX, nas principais cidades dos estados brasileiros. (LOURO, 2004). Embora, até os anos da década de 1940, continuasse a não indicação de misturar meninas e meninos, em uma mesma classe, nas cadeiras mistas, isso acontecia, fato, embora só quando não houvesse a oportunidade de o espaço ser compartilhado entre os dois gêneros, no entanto com a preferência de serem em turnos diversos (CASTELO, 1970). No entanto, o que suas netas lembram diretamente, e ou de histórias contadas por seus pais, é que ela costumava dividir as turmas, em casa, ou melhor, na sala em que lecionava, e geralmente, as meninas pela manhã e os meninos à tarde.

Aída ficou responsável por aplicação de cadeira mista no Mucuripe por toda uma década, praticamente, até conseguir vaga no 3º grupo escolar, mais próximo ao centro da cidade, no Outeiro. Contudo, deste período, não temos nenhum discente ainda vivo, ou que tenhamos localizado, que nos esclarecesse como se dava a logística de ensino de Balaio nos grupos escolares. Durante, quase todo o século de nascimento de Aída, o XIX, embora ela tenha usufruído do aumento expressivo de escolas fundadas por congregações e ordens religiosas, tanto de lideranças femininas quanto masculinas, na capital cearense, o direcionamento para a educação feminina, só ia ter uma estrutura mais adequada, em Fortaleza, a partir de 1865, com a fundação do Colégio das Órfãs, posterior Colégio Imaculada Conceição. (CASTELO, 1970).

No período também era recorrente escolas mantidas por leigos – professores que se propunham como pessoas de moral intocável, e assim deveria apresentar suas residências como locais decentes, de hábitos saudáveis e estruturação tida como salubre, pois era condição para que as famílias, tanto pobres, quanto os mais abastados, confiassem a estes docentes seus filhos e filhas. (PRIORE, 2004). Aída é apontada pela narrativa tanto de seus discentes, quanto de amigos e antigos moradores do Mucuripe, como essa figura correta, responsável, asseada, educada e bastante religiosa, ou seja, apresentava-se de posse de uma moral impecável perante os pais dos filhos que confiam a ela a educação de seus herdeiros.

Não necessariamente ensinavam os mesmos docentes aos meninos e as meninas, na verdade, em boa parte do século XIX e início do XX, quem ficava com a responsabilidade da educação dos meninos eram os homens e das meninas as mulheres, e mesmo quando eram mulheres as responsáveis por classes de meninos, essas nem eram a mesma do ensino das meninas, e estas tinham toda uma preparação e apoio da escola no intuito de não ferir a moral nem da professora nem dos meninos. Tanto que as tarefas de que eram incumbidos os mestres e mestras eram diversas (PRIORE, 2017).

A leitura, a escrita e as operações básicas eram para meninos e meninas, era o dito básico da educação e que todos acessavam, seja menino e ou menina, por isso mesmo que Aída, como professora de ambos os gêneros, se dedicava somente a estes conteúdos. Agregando de forma sutil, mas muitas vezes pertinente, a questão da doutrina cristã, como parte do processo de aprendizagem dos primeiros ensinamentos para ambos os sexos. Realidade constatada em todas as entrevistas feitas por seus discentes, os quais dizem que, até o quinto ano, só era português e matemática, que eram ensinados com total competência pela professorinha Balaio, tanto no Mucuripe como nos grupos escolares. Todavia, temos ciência de que, para os meninos, no desenvolver da caminhada educacional, apresentavam-se também conteúdos como noções de geometria, enquanto para as meninas, mesmo as de elite, nesta perspectiva, o ensino incluía aprender o bordado e a costura. (PRIORE, 2017)

O relato de um marinheiro norte-americano, datado de 1849, ilustra o tipo de educação que era dado às meninas órfãs e abandonadas: Aprendiam a ler, a escrever, aritmética, costura, cozinha e todos os ramos úteis de trabalho cotidiano. Muitos moços vão lá (no asilo de órfãos) procurar esposa e depois de apresentar atestado de boa moral e de ser trabalhador são recebidos no vestibulo onde encontram as moças casadoiras. (LOURO, 2004, p. 445)

Apesar de a colocação ser de pelos menos 50 anos antes do nascimento de Aída, a dada realidade se fez pertinente em sua educação feminina tanto quanto de suas filhas. Uma proposta de que mulheres são para casar para ser mãe, e por isso devem dominar o cuidar de

uma criança, de uma casa e de seu marido, isto é, a instrução feminina deve construir um perfil de mulheres educadas, que minimamente instruídas poderiam auxiliar na educação de seus filhos, ao mesmo tempo em que tendo uma boa representatividade, ou seja, referência de seu marido, preparadas para casar.

Além disso, a mulher que tivesse acesso à educação deveria estar proposta sob a dinâmica cristã, indicando um forte traço de que tipo de educação, quais os objetivos e quais os processos o feminino poderia perpassar, assim uma educação pautada nos princípios cristãos, tanto formariam boas mulheres para o matrimônio como controlaria a juventude daquelas que os pais confiam às escolas religiosas. Assim, a moral dominante, tanto no século XIX e mesmo no pós-república, em boa parte do século XX, era a proposta pelos cristãos católicos, mesmo nas proposições da laicidade para a Educação, o domínio para a educação feminina relacionava-se às organizações de congregações católicas (ALMEIDA, 2012).

Assim, a maior parte das poucas mulheres que representavam as que tinham acesso à educação e destas as que podiam ir além dos ensinamentos de professoras leigas, ao acessarem colégios religiosos, acabam tendo uma rotina bem controlada e direcionada; instruções de diligências que fabricariam replicadoras, fruto, meio e produto de um modelo pautado, por sua vez, em um tradicional caráter conservador, por meio do qual, freiras e padres, ensinavam mulheres adolescentes centradas na manutenção do modelo familiar cristão tradicional. Em meio às religiosidades difundidas a partir de associações que faziam uso das senhoras como propagadoras e divulgadoras, nas manifestações a favor de condições dignas, do combate à fome, miséria, mortalidade infantil, impulsionado pela preocupação da Igreja Católica com desenvolvimento de práticas assistenciais para garantir maior acesso, igualdade e melhorias sociais a população local. (OLIVEIRA, 2014). Aída seria exemplo dentre tantas figuras femininas que se dedicavam a este tipo de entidade, dedicando-se, portanto, a uma valorização das quais as mulheres são as maiores divulgadoras.

Assim, a realidade educacional de Aída não foi tão diferente da realidade de algumas das mulheres que já acessavam os estudos no final do século XIX, início do XX, contudo, ela não apenas acessou o primário, como compôs um índice ainda menor que era a classe feminina que tinha acesso ao que equivaleria o seu ensino secundário ao mesmo tempo em que sua formação docente. No entanto, indaga-se neste momento em tentativa de compreender qual seria então a peculiaridade de Aída Balaio. Ser de origem pobre, negra e ter tido sua formação não pela Escola Normal, mas pelo Colégio Imaculada Conceição, assim em que medida, isto desencadeou alguma vantagem ou não na trajetória de Aída, tanto em sua vida particular como profissional, não sabemos ainda, no entanto, precisamos ainda

vislumbrar sua formação profissional junto à sua atuação docente e os aspectos que a permeiam para afirmarmos de forma contundente.

## 4.2 FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Dentre as tantas problemáticas pertinentes desde o Brasil Império até no processo de reestruturação política da República, apresentava-se, como já colocado em outros momentos do texto, índices preocupantes de acesso à educação, esses mais preocupantes ainda quando vislumbramos o enfoque feminino e o número de instituições de ensino público, especialmente o número de escolas primárias. Contudo, ocorriam já alguns fomentos em busca de melhorias e em busca da ampliação do quadro de oferta de vagas para as crianças.

No entanto, junto a isso se tinha a problemática de quantitativo de professores, pois o grau de abandono da educação cearense coloca à margem do conhecimento muitos futuros promissores e colaboradores do desenvolvimento do Brasil, assim como toda uma gama de profissionais que atuavam como docentes sem ter sequer nenhuma formação para. Chico Neguim<sup>50</sup> do Mucuripe era um destes, citado por Girão (1998), como o professor que não sabia ler, mas que conseguia alfabetizar, e que era conhecido por fazer uso da palmatória. Aída assim será a professora diplomada, ou também chamada de credenciada, nas falas de Pinto (2019) e Magalhães (2019), que a postura, a didática utilizada, as ações de controle do alunado e a qualidade do ensino eram totalmente diferentes entre a Balaio e Chico.

Destaca-se que Brígida e Malu, irmãs de José (mais conhecido como Doca), relatam os constantes elogios que seu irmão apresentava sobre o ensino e o que apreendia ao frequentar as aulas da Balaio. Além disso, atestam que, por mais que fossem conscientes das ações que as permearam, neste dado período de acesso aos estudos, lamentam não terem tido a oportunidade de estudar com Aída, pois ela era professora carimbada, não tinha quem não apreendesse com seus ensinamentos; mas quem ficou responsável pela educação das duas foi Zaída, que acreditavam não ter o mesmo ímpeto e cuidado de Aída.

Todavia, mesmo em momentos diferentes e com 10 anos de diferença de idade, Brígida acaba frequentando a escola de forma mais tardia e assim o distanciamento temporal das duas diminui diante de suas idades aptas ao acompanhamento do ensino. Estamos falando da família do barbeiro da travessa São João, que oportunizou seus filhos a estudar, como único lócus de referência de ensino, encontrou a prática que Aída propunha em sua residência.

---

<sup>50</sup> Nenhum dos colaboradores que citou Chico Neguim soube nos dizer qual o seu nome completo de batismo, apenas que deveria ser Francisco, mas que todos os conheciam por Chico Neguim.

Antes de Aída compor a sua formação e início de suas ações na educação, a maior parte de mestres que dominavam a prática do magistério eram homens. Porém, as mulheres passaram a compor, por cada ano, nas escolas normais, tanto a função de discente quanto de docentes, ocorrendo, assim, um aumento significativo da inserção da mulher na profissão educadora. As escolas normais se instalam e têm seu crescimento retomado e depois entram em um quase total declínio, em um período de mista pretensa de formar professores e professoras que atendessem ao que se almejava ser um aumento na demanda escolar.

O processo não se dava, contudo, sem resistências ou críticas. A identificação da mulher com a atividade docente, que hoje parece a muitos tão natural, era alvo de discussões, disputas e polêmicas. Para alguns parecia uma completa insensatez entregar às mulheres usualmente despreparadas, portadoras de cérebros “pouco desenvolvidos” pelo seu “desuso” a educação das crianças. (LOURO, 2004, p.450)

As mulheres iam sendo inseridas com uma ideia de, naturalmente, serem inclinadas ao cuidar do outro e de terem responsabilidades pelas crianças. Parte disso dava-se por suas reivindicações, resistências e lutas, além de competência, parte por tornarem-se uma marionete que deveria auxiliar na construção, percepção, histórico-social que os governantes queriam para o meio cidadão. O magistério, assim, apreendido como uma continuidade, parte da maternidade que já era natural às mulheres, e, ou melhor, deveria ser uma profissão envolta de sentimentos como o de amor, de entrega e doação, uma vocação, praticamente, de todas as mulheres para a dada situação. (ALVES, 2002).

Características que, por sua vez, vão se articular à tradição religiosa da atividade docente, reforçando ainda a ideia de que a docência deve ser percebida mais como um “sacerdócio” do que como uma profissão. Tudo foi muito conveniente para que se constituísse a imagem das professoras como “trabalhadoras dóceis, dedicadas e pouco reivindicadoras”, 15 o que serviria futuramente para lhes dificultar a discussão de questões ligadas a salário, carreira, condições de trabalho etc. (LOURO, 2004, p. 450)

O processo de “feminização do magistério” iniciou seu processo antes mesmo das leis estaduais no Ceará de 1905, de 1916, das proposições de Lourenço Filho em 1922, mas a partir dessa data ganhará mais força com a proliferação de um número significativo de mulheres formadas como normalistas de escola pública e privada, resultante de uma maior proposição de ações do estado tanto no âmbito das crianças e de seus perfis para construção de futuros trabalhadores da nação, assim como para os mestres. Assim, a partir de então, já tínhamos um quadro formando-se, ou seja, no Brasil, o ensino primário é das mulheres, e até no século XXI, o dado perfil ainda propaga-se.

As moças tidas como frágeis, até então ainda não consideradas cidadãs, estavam imersas em uma política direcionada a formar bons cidadãos brasileiros, principalmente na estruturação nacionalista ainda mais forte com Vargas no poder. Muitas mulheres eram atraídas para o magistério por situação financeira, pois as necessidades de suas famílias fizeram muitas mulheres pobres verem em seus salários baixos para o período, enquanto professoras, uma maneira de auxiliar e ajudar nas contas. No entanto, tinha-se também o lado da conquista feminina de ter um trabalho, uma profissão fora da casa, fora das funções de “esposas” e “mães”, e essa perspectiva de referência – inclusive de respeito, moral e intelectualidade que algumas vão ganhar – é que permeia as proposições que abrangem a relação de Aída Balaio com a docência.

Apesar de o sustento ser responsabilidade masculina dentro de uma sociedade machista e de o Senhor Francisco Balaio, aparentemente, ter um bom emprego, muitas vezes os familiares de Aída alegam que ela dizia que trabalhava para ajudar no sustento da casa, e que quando realmente isso não foi mais preciso, ainda assim, Aída não deixou de lecionar. Importa talvez destacarmos que a Balaio tinha a consciência de que não queria abrir mão de sua profissão, de seu trabalho, pois gostava do que fazia e de ganhar seu próprio sustento. A mais, ocorriam colocações que “o magistério era próprio para mulheres porque era um trabalho de “um só turno”, e que permitia que elas atendessem suas “obrigações domésticas” no outro período” (LOURO, 2004).

Para Aída o casamento e a maternidade eram efetivamente algo que realizara como uma boa moça, e um traço comum à figura feminina de seu contexto, no entanto, todas as colaboradoras da família Balaio, com esta pesquisa, relatam-nos que a sogra, a avó não era dada a afazeres domésticos, não só por não gostar, pois Chagas (2019b) nos conta que sua mãe Nair, filha da Balaio, mesmo não gostando, ao ponto de jogar as compras no chão, quando o marido as fazia para que ela assim fizesse a alimentação da família, atitude demonstrativa de tamanha aversão que tinha por tal atividade. No entanto, logo apanhava tudo do chão e guardava, seguia com os afazeres domésticos, pois Nair não exercia outra função além de ser uma mulher do lar.

Tudo que levasse as mulheres a se afastarem do que era tido como naturalmente feminino, seria percebido como algo errado, um desvio da norma. Chagas (2019c) nos diz que sua avó “começava o dia já pronta, toda ensapatada, usava brinco e de “meia fina”, nada de amanhecer na cozinha não”, tanto que o cargo de dona de casa era de Ester, a moça de confiança que cuidada de tudo na residência dos Balaio. Aída gostava e era constantemente,

vista em casa lendo e quando não costumava andar pelas ruas do Mucuripe em ações de assistencialismos e religiosidade.

Quando no livro de Priore (2004), ao trazer o texto de Louro (2004) nos oportuniza diálogos sobre a produção de professoras, refletindo sobre a formação delas, da organização e ocupação de seu tempo, dos espaços, de onde podem ir ou não ir às figuras femininas; traz à tona a estruturação dos cursos ofertados a credenciar, diplomar as professoras primárias. As jovens que buscavam realizar cursos como o normal no Imaculada e ou na Escola Normal, no ambiente público e ou privado de instituições, galgavam diferenciação social dos cursos laicos ou de orientação religiosa. No primeiro se pagavam por eles, no último era gratuito, já que as frequentadoras de cada uma dessas instituições teriam um perfil social e financeiro anterior já demonstrado ao acessar esta ou aquela escola. As meninas ricas eram do Imaculada e as pobres, que não podiam misturar-se com as abastadas, estudavam na Escola Normal.

Aída por ter estudado no Imaculada, sendo uma negra pobre, propormos um diálogo em torno dessa dada acessibilidade. Faz-se interessante colocar que as filhas e as netas de Aída, assim como a Dona Tatá, frequentaram o curso normal do Justiniano de Serpa, já direcionando um perfil socioeconômico da família, à época dos estudos das meninas, mesmo que hoje as realidades destas sejam díspares por suas conquistas, quase na totalidade, obtida única e exclusivamente por suas ascensões profissionais. Mesmo que tenham perpassado por enquadramentos e apadrinhamentos, essa família, de modo geral, não era formada por mulheres dedicadas exclusivamente ao lar, como era a realidade das famílias abastadas e até mesmo de algumas famílias simples do Mucuripe do início do século XX.

A formação profissional feminina no curso normal dava acesso às aulas de português, matemática, geografia nacional, história do Brasil e geral, história sagrada, catecismo, pedagogia e também puericultura, psicologia, economia doméstica, bem como se dedicavam às disciplinas de trabalhos manuais, higiene escolar, sociologia, canto orfeônico, educação física e ginástica; tiveram também orientações sobre teatro e aprendiam a tocar piano, órgão que tinham nas igrejas para acompanhá-lo das celebrações. Este curso podia ser ofertado pela Escola Normal pública, e durante o século XX, várias instituições particulares, assim como o Imaculada, que a partir da década de 1920 passa a ter sua formação equiparada a da Escola Normal.

Nas escolas normais, mesmo a presença feminina sendo maior, era diferente de nas escolas de ensino secundário como o Liceu do Ceará, assim como também no nível superior, que apresentavam a presença quase maciça da figura masculina, tanto na

estruturação de servidores como no alunado, elas, as mulheres por muito tempo não eram permitidas a assumir a direção da instituição, sempre ficando a cargo de um professor de renome que tinha respaldo por muitas vezes políticos. Apenas nas de cunho religioso, como o Imaculada, que Aída fez parte, e se fossem de ordenação feminina, é que iremos constatar uma mulher dedicada à tomada de decisões organizacionais e sistêmicas do ensino.

Em meio a essa realidade faz-se interessante apontarmos que, somente com nos grupos escolares, iremos ver a figura feminina liderando uma instituição pública de caráter educacional, pois até as escolas de formação de professoras tinham na direção homens, e mesmo a maior parte das professoras sendo mulheres formando mulheres professoras, ainda havia algumas disciplinas que sempre eram lecionadas por professores homens. Os grupos, aliás, apresentavam em seu quadro docente apenas mulheres, no Almanach do Ceará em todos os anos revisitados, só se verifica algum nome masculino, na figura do porteiro e ou zelador, que passaram a fazer parte da estrutura escolar depois da Reforma de 1922.

A profissão mantinha, de muitos modos, laços com suas origens religiosas. Talvez se possa falar de uma certa ambiguidade no processo de laicização do magistério. Ao se subordinarem à autoridade do Estado, tanto os docentes quanto as docentes continuaram a ser tratados de um modo especial, como uma espécie de “clérigos leigos” cujas vidas e ações deveriam ser controladas. (LOURO, 2004, p.461)

Aída Balaio é descrita em quase a totalidade das memórias e lembranças deixadas pelo Padre José Nilson (LEAL, 1989), por seus discentes, de modo geral, aqui colaboradores, e traços das falas deixadas por seus filhos e as colhidas, recentemente, de suas netas, como uma professora que possuía um perfil religioso, um ar de bondade e dedicação, desde o exercício do magistério, às relações de auxílio e apoio à Igreja local, como também ao trilhar o Mucuripe, como fazia até a comunidade da Lagoa do Coração, em suas práticas assistencialistas, de doações de soro. A mais, apresenta-se sempre bem vestida, asseada e elegante, como também sempre era presente, em seu vestuário, a mantilha na cabeça.

Apesar de nem todas as mulheres formarem-se normalistas sejam de instituições públicas ou privadas, o que era recorrente e já descritos, no período em que Aída acessou o currículo do Imaculada, era que as moças deveriam estar ali para prepararem-se para casar, sendo vistas assim como mulheres para o casamento. Na continuidade do século XX, por certo em toda a metade das décadas do mesmo, isso era símbolo de moça boa, prendadas, um dote a mais, digamos assim, para aquelas mulheres que deveriam estar almejando o casamento.

Antes de nos determos melhor sobre a questão da educação secundária de Aída, faz-se pertinente esclarecer que não abordamos o ensino primário de Balaio, de forma mais

específica, sendo até colocado de forma rápida, anteriormente, pois, infelizmente não obtivemos nenhuma fonte que pudesse oportunizar uma narrativa dessa natureza. Acreditamos que tal fato se deve ao distanciamento temporal, que nos afasta não só de possíveis resguardas e preservações de arquivo, como também nos deixa mais restritos à possibilidade de pessoas que conviveram de forma mais íntima e próxima da biografada. No entanto, como levantaremos a tese de que Aída obteve o seu passe para usufruir de vaga no Imaculada, através de seu vínculo anterior com o Externato São Vicente de Paulo, quando mais a frente formos falar de Aída e o Colégio, destacaremos um pouco dessas realidade de currículo primário.

#### **4.2.1 Aída e o Colégio Imaculada Conceição**

Para iniciarmos nossas explicações desta seção, faz-se necessário esclarecermos algumas possibilidades que vislumbramos para Aída ter tido oportunizado ao acesso aos estudos no Colégio Imaculada Conceição. Inicialmente, pensamos que tal acesso foi caritativo porque até o final do século XIX, o governo estadual do período encaminhava recursos financeiros para que o colégio, sob a direção das Irmãs de Caridade, para que estas pudessem acolher e educar meninas órfãs e/ou pobres e necessitadas, especialmente, vindas do interior.

No entanto, inquietou-nos as possíveis razões que levaram Aída, mesmo não sendo de família abastada e nem órfã, ao acesso ao currículo da elite do Imaculada. Era comum, no período muitas famílias mais simples convidarem pessoas de poder aquisitivo mais confortável para apadrinhar seus filhos, estes sabiam da responsabilidade de tal fato e, assim, sempre que podiam, apoiavam de diversas formas o seu dito protegido, para, por exemplo, conseguir vagas em escolas ou empregos. Tal prática ainda ocorria no século XXI, no entanto, está mais relacionada a ajudas e camaradagens de familiares e amigos do que no século retrasado e no início do século XX com os apadrinhamentos consubstanciados na igreja.

Porém, não só de ligações diretas de apadrinhamento, decorrentes de sacramentos cristãos, existiam as redes de apoios; era comum o auxílio e/ou financiamento de alunos dedicados aos estudos, como forma de incentivo, mas também de contribuir de forma direta pelo que chamamos de “desenvolver o Brasil”, ou seja, auxiliar no progresso da nação.

Em razão disso, nesse período, muitas meninas, dentre elas Aída, conseguiam uma vaga na instituição (ALMEIDA, 2012), ainda que em condições de aprendizagem distinta das moças de elite.

Evidentemente as divisões de classe, etnia e raça tinham um papel importante na determinação das formas de educação utilizadas para transformar as crianças em mulheres e homens. Para a população de origem africana, a escravidão significava uma negação do acesso a qualquer forma de escolarização. A educação das crianças negras se dava na violência do trabalho e nas formas de luta pela sobrevivência. As sucessivas leis, que foram lentamente afrouxando os laços do escravismo, não trouxeram, como consequência direta ou imediata, oportunidades de ensino para os negros. São registradas como de caráter excepcional e de cunho filantrópico as iniciativas que propunham a aceitação de crianças negras em escolas ou classes isoladas – o que vai ocorrer no final do século. (LOURO, 2004, 445)

A realidade descrita na citação acima seria uma explicação do que ocorreu com Aída, ou mesmo a justificativa da relevância e o pressuposto a ser averiguado, de que, enquanto mulher, negra e pobre, Aída teria alcançado um determinado prestígio, por tratar-se pura e simplesmente de uma exceção e que o que se tinha posto à educadora era tão determinante, que a dada superação de seus enquadramentos por si só já seria excepcional.

Quem seriam os seus padrinhos, se é que os teve, caso não, então como lhe propôs a vaga mesmo sem ser órfã ou retirante. Enfim, com objetivo de elucidar sobre a vaga no Imaculada que a oportunizou adquirir boa formação educativa, nos surgiu uma outra alternativa, pois as Irmãs responsáveis pelo Imaculada também dirigiam um externato em sua lateral, direcionado a meninas pobres. Estas, então, teriam a oportunidade de acesso ao currículo do ensino primário no externato. Contudo, mesmo indo ao encontro de pensarmos em uma Aída que poderia ter uma rede de apoio, no entanto, as bolsistas do Imaculada, na condição de beneficiária de uma ação filantrópica, não poderiam ter acesso a educação da elite como Aída obteve.

O livro *Imaculada Conceição* indica que ocorria a possibilidade de meninas simples estudarem no Externato São Vicente de Paulo, o dito externato na lateral do colégio. Mas acrescenta uma informação importante, as moças pobres podiam ganhar certificação também pelo Imaculada, estudar diretamente lá, pois as que apresentavam bom comportamento, como também bom desempenho na aprendizagem, poderiam ser oportunizadas a acessar o currículo oficial do Imaculada. Algumas poucas órfãs e pobres que se destacassem sobremaneira no Externato, poderiam ser convidadas a estudar no Imaculada.

Essa é uma opção plausível, pois, nenhum familiar e ou amigos, nem mesmo os já escritos não citam Aída com qualquer rede de apoio que pudéssemos atrelá-la a alguém para financiá-la. Sendo assim, por meio do Externato, não só Aída e/ou sua irmã Alzira, mas muitas meninas pobres tiveram acesso regular ao ensino primário ofertado anualmente e que absorvia muito mais meninas do que o próprio Colégio Imaculada Conceição. Diante disso,

levantamos o pressuposto de que Aída, apontada por vezes como intelectual, como alguém que não só gostava de ensinar, mas gostava tanto quanto de ler, de estudar (CHAGAS, 2019a) poderia, ter sido uma das meninas do externato que galgou por meio do estudo e de sua dedicação uma vaga no Imaculada.

Todavia, acreditamos que, podemos e devemos nos apropriar mais sobre algumas questões e peculiaridades do Colégio Imaculada, antes de dialogarmos mais sobre o acesso de Aída e assim os entrelaces e dinâmicas do estudo na instituição com o exercício da docente. O Imaculada era lócus de estudo de uma elite que almejava para suas filhas conhecimentos científicos e práticos para tornarem-se moças de prestígio para o casamento, com saberes relativos à leitura, à escrita e às prendas do lar. Segundo Almeida (2012), as moças que estudavam como internas no Imaculada eram as ricas, pois as pobres frequentavam a Escola Normal.

Cabe salientar que, até o início da terceira década do século XX – quando começou a se efetivar uma maior organização da instrução primária, da estrutura escolar e do perfil profissional para a docência –, em Fortaleza, só havia duas instituições escolares direcionadas às moças: o Colégio Imaculada Conceição e a Escola Normal (CAVALCANTE, 2002), isto quando avaliamos instituições de cunho, atividade exclusiva para a educação feminina.

Porém, nos intramuros do colégio, a educação explicitava disparidades sociais, seletividade e preconceito, uma vez que havia distinção no trato com as estudantes de elite e as meninas acolhidas, já que estas ficavam separadas na estrutura do prédio em um espaço lateral, recebendo escolarização diferenciada; ainda que ambas tivessem acesso à educação de qualidade, as primeiras eram preparadas para o casamento com rapazes de poder aquisitivo semelhante e prestígio, enquanto as últimas, para se tornarem empregadas domésticas ou profissionais liberais costurando, vendendo quitutes ou ocupando espaços pouco prestigiados no mercado de trabalho, já que possuíam a necessidade de adquirir renda para a sobrevivência.

Em decorrência, as orientações religiosas caracterizavam o ensino mariano, sendo a rigorosa disciplina justificada pela importância da formação de moças recatadas, obedientes, discretas e subservientes que pudessem seguir a vida religiosa ou conservar padrões culturais e sociais da mulher dona de casa, boa esposa e mãe, à luz de Maria. (ALMEIDA, 2012). Afinal, uma boa moça, obediente, temente a Deus e ciente de seu papel social de esposa dedicada e submissa, relativamente instruída, formada pelo conceituado Imaculada, fomentava decerto maior chance de contrair um bom casamento.

Na referida instituição, Aída cursou sua educação secundária e se preparou para o magistério. Ela aprendeu conteúdos básicos de leitura, escrita e cálculos, assim como desenvolveu habilidades relacionadas à preparação para a administração de uma casa na condição de mãe e esposa prendada e recatada (MENDES, 2012). No Imaculada, teve a oportunidade de aprender alguns ensinamentos que eram restritos às moças de elite.

O currículo principal do Imaculada era voltado para a educação feminina, proporcionava o ensino de costura e bordado, de culinária, de música e de língua portuguesa e estrangeira. Tocar piano, dominar o francês, saber se portar como mulher fina e educada, de acordo com os padrões elitistas, esses eram diferenciais valorizados no contexto cearense, o que demonstrava que a moça era culta e tinha referências europeias sobre civilidade (LIMA; FIALHO; SANTANA, 2015).

Apesar de não pertencer à aristocracia de Fortaleza, Aída conseguiu pleitear uma vaga no Colégio Imaculada Conceição e ter acesso a todo o currículo ofertado pela instituição, o que amparou não apenas a formação para o magistério, mas certo preparo social para transitar nos espaços de elite. Tal acesso direcionou não só como se configurou sua educação para a docência como sua religiosidade, tão presente e marcante da personalidade de Aída Balaio.

Fundado em 1865, o Colégio da Imaculada Conceição foi construído na Rua Formosa, números 28 e 30. Administrado por freiras, o objetivo era de educar e abrigar meninas órfãs. Porém, após dois anos de funcionamento no endereço, o espaço físico se tornou pequeno. O motivo era a quantidade de alunas. A escola, então, foi transferida em 1867 para o endereço da Avenida Santos Dumont, onde funciona até hoje. (TRIBUNA DO CEARÁ, 29/03/2015).

Alas diferentes e opostas abrigavam as meninas pobres e as ricas, de modo geral isso aponta para o fato de que as ricas eram preparadas para um bom casamento, diferente das ditas órfãs que tinham seu destino proposto para serem serviçais em casas de famílias ricas cearenses, preparadas para o trabalho doméstico. As abastadas, nas primeiras décadas de funcionamento do Colégio, tornavam-se internas ou semi-internas, conduta de muitos pais que buscavam garantir uma boa educação, assim como uma segurança que suas filhas não se desvirtuariam.

Uma boa moça, independente da condição social, deveria ser obediente e ciente de seu papel social, assim, teria por certeza um bom casamento, pois entenderia sua submissão a seu marido, assim como a necessária dedicação à sua casa e a seus futuros filhos. Aída traçou tal direcionamento, como uma boa moça, dedicou-se aos estudos e casou-se logo não desvirtuando e tornando-se mulher culta de um militar logo na metade da primeira década do

século XX, o que lhe resguardou do trabalho doméstico em casas de famílias privilegiadas economicamente.

E, sem fugir à regra, logo após se formar, ela efetivou matrimônio com Francisco Balaio da Silva – homem mais velho, com emprego estável, funcionário público, que não ocupava cargo de prestígio, mas poderia lhe oferecer uma vida sem maiores privações. Aída, pouco depois de seu casamento, iniciou-se na profissão de professora de crianças, atividade amplamente difundida para as moças por ser uma das poucas profissões consideradas femininas, já que cuidar de crianças era um preparo para a maternidade; além disso, a escola era considerada uma extensão do lar, a qual não oferecia maiores riscos à preservação da honra, pela preservação da virgindade e distância dos homens (CASTELO, 1970).

Castelo (1970) nos indica que a educação escolar era para poucos, especialmente em nível secundário, e para realidade feminina ainda era mais rara, pois havia maior distância ao acesso já que não se tinha justificativa contundente para que a mulher estudasse em níveis mais elevados ante o seu direcionamento maior, o casamento. Os afazeres domésticos, mesmo que fossem somente sua gerência e os cuidados com os filhos e com o provedor da casa, o marido, no caso das abastardas, era a principal atividade feminina. Com efeito, mesmo as que conseguiam ter uma maior formação acabavam em instituições sob o olhar da religião, das prendas domésticas, quase que intrínsecas a qualquer mulher, pela naturalização dessas atividades ao meio feminino.

Dentro do Imaculada Conceição, as moças eram instruídas sobre cuidados higiênicos, bordado, culinária e conteúdos básicos de leitura, escrita e cálculos; muitas vezes correlatos à preparação para a administração de uma casa. Com ênfase para a questão do coser e do bordado, pois uma boa jovem preparava-se para o seu casamento aprontando um belo enxoval. (ALMEIDA, 2012). Em seu currículo estavam ensinamentos sobre corte e costura, a aprendizagem de música por meio do piano e língua estrangeira, no caso o francês, o qual era a língua vernácula das mães que administravam a instituição. Devemos salientar que, no contexto brasileiro da época, saber falar o francês demonstrava que a moça era culta e tinha referências europeias sobre civilidade.

Aída aproveitou a oportunidade e se tornou uma dessas mulheres cultas, pois não só aprendeu os conhecimentos destinados às órfãs como aprendeu francês e a tocar piano, parte direcionada exclusivamente às meninas da elite, já que, para as mais humildes, aprender uma atividade laboral era não só apreender conhecimento, mas sobreviver e ajudar as famílias. Desse modo, Aída irá revelar, e demonstrar a todos, nas festividades religiosas do

Mucuripe, ou mesmo nas missas quando solicitavam sua presença, por exemplo, o dom de tocar o órgão da Igreja (BALAIO, 2018).

**Figura 18 – Colégio da Imaculada Conceição**



Fonte: Tribuna do Ceará (2015).

A imagem acima mostra O Colégio Imaculada Conceição já no século XX, nos primeiros anos do referido século, pois, já traz em sua lateral a construção da Igreja Pequeno Grande, já que este, agregado à arquitetura da escola, só fora realizado posteriormente ao seu já funcionamento, que se deu desde o início, quase na segunda metade do século anterior, ou seja, o XIX. Trouxemos essa foto da construção para mostrarmos o que já era possível se ver na arquitetura do dado local, uma imponência e importância que a dada instituição demonstrava para a Educação, além disso, tal imagem já diz um pouco dos direcionamentos que obedecia e a quem atendia os interesses.

A instituição, ainda em funcionamento, localiza-se na Praça Figueira de Melo, nº 55, em frente ao Colégio Estadual Justiniano de Serpa (antiga Escola Normal do Ceará), e que, em pleno funcionamento como entidade educacional, ainda está fincada às questões religiosas e tem, em seu histórico, grade curricular, discentes e docentes, um grande destaque e importância na constituição da História da Educação Cearense.

Destarte, estudar sobre a História da Educação é também perpassamos pela História de Instituições, de escolas, que foram e ainda são pelo Brasil, referências na constituição do quadro educacional brasileiro; no Ceará não fora diferente. Em especial, para além do Imaculada, aborda-se mais à frente um pouco sobre as instituições: externato São

Vicente de Paulo e a escola Clóvis Beviláquia, estas dentre seu histórico e contexto, assim também em sua correlação com a biografada, porque estão imbricados com a Aída, como veremos em destaque nos tópicos a seguir. Buscamos resumir, junto a datas, um pouco dessa trajetória educacional e profissional de Balaio.

**Quadro 4 – Trajetória educacional e profissional formal de Aída**

<b>Trajetória educacional e profissional formal</b>	
<b>Ano</b>	<b>Informação/Local/Instituição</b>
1897-1903	“Provável” Período de Instrução Primária
1903-1905	Período de Estudo no Colégio Imaculada Conceição
1908	Primeiro registro de magistério relatado por Aída
1911-1922	Mucuripe – 1º Registro Oficial na carteira funcional
1918	2º Registro Oficial – aumento salarial referente à continuidade do trabalho de ensino no Mucuripe.
1922-1937	3º Grupo do Outeiro
1937-1938	Período em que se aposenta com 27 anos de magistério, ou melhor, de registro oficial como professora do governo
1938-1948	Relata-se que trabalhou dando aulas particulares e preparando estudantes para concurso
1948	Nomeação para reger o Curso de Alfabetização de Jovens e Adultos no Mucuripe
1955	Começa a preparar jovens para prestar exames públicos, seja para carreira militar, seja para cargos de vinculação no Porto Mucuripe.
1948 – 1969	Alfabetiza crianças, jovens e adultos de forma particular, vinculada a campanha pública política e ou de forma voluntária, como renda de sustento, por assistencialismo ao Mucuripe e ou pelo dito amor e dedicação à profissão).

Fonte: Produzido pela autora (2019).

O livro de anotações de Irmã Gagné<sup>51</sup>, apresentado na Revista do Instituto do Ceará, em 2017, republicou assim algumas ponderações do período da Irmã que acreditamos que estava no comando da instituição quando Aída ali possivelmente estudara. Contudo, acabamos tomando ciência que, durante o comando da Irmã Elizabeth Silveira, a então superiora do Colégio da Imaculada Conceição relata que teve conhecimento de que todos os documentos antigos da instituição haviam sido incinerados por ordem de uma das últimas dirigentes da Casa e que, sem uma explicação específica, coloca que salvara-se da destruição um pequeno e precioso livro de anotações de irmã Gagné, no entanto este dado livro referia-se muito mais à obra da Igreja da lateral que foi construída.

<sup>51</sup> REVISTA DO INSTITUTO DE 2017. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2017/ric2017.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

## 4.2.2 Externato São Vicente de Paula

Para nos apropriarmos um pouco mais sobre o Externato São Vicente de Paulo, escola que Aída esteve inicialmente para posteriormente galgar acesso ao Imaculada, retomamos aqui rapidamente a história das Filhas da Caridade, que chegaram em Fortaleza no ano de 1865 e logo fundaram o Colégio da Imaculada Conceição, destinado às jovens abastadas e também às órfãs, como já relatamos na descrição do CIC em si e como já colocamos no tópico anterior.

A Congregação das Filhas da Caridade é uma das primeiras Ordens de religiosas de vida ativa a se estabelecerem no Brasil. As Irmãs destacaram-se nas áreas da educação e de evangelização da juventude e do povo de modo geral, uma necessidade imperiosa num país cuja população era em sua maioria analfabeta e carente de formação religiosa, sendo assim, é inegável a contribuição efetiva das Filhas da Caridade na formação da sociedade brasileira, sendo elas as pioneiras, ao criarem um tipo novo de presença religiosa feminina no período imperial, mais ativa e atuante, nas áreas caritativa e educacional. (NÓBREGA-TERRIEN *et al.* 2012, p. 16).

As Filhas de Caridade deram a oportunidade de enxergarmos avanços no quadro de crianças com acesso à educação e a um ensino permeado pelos direcionamentos de Jesus, tendo como modelo a ser replicado como uma questão da caridade.

**Figura 19 – Imagem da Fachada da Escola São Vicente de Paula**



Fonte: Google Maps, dezembro de 2017.

Dezenove anos depois da fundação do CIC (1865), no ano de 1884, a obra das Irmãs de Caridade na cidade é ampliada com a criação do Externato São Vicente de Paulo, uma casa onde as meninas pobres aprendiam música, leitura e trabalhos manuais.

Para os meninos, filhos de operários e das famílias assistidas pelas Senhoras da Caridade, se abriu o Externato Jesus Maria José. Posteriormente, veio a inauguração do Externato São Rafael, em março de 1901, destinado aos irmãos das meninas do CIC, externato este que deu origem ao Colégio Cearense, dos Irmãos Maristas (CAMPOS, 1999).

No entanto, ainda chegando à última década do século XIX, as Irmãs sentiram a necessidade de fazer um trabalho além do que já desenvolviam, como o de encarar o desafio de atender à educação de meninas pobres. Num prédio, ao lado do Colégio da Imaculada Conceição, literalmente na lateral do quadrilátero, sob a gestão da Irmã Gagné, as Irmãs fundaram o Externato São Vicente de Paul, em 08 de setembro de 1884, quase vinte anos após a fundação do Imaculada.

Estamos aqui dando destaque a esse prédio, pois nos indagamos muito sobre como Aída Balaio, de origem simples, teria tido acesso a uma formação semelhante a de filhas de famílias abastadas do Ceará. Assim, relendo e observando a história e historiografia já produzida do CIC, chegamos ao Externato São Vicente de Paulo<sup>52</sup>, embora não podemos provar que Aída tenha estudado nessa instituição, o que queremos colocar é que possivelmente pode ter sido lá que a docente tenha tido o acesso, mesmo que inicial, a essa educação mais culta, pois o externato, inicialmente, funcionava muito mais como uma extensão do Imaculada.

Fora reaberta em 2006, comandado pelas Irmãs Coube, retomando os objetivos iniciais de sua criação, o de dar oportunidade de uma melhor educação e uma formação humanística às crianças carentes, embora, em sua criação, destinada exclusivamente às meninas carentes, ou pelo menos para lhes servir de socorro, passou, no início do século XX, a ser referência de ensino e acolhida de moças da elite cearense. Reabriu, assim, atendendo os filhos de domésticas, funcionários públicos assalariados e auxiliares de serviços gerais. Ainda hoje, em 2019 resistindo na proposta de dar acesso à instrução aos que ainda são constantemente excluídos desse direito, os pobres.

Deste modo, já que estamos defendendo a ideia de Aída ter obtido sua vaga pelo mérito, e para isto ter acontecido, ela já estudava então no Externato, assim teria sido lá seu ensino primário e agora assim podemos delinear minimamente qual ensino era oferecido a Aída e àquelas meninas pobres acolhidas para acessarem a educação e os preceitos da religião

---

<sup>52</sup> O prédio ficou sob o comando do Governo do Estado do Ceará, na verdade desde o ano de 1944, sessenta anos depois, da sua criação, funcionando como Entidade Mantenedora da instituição a SEDUC (Secretária de Educação do Ceará). Nesse período, o externato passou a ser chamado de Escola de 1º Grau Externato São Vicente de Paulo. No entanto, nos anos de 2000, tivemos na história da instituição, mais especificamente no ano de 2004, uma retomada da direção às Irmãs, a ocasião acabara por acarretar problemas no funcionamento da escola no ano de 2005.

cristã católica. Nos anos que se passam do findar do XIX e início do XX, apresentam-se em número crescente, segundo o Almanach Ceará, a cada ano.

Aproveitaremos para falar um pouco qual era a relação e representatividade de Aída junto à questão religiosa, entendendo que ocorreu toda uma construção moral durante seus estudos com as Irmãs de Caridade, que a influenciou, pois acreditamos que foi a prática e envolvimento com a Igreja, que influenciaram suas ações no assistencialismo referendado a educadora no Mucuripe. Aída segundo a construção de sua trajetória não só ficou envolta dos direcionamentos católicos ao entrar no Imaculada, pois quem estudava no Externato também tinha dentre seus estudos a questão dos preceitos cristãos, assim a religião e suas implicações tiveram sim uma gama de influência nas ações empreendidas pela Balaio e sua aproximação tão efetiva nos grupos religiosos femininos e de formação da juventude.

## 5 ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL

Aída chega ao início da sua vida profissional, um pouco depois de ter casado, e ido morar no Mucuripe, segundo os registros de sua carteira profissional, em um arraial, povoado<sup>53</sup> inicia sua atuação docente. Em cadeira mista, como era proposto o ensino em localidades pertencentes à estruturação educacional da capital, ao mesmo tempo a professora absorvia tanto crianças meninas quanto meninos, nas chamadas cadeiras mixtas, como eram escritas na língua culta do período. Assim o Mucuripe aparece como um dos primeiros lócus de atuação profissional de Aída, já casada.

Em 1918, em conferência às normalistas em Belo Horizonte, o professor Firmino Costa, consagrado dirigente de instituições de ensino mineiras, defendia que o Estado deveria proibir que as mulheres casadas pudessem exercer a profissão docente. Ou ainda, que a professora que casasse fosse exonerada do cargo. Numa clara defesa daquilo que a bibliografia posterior veio a chamar de celibato docente, o professor argumentava que, uma vez casada, a mulher seria, naturalmente, mãe e que esta função seria incompatível com a de professora pois ambas demandam um trabalho diuturno da mulher. O bom exercício da maternidade importaria no exercício incompleto da docência e vice versa (FARIAS FILHO, 2019).

O contexto educacional, de modo geral, era reflexo das mudanças políticas e sociais brasileiras, que ganharam referência e destaque no âmbito educacional junto ao Ceará. Houve uma nova organização do que é escola, pedagogia, função do professor, do que se ensinava e do que deveria ser ensinado, como já colocamos em alguns apontamentos anteriores, e conseguiremos ver no perpassar de locais e instituições, nos modos de ensinar, o que e como de Aída na estruturação de sua trajetória de atuação profissional docente foi mudando suas práticas.

Embora tenhamos o acesso direto a uma fotocópia da carteira funcional da professora Balaio, pela qualidade da imagem, há possível prejuízo de compreensão, logo, optou-se por reconstruir os dados em formato de quadro, para que possam vislumbrar os vínculos de registro da professora. No entanto, apesar de trazermos este quadro logo abaixo, salientamos que nos anexos, colocamos a imagem/cópia da carteira funcional da educadora.

---

<sup>53</sup> A colocação -“povoado”- dar-se por classificação que observamos nos almanaques, dos anos tal a tal em que o Mucuripe continuava sendo concebido como um povoado longe, de difícil acesso e ainda agregado a capital realmente dentre o urbanismo proposto ao meio citadino, principalmente, nas primeiras décadas do século XX.

**Quadro 5 – Cadastro Funcional de Aída Santos e Silva**

<b>CADASTRO DO SEGURADO --- IPEC-DPA</b>				
<b>Aída Santos e Silva</b>		<b>Carteira de nº 9128</b>		<b>Inscrição no Tesouro do Estado nº 9128</b>
<b>ATOS ADMINISTRATIVOS RELATIVOS À CARREIRA FUNCIONAL</b>				
<b>DATA</b>	<b>NATUREZA DO ATO</b>	<b>REMUNERAÇÃO*</b>	<b>CARGO</b>	<b>REPARTIÇÃO</b>
17/07/1911	NOMEAÇÃO	83.333	PROFESSORA	MUCURIBE
01/08/1918	AUMENTO	100.000	PROFESSORA	MUCURIBE
17/05/1922	MELHORIA	120.000	PROFESSORA	FORTALEZA 3º GRUPO
06/10/1927	MELHORIA	140.000	PROFESSORA	OUTEIRO
13/10/1928	INCORPORAÇÃO DA GRATIFICAÇÃO	170.000	PROFESSORA	OUTEIRO
01/05/1931	AUMENTO	180.000	PROFESSORA	OUTEIRO
03/03/1932	MELHORIA	220.000	PROFESSORA	OUTEIRO
01/09/1934	AUMENTO	300.000	PROFESSORA	OUTEIRO
01/01/1937	MELHORIA	360.000	PROFESSORA	OUTEIRO
22/01/1937	MELHORIA	400.000	PROFESSORA	OUTEIRO
<b>OBSERVAÇÕES/INFORMAÇÕES</b>				
Prestou Serviço interino por 1 ano no Arraial Praça de Pelotas e em ativos do Município de Fortaleza				

\*TIPO DE MOEDA

Fonte: Produzido pela autora (2019).

O quadro acima se caracteriza por atos administrativos relativos à carreira funcional como: admissões, promoções, aumentos de vencimentos de acordo com a data, a natureza do ato, o cargo, a repartição de vínculo e qual a equivalente remuneração mensal. Foi proposto aqui como uma forma de não apenas comprovar as temporalidades que objetivamos e indicamos aqui analisar da prática profissional de Aída, mas pra demonstrar que mesmo bem depois da última data de registro oficial de Aída como servidora pública, esta mulher é citada nos relatos colhidos, como alguém que nunca deixou o ensino e a alfabetização, tendo como quase uma missão, o magistério para além de sua fonte de renda, que com orgulho exercia com afinco. Deste modo, Aída, podemos indicar que, assim como Freire (1983, p.35 e 22) aprendia o conceito de alfabetização “como ato de conhecimento e como ato político”.

Nos Almanach revisitados entre os anos de tal a tal, aparece uma “Aída dos Santos Silva” como professora interina de cadeira mista de Arraial da capital, na localidade de Lagoinha, somente nos anos de 1909 e 1910, contudo como não tem nenhuma menção a este registro na carteira funcional da educadora, e como a nomenclatura nominal está diversa, acreditamos que não possa ser Aída Balaio, mesmo que nesta data tenhamos ciência que sim ela já lecionava.

No número de exemplares que conseguimos ter acesso dos almanaques, possuem alguns vácuos como já descrevemos na caracterização de nossas fontes, pois de 1910, só encontramos o de data de 1914, contudo percebemos posteriormente, que apesar da data de amostra e publicação, muitas vezes o número do almanaque está voltado para a descrição de mais de um ano até mesmo 2, 3 anos, como também data de um ano, mas fazendo já alusão ao próximo do calendário cronológico.

Aída Santos e Silva aparece como professora de cadeira mista no de 1914, vinculada ao Arraial do Mucuripe em alusão desde a data de nomeação de 17/07/1911. Repete-se no ano de 1916, que também trata do ano anterior, seguindo na mesma vinculação de cadeira e localidade; no ano de 1918 e 1919, no mesmo lócus só que agora agregando a informação às cadeiras mista classificada como 4ª categoria; e só irá reaparecer no ano de 1922, no Mucuripe, em cadeiras de ensino primário, a informação agregada, neste momento já aparecem 10 grupos escolares no registro de inspetoria geral da Instrução Pública.

Assim será novamente citada a partir dos anos de 1924, já como efetiva do Grupo Escolar do Outeiro, mas faz alusão aos anos de 1922 e 1923. Do mesmo modo, conseguiremos caminhar junto os anos do almanaque e o transcorrer profissional da vida de Aída, números de 1926 (ainda com a nomenclatura de Grupo Escolar do Outeiro), 1928, seguindo nos anos de 1931/1932/1933/1934 como Grupo Escolar Santos Dumont já.

Nos números de 1935 a 1938, não se tem mais especificando o nome das professoras dos grupos escolares, como o caso do Grupo Escolar Santos Dumont onde Aída estava vinculada. Contudo, encontramos uma informação nova, neste último ano, 1938, aparece dentre os funcionários do Departamento Geral de Educação, situado na Rua 24 de maio de número 642, com o cargo de servente, junto a outros, *Valdelis Balaio da Silva*, apesar da escrita está diverso de Waldlys, como era escrito o nome de registro do filho de Aída, mas por informações contempladas e complementadas por familiares e contribuintes do processo das entrevistas, acreditamos ser a mesma pessoa.

Nas narrativas dos familiares, os Balaio, Waldlys Balaio da Silva chegou a trabalhar no grupo escolar Clóvis Bevilaqua, na parte da secretária, ainda por alguma

intermediação de sua mãe. Destacamos que, infelizmente não encontramos quase nenhum registro, na perspectiva de fonte primária sobre o Grupo Escolar do Outeiro e ou dos outros que funcionaram no mesmo prédio, sendo na verdade, apenas uma mudança de nomenclatura, seja em descrições mais específicas nas outras fontes consultadas, nem termos encontrado, praticamente nenhum arquivo escolar dos grupos, o que temos são as indicações das narrativas.

### 5.1 ARRAIAL PRAÇA DE PELOTAS E O POVOADO MUCURIBE

O estado do Ceará nas primeiras décadas do século XX apresentava uma instrução pública que contava com cerca de 531 (quinhentos e trinta e uma) escolas isoladas, 5 (cinco) noturnas e 7 (sete) grupos escolares, estes irão passar por diversas atualizações e reorganizações junto às políticas a partir de 1922. Dentre esses grupos escolares, estava também o dito grupo Modelo, na capital cearense, nele se tinha na composição a reunião de algumas escolas isoladas, dentre elas estava a de Pelotas. (SANTIAGO, 2011).

Assim, encontramos alguma referência sobre Pelotas no cadastro funcional de Aída, do início da sua prática do Magistério, registrado como atuação profissional e sem vinculação efetiva com o estado. Aída começa, então, suas atividades laborais pelo Arraial Praça de Pelotas. No Mucuripe, a docente se dedicou onze anos aos alunos carentes, alfabetizando e ensinando os princípios básicos da religião cristã. Contudo, apesar de termos ciência disto, pouco encontramos de mais específico sobre tal atividade no Arraial, no entanto, achamos interessante destacar e esclarecer o que seria, minimamente, a chamada escola isolada.

Este termo, escola isolada, advém de como era a organização do ensino primário público no Ceará, ou melhor, no Brasil. Que foi um modelo que prevaleceu no desenvolver do século XIX, e que perdurou nas primeiras décadas nas capitais, mesmo com a implantação dos grupos escolares (FARIA FILHO, 1996). Essas escolas podiam ter as nomenclaturas singulares ou cadeiras públicas de ensino também, e se propunham como um ou mais grupos de alunos, sob a responsabilidade de um(a) docente, mais recorrente professoras, no caso do Ceará do tipo masculina, femininas ou mistas.

Elas foram perdendo lugar para a organização de grupos escolares, mas resistiram como prática e meio de acesso à educação por muitas cidades cearenses durante a primeira metade do século XX, principalmente nos interior do estado. Já que a nova

proposta apresentava-se com uma nova concepção do espaço escolar, na tentativa de ordenar o ensino, as propostas metodológicas e assim os conteúdos trabalhados em sala. (SANTIAGO, 2011). Contudo, antes de adentrarmos mais sobre as discussões e as atividades que permearam as reformas educacionais no Brasil e em específico no Ceará a partir de Lourenço Filho. Não nos deleitaremos aqui sobre o Mucuripe em si, pois nos propusemos a trazê-lo enquanto correlato à visibilidade junto a nossa biografada.

Acabamos não esclarecendo, no entanto, a localização do Arraial de Pelotas, pelas buscas de esclarecimento de sua localização, seria nas proximidades da praça da bandeira, em frente a Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, contudo, como os registros apontam que Aída já morava à época no Mucuripe, o deslocamento até este Arraial era no mínimo dificultoso, pois àquela época a nomenclatura de propô-lo como localidade, pois apesar de fazer parte da capital, o acesso só será facilitado em meados dos anos de 1930, e ainda assim caro e não muito eficiente.

## 5.2 3º GRUPO ESCOLAR E A EFETIVAÇÃO NO OUTEIRO

Segundo o Almanach do Ceará de 1920, a capital cearense apresentava-se com seis grupos escolares, estes criados em datas diversas e de localização específica, contudo, praticamente todos se encontravam na região central de Fortaleza. Dentre estes grupos estava o 3º Grupo Escolar, onde a carteira funcional de Aída indica seu vínculo, o qual será lócus de nosso estudo para compreendermos melhor a instituição onde a Balaio lecionou.

Localizado na Rua do Seminário, acreditamos ser o seminário da Prainha, a atual Avenida Dom Manuel, o terceiro grupo foi criado em 1916. Como a maioria dos grupos, a escola antes da reforma de 1922, assim como quase todos os outros prédios escolares, era um lugar adaptado, alugado ou mesmo funcionando em partes/salas das casas das professoras, como muitas das escolas isoladas. A Lei n. 2027167, de quatro de novembro de 1922, possibilitou organizar os grupos escolares da capital cearense, mas não conseguiu abarcar ou mesmo efetivar mudanças em todo o estado, afinal, no interior a situação com relação ao acesso a educação, a escola ainda era bem mais dificultoso.

Justiniano de Serpa (1922 – 1924), à frente, como presidente de Estado, propunha, com a lei supramencionada, atualizar o cadastro de escolas do Ceará, ao mesmo tempo em que tinha a preocupação de fazer da organização dos grupos uma distribuição mais homogênea pelo estado. (SANTIAGO, 2011). A nova proposta apresentava-se com uma nova concepção do espaço escolar, da tentativa de ordenar o ensino, as metodologias, bem

como às teorias a serem abordadas. Além disso, tinha pretensão de capacitar e fiscalizar a ação de docentes, afeiçoar novas concepções de espaços e tempo de ensino, refletir a respeito da relação com as crianças e suas famílias. Entretanto, as escolas isoladas, consideradas marcos do atraso e da desordem a partir da falta de planejamento, ocasionavam sérios problemas no que tange ao direcionamento de recursos e qualidade de ensino.

### 5.2.1 Grupo Escolar do Outeiro/ Santos Dumont/ Clóvis Beviláqua

**Figura 20** – Jornal O POVO – Coluna Opinião do Leitor – Resposta a Reportagem *Aída Balaio* (1989)



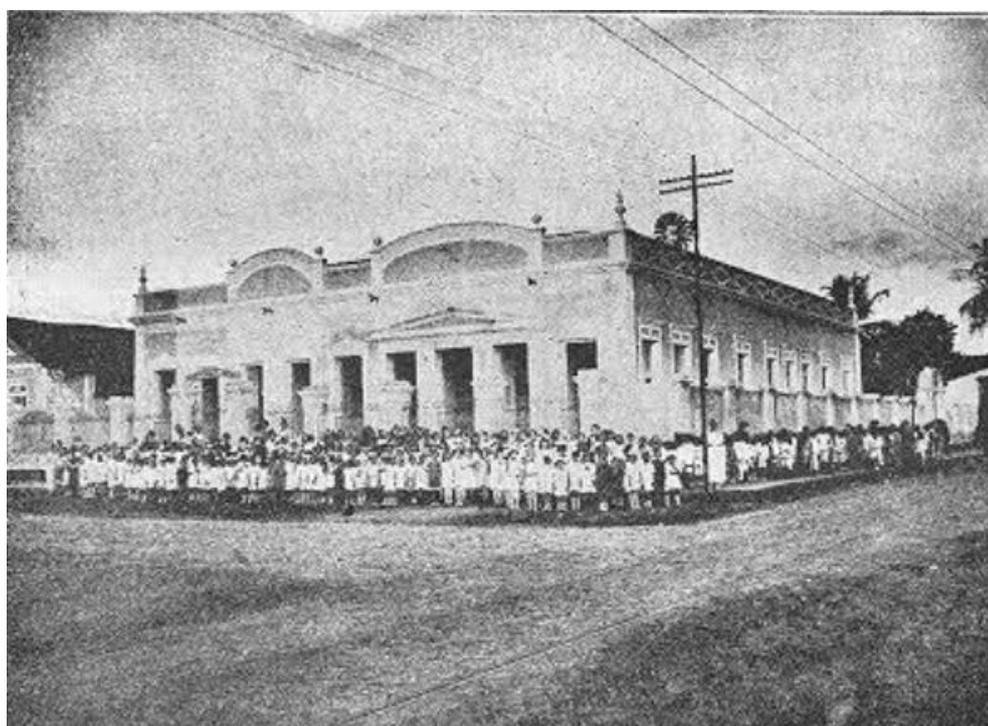
Fonte: Arquivos da Família Balaio (2019)

A reportagem acima faz parte na verdade de uma coluna do Jornal O Povo, intitulada *O leitor*. Assim é dado espaço ao leitor para que opine de forma positiva e ou negativa sobre determinada publicação que tenha achado interessante ou não. Deste modo, através da reportagem conseguimos a única apreensão de Aída, por um aluno seu, do Grupo Escolar, pois até então, todos os localizados foram do Mucuripe, ou das aulas particulares, cadeira mista e ou do Curso de Alfabetização de Jovens e Adultos.

Essa escola, segundo Santiago (2011), constava em seus documentos originais como fruto de uma cooperação entre a Igreja e o Estado. Inclusive, antes de funcionar como

grupo escolar já teria tido a função de servir como casa paroquial, tendo posteriormente sofrido algumas modificações para adaptarem-se às condições exigidas pós Reforma de 1922 para abrigar o Grupo Escolar do Outeiro, em 1923. Foi organizado, como também adaptado e renomeado em 1922, nos moldes da maioria dos novos grupos que ocupavam prédios construídos e destinados a serem escolas, logo, as estruturas do prédio do Outeiro não diferia das ordenações previstas para a estruturação das intervenções escolares sobre o que tange ao pedagógico quanto ao higienismo.

**Figura 21** – Grupo do Outeiro



Fonte: Tese de Doutorado de Santiago (2011)

O Grupo Escolar do Outeiro, antes Terceiro Grupo Escolar, em 1930, ganhará nova nomenclatura, Grupo Escolar Santos Dumont, e, ainda na primeira metade do século XX, trocou novamente de nome para Grupo Escolar Clóvis Beviláqua, em 1947. A criação de uma escola que refletisse o que era moderno, higiênico e republicano era o objetivo, logo, poderia formar cidadãos aprimorando-os para a civilidade, tendo assim na educação o meio de realizar os dados objetivos à educação. (BENCOSTTA, 2005).

Aída chegou a essa escola na segunda metade da década do século XX, e lá passara oficialmente cerca de 26 anos dedicados a educação formal do estado, ao ensino primário cearense. Assumiu com cerca de 33 anos de idade e deixou de lecionar no grupo escolar da avenida Dom Manuel com cerca de 59 anos de idade. Aída já tinha lecionado quase

por 12 anos no Mucuripe em cadeira mista, e depois da aposentadoria ao retornar para o Mucuripe ainda continuara a lecionar entre meados de 1968, mais 20 anos a profissão, que no total Aída dedicou cerca de quase 6 décadas, perpassando pela educação formal e não formal, para meninos e meninas, caráter de contrato particular ou público

. A arquitetura escolar vai valorizar o conforto ambiental, os desígnios da Higiene, proposta com acomodações propícias à concentração e organização do espaço que desencadeasse um bom aproveitamento dos estudos. Assim, Aída não só adentrou o ensino do Estado como professora efetiva, mas vai ter contato com as políticas republicanas vigentes que tinham por proposição tornar as professoras um dos sujeitos cruciais de suas articulações e objetivos.

Nas edificações destinadas à educação, em regra as plantas baixas apresentam disposição periférica em “U”, o pátio era aberto e com um jardim central proporcionando assim maior ventilação e contato com a natureza, segundos os novos pressupostos pedagógicos. Onde todas as regras e descrições já se faziam presentes nos escritos dos higienistas dos séculos passados. (LIMA, 2013, p. 68).

O Grupo do Outeiro, uma edificação de terreno plano, apesar de não ter sido construída para ser um grupo escolar, adequava-se perfeitamente em sua estrutura pretendida de escola moderna. Segundo o Almanach do Ceará de 1923, o grupo, após a lei de agosto de 22, foi reorganizado em dezembro do mesmo ano e em janeiro já tinha 14 classes com cerca de mais de seiscentas matrículas. Dentre o corpo docente estava citada Aída Santos e Silva. Contudo, há também referência de seu nome no Grupo Escolar do Norte, embora não conste no seu registro funcional, e nem tenhamos encontrado outra menção para além desta referente ao dado grupo.

**Figura 22** – Fachada do Grupo Escolar, vista pela Avenida Dom Manuel.



Fonte: Arquivo Pessoal da Autora (2013).

As árvores que o Waldlys indicou que foram plantadas por ele, por Luiza Távora e por Aída Balaio. Tanto que, realmente, nas fotos um pouco mais antigas, as árvores não estão presentes da frente do prédio educacional.

**Figura 23** – Fotografia do que seria o U proposto pra se ter internamente nos prédios que abrigassem os grupos escolares. Parte interna do Grupo Escolar do Outeiro



Fonte: Arquivo Pessoal da Autora (2013).

A fotografia do que se chama de U deste ambiente, se propõem como forma de demonstrar que apesar do bollevard ter sido só adaptado para a absorção dos grupos

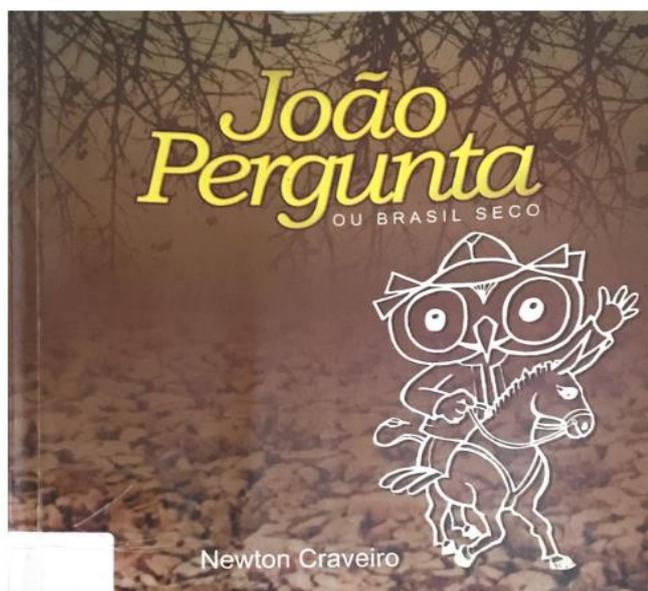
escolares, eles, os grupos tinham em sua proposição arquitetônica a informação de uma pedagogia implantada, do que se concebia por ambiente.

A arquitetura escolar da escola ao ser refletida para análise, para vislumbrarmos a divisão de salas e estruturação de como se da essa separação, para cada finalidade educacional, que sim reflete um período de transformações e proposições de mudanças pedagógicas e didáticas, e que apesar de tantas modificações que ocorreram no campo da educação, a escola, o prédio, continua, praticamente, com o mesmo tamanho, sem quase nenhuma intervenção e divisão de salas, isso reflete na iluminação, na ventilação e principalmente na acústica das salas, pois na escola ainda é possível dependendo do volume da interação da turma e da entonação de voz em sala refletir em outro ambiente vizinho.

No entanto, nos é possível vislumbrar que a formatação desta seguia padrões, regras e direcionamentos implantados por uma nova visão de escola, ensino e pedagogia a se implantar na realidade brasileira, e assim no contexto das escolas cearenses. Para ilustrar também quais as ideias que permeavam esse novo pensar para a educação cearense, em que medida o contexto local estava sendo priorizado, ou minimamente lembrado; quais as publicações que os professores tinham acesso que conteúdo era orientado a lecionar e ou propor.

Destarte, assim traz-se o livro João Pergunta, ilustrado na **Figura 25** pela capa de uma reedição, mais atual, de iniciativa da secretária da Educação do estado; uma produção sim proposta e adotada por escolas em Fortaleza, no início do século XX, de autoria de um cearense atuante em Sobral.

**Figura 24 – Capa do Livro João Pergunta**



O livro vinha de uma proposição educacional pautada na tentativa de trazer para a educação dos jovens nordestinos de modo geral a aproximação com sua realidade, pois ao propor isso se acreditava esta se aproximando dos discentes por questionamentos, objetos, climas e experiências próximas ao seu cotidiano, iria assim refletir em uma melhor absorção, apreensão dos conteúdos explanados em sala de aula.

Essa publicação, também é proposição ainda redirecionada dos pressupostos de Lourenço Filho para intervir na realidade educacional cearense, devido ter sido não só contratado para propor o que fazer, como fazer, mas para fazer parte, ser parte integrante e contribuinte das transformações advindas da Reforma da Instrução Pública de 1922. Nesta secção ainda tem-se pretensa de abordar a temática das instituições escolares de destaque no contexto de Aída e assim perpassar pelos grupos escolares de mesma implantação e linha pedagógica, sobre quais eram essas novas propostas pedagógicas, Escola Ativa e como Aída permeia esses processos, instituições e conceitos.

### 5.3 CURSO DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

O Curso de Alfabetização de Jovens e Adultos vem enquanto proposição de prática de ensino para Aída, logo após aposentar-se e junto ao seu retorno definitivo ao Mucuripe, não que Balaio tenha deixado por definitivo o bairro, no entanto agora aposentada e com uma proposta de prática de ensino fará possível o que a família de uma forma ou outra já almejava. A partir daí que Chagas (2019c) coloca que todos os domingos iam com seus pais e irmãos para a casa da Maída, para a praia, que apesar de distante, possibilitava um dia diferente, que fazia com que ela e seus irmãos almejassem que as férias escolares chegassem o quanto antes, como forma de poderem se prolongar por ali.

Nomeada por Walmik Albuquerque, então responsável pelo departamento de Educação do Ceará, vai ser a responsável pela execução do curso no Mucuripe que deveria funcionar na Rua Princesa Isabel, como era chamada antigamente a Rua Bauxita, a que fica por detrás da beira mar, aos fundos do edifício Mário de Andrade. Verçosa (2019) nos revela que a rua onde se localizava a residência de seus pais, familiares e amigos, a bauxita, antiga Princesa Isabel, havia um espaço bom que poderia ser aproveitado para o uso do curso, que o seu pai também utilizava para uma associação de apoio aos idosos.

Onde se localiza o supracitado prédio na Rua Bauxita é onde ficava outrora a casa do Chico Negin, apontado por alguns discentes como outro professor do Mucuripe, que

ensinava matemática, que tinha uma metodologia um pouco digamos violenta, com uso de lápis nas cabeças dos alunos e da palmatória. Porém, Verçosa (2019) e Pinto (2019), salientam que Chico Neguin não era professor, ele era um barbeiro conhecido no Mucuripe, mas barbeiro e que se aventurava a dar aula sem ter formação alguma para isso. Tanto era realidade de o barbeiro lecionar que, Magalhães (2019) relatara que foi aluno dele, o comparou com a professora Balaio, dizendo que não havia comparação, que ela uma docente gentil, diplomada e sabia dominar a sala mesmo com sua voz tranquila, sem fazer uso jamais de gritos e palmatórias,

Magalhães (2019) ainda nos coloca que seu pai, depois de já ter estudado em Aída, por volta de uns dois anos e lá ter aprendido de verdade o quer tudo como básico da educação, no ensino primário, para as crianças; era muito danado e assim seu pai resolvera colocá-lo ali como forma de não só para aprender mais, mas como forma de controlar a agitação juvenil que apresentava.

O discente de Aída colaborador de narrativas para a nossa pesquisa que se enquadra no processo de alfabetização de jovens e adultos, seria Almeida (2019), de profissão chamada marítimo, Senhor Osvaldo, de idade bastante avançada, com mais de 90 anos, com uma dicção já um pouco comprometida, mas que nem a idade nem as consequências desta deixaram de lado o entusiasmo que este idoso nos relatou como conheceu e como Aída o ajudou no seu trilhar educacional e que fizera tanta diferença para a continuidade de sua prática profissional.

Almeida (2019) buscou Aída para aprender a ler, escrever e as quatro operações básicas, depois de adulto, era o que lá ensinava também, mas já trabalhando em diversas ocupações pelo cais do porto, durante todo dia, frequentava a escola à noite, já cansado. Confessa que “fui mesmo com a intenção de aprender as quatro operações, porque eram importantes para o trabalho, mas aprender a ler mesmo, não aprendi”, pois alega que depois de aprender a assinar o próprio nome e a matemática, o cansaço o fez abandonar a frequência nos estudos. Ali ainda se dedicou uns nove meses, que foi de grande ajuda e auxílio, com o que aprendeu nas contas e o pouco das letras conseguiu empregar-se como marítimo em diversas empresas, chegando a morar no exterior, através do trabalho.

#### 5.4. ALFABETIZAÇÃO, APADRINHAMENTO, AULAS PARTICULARES – PREPARATÓRIOS PARA EXAMES E CONCURSOS.

A alfabetização deve ser vista para o que ela foi historicamente feita e pelo que ela é contemporaneamente, assim como pelo que pode ser no futuro.  
(Henry Graff)

Aída tem toda sua trajetória praticamente direcionada e referendada pela prática da alfabetização, dedicando-se muito mais tempo às crianças, mas também se aventura por anos no ensino das primeiras letras de jovens e adultos. Destacamos que o processo de alfabetização, não é apenas só ler e escrever, como um letramento, a alfabetização direciona o alunado muito além de assinar seu nome lógico, mas além da busca de concretizar a aprendizagem da leitura e da escrita, como também a noção básica de aritmética.

Aída dividiu fases de sua vida entre o Outeiro e o Mucuripe, sim, pois, como já destacamos, anteriormente, Aída chegou a retornar ao Outeiro no período que passou a lecionar no grupo escolar do Outeiro, por volta de 1922, contudo durante este período de ensino neste grupo, Aída tem referências de que voltou a morar no Mucuripe, mas só mesmo após a aposentadoria, irá ficar definitivamente pertencente ao Mucuripe.

Logo após ter se aposentado, a professora ainda será nomeada pela Campanha de Alfabetização de Jovens e Adultos, a lecionar no Mucuripe para esse público, no entanto, mesmo após esta campanha Aída continuara preparando jovens e adultos para além de só alfabetizá-los, mas tornara possíveis moços simples, pescadores e trabalhadores braçais, de modo geral, a tomarem postos entre marinheiros, servidores da REFFSA<sup>54</sup> e do Porto do Mucuripe.

Faz-se válido salientarmos que alguns pescadores, filhos destes, frequentavam uma espécie de escola mantida pela colônia dos pescadores locais, uma professora Luisa é até citada por alguns moradores antigos, como a mulher que ensinou por muito tempo C- Z2, mas que ela não era do Mucuripe, e quem estudava lá eram os filhos dos associados, e infelizmente nem todos tinham a dada oportunidade.

Aída alfabetizou assim diversas crianças, jovens e adultos no Mucuripe, a partir de aulas particulares remuneradas ou não, assim proporcionara um acesso privilegiado de pessoas de origem simples à ter acesso ao conhecimento e serem preparados para serem admitidos em grupos escolares em exames que eram realizados antes de efetivarem a matrícula dos alunos, para a verificação de qual nível se encontravam e assim saber em qual cadeira iriam frequentar.

Quando falamos de aulas particulares têm-se relatos de remuneradas e também de aulas de graça, pois alguns discentes relatam que seus pais pagavam para que estudassem na

---

<sup>54</sup> Rede Ferroviária Federal S/A.

Aída, “pouca coisa, mas pagavam”, como nos afirma Magalhães (2019), como também Lima (2019), e Rocha (2019) que apesar de não ter estudado com ela, alega exatamente o fato de ser pago a motivação de com ela não ter estudado. No entanto, quase no mesmo período Aída acolhera em sala de aula meninas de origem muito simples como as irmãs Carmo (2019) e Ramos (2019), que não pagaram nada para frequentarem o ensino, e por conta são extremamente gratas à docente ter oportunizando-as a conhecer os estudos, fizeram até o 5º ano do primário e isso para aquela época já era “muita coisa”, fazendo uso de suas palavras.

Acontecia muitas vezes de alunos não conseguirem dar continuidade a um determinado nível que acreditavam galgar, nem todos alcançavam mesmo, pois a preparação em aulas particulares em casa, ou na casa de professoras que exerciam determinada cadeira em localidades, arraiais e povoações, muitas vezes não conseguiam fazer muitos avanços em alguns discentes, como também a qualidade, tempo dedicado e interesse do alunado acaba comprometendo a capacitação esperada.

Por isso, era comum que crianças quando se submetiam a estes testes de admissão nos grupos escolares e ou quando ia para o ginásial, repetirem cadeiras já feitas anteriormente, mas para o não prejuízo do desenvolvimento dos estudos, sim alguns discentes aceitavam e repetiam sim alguns processos, quando era possível. Esta situação foi contada, por uma filha do Mucuripe, não estudou com Aída Balaio, mas nos relatou um pouco sobre a realidade das primeiras décadas do século XX, do Mucuripe e de sua realidade educacional, alegando que aconteceu de ter que repetir duas cadeiras para poder ser admitida na Escola Phênix Caixerai<sup>55</sup>.

#### **5.4.1 Discentes de Aída**

Algumas colocações sobre Aída a partir de discentes colaboradores de entrevistas para a pesquisa e ao mesmo tempo um olhar sobre o Mucuripe, acreditamos ser válida e extremamente contributiva, todos colocados aqui de forma mais caridosa nesta secção, pois todos os que conseguimos, são desse período da prática de Aída. Assim propomos tópicos que trazem não só a descrição de cada, como também de inferências, descrições e julgamentos em torno da sua única docente como foi à realidade de alguns:

\*Dona Ozita Josino do Carmo, chegou ao Mucuripe com apenas um ano de idade, hoje com 82 anos em 2019. Fala com altivez que “fazia esse Mucuripe todinho, quando me

---

<sup>55</sup> Associação de contadores, corretores, funcionários de banco, dentre outros que ofertava cursos profissionalizantes, como também disciplinas de língua estrangeira.

entendi de gente aqui era contadas as casas que tinham nessa rua aqui e nessa”, referindo-se a Travessa São João e a Rua Córrego das Flores. Carmo (2019) nos conta que: “estudei com Aída Balaio, também com a Zaída, filha dela, terminei o 5º ano com ela. Primeiro estudei com a Dona Aílda, do lado da casa dela, num vão grande, lá ficava as cadeiras pra gente estudar, uma área”.

Filha de Maria Josina, mulher de profissão chamada de “lavadeira” comum há muitas outras mulheres do Mucuripe, de vida extremamente simples. Lavar e passar roupa pra fora, era forma que encontrava de ter algum sustento e assim de mães não deixarem seus filhos passarem ainda mais necessidades, nem fome. A mãe de Ozita deixaria como herança para a filha, a profissão e a moradia da Rua do Luar, localizada na lateral esquerda da Igreja Batista Regular do Mucuripe, podemos dizer que umas das mais antigas congregações evangélicas instaladas nessa região do Mucuripe. A mãe de Ozita era conhecida como uma pessoa muito querida aqui no Mucuripe, “todo mundo gostava da minha mãe”, o pai era alcoólatra, “só fazia beber, tinha por ocupação a venda de frutas na rua, contudo lá mesmo bebia o dinheiro”, que trazia o sustento para a casa e família.

“Luiza professora e a dona Ailda e a dona Zaída era as 3 professoras que tinham aqui. Pessoa ótima, ali era gente boa, muito bacana, a Balaio. Só ensinava lá a ler e escrever, não tinha mais outra coisa, era menino junto com menina sim, que eu me lembro; dava a lição, um por um ia dá a lição, aí ela passava na lousa a matéria, e a gente fazia o dever aí ela recolhia tudo, dava o que a gente merecia e fechava os caderninhos, e podia ir embora. A gente nessa época estudava só com o caderno, o caderno eu nunca esqueci era Avante Brasil e o lápis, só isso, ninguém tinha merenda, num sei nem se o governo dava alguma coisa, pra nós nunca deu, aqui no Mucuripe não, naquela época de pequeno não, a gente num tinha ajuda não, se quisesse levar uma coisa pra comer a mãe da gente é quem dava. Minha mãe que comprava o caderninho e o lápis e o livro era todos: da serie Pátria Brasileira, o nome do livro. E ninguém pagava pra estudar, num sei se era coisa de vereador ou do governo, num sei, mas não pagamos, minha mãe nem condição pra isso tinha. “Estudava só de manhã, de tarde eu ia era trabalhar, ajudava minha mãe, fiz até 5 ano, sabia ler pronto, hoje é que num serve de nada”. (CARMO, 2019)

“Não precisava ir de farda pra Dona Ailda. Era a única escola que tinha aqui, era a Dona Ailda, todo mundo só estudava com ela, praticamente, os pobres sim. Ela já era bem idosa, quando nos ensinou” diz dona Ozita, os filhos já tudo moça e rapaz. “A minha irmã estudou no mesmo tempo que eu, só que era assim eu ia de manhã e ela ia de tarde, mas Arlinda saiu logo, num fez nem até o 5 ano, desistiu dos estudos”. Dona Ozita Josino do Carmo que é solteira, mas noivou 3 vezes, acabou não casando, ficou morando e ajudando a mãe, “uns rapazes sem futuro me sai logo daqueles ali”.

\*Senhor Antônio Júnior Magalhães (O *Gavilan*) um jogador de futebol. O pai era funcionário público da REFFSA, e a minha mãe era dona de casa, “porque naquele tempo a mulher não trabalhava só cuidava dos filhos”. “Minha trajetória como atleta: eu fui a primeira

revelação do futebol cearense eu fui seleção cearense de futebol com apenas 15 anos de idade eu joguei por 15 anos sem nunca ser expulso em campo”. Nasceu em 1944 e foi estudar com ela, Aída, pelos anos de 1955, mais ou menos com uns 10 anos, quando a professora já tinha 66 anos. Indica-nos que Aída Balaio era professora credenciada do Mucuripe. “Era a pessoa que se dedicava muito a educação, conseqüentemente, ela era muito procurada, todo mundo queria estudar com ela”.

“Dona Aída Balaio era uma pessoa fantástica, extraordinária, principalmente, no campo da educação... eu tenho uma gratidão por Dona Aída, porque volto a dizer, foi quem se dedicou muito a educação e o pouco que eu aprendi foi o suficiente para que ela me desse asas para que eu pudesse voar e buscar novos caminhos, os novos horizontes da minha vida profissional.” (MAGALHÃES, 2019).

Aída teve a capacidade de barganhar toda aquela juventude, ‘impressionante as pessoas, todas as pessoas que ela orientou, que se dedicou a dar seus primeiros ensinamentos, muitos se destacaram outros não porque na realidade naquela época tudo era muito difícil, era difícil até chegar a universidade”. Pobre entrar para faculdade era muito difícil, colocou Magalhães (2019). “Eu estudei com ela na casa dela; lá na casa dela tinha uma espécie de uma área exclusivamente para educação, estudei lá assim uns dois anos mais ou menos foi o suficiente”, ao falar sobre a postura de Aída, da sua aproximação com o alunado nos conta que não a achava rígida e sim criteriosa, “ela era criteriosa em relação a esse aspecto me recordo perfeitamente daquela história do ditado, vamos fazer o ditado”.

“Aprendi a ler e a escrever lá com ela, as primeiras letras. Me recordo que naquele tempo a maior nota era 12, hoje é 10 né mas era 12, naquele tempo era 12, então era um negócio especial quem tirava 12, tirava o máximo”. Coloca que a professora Aída não fazia uso de palmatória, pois indica que a docente muito diplomática não precisa desse tipo de prática. Assim Aída para Gavilan ao ensinar “facilmente ela dominava a sala de aula, tinha uma voz que só pela voz dela a gente já temia, mas era diplomática a voz dela, não tinha negócio de grito, não existe isso não, por isso era prazeroso estudar com ela”. De forma recorrente, apesar de não ser uma prática a professora ser tão próxima a seus alunos, Aída talvez não permitisse tanta intimidade, mas conhecia muitas das famílias daqueles meninos, sabia quem era cada um, o que também, por isso, ocorria maior facilidade nas relações aluno e professor.

A professora que ensinava português e matemática, que para ele “era o básico pra quem estava zerado nisso”, diz que só com isso, com os ensinamentos dele “você já iniciava muito bem, por estudar esse tipo de coisa, o português e pela matemática”, que eram os conteúdos que Aída abordava em suas aulas. “Ela usava roupa longa, até mesmo, manga longa, vestido

longo, realmente como uma senhora, no caso até a maneira dela se vestir dava maior respeito aos alunos. Ela era muito católica muito religiosa inclusive dava aula de catecismo, essas coisas”. Indica que a visão que ficou de Aída para o Mucuripe se dá porque ela “era o núcleo do Mucuripe, pelo fato de tomar de conta da juventude, de todo mundo”, assim justifica que por conta “que ela tem nome de colégio, nome de rua, isto prova o destaque dela, é a prova da valorização dela, da maneira como ela se preocupava com a Juventude”. Então ao colocar o nome de rua, colocar nome de escola para seu discente “é mais do que é justo que pode existir pra resgatar o nome dela”.

\* José Maria Albino de Lima, sua profissão: oficial da aeronáutica. Tinha uns três irmãos mais ele, seu pai era pescador e sua mãe dona de casa. Nasceu no dia 13 de setembro de 1939. Encontrou Dona Aída por volta dos anos de 1954 e 1955, para os estudos, mas ela não o alfabetizou, já estudava antes, lá no centro, “só que tinha passagem, o dinheiro da merenda e meus pais não podiam. Estudava lá no centro; eu estudava na Escola Jesus Maria José<sup>56</sup> das Irmãs do Imaculada com a irmã Gabrielle”. Gostava muito das aulas de português de Aída, indicando que eram muito boas, que não se tinha dificuldade de aprender com ela. A Balaio “tinha uma letra muito bonita, muito boa”, segundo Lima (2019).

Indica que: “naquele tempo tinha o ditado, hoje que não tem mais”, e a professora tinha muita paciência, mas também era autoritária, ninguém podia desviar o olhar, ela não podia ouvir nada de barulho quando ela estava explicando. ‘Tanto que bastava ela olhar pra alguém que estava fazendo algo que importunasse ou que ela não estava gostando’, e alega que o menino mudava logo comportamento. “Passei ali mais ou menos um ano com a dona Aída. Estudei lá com o Cordeiro Neto (*in memória*), com a Chaguinha<sup>57</sup>, ali da Córrego das Flores, na rua padaria do Mucuripe”.

Estudava na lateral da casa de dona Aída, que indica ser uma casa simples, “mais era grande, simples, mas de alvenaria”. Com os estudos de Aída Zé Maria nos diz que aproveitou muito quando foi para uma escola preparatória, para escola de especialistas da aeronáutica, em Guaratinguetá, São Paulo, “deu certo. Apareceu essa chance e o padrinho do meu irmão é quem me ajudou a pagar o curso pra mim, não podia perder essa oportunidade.

<sup>56</sup> Direcionada aos meninos desvalidos, fundada em 1902, tinha sua organização também envolta das Irmãs de Caridade da congregação São Vicente de Paulo.

<sup>57</sup> Esta senhora foi localizada, e ainda tivemos contato, sua filha e neta são pessoas que a pesquisadora já havia tido contato, esta filha inclusive é professora, mas infelizmente, dona Chaguinha não pode contribuir enquanto discente em nossa investigação, pois já está com um grau de Alzheimer bem avançado, e por conta não lembra do fato de ter sido ou não aluna de Aída, diz que não lembra quase de nada mais. Em uma breve conversa que tivemos, essa senhorinha muito ativa, simpática e falante lembrou-se de duas, três músicas antigas, a letra cantada, meio que declamada perfeita, sem erro nenhum de palavras ou trocas de frases. Algumas das características dessa doença silenciosa.

Replica que todo mês ia buscar o dinheiro lá pra pagar o curso, quem o apadrinhou era um alto funcionário do Banco do Brasil, perto dos Correios, no Centro, e “mesmo com vergonha pegava 100, 80 para pagar o curso e 20 para o transporte, assim Senhor Marcelino, o nome dele”, do seu benfeitor. “Ele fazia isso porque via meu esforço aí eu passei graças a Deus”.

“A minha filha, que é filha de um irmão meu, mas eu adotei como minha filha é a Cássia, fui eu quem botei ela pra estudar”. Seu Zé Maria chama sua filha para sala e ela ao tomar ciência da entrevista, comenta que ele sempre fala dessa dona Aída, sempre fala dessa professora. Seu Zé Maria fala, repetindo que “agradece muito a Dona Aída, dos estudos que tive, o melhor foi o dela, era aqui pertinho e ela era muito exigente, Ave-maria, ela exigia assim pra ver o menino melhorar entende. Lá não tinha negócio de palmatória, tudo era só na base da amizade, do amor, ela explicava tudo direitinho”.

Muito católica ela, diz que às vezes assim por alto falava das coisas de Deus, do respeito, “ai de nós se não fosse ajuda de Deus”. Agradece a oportunidade de ter ingressado na aeronáutica, lá em Guaratinguetá ao padre José Nilson, devo esse favor, lembrou-se. “Quando eu estudava minha família era muito pobre não tinha dinheiro pra comprar livro e ele intermediou pra ir eu e mais outros jovens, alugando transporte e tudo pra irmos”. Assim tanto a professora Aída como o padre coloca que foram benfeitores, que o oportunizaram a ter uma vida completamente diferente, uma vida boa.

\*Oswaldo Cândido de Almeida, profissão Marítimo nasceu em 1926 e já tem 90 anos. O pai era carpinteiro, “meus pais eram do interior lá de Orós, veio, procurando por emprego. Estudei com ela, Dona Aída, morava ali embaixo, já morei perto dela também, antes do Mucuripe, quando ela e eu morava pro lado centro perto, mas morei mais perto quando era no centro”. Estudou um ou dois anos mais ou menos com a Balaio, alegando o quanto era uma professora boa, “a melhor professora daqui, era Dona Aída, lá ninguém pagava não viu, ela ensinava era tudo de graça”.

Indica que quando estudou com Aída já era adulto. “Fui aprender só as quatro operações básicas quando aprendi assinar o nome e pronto não fui mais. Trabalhava sabe de dia, trabalhava no cais. E a noite estudava lá na casa dela, na escola né da casa dela”. Aprendeu a ler pouco, muito pouco enfatiza, precisava mesmo era das operações para o trabalho. No vespertino, “ensinava menino e a noite ensinava os adulto, uns 10 a 12 homens”.

\*Júlio Pinto Pereira Neto era pescador, em torno dos seus 14 para 15 anos, trabalhando na praia e aí Dona Aída perguntou a nós quem queria ir pra marinha aí nós respondemos tudo que queria. Balaio junto com o Tenente articulou como faria para efetivar aqueles meninos na aprovação pra marinha. “Passamos logo quatro de uma vez, eu passei

logo nessa leva, mas depois passou outros, outras turmas tudo com ajuda dela. Dona Aída Balaio ira tornar-se referencia na preparação de jovens para estes testes. “Eu não me alfabetizei com ela não, me alfabetizei lá no Centro, o papai era associado ao Centro Retalhista”, lá os filhos dos associados, podiam frequentar as aulas, “e eu ia estudar a pé pela praia. Dona Aída Balaio só me preparou pra Marinha.”

O dito Tenente Amaro era da Marinha e ele tocava piano com ela e cantava na igreja conhecia de lá e também da casa dela. “Aí foi quando ele deve ter falado com ela, ela convidou a gente, vocês quer ir pra marinha? Eu já estudava, ela só me preparou, me deu assim uma força junto com o tenente”. Júlio estudou cerca de oito meses com a professora do Mucuripe, coloca que “era um grupo grande, medonho de menino, some tudo pra passar” tentando colocar que só com ela tantos se preparam e muitos destes alcançaram êxito.

Entrou na Marinha em 36, em 1936. “Lhe digo não pode existir no mundo, penso, pessoa melhor que a Dona Aída Balaio, quem chegar e perguntar quem foi a melhor pessoa do mundo foi Dona Aída”. Percebemos que dos muitos sentimentos dedicados por seus alunos a Aída Balaio, perpassam muito mais, por uma gratidão a oportunidade de estudar, de pleitear outra realidade, de melhorar as condições familiares e de perceberem que eram capazes.

Findamos aqui a descrição dos alunos que angariamos para a contribuição da biografia aqui produzida, no entanto, devem ter percebido que não nos deleitamos sobre a que primeiro localizamos durante no processo de desenvolvimento da investigação, Otacília Verçosa, dona Tatá, isto ocorreu, por uma escolha nossa de fazermos o que acreditamos ser quase que um dueto, entre discente e sua docente, pois as nuances que permeiam e que constituíram a vida de Tatá e de Aída Balaio é permeada de encontros e proposições que nos possibilitam, acreditamos.

Uma dedicação mais alusiva ao trabalho assistencialista que fizeram, mas que na verdade, nos pareceu quase que ininterrupto, pois levantamos o pressuposto que sim o que Tatá faz como mulher representativa no / para o Mucuripe é a continuidade de uma dedicação feminina que o bairro costuma revelar. Dentre elas: Aída Balaio, Egídia Garcia, Tatá, Verinha, Neusa, Carmozinda, dentre tantas que poderíamos demarcar. Enfim, nos propomos a realizar o dado encontro mais pertinente entre a professora e sua aluna com suas contemporaneidades.

Nas narrativas dos discentes de Aída, comum é sempre a colocação de que a docente era um pessoa de voz tranquila, de bom domínio de sala, que não tinha apenas o dito “moral” com os alunos, mas que Aída conseguia envolvê-los sem precisar está usando de castigos físicos e ou de gritos em sala de aula; ao contrário como destacou Lima (2019) e

Pinto (2019), as aulas da professora sempre eram muito boas, que ela sabia muito e que passava essa segurança para seus discentes. Apontam também que Aída só descansava quando passava de um por um verificando os exercícios, o dito ditado, comum prática pedagógica para o ensino da gramática, e assim com o cuidado que todos estivessem acompanhando o conteúdo explanado.

Além disso, as aulas de português de Aída são por muitas vezes referendada como muito eficiente, praticamente todos os discentes se vangloriam de seu português, referendado que o ensino básico teria sido muito bem feito, ensinado por Aída. Tanto que Lima (2019) destaca que o ano em que ficou aprendendo com a Balaio, foi determinante para a utilização do conteúdo em outras instituições e formações que perpassou.

Assim como apesar de não podermos afirmar que Aída era muito próxima a seus alunos, podemos dizer que o comprometimento e a dedicação que direcionava a aprendizagem dos discentes, fazem com que seja unânime a visão de que era uma professora exigente, mas que estudar com ela era algo prazeroso, não era ruim ir estudar lá com ela, que ela estava sempre muito disposta; enfim Aída de modo geral não despertou elogios e gratidão de seus discentes por ser amorosa e ou de demonstrações de carinho, afável com o alunado, na verdade, todos acabam colocando que ela fizera muita diferença em suas vidas, lhes abriram para o conhecimento e para a importância deste na mudança de vida, principalmente econômica, para alguns, que os oportunizaram ir além da pobreza, da simplicidade e da vida sacrificada que muitos viviam com seus familiares.

Destacamos que se precisa falar um pouco mais sobre o Mucuripe, já que é neste lócus que Aída irá destacar-se, pois não só no bairro Aída lecionou, não só no povoado Aída viveu, então o que possibilitou sua presença ser tão marcante e definidora para que sua memória proponha-se como viva nas lembranças e histórias sobre a educação e a Igreja católica no Mucuripe. Deste modo, iremos assim ao próximo capítulo desvelar sobre o Mucuripe junto à memória compartilhada com Aída, um ensejando lume sobre o outro.

## 6 O MUCURIPE E A MEMÓRIA LOCAL PARTILHADA COM AÍDA

Ô Mucuripe de sorte  
 Onde Aída foi morar  
 Acompanhando o marido  
 Que aqui veio trabalhar  
 E ela cheia de vontade  
 Abraçou a comunidade  
 E por ela foi lutar.

**Dilson Pinheiro (1998)**

Pontuamos, ainda, que, para podermos compreender a dada importância de Aída Balaio em seu contexto mais macro, precisa-se revelar um pouco do Mucuripe e da relação dele com a educadora, assim como caracterizar um pouco da personalidade dessa educadora enquanto sujeito histórico, pois “é impossível separar o eu profissional do eu pessoal”, pois, segundo Nóvoa (1992, p. 17) importa destacar essas nuances na constituição desta biografia, focada na formação e atuação profissional de Aída Balaio, trazendo aspectos da cultura escolar e das transformações na Educação no dado período. Inserindo e destacando as fontes e o próprio desenrolar da história de vida privada por nos permitir conhecer os contextos pessoais de vida e as suas particularidades, em especial, na sua trajetória, como mulher, negra, religiosa, educadora e madrinha.

**Figura 25 – Fotografia da Praia do Mucuripe por volta de 1940, anos depois de Aída Balaio já ter tornado frequentadora e posteriormente moradora do bairro.**



Fonte: Blog Fortaleza Nobre<sup>58</sup>

<sup>58</sup> FORTALEZA NOBRE. Disponível: <http://www.fortalezanobre.com.br/search/label/Mucuripe>: Acesso em 23 fev. 2018

[...] Mucuripe uma enseada/ De areia branca e coqueiros/ Dono de grande beleza/Orgulho dos cearenses/Berço de Heróis Jangadeiros. [...] Muita gente há de lembrar / dessa mulher tão valente / que alfabetizou criança / e também adolescente / Do Mucuripe a madrinha / e do ensino a rainha / Sempre ao lado do carente [...]. (DILSON PINHEIRO, 1998).

Os escritos do livro *Mucuripe* revelam que, já casada, Aída morava, inicialmente, na Rua Senador Pompeu (GIRÃO, 1998), fazendo uso dos relatos de Bethzaida, sua filha, que nos contou que atravessaram a orla da cidade. Aída já lecionava para as crianças mucuripenses, quando se torna residente do Mucuripe, bairro simples da capital cearense, propondo-se a acompanhar seu marido que trabalhava no setor de “Obras Públicas”, e fora transferido por indicação política para ser o delegado da região.

Chegando ao Mucuripe, Aída logo alargou sua atividade como professora no local, colaborando, por mais de meio século, com a educação formal de um número maior de crianças. Para poder compreender melhor a biografia de Aída Balaio se faz necessário conhecer um pouco do Mucuripe e da relação desse bairro com a história de vida da educadora, pois “é impossível separar o eu profissional do eu pessoal” (NÓVOA, 1992, p. 17) ou isolar o objeto de estudo do tempo e espaço, logo, aspectos sociais refletidos nas mudanças e permanências na História da Educação precisam ser considerados nos estudos de história de vida individual (LUCHESE; KREUTZ, 2010).

A epígrafe mais acima que descreve o Mucuripe ressaltando suas características de beleza, região praiana com areia branca e coqueiros, e de moradores pescadores, por exemplo, foi idealizada não somente para enaltecer o referido bairro, mas, especialmente, para constituir versos dedicados à Aída Balaio, proferidos em homenagem à educadora, exaltando sua atuação como alfabetizadora, no dia em que ela era imortalizada, por parte da prefeitura municipal de Fortaleza, com nome de escola e de uma unidade de saúde no Mucuripe. O que atesta o imbricamento indissociável do sujeito e seu contexto (LIMA; FIALHO; SANTANA, 2015).

Segundo a historiografia do bairro, os pescadores residentes, que caracterizam a localidade, eram descendentes dos índios da tribo dos Mocós e teriam sido esses índios os ancestrais dos jangadeiros do bairro com os quais estes aprenderam a pescar (RAMOS, 2003). Juntaram-se aos pescadores, mulheres que viviam à custa da prostituição, já que a moradia no Mucuripe exigia baixo custo e o bairro era próximo à movimentação de marinheiros e turistas, pela proximidade com o Porto de Fortaleza. O Mucuripe, em suma, era composto, em maioria, por moradores de baixa renda que viviam em situações de pobreza (RAMOS, 2003).

**Figura 26 – Aída de frente a uma das casas simples do Mucuripe**



Fonte: Acervo Particular da Família Balaio.

A fotografia acima, nos diz um pouco não só do fenótipo de Aída, mas de como o lócus por quem tanto atuou e desenvolveu ações diversas, era mesmo um lugar de moradia simples, de ruas de areia fina, de morro, das dunas, famosas e hoje pouco resistentes na dada região do Mucuripe. Aída, como esposa de delegado e mulher letrada, já se destacava na região por sua condição financeira e cultural diferenciada e, somando-se a isso, o fato de ela interagir com a comunidade com simplicidade e se engajar na luta por melhorias para o bairro e para ascensão educacional da população local fazia com que lhe conferissem respeito e admiração (SANTOS, 2018).

Bastante religiosa Aída também praticava sua fé frequentando a Igreja Nossa Senhora da Saúde no Mucuripe e ajudando o pároco local, Padre José Nilson, grande liderança do bairro, com as ações de caridade, assistência à comunidade e organização de festividades. Contudo, Aída já se fazia presente nas festividades religiosas do bairro, desde muito antes do P. Nilson, já tocava órgão na missa, às vezes arriscava-se a cantar, e, além disso, se propunha como umas das organizadoras dos eventos religiosos arrecadadores de doações, além de contribuir também realizando o ensino do catecismo junto à paróquia como auxílio à Igreja.

Segundo sua neta Sayonara Santos (2018), Aída era:

Uma mulher diferenciada, pois andava só por todo o bairro, ia e vinha montada em seu cavalo, sem muitos receios de preconceito. Uma mulher que sabia bem o que queria e não se mantinha em uma postura conformada quando algo lhe parecia errado ou injusto. Ela orientava a população a erguer suas residências nos terrenos abandonados, sempre estava disponível para atender um chamado de ajuda e lutava para minimizar a precariedade da vida pobre e sofrida do povo do bairro.

Ainda que educada para ser dona do lar, dedicada esposa e mãe, Aída se mostrou mulher de personalidade forte, que mobilizava os moradores do Mucuripe com liderança (GIRÃO, 1998). Ela alternava a profissão de professora aos serviços sociais, com tamanha dedicação, que seus filhos passavam maior parte do dia aos cuidados de uma moça de confiança que trabalhava na residência do casal Balaio (SANTOS, 2018).

Importa compreender como Aída, mulher negra e pobre, conseguiu superar preconceitos, estudar em renomada escola da capital cearense e formar-se para o exercício do magistério com o curso normal, bem como entender como se desenvolveu a sua atuação profissional na região do Mucuripe e identificar as contribuições empreendidas por Aída que lhe ensejaram lume.

“O bairro Mucuripe contém uma carga simbólica intimamente ligada à imagem da pesca artesanal e do jangadeiro, constituindo-se, até décadas passadas, como uma comunidade pesqueira marítima, incorporada lentamente à malha urbana formal de Fortaleza”. (CAVALCANTE, 2017). Assim, sem dúvida alguma, o bairro era formado para além do reflexo de pescadores e de origem nos índio mocós, terra de pescadores, que o Mucuripe presenciou e ainda presencia nas primeiras horas do amanhecer, de 4:30 e 5 horas da manhã, estes homens, dirigindo-se à praia, ou para o trabalho de ir ao mar, para a venda de produtos nos arredores ou que auxiliavam em colocar, tirar e manter as estruturas das jangadas.

Chamado como Grande Mucuripe:

Mucuripe é um bairro de Fortaleza localizado na zona leste da cidade, ao longo da enseada homônima, às margens do Riacho Maceió, possuindo em suas delimitações oficiais uma área de apenas 0,87 km<sup>2</sup> e uma população de 13.747 habitantes. Todavia, enquanto construção social, o bairro extrapola seus limites político-administrativos atuais, tornando impossível sua análise sem considerá-lo de forma ampliada, analisando-o conjuntamente com os bairros Varjota, Cais do Porto e Vicente Pinzón. (CAVALCANTE, 2017)

Apesar de embates de resistências desde mudanças de nomenclaturas a demarcações geográficas bem direcionadas, digamos assim, o Grande Mucuripe vem perdendo o que lhe pertencia, pois parte do que seria a Volta da Jurema, da Varjota, do cais do Porto, das dunas e morros, antes todos pertencentes ao Mucuripe, pouco a pouco vai dispersando pelas intervenções políticas, governamentais, como também de caráter econômico imobiliário, tirando do endereço dos sujeitos a identidade mucuripeira, para a concepção de Vicente Pizón, por exemplo.

Assim, o Mucuripe apresenta referências como a antiga realização da regata das jangadas, que já foi chamada de Dragão do Mar, tradição ainda pertinente no bairro, que

possui diversas ruas com nomenclaturas de peixes, de frutos do mar e ou que remetem ao mar de alguma forma, como a de origem da pesquisadora, Rua Cavalo Marinho; além de exemplos como o da Avenida dos Jangadeiros e Estrela do Mar. O Mucuripe, que já tinha em seus registros uma escola primária desde 1864, segundo escritos de Cavalcante (2017), terá meio século depois, a visita de uma professora que tem o início de sua atuação profissional, o fim de sua atuação e vida marcadas pelo bairro, o qual não é o seu de origem, mas é por quem ela irá galgar grande prestígio, do mesmo modo que este terá, em suas ações e representatividade, outro olhar de reflexão na produção acadêmica como esta aqui desenvolvida.

O Mucuripe pouco tempo depois de Dona Aída ir assumir sua cadeira efetiva, no grupo escolar do Outeiro, começa a ter seu acesso um pouco mais facilitado. De acordo com os familiares, a Balaio muitas vezes se deslocava de montaria e a pé pela beira da praia, o que era facilitada no momento da maré baixa. No entanto, a partir de 1925, o bonde facilitaria um pouco mais esse caminho até a moradia no Outeiro, no entanto, isso ocorrera no mesmo ano que Aída se aposenta do grupo escolar e é nomeada para lecionar no Mucuripe novamente. É fato que o bairro passara por transformações em virtude da construção do Porto, possibilitando a abertura de uma avenida até o Mucuripe, a Avenida Mucuripe, que mais tarde viria a ser Matias Beck e que hoje é a Abolição.

**Figura 27** – Fotografia de Fortaleza - construção da Avenida **Mucuripe**



Fonte: CAVALCANTE (2017).

**Figura 28 – Avenida Mucuripe (posterior Avenida da Abolição)**



Fonte: CAVALCANTE (2017) <sup>59</sup>.

Dona Terezinha Bernardino já apresenta Alzheimer, mas ainda em estágio inicial, como moradora antiga do bairro, em mesma localização, na Rua Alta da Saúde, bem próxima à casa de Dona Aída, mas que mesmo com a proximidade quase não obteve contato. Contudo, com sua filha Zaída, sim, tinha mais proximidade, era ela madrinha de uma de suas filhas. Relata que a professora era muito boa, famosa no bairro e ajudava na Igreja. Nesse tempo, no morro nem tinha tanta casa assim. “Aída era uma professora muito antiga, muito mesmo e também muito falada. Ela era uma morena meio fechada nem era negra nem era branca não, era assim uma pessoa que se interessava pelo que passava na Igreja e nos eventos religiosos” nos indica dona Terezinha.

O nome completo dessa senhora é Terezinha Bernadino de Souza, nascida em 1930, no mesmo ano em que Aída teve seu filho mais novo, Waldenilo, quando a professora já tinha 41 anos, pois engravidou até idade avançada. Terezinha lembra que seu pai morreu quando era ainda muito criança ainda, só tinha seis anos e seu irmão de 14 para 15. Filha de pescador, mas pescador dono de jangada, e mãe dona de casa, como a maioria das mulheres da época, viu sua vida mudar quando, depois que seu pai morreu, foi que sua mãe passou a engomar para fora para ajudar no sustento.

Por motivações até diversas da do pai de Terezinha, muitas famílias ficam em situação de miséria ainda maior quando, os pescadores das embarcações do chamado ir e vir, que Aída costumava admirar chegando ao final da tarde da praia, também produziam uma

<sup>59</sup> As Figuras 27 e 28 foram retiradas da Tese de Cavalcante (2017) que faz referência ao EMPREENDIMENTO (1948) - EMPREENDIMENTO de alta significação. Constrói-se, em Fortaleza, uma grande artéria urbana. A Noite Ilustrada, Rio de Janeiro, p.28-30, de 28 set. 1948.

imagem triste, quando o vir não acontecia, e a pesca do ir e vir das jangadas de piúba<sup>60</sup>, há muito extinta, produzia uma imagem de dor e desespero, o que lançava ao trabalho artesanal do mar, cada vez mais cedo, jovens meninos e proporcionava mais mulheres inseridas em ocupações de trabalho diversas para dar continuidade à sobrevivência de suas famílias.

Retomando, dona Terezinha, nos salienta que sempre estudou para o lado do centro, em instituições particulares, e por isso sabe de Aída Balaio pouco, pois com ela quase não conviveu. Lembra-se da escola lá, mesmo sem nem ter placa na frente, porque não tinha mesmo, mas Aída Balaio não foi sua professora. Ela tinha era uma casa que, diante das demais do Mucuripe, a maioria de palha, era de alvenaria, já se destacando. Na casa dela era onde ficava a escola também, a qual nem tinha nome e seu endereço era travessa Santana, hoje Almirante Barroso, a dita Via expressa. Lembra que antes de Aída ensinar no Mucuripe, ensinava em escola lá pelo centro.

Carmo (2019) nos revela que no Mucuripe de antes: “num passava ônibus, num tinha eletricidade, num tinha televisão, nós lavava roupa nos corrente, não existia “kiboa<sup>61</sup>”, num existia biscoito. Era só areia e escuridão, e naquela época todo mundo de noite, todo mundo andava. Nós tirava lenha pra queimar aí do campo, Terra e Mar. Os pobre, nesse tempo, muitos comiam era coisas dos matos, porque essas ruas por aqui o que tinha era muito matagal. Era tudo pescador, os homens eram pescador, as mulheres trabalhavam de três maio, fazendo caçoeira, muita, faziam labirinto e tinha as lavadeiras, era só o que tinha aqui no bairro”.

Na época do inverno nos conta ainda Carmo (2019) que: “se passava até 3 dias pra as roupas enxugar, enxugava era no ferro pra poder entregar, praticamente, naquele ferro pesado que era a carvão, sem poder manchar e ou sujar nenhuma roupa, muito menos sumir qualquer peça, responsabilidade grande. Pois se caso algum ocorrido acontecesse podíamos não só ficar faladas como lavadeiras<sup>62</sup> ruins, mas perder as cliente e o pior fica sem ganhar, pois era daquilo ali que se comia em casa. Nós lavava no corrente e no Papicu. Aquela lagoa do Papicu era tudo mata só tinha um camizim, nós botava trouxa na cabeça aqui e parava lá. Porque eu ia pro Papicu, oh com a trouxa, nós arriava no caminho as vezes, mas quando chegava lá lavava essa roupa todinha botava no corador, pra corar, de repente enxaguava,

---

<sup>60</sup> Jangada de piúba: Piúba é uma madeira que era muito utilizada para fazer as jangadas, hoje extinta praticamente.

<sup>61</sup> Fazendo referencia a uma marca de alvejante sanitário, que ficou tão famosa e popular não falam o produto em si e sim a marca atribuída.

<sup>62</sup> As lavadeiras exerciam um papel de certa relevância nos trabalhos domésticos e com responsabilidade de não perder peças de roupa no “corrente” e ter que se justificar perante a patroa. (ALMADA, 2007)

fazia aquela trouxa botava na cabeça e vinha simhora. Às cinco hora da tarde a gente já tava chegando com aquela monstra de trouxa pra começar a labuta de engomar”.

Pinto (2019) nos revela que: “nós sempre moramos aqui de frente a pracinha que tinha só um coqueiro bem no centro não tinha mais nada depois que o Cordeiro Neto foi candidato e depois que conseguiu e fez isso aí hoje o nome da pracinha é o nome dele Cirênio Cordeiro Neto, que também foi aluno de Aída viu”. Cordeiro Neto aparece também não só relatado como discente de Aída, mas será presença pertinente na configuração da representatividade de Tatá e suas influências e amizades de importância política, assim como em torno da zona de meretrício que será removida da região sob os cuidados morais e caridosos do Padre José Nilson.

Pinto (2019) nos aponta ainda que seu pai, que era pescador, e se chamava Evaristo Pinto Pereira, compartilhou a profissão com o avô de seu Júlio e com irmãos e filhos como ele, pois tudo era pescador, se não o era, é porque tinha se tornado marítimo, como um de seus irmãos. Com orgulho, poderiam deixar a profissão de pescador como ele e outros conseguiram com a ajuda da Balaio chegar a serem marinheiros. Pinto (2019) coloca que quando era criança o Mucuripe era só areia, e foi nessa realidade que a professora começou a atuar no bairro.

Na década de 1960, Cordeiro Neto foi quem mudou a beira mar, transferiram-nas lá para o Porto no Servirluz, o padre José Nilson ajudou, mas defendia as meninas porque tinham dizia, segundo Girão (1998), que elas tinham um coração bom, falando das do meretrizes. A mesma data foi referendada por Carmo (2019), pois dona Ozita, nos conta que: “em 1960, o pessoal tudo queria tirar aqueles cabaré dali, que num tinha Prefeito pra tira, falava e não tirava, entrou o Cordeiro Neto e disse agora sai, saiu tudim mesmo. A derradeira criatura que saiu no dia 27 de fevereiro de 1960, sei porque meu pai morreu nesse dia, era dia de sábado de carnaval, o meu pai morreu, e a dona Eulina e seu Hortêncio que eram os dono do recreio dos marítimos, que nós era engomadeira de lá, ela botou tudo pra ir pro farol, as bagagens tudo e veio pro velório do meu pai, em 1960”.

Havia, realmente, de muito tempo à intenção de modificar a realidade do Mucuripe e de bairros simples em Fortaleza que passavam a ter dentre suas áreas, sítios que se tornavam com o tempo, valorizados economicamente e ou alvos de ações de urbanização e requalificações de bairros pelas autoridades políticas, assim ocorreu com o Mucuripe. “As 7 horas da noite eu ia entregar mais ela, minha mãe, as roupas das lavagens do dia, tínhamos que ser rápidas pra dá tempo entregar tudo, e conseguir voltar para casa com o que poderia comprar o que íamos comer”. Na época “ordem era essa, que moça só passeava na beira mar

até 10 hora quando dava 10 hora da noite, o Pedro Moura, que era o delegado nessa época, que eu tinha uns 12 anos, ficava botando as moças pra casa, pra poder as rapariga sair, porque elas era tudo recolhida, ai eu ia deixa as roupas né, só que eu ai dizia “mamãe eu vou volta pra passear um pouco”, ai me ajeitava, botava um perfumizim e ia passear”. Quando Ozita encontrava Pedro Moura ele segundo a mesma já vinha: “ei Ozita tá na hora de ir simhora, eu respondia logo não Senhor, eu ainda vou dá mais outra volta, o senhor viu que eu tava entregando roupa, e ele dizia bora pra casa rapaz, comigo e minhas amigas, porque eram meninas de respeito né”.

Nessa época de 1960, Aída já tinha seus filhos todos adultos, o último que casou, Waldenilo, o fez nesse mesmo ano, com 71 anos, quando Aída ainda atuava na educação no local. No período, ela ainda ajudava em algumas práticas e intervenções que a Igreja, na figura do Padre José Nilson, realizava junto à remoção da zona do meretrício, mas quem irá ser uma das protagonistas das mediações será Dona Tatá. Ela, solteira, moça de família, mas já desde cedo articulada junto e como liderança do Mucuripe, intermediou para garantir que tudo o que foi prometido àquelas mulheres fosse cumprido, pois se mudavam para uma região portuária, mais perto dos estivadores e dos embarcações, aparentemente positivo, embora mais longe dos pescadores ali do Mucuripe para uma região que necessitava de melhorias de urbanização para a instalação daquelas famílias.

Destacaremos ainda aqui três moradoras de referência do Mucuripe, as já citadas Mundinha, Carmozinda e Neusa. Lutas por melhorias na região junto ao padre José Nilson, as três presenciaram as modificações não só da Volta da Jurema, mas do Mucuripe como um todo, mas são propostas aqui não só como contribuintes de olhares diversos sobre o lócus de Aída, mas de vislumbrarmos também como o Mucuripe é permeado de representatividade feminina. Assim, de algum modo nas lideranças e embates liderados por mulheres no Mucuripe acabam sendo simbólicos junto ao que Aída tanto fez diante das problemáticas do bairro.

Sabiam quem era Aída, porque todos do Grande Mucuripe sabiam, mas só Neusa nos conta que se tornou amiga da família. Moradoras da área da penúltima intervenção de grande porte no bairro, pois a última ainda está em desenvolvimento junto à efetivação das obras do VLT (Veículo Leve sobre Trilhos) de Fortaleza, próximo aos trilhos, à Via Expressa. Contudo, a penúltima tirou de suas casas, de suas lembranças e memórias, duas mulheres que já não se veem mais da mesma forma, como se tivessem as tirado literalmente do seu lugar no mundo, pois Carmozinda e Neusa tinham suas residências com fundos para onde passava o riacho Maceió e vista para o cartão postal turístico da cidade, à beira mar de Fortaleza.

Dona Mundinha, labirintera de mão cheia, foi de artesã à empresária do ramo, soube, e teve tino, como se diz, quando alguém dá para o comércio, para desenvolvê-lo e ela tinha. Passou não só a fabricar labirinto, mas empregar outras mulheres artesãs da prática, e conta com orgulho que ganhou muito dinheiro com isso, que levava jeito, tanto que o dinheiro que já ganhei com o labirinto foi importante não só para ela, como também para seus familiares.

Desenvolve todo ano um presépio de Natal e promove uma festa de crianças. Ela relata que, apesar de ser cansativo, ama e não tem intenção nenhuma de parar de fazer, hoje na proposta da artista, todo mundo, de alguma forma, ajuda, pois, convocadas às filhas de dona Mundinha, partilham já a alegria de ver toda uma dedicação pronta e a alegria de sua mãe, ainda lucida e bastante ativa.

Dona Mundinha lutou muito pela não retirada dos moradores das proximidades do Riacho Maceió, “tão tomando o Mucuripe aos pouquinhos, minha casa, na origem, como era o terreno de mamãe, já não é o mesmo, já foi vendido por conta da partilha dos herdeiros, parte dele”. A frente da casa, que ficava na Rua da Paz, foi vendida e hoje faz parte de um prédio residencial, contudo boa parte do terreno resiste em meio à especulação imobiliária, ladeado o terreno pela esquerda e pelos fundos por edifícios, mas a sua esquerda e de frente, ainda resistem algumas casas de antigos moradores da Volta da Jurema, na parte mais estreita da Rua Senador Machado, com destacada luta em prol da preservação do Riacho Maceió.

Dona Neusa é outra personalidade feminina que optamos dar lume a sua história, pois é moradora antiga do Mucuripe, casada, com seis filhas, junto ao seu marido Benedito Costa e Silva, também é figura de defesa do Mucuripe em busca de melhorias, como também da preservação do Riacho Maceió. Conhecida por ter lutado por muito tempo pelo riacho e ter resistido por muito tempo para não sair da região, na Rua Senador Machado, como também fez Dona Carmozinda (conhecida como Zindinha ou Cocada). Elas são moradoras da mesma rua que Mundinha, as três serão figuras de destaque nas lutas publicizadas no bairro sobre as demasiadas tentativas do poder público e privado de virar donos daquela região, até conseguiram.

Neusa era autônoma, mas pagava firma, por isso destaca que se aposentou tudo legalmente. Carmozinda aposentou-se como marisqueira, mas já foi dona de embarcações com seu marido Franciné, cresceram economicamente da pesca da Lagosta, quando por volta de 1960 a 1970, no auge da exploração, alguns moradores do Mucuripe tiveram acesso a melhorias refletidas pelo bom momento de mercado. Temos ciência de que a maior parte dos pescadores não teve acesso a essas melhorias, porque ficava mais para os donos das

embarcações, mas foi sim uma época boa da pesca local. De origem da região do litoral leste do Ceará, município de Fortim, na praia de Pontal do Maceió, residia na casa que outrora foi de sua mãe, em 2019, com 80 anos, tem três filhos, dois vivos, e muitos netos, familiares já nascidos no Mucuripe, sente-se parte tanto quanto os nascidos ali como Mundinha, representante de tantas labirinteiras, ela das marisqueiras, profissões tão comuns e pertinentes das figuras femininas na história do bairro.

Acabaram com pouco êxito, elas em suas lutas, pois, anos depois, mesmo resistindo por tanto tempo, a dita urbanização do que resta do riacho Maceió retirou por definitivo umas três dezenas de casas que se localizavam na rua por trás da Igreja Nossa Senhora da Saúde, a mesma rua de Dona Mundinha, como já destacamos, a Senador Machado. A especulação imobiliária que, de tempo em tempo, vai afastando um pouco mais, excluindo um pouco mais moradores antigos de todas as origens e colocações financeiras dos seus lugares de identidade e raiz, mudaram o endereço de Neusa e Carmozinda.

Como tínhamos dito dona Neusa, antes moradora do Córrego das flores do lado de lá da linha do trem, era muito amiga da dona Zaída, filha mais nova das meninas de Aída Balaio, mas também foi amiga de Aída, mesmo que fosse muito mais velha do que ela, disse, pois, que podia ser sua mãe. “Ela era professora respeitada muito respeitada, não era assim muito simpática não, era mais fechado, mas era muito respeitada querida já o seu Balaio, o velho Balaio como era conhecido era bem simpático, mais bem mais”. O seu Balaio era mais claro do que a dona Aída, mas no máximo um caboclão pardo, que com a idade ficou meio gordo. A casa deles não era assim de rico não, mas era uma casa boa que ficava nos fundos do posto, que ainda tem só que agora fica como se fosse ao lado da residência, mas era uma casa bem grande, cheia de alpendre.

Dona Maria Rocha da Silva é conhecida, moradora do Mucuripe, tem sua residência localizada quase no alto da Rua Alto Alegre, que liga a parte baixa do Mucuripe ao Morro do Texeira, isto é, dá acesso a quem vem da Beira Mar e da abolição para quem quer subir para o Castelo Encantado. O seu pai era pescador, a mãe rendeira e ela trabalhavam de fazer e vender labirinto que aprendeu com uma de suas primas mais próximas. Seu pai era Martins Gomes da Silva e sua mãe Beatriz Rodrigues da Silva. Com 91 anos, nasceu em 1928, e foi para a colônia estudar com os sete anos, à época que começou a estudar mesmo. Segundo dona Maria, a escola de Aída não era para ensinar filho de pescador, ela ensinava era particular a outras pessoas, na colônia era que tinha de graça pra filho de pescador. “Do tempo dela mesmo, a maioria era da praça do coqueiro tudo estudava lá na colônia com ela”.

Falando sobre a professora Aída, Rocha (2019) indica que era sua madrinha, “uma morena bem escurinha Dona Aída, ela é minha madrinha ela, mas quando a conheci eu já era grande, mas ela foi minha madrinha de batismo”. Embora fosse sua madrinha, não a alfabetizou, já que, segundo dona Maria, os alunos pobres filhos de pescadores estudavam na colônia com a professora Luiza<sup>63</sup> tanto que ela, dona Maria, estudou até 18 anos com a professora, na colônia dos pescadores com essa mulher madura, que não era do Mucuripe, mas ensinou muito tempo na colônia. “Mas tinha um patronato, que ficava ali depois da feira mais ou menos a rua hoje é Tereza Hinko em direção a beira-mar, que à época era só a rua da frente que dava para o mar”. “Lá, era para aprender bordado, era para ensinar um ofício, parece que este lugar bem chamava externato lá, coisa assim. Pro lado de lá Maceió que era muito mais conhecido por volta da Jurema”. Relata que seu pai, e o pai de muitas moças não as deixavam ir para esse local, pois, como ficava na rua da frente, não era lugar de moça de família, passar para ir a lugar algum.

Disse que tinha mesmo a pracinha ali na frente da casa de Aída, acabou depois que começaram a renovar o Mucuripe. “Os moradores da Mucuripe a maioria era pescador, rendeira, lavadeira era muito comum todos irem lavar as roupas lá pelo Papicu e quando dava pra levar também lavava roupa do vizinho sem cobrar nada, existia essas coisas antigamente, do tempo do sabão Pavão”. A lagoa do Papicu, indicada tanto por Carmo (2019) como nos conta também Silva (2019), sobre os locais de se trabalhar, de lavar roupa, localizava-se para o lado do antigo prédio, onde funcionava a Brahma.

Dona Aída, “pra mim ela foi muito boa, quando a gente cresceu já, nós era lavadeira de lá, eles eram muito bons pra nós, lavava roupa pra ela, pro Waldlys, o Valmir, eles se julgava o homem que mais andava bem engomado, porque era Ozita que engomava” nos revela Carmo (2019). Ela também nos diz que, na casa de Aída, também morava Geraldo, que era o sobrinho da professora, e que era comum os filhos e netos estarem sempre por lá. “Ela se vestia bem a Balaio, só vivia de sapato, só vivia ensapatada, uma morena vaidosa, batonzinho no beijo, colarzinho no pescoço, era uma morena vaidosa dona Aída, cantava na igreja, muito católica, no dia que ela morreu dona Zaída cantou na missa dela e eu fui pra missa”.

---

<sup>63</sup> Esta professora também será citada nas falas de Carmo (2019), Ramos (2019), em outros momentos e colaborações desses escritos, por ser muito tempo a professora da colônia. O que de alguma forma podemos indicar é que, nem todos os pescadores eram associados a C- Z2 e que, dentre a observação dos discentes encontrados para falar sobre Aída, Pinto (2019), Lima (2019) e Verçosa (2019), sim eram filhos de pescadores, o primeiro, Júlio Pinto, inclusive ele era um pescador ainda muito jovem, mas desenvolvia a labuta do trabalho deste dito lobo do mar.

## 6.1 IGREJA CATÓLICA – ASSISTENCIALISMO – AÍDA BALAIO – REPRESENTATIVIDADES SOCIAIS

Aída Balaio seria fruto e meio propagador de uma ação religiosa defendida pela Igreja como postura, moral e posicionamentos políticos. Pois, bem como será envolvida em práticas, ações de perspectivas de caridade e assistencialismos, que contribuiu assim para a Balaio ser ainda mais referendada que a professora do Mucuripe, mas a madrinha do bairro, aquela que não só batizou crianças, mas que prestava ajudada a quem podia, quando podia. Contudo, que ações seriam essas empreendidas por Aída, estava representando a Igreja ou desenvolvia por iniciativa própria? O que sabemos é que o Padre José Nilson terá como parceira de apoio às iniciativas apreendidas por ele, na figura de Aída Balaio, na verdade ele contaria com muitas parcerias, como por exemplo, Verinha e Zaída, e o político Virgílio Távora e a primeira dama Luiza Távora.

Cogita-se a possibilidade de Luiza ter conhecido Aída Balaio à época em que a professora foi nomeada para lecionar o Curso de Alfabetização de Jovens e Adultos segundo Santos (2019), pois Luiza era a então secretária estadual responsável pelo Curso, à pessoa de confiança do Walmik Albuquerque, do departamento de Educação, na verdade, o secretário. Contudo, segundo Chagas (2019c), as amizades com políticos e ou nomes que tivessem assim importância pública dava-se não só pela agradável companhia de sua avó, nos relata que muitos a buscavam para que ela intermediasse junto à comunidade em seus projetos. “Maída era muito respeitada pela comunidade e as pessoas acreditavam no que ela falava, em quem ela apoiava e aí todos queriam fazer amizade com ela”.

**Figura 29** – Jornal O POVO – Coluna Opinião do Leitor – Resposta a Reportagem Aída Balaio (1989). / – Transcrição da Reportagem

**OPINIÃO DO LEITOR**

**Reportagem**

Sr. Editor: Foi com indizível prazer que li a reportagem feita pela excelente jornalista Angela Barros Leal, sobre a personalidade marcante da educadora Aída Santos e Silva – Aída Balaio

É que Angela Barros Leal – primorosa jornalista cearense, que vem escrevendo com êxito “A História do Ceará Passa Por Essa Rua”, sob o patrocínio de Gerardo Bastos, em seção especial do “O POVO”, várias biografias de personalidades que engrandeceram e dignificaram, pelo labor e pela inteligência, o nosso querido Ceará, retratou a pessoa da modelar educadora que foi Aída Balaio.

Aída foi minha grande amiga.

Tinha uma atração irresistível pelo ensino. Entendia que a Educação não era um dos maiores problemas do Brasil, porque – dizia – é o maior deles. Por isso, com inexcedível dedicação e muito carinho, lecionou 54 anos.

Aída Balaio fazia, neste 1989, cem anos de existência, grande parte dos quais esbanjou bondade com todos que lhe solicitavam a ajuda do saber. Concorri, do que muito me alegro, para que fosse sempre lembrada, dando seu nome a uma das ruas do populoso bairro – Mucuripe.

Parabenizo, sinceramente, a Angela Barros Leal pelo seu exemplo de patriotismo e brasilidade, procurando mostrar a todos os cearenses, marcadamente às novas gerações, aqueles que foram os edificadores dessa grande nação, porque, no dizer feliz de Antônio Almeida Prado, “as nações que não cultuam e não perpetuam a memória de seus grandes vultos, não se radicando seu passado, não se perpetuam no futuro, consistiram, quando muito, num aglomerado de indivíduos sem raízes no solo pátrio e sem consistência social definida, mas nunca um verdadeiro povo, consciente do papel que lhe toca representar no cenário universal e das responsabilidades ligadas pela tradição de seus ancestrais”.

Luiza Távora  
Fortaleza

**OPINIÃO DO LEITOR**

**Reportagem**

**Sr. Editor:** Foi com indizível prazer que li a reportagem feita pela excelente jornalista Angela Barros Leal, sobre a personalidade marcante da educadora Aída Santos e Silva – Aída Balaio.

É que Angela Barros Leal – primorosa jornalista cearense, que vem escrevendo com êxito “A História do Ceará Passa Por Essa Rua”, sob o patrocínio de Gerardo Bastos, em seção especial do “O POVO”, várias biografias de personalidades que engrandeceram e dignificaram, pelo labor e pela inteligência, o nosso querido Ceará, retratou a pessoa da modelar educadora que foi Aída Balaio.

Aída foi minha grande amiga.

Tinha uma atração irresistível pelo ensino. Entendia que a Educação não era um dos maiores problemas do Brasil, porque – dizia – é o maior deles. Por isso, com inexcedível dedicação e muito carinho, lecionou 54 anos.

Aída Balaio fazia, neste 1989, cem anos de existência, grande parte dos quais esbanjou bondade com todos que lhe solicitavam a ajuda do saber. Concorri, do que muito me alegro, para que fosse sempre lembrada, dando seu nome a uma das ruas do populoso bairro - Mucuripe.

Parabenizo, sinceramente, a Angela Barros Leal pelo seu exemplo de patriotismo e brasilidade, procurando mostrar a todos os cearenses, marcadamente às novas gerações, aqueles que foram os edificadores dessa grande nação, porque, no dizer feliz de Antônio Prado, “as nações que não cultuam e não perpetuam a memória de seus grandes vultos, não se radicando seu passado, não se perpetuam ao futuro, consistiram, quando muito, num aglomerado de indivíduos sem raízes no solo pátrio e sem consistência social definida, mas nunca um verdadeiro povo, consciente do papel que lhe toca representar no cenário universal e das responsabilidades ligadas pela tradição de seus ancestrais”.

Luiza Távora  
Fortaleza

Fonte: Arquivos da Família Balaio (2019)

A reportagem acima foi encaminhada para uma coluna do Jornal O Povo, intitulada *O leitor*, que concede espaço ao leitor do jornal para que opine sobre determinadas publicações e ou reivindique o que gostaria que fosse discutido. Deste modo, através da

reportagem conseguimos uma demonstração de vínculo entre Aída e Luísa Távora, pois apesar dos familiares da docente sempre relatarem determinada proximidade entre ambas, Chagas (2019c), também nos alertou que algumas dessas amizades com ditos importante da política na época, davam-se pelo fato da avó ser bem articulada com a comunidade, sabendo que se tivessem o apoio de Dona Aída, poderiam assim mais facilmente dialogar com os moradores, pois estes tinham na figura da docente uma referencia de alguém em que podiam confiar.

Todavia, vislumbramos destacar também na dada reportagem, é que ao parabenizar o jornal e a escritora da matéria que trazia Aída como protagonista, reitera a afirmativa feita por vezes, pelos familiares, que a professora tinha sim muitas amizades, de pessoas influentes, e isto acaba servindo como uma ajuda mútua, pois tanto Aída acabava usufruindo buscando ganhos para o Mucuripe, como estes quando precisavam tinham o seu apoio junto à comunidade. Além disso, Luíza Távora destaca em seu texto, a importância da memória e de se resguardar as raízes e a história de um povo e que isso reverbera na construção de uma identidade. Assim de um modo também de reafirmar identidades, raízes, do lugar de fala e destaque que hoje temos ao podermos dar lume a uma personalidade que tentamos por vezes fugir dos demasiados elogios, acabamos de algum modo também afirmando não só o quão ímpar foi a educadora, como também admirável é sua trajetória enquanto mulher.

De acordo com Freire (2017, p. 70), o Mucuripe, e outros bairros da periferia da capital, [...] foi esquecido pelos governantes locais de Fortaleza durante muitos anos, por representar um local marginalizado, onde se encontravam perigosos, prostitutas e doentes. Esse estigma, ou seja, a ideologia como forma de atribuir inferioridade ao grupo social que morava no bairro, era percebido principalmente nas divulgações de notícias em rádio, jornal e televisão. A comunidade do Mucuripe vem renovando suas lideranças de embates e resistências em busca de reais melhorias para o bairro, no entanto, ainda é lugar de moradia de muitos cidadãos pauperizados.

Aída Balaio, Padre José Nilson, Verinha, Tatá, Diego di Paula lideranças de ontem e hoje do Mucuripe, que tinham uma bandeira de defesa e almejavam e almejam que seja um lugar mais respeitado por suas identidades e pela formação e ocupação de sua população. Dentre estes também temos, talvez menos politizadas em suas práticas, mas também emblemáticas, as senhoras da Volta da Jurema, começaram a envolver-se em movimentos de reivindicações populares, como representantes dos moradores do entorno do Maceió.

Dentre os representantes católicos, já destacamos a figura do Padre José Nilson, que empreendeu um grande trabalho junto ao Mucuripe, padre com quem Aída Balaio compartilhava lutas em prol da melhoria de vida no Mucuripe. Nesse mesmo viés de atuação nas camadas populares, foram criados grupos católicos que empreenderam ações junto a jovens trabalhadores rurais, sem-terra, ou seja, grupos com pouca representatividade social (CARVALHO, 2018). Assim, o Padre José Nilson foi colaborar com o Mucuripe não apenas no que concerne ao lado espiritual, mas, sobretudo no lado social e no plano político.

As alterações sofridas pela vida religiosa feminina nas décadas de 1960 e 1970 seguiram então de perto, em certo sentido, o que se passou na Igreja na mesma época... Por essa época, surgiu um novo pensamento teológico, que procurava fundamentar-se numa análise sociológica da realidade e era respaldado pelo patrimônio ideológico do catolicismo, com seu ideal de aproximação dos pobres. Trata-se da Teologia da Libertação. (NUNES, 2004, p. 503)

Esse período foi marcado pela profissionalização do ensino como aponta Louro (2004), tanto que o Padre do Mucuripe desenvolveu ações também no campo da educação da juventude, com parcerias e ações como o Círculo Católico do Mucuripe, quase em frente à Igreja; parcerias com as LBA articulada no Mucuripe a partir da figura de Luiza Távora, então primeira dama. Relatou-nos Lima (2019), agradecendo, para além da figura de Aída Balaio, como colaborativa com seu desenvolvimento educacional, a do Padre José Nilson, ao ajudar ele e outros jovens a cursarem, no estado de São Paulo, curso de oficiais da Aeronáutica.

O trabalho nos bairros pobres, com problemáticas diversas, passou a ser não só o ambiente de suas atividades, mas o lugar que a Igreja Católica atuava firmemente. Importa esclarecer, no entanto, que mesmo antes da parceria com Padre José Nilson, Tatá, Verinha e Luiza Távora, a Balaio já desenvolvia algumas ações no Mucuripe. A realidade de desenvolvimento de instalação de escolas, de ações, práticas e obras em escolas, e de combates das mais diversas mazelas advindas da pobreza, da falta de assistência pública e de conhecimento que o Mucuripe apresentava fizeram com que Aída já convivesse com as precariedades pertinentes no bairro, tanto que a comunidade da Lagoa do Coração, onde hoje funciona uma escola e um posto de saúde em homenagem à educadora.

Pois, Santos (2018), nos afirma que Aída “ganhou nome de escola e posto lá na comunidade Lagoa do Coração pra fazer doação de Soro para as crianças, fora que quando vovó ia batizar o povo dava as roupinhas, sapatinhos, tudo, e pra quem foi madrinha de mais de 350 crianças, daí tu já tira quanto ela num fez”. Assim, o Mucuripe é apontado por Santos (2019), como uma das regiões que mais Aída auxiliou, mesmo antes das inferências do Padre

e Tatá com a zona do meretrício da Beira Mar, das iniciativas de educação do Padre, e das intervenções enquanto primeira dama do estado, de Luiza Távora.

Luiza atuou diretamente no morro Santa Terezinha na comunidade da PROAFA (Projeto de Assistência aos Favelados) que se desenvolveu também por fruto de alocar os tantos e tantos pores mucuripeiros e proximidades que iam sendo tangidos, popularmente, colocando, para longe dos currais que a elite preferia não ter por perto. Diz que foi uma das regiões que mais atuou, porque sua tia Zaída costumava comentar que também pelo Outeiro Aída já fazia iniciativas de ajuda a moradoras simples do bairro à época que voltou para lecionar no grupo escolar.

Além do papel forte e atuação pertinente da Igreja Católica, chega ao Mucuripe, com também prática de assistencialismo, missionários americanos que instalaram na rua córrego das Flores, onde ainda se localiza a Igreja Batista Regular do Mucuripe, de cunho cristão protestante. Santos (2019) aponta, que Aída “chegou até ajudar esses missionários que vinham pra cá pro Mucuripe pra ajuda o povo pobre daqui”, narra que Aída acompanhava pelas dunas e ruas de areia do Mucuripe que conhecia muito bem missionários, estes que acreditamos ser os mesmos da Igreja Batista em meados dos anos 1950.

Assim, Aída era a mulher atuante na Igreja, que participava sempre das missas, e que aos domingos sempre tocava o órgão durante a celebração, ganhava destaque e admiração, quem daquelas pessoas sabia tocar aquele instrumento, que ela tocava tão bem e que revelava ter aprendido durante os estudos do Imaculada. Ela ajudava ensinando o catecismo às crianças, aconselhando crianças e os homens do mar, e mesmo ao lecionar cobrando em aulas particulares na comunidade como forma de ajudar na renda da casa depois de viúva, por muitas vezes, pedia algo simbólico e ou não cobrava nada. Verçosa (2019) indica que a única coisa que as crianças tinham de comprar eram os cadernos e o lápis, mas mesmo assim muitas vezes era a Balaio quem dava, por conta de não deixar sem estudar. “Vovó gostava de ir de tardinha vê o mar, os pescadores da prática do ir e vir diário, na pesca com o manzuá, que por vezes mal traziam o que comer. Vovó ajudou muito esse povo”.

Mas ainda existe outra relação de Aída com a Igreja Católica, que não tem nada haver com sua prática religiosa e ou suas ações assistencialistas junto à Igreja. Aída e o Senhor, Francisco Balaio, seu esposo são vinculados a um episódio diverso replicado por Girão (1998) e nas páginas do jornal O Povo que tem por temática o bairro do Mucuripe e tem, dentre seus colaboradores, Valmir, filho da educadora lembrando um episódio que, segundo Santos (2018), aconteceu; que Verçosa (2019) salienta Dona Aída Balaio não ter nada a ver e que não se efetivou; e que Leal (1989) afirma ter causado grande angústia e

descontentamento na educadora, a qual, tão religiosa, se vê envolvida com uma possível excomunhão do marido.

Francisco por conta de um desentendimento com o pároco da Igrejinha do Mucuripe, a São Pedro, em meio às festividades locais, impede fieis e moradores que buscavam adentrar a Igreja. Em meio à confusão, alguns manifestantes descontentes com as portas da Igreja fechada acabam por derrubá-las e assim liberar o acesso à capela. O episódio teria causado tantos transtornos que acabou por deixar a Igrejinha fechada até meados da década de 1930, e acelerado o processo de construção da Igreja Grande, Nossa Senhora da Saúde.

Esclarecemos que não foi citada nenhuma data específica e ou documento de referência, pois não conseguimos indícios para além das narrativas colaborativas que não tenha mesmo se efetivado o caso do Senhor Balaio, não há registro da data exata do ocorrido, nem mesmo a idade que tinham os Balaios, ou quando se deu por resolvido o ocorrido. No entanto, acreditamos ser válido ter seu relato registrado aqui, pois, no mínimo intrigante seria uma irmã de caridade, que se autoneameava assim, a professora do catecismo, a mulher que organizava festividades da Igreja, que sempre contribuía com a missa tocando órgão, ter junto a sua história de vida uma excomunhão. Segundo Verçosa (2019), isso na verdade nunca aconteceu mesmo, aliás, aconteceu, mas esse negócio de excomunhão não, ou pelo menos não teve nada haver com a professora Aída, não dando muito crédito a dita história.

Por fim, Aída tem sua trajetória muito envolta com o catolicismo, pois da educação primária, da formação secundária, durante sua atuação docente, pois mesmo com a proposição de uma educação laica a partir da década de 1920, sabemos que a educação primária e a formação para o magistério estavam permeadas de questões da moralidade cristã, e sim as professoras muitas vezes ao iniciar as aulas ainda continuavam rezando junto ao alunado. Mas onde Aída atuou efetivamente para ter 54 anos referendados a ela de dedicação ao ensino, em que modalidades atuou, por quais instituições perpassou no desenvolvimento de sua atividade, é sobre isto que desenvolveremos o próximo capítulo, no intuito de verificar a atuação de Aída Balaio tanto na educação formal quanto não formal.

## 6.2 AÍDA E O CINEMA

Neste tópico, objetiva-se propor uma discussão que irá descrever minimamente o quanto Aída foi apontada como uma grande admiradora da dita sétima arte à participação de Balaio durante as filmagens de Orson Welles sobre os Jangadeiros cearenses, com o intuito de

não só esclarecer o que a professora fez e contribuiu para a dada produção, como também que histórias permeiam essa temática.

Chagas (2019a) nos narrou que sua mãe Nair contava que a mãe, nas diversas andanças, fugia para ir ao cinema, no São Luiz. Por vezes, ao ligarem as luzes do ambiente, encontravam-se ali sogra e genro, sim, o esposo de Nair, João, situação que já ocasionou susto ao descobrir Aída Balaio ao lado de João, assistindo às películas. Essa paixão ganhou episódio de orgulho para a docente, que terá o dado envolvimento em uma produção cinematográfica descrito em um livro sobre Orson Welles (HOLANDA, 2007), ganhando as páginas do livro, sobre quem era aquela senhora que, na década de 1940, envolve-se nas gravações, auxiliando na sistemática de seu desenvolvimento e da representatividade que já era Aída Balaio.

Os escritos de Girão (1998) nos revelam que:

Casa de pescador não tinha cadeiras. Nem mesas. Comia-se no chão, numa esteira de palha, e em pratos de ágata, colheres também do mesmo material, comida preparada em fogão a lenha (de barro), em panelas também de barro ou de ferro. Havia ainda umas forquilhas nos cantos do casebre par amarrar as redes de dormir, que permaneciam, aliás, enroladas quando não em uso. Um caixão de madeira, encostado na parede de taipa, guardava os poucos utensílios e pelos cantos os instrumentos de trabalho da família: remos, samburás, facas do pescador e as grades de bordar da mulher e filhas (GIRÃO, 1998, p. 155)149. (p.119-120)

Muitas das imagens e alusões de como era o Mucuripe de outrora, ou pelo menos as imagens produzidas por Chico Albuquerque, no período de Orson Welles no Mucuripe – álbum que temos por doação da família da pesquisadora – demonstram o quão, até aquele dado momento, mesmo com as inferências das retiradas das pedras características da praia do Mucuripe, persistia a vinda de retirantes de momentos diversos, os quais, por motivações de trabalho, acabaram instalando-se pelo bairro. As levas que o Mucuripe recebeu de aracatienses nas enchentes características da região, ou nos anos 70 e 80, do século XX, de pessoas advindas do Acaraú, por conta de questões relacionadas à pesca, fizeram o Mucuripe crescer demograficamente, pois as terras dos morros, aparentemente sem donos e ou demarcação, facilitava a fixação e continuidade de muitos que encontram na localidade uma maneira de sobreviver no meio citadino doente e embelezado que tanto se buscou para as capitais brasileiras (SOUZA, 2009).

**Figura 30-** Retrata 2 figuras de referência do Mucuripe em uma só imagem – A rendeira e O pescador.



Fonte: Fotografia de Chico Albuquerque (1952).<sup>64</sup>

As fotografias acima foram tiradas dez anos depois que Chico Albuquerque esteve no Mucuripe acompanhando Orson Welles nas filmagens de *Quatro Homens em Uma Jangada* (*Four Men on a Raft*) é a terceira parte do inacabado filme intitulado *It's All True* realizado em 1942, com alguns dos processos de filmagem no Brasil, retratando paisagens das cidades do Rio de Janeiro e Fortaleza. Em Fortaleza foi filmado na praia do Mucuripe, buscando reviver a viagem de quatro pobres pescadores que, em busca por melhorias na condição social de seus companheiros de profissão e de sua comunidade em si, atravessam de Fortaleza até a cidade do Rio de Janeiro.

De forma dita rústica, mas na verdade, bem artesanal, os jangadeiros se guiaram pelas estrelas, sem equipamentos ou bússolas, estes homens eram: Manoel Olímpio Meira (Jacaré), Raimundo Correia Lima (Tatá), Manuel Pereira da Silva (Mané Preto) e Jerônimo André de Souza. Indo com o objetivo de apresentar as suas queixas ao presidente da República Getúlio Vargas. (HOLANDA, 2007).<sup>65</sup>

<sup>64</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y1CXgcRaNyA>. Acessadas em: 22 de outubro de 2019.

<sup>65</sup> Parte dessas informações são disponibilizadas também estão disponíveis no site do Museu Afro Brasil. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/docs/default-source/publica%C3%A7%C3%B5es/chico-albuquerque---it-s-all-true.pdf?sfvrsn=>. O Mucuripe traz um dos primeiros ensaios fotográficos de um brasileiro sobre o Brasil. Acessado (em: 15 out. 2019).

**Figura 31-** Orson Welles durante gravações no Ceará (1942)



Fonte: Foto de Chico Albuquerque/Divulgação.

Dentre as publicações de uma rede social intitulada Fortaleza Nobre, @fortalezanobre no Instagram, é possível visualizar, o que seja a parte das filmagens produzidas nas paisagens do Mucuripe, trata-se de um filme silencioso apresentando imagens encantadoras de um Mucuripe de outrora, e nos mostra um pouco do que o olho de Welles visualizou naquela comunidade e que Aída presenciava sempre. Nos mostra as cenas que indicavam um pouco do trânsito destes homens, suas famílias e a vida desenvolvida por aquela realidade, buscando assim retratar um pouco do que seria seu cotidiano.

Aída envolveu-se nas gravações pelo amor já colocado, pela curiosidade de ver as sistemáticas da produção e por falar francês, o qual aprendeu nos estudos do Colégio Imaculada Conceição. Ela serviu, assim, de intermediária da comunicação da equipe do cineasta como uma assistente do cineasta, uma mulher que falava também muito bem o francês e fez da aproximação com a docente a possibilidade de acertarem a logística de filmagens e pagamentos dos pescadores e figurantes que ali se envolviam nas gravações da história dos 4 pescadores cearenses que conseguiram falar com o presidente da República e lograram lugar na historiografia pelo dinamismo e heroísmo que os fizeram exigir melhores

condições e direitos, dos que estavam, em grande maioria, com nenhum direito garantido, nem mesmo a aposentadoria.

Além de Aída, o Mucuripe também se apaixonou pelo Cinema, pois terão em sua construção histórica, diversas filmagens de suas paisagens, destas enquanto pano de fundo de histórias, assim como até mesmo clipes de músicas de artistas famosos, que terão inclusive Zaída envolvida como atriz e foco de Dorival Caymmi, que dizem ter encantado. Mas, sobre isso, maiores e/ou muitos detalhes não temos da figura de Aída em si, ou seja, não sabemos sobre seus gostos de filmes, com que frequência realmente ia a um cinema etc. (GIRÃO, 1998)

No entanto, será a sétima arte que nos ajudará a chegar ao nosso próximo tópico, indo da apaixonada pela prática àquela que, por um tempo, trabalhara no cinema do bairro, que funcionava na rua da frente, nas proximidades onde residia com os pais, na Bauxita. Dona Tatá era sim a responsável e afirma que realmente sua professora amava muito assistir e falar sobre. No próximo tópico, iremos verificar que não só o Cinema, a alfabetização e letramento se propõem como comum de Aída Balaio a Tatá, e de Tatá à Balaio.

### 6.3 AÍDA E DONA TATÁ

Histórias de luta por um Mucuripe melhor, menos desigual, marcam a vida das moradoras famosas, seja na memória herdada como Aída, ou pela presença ainda marcante e em plena atividade de dona Tatá. Histórias que se encontram se influenciam e demarcam um tempo, um espaço, e uma mudança de perspectiva de quem é que está escrevendo sua História, não são apenas inspiração e objetos de estudo, são autoras de tracejar de letras que para a realidade educacional que permearam jamais passarão despercebidas.

Otacília Verçosa, mais conhecida por Dona Tatá, como já colocamos, foi aluna, amiga de família e, podemos dizer, uma versão tão arretada e tão quanto desenvolta como sua docente Aída Balaio, uma correlação e verossimilhança aqui proposta e indicada, a partir dos relatos e escritos, constituindo uma representação de Aída. Concedeu-nos uma entrevista na qual relatou sua experiência como mulher, como líder comunitária, como articuladora política e como admiradora da professora querida do Mucuripe, por quem fora alfabetizada e teve suas primeiras classes sob a sua orientação e a quem descreve como uma mulher fina, digna e muito religiosa.

Antes de iniciarmos nossos escritos sobre Aída Balaio na ótica de sua fã, aprendiz e discípula, primeiramente, iremos sim esclarecer de quem se trata essa discente, ainda viva,

com os seus 93 anos, e que tivemos contato, ou melhor, o prazer de conversas e escutas de suas histórias pessoais, formativas, educacionais e sobre o Mucuripe, temáticas pertinentes assim na vivência da mestra e da aluna. Contudo, as perguntas que nos instigam neste momento são: por que falar de Aída por Dona Tatá e por que essa discente acaba assim galgando maior destaque que os demais colaboradores desta pesquisa?

Tatá não é da família, foi discente sim, foi afilhada também, amiga, apesar da diferença de idade, e também estava presente no cotidiano da professora; no entanto, Dona Otacília é tão sujeito de sua História como acreditamos ter sido Aída da sua; são duas mulheres que entrecruzam suas trajetórias entre si, com o Mucuripe, como lideranças comunitárias, com as correlações com a Igreja, com a formação para ser professora, mas que são cheias de dualidades, de ponderações e peculiaridades que o contexto e as escolhas de cada uma nos revelam um novo olhar sobre a História das Mulheres produzida por Mulheres. Talvez a rememoração de Aída balaio por Tatá seja a mais difícil, pois, apesar das nuances de quem só quem conviveu tão de perto poderia falar com tamanha propriedade, mesmo sem ser da família, incorreríamos num discorrer sobre feitos e fatos admiráveis das duas e, por assim, acabaríamos produzindo uma biografia nada crítica e por demasiado celebrativa.

Destarte, como colocamos, antes de falarmos mais da correlação, dos pontos de encontro e de referência entre Dona Tatá e Aída Balaio, faz-se necessário, primeiro, conhecermos melhor Dona Tatá, que destacamos desde já como uma figura ímpar, e com uma também história de vida recheada de momentos e acontecimentos que, mesmo ainda em vida, já é lembrada por moradores do Mucuripe, como um fruto/produto e símbolo de lutas e conquistas desse bairro, o qual ainda hoje é considerado simples e permeado de problemáticas sociais. Enfim, quem é Dona Tatá?

### **6.3.1 Otacília Verçosa**

A senhora Otacília Verçosa, conhecida como dona Tatá, nasceu em 29 de junho 1929, filha de pescador, dentre 18 herdeiros, que tem, na sua história de vida, a liderança comunitária, as lutas políticas e educacionais e um direcionamento de estar sempre envolta da busca por melhorias para o bairro em que nascera e sempre vivera, praticamente. A foto, abaixo, foi indicada, ou melhor, mostrada na internet mesmo, pelo celular, quando, na fala de Dona Tatá, nos indicou que já havia reportagem sobre ela, entrevista e tudo, como destacara, assim passou a ideia de que esta era uma fotografia bonita, e que busquei fazer uso, para que a imagem figurada aqui, desta mulher marcante, fosse uma de agrado a nossa colaboradora.

**Figura 32** – Otacília Verçosa (Dona Tatá)

**Fonte:** Plantão Ceará<sup>66</sup>

No longo dos seus noventa anos, vivencia a história de ontem e hoje, viu o Mucuripe do passado e as transformações que sofrera pelo tempo e a intervenção do homem, às vezes negativa, às vezes positiva, como a exemplo de suas próprias reivindicações e ações.

Junto com o padre José Nilson, interveio na época da modernização e embelezamento da Avenida Beira Mar, mas pelo lado dos excluídos desse processo, como muitos pescadores, bem como pela retirada das prostitutas da situação precária em que se encontravam, conquistando casas doadas pela Prefeitura. Uma servidora municipal aposentada. É presidente da Associação dos Idosos do Mucuripe, de nome Oscar Verçosa, pois fora uma iniciativa de seu pai, por isso, Tatá resolveu homenageá-lo não só na continuidade de sua proposta, como também dando à associação o seu nome.

Dona Tatá tem orgulho de dizer que uma das suas maiores inspirações fora seu pai, fala dele para além de um saudosismo, fala como se alguém que sempre almejou parecer, na índole e caráter e que lhe pedira para dar continuidade no cuidar dos idosos, com quem lida desde os seus 13 anos (VERSOÇA, 2012). A instituição Oscar Verçosa, a qual hoje é o lócus de dedicação e luta de Tatá, é uma associação muito viva, simples, mais muito bonita, que atende cerca de 500 pessoas, oferecendo alimentação, cursos, passeios e diversão para os idosos, e que tem hoje um retrato de uma idosa, pela idade, que cuida dos seus meninos idosos como se fosse uma jovem.

---

<sup>66</sup> PLANTÃO CEARÁ. Disponível em: <https://www.plantaoceara.com.br/2013/01/mucuripe-ilustre.html>  
Acesso em: 01 abr. 2019.

Seu bisavô, Antônio Ouvídio Verçosa, foi quem doou um terreno aos pescadores para que realizassem suas orações, em sua fala, no local em que hoje se encontra a Igreja de São Pedro. Lembra-se das dunas, da tranquilidade do Mucuripe tanto quanto da pobreza, do esquecimento e das dificuldades que foram e são ainda observadas na dada região. Assim, reafirma que, quando falamos dela, falamos de sua família e inevitavelmente do Mucuripe. (VERÇOSA, 2012)

Verçosa (2019) nos contou também que ocorrera momento problemático com relação à Igrejinha de São Pedro, por estar em uma área que, cada vez mais, a especulação imobiliária valoriza seu potencial, já tentaram, por muitas vezes, derrubar a capelinha tão primorosa para os pescadores. Contudo, Dona Tatá nos indica que tem toda a documentação do local, e que, por conta de agora ser tombado, não podem ficar ameaçando acabar com o local. Embora as constantes reformas na pista da Beira Mar, dentre as inúmeras requalificações que passou, estão de algum modo modificando o acesso e o que rodeia o templo.

Conta histórias de seus noivados, e dos seus não casamentos, dos que por ela se encantaram, como cineasta Orson Welles, no início dos anos 1940 em suas filmagens no Mucuripe, Tatá, além de ter sido uma das atrizes participantes do filme, ainda muito jovem e inexperiente da vida, como relata. Dona Tatá trabalhara quando moça em uma das grandes paixões de Aída, no cinema do Mucuripe, o Cine Mucuripe, mais ou menos hoje onde fica um dos restaurantes mais tradicionais do Mucuripe, na verdade, da orla fortalezense, no que tange à beira mar, e que ainda em funcionamento oferece um pouco da culinária típica do mar, Alfredo o Rei da Peixada.

Mostrou-nos fotografias de sua juventude, de como ficara conhecida como uma eximia nadadora, muitas dessas imagens estão em quadros de diversos tamanhos, em um local mais reservado da líder da associação, e que, de alguma forma, acredito, tanto lhe serve de inspiração, quanto mostra um alguém com vontade de deixar sua marca e memória viva, para que não só por meio daquelas imagens possamos conhecer Tatá, mas um pouco das constituições de Otacília Verçosa para chegar a ser a Dona Tatá.

Ao perpassar as imagens, retomava, de forma aleatória, um pouco de sua relação com Aída; nessa esteira, produziu relato de como fez diferença sua convivência com a professora Balaio, indicando que esta lhe deu, por variadas vezes, conselhos e direcionamentos, que o tempo foi modificando e aproximando essa relação, na medida em que, mesmo com a diferença de idade, considera e fala de Aída com afeto e orgulho de uma amizade construída.

Verçosa se deleita a nos dizer o quanto era querida e que era sempre presenteada por seus padrinhos, tudo isto durante as histórias e narrativas que as imagens de si acabaram trazendo para a senhora que hoje relata entender o porquê de não ter casado, já que assim pode ter a finalidade de cuidar de seus pais, dos mucuripenses, com um ar de orgulho e reafirmação de seu propósito. Um dos primeiros alertas que buscaremos dialogar aqui é que Tatá, por diversas vezes, aponta os tantos enquadramentos que uma mulher de seu contexto passou e passa, a não se casar, ao se constituir como uma figura de mulher de personalidade forte, perspicaz e influente, mas ainda tem outro enquadramento que fará total diferença a Verçosa, seus padrinhos.

Faz questão de falar que, lógico, por ser uma moça bondosa e dedicada, seus padrinhos nunca a deixaram na mão, muito pelo contrário, ajudaram muito tanto em conselhos como financeiramente, embora faça questão de alertar que quase nada usufruiu para si, muito fez por seus familiares, amigos, pelas crianças na época da creche, pelos idosos, desde sempre na associação, pelo Mucuripe em si; como se tivesse plena consciência da importância de redes de apoio, de contatos, de lideranças e de boa comunicação, porque ainda temos uma cultura de pessoas de posse apadrinhar crianças e jovens, sem qualquer laço consanguíneo, muitas vezes, no intuito de serem propagados de alguma forma, pela gratidão dita e ou pelos degraus e obstáculos superados por seus apadrinhados.

Otacília se mostra com uma memória extremamente lúcida e dinâmica, que hoje tem plena ciência de sua idade, e as limitações que ela impõe, mas que não deixa de cuidar dos seus afazeres que tem como se fosse um dever, missão. Já pode se propor como referência de quem deu lugar e possibilidade de trabalho a muitas mulheres da região, ficando com suas crianças quando montou e liderou uma creche comunitária local, durante muitos anos, empregando nela muitas das mulheres dali mesmo, sem formação nenhuma, usando de seu material cultural, sua vontade de trabalhar e, talvez, o sentimento maternal aflorado em algumas das figuras femininas.

Faz-se válido um adendo, é que, sobre essa dada creche, o prédio em que funcionava, atualmente, retomou sua finalidade de funcionamento, é agora uma instituição de educação infantil, uma creche municipal, organizada e gerida pela prefeitura municipal de Fortaleza. Localizada na mesma rua da escola Matias Beck, se não recordam sua nomenclatura, é na Rua Professora Aída Balaio. Entendam porque destacamos que está já em pleno funcionamento, pois o prédio já ficara fechado, infelizmente, por não conseguir manter-se, pois era uma iniciativa de Dona Tatá, que contava com ajudas e contribuições, por não ser institucionalizada pela prefeitura, era de controle e empreendedorismo da comunidade.

O local chegou a funcionar com viés religioso, lócus dessas ações, devido a problemáticas de sua manutenção, só que agora é parte da rede municipal de ensino de Fortaleza, mas não mais como “creche da Tatá”, como ficou popularmente conhecida, devido à liderança dessa mulher, a homenagem na nova fase da creche não se deu a ela, e sim a outro nome que perpassa tanto pela história de Aída quanto de Otacília, Padre José Nilson.

Aída sob o olhar de sua discente viva (fã, aprendiz e discípula).

A professora do Mucuripe, ela era **a Professora** (grifo nosso<sup>67</sup>), casada com o Balaio, uma boa senhora, muito dedicada. Uma morena baixa forte, ela tinha uma educação muito fina, muito culta, fazia o possível e o impossível pelo povo do Mucuripe. O marido dela era delegado, a delegacia era na rua bauxita, onde ficava a residência de meus pais. (VERÇOSA, 2018)

Dona Tatá chegou a concluir seus estudos básicos, entretanto, gostava mesmo era de esporte, como afirma, mas especificamente, de nadar, medalhista, não se casou porque não quis, ou também porque a vida quis assim, relatar, uma forma de me dar mais tempo e paciência para me dedicar àquilo que gosto de trabalhar, reitera, e que teve o papel de ser aquela quem cuidou de muitos da família, sempre. Expôs o quão boa é a iniciativa de estar memorando tanto a professora quanto o Mucuripe, e de como se sente satisfeita de estar contribuindo. Dona Tatá fez o Normal, no Colégio Justiniano de Serpa, mas nunca lecionou; suas práticas pedagógicas e mesmo educacionais são envoltas muito mais de assistencialismo do que de educação formal, mas isso também era uma característica que perpassava pela história de vida, pela figura da professora Balaio.

“Eu era afilhada também dela, não de batismo, estudava com ela, me alfabetizei com ela, depois que fui pra Escola Normal.” (VERÇOSA, 2018). Não retirando o que já colocara, anteriormente, de ser uma filha que dera continuidade aos trabalhos e preocupações que seu pai tinha com os mais idosos e com as dificuldades vivenciadas pelos pescadores, mas talvez Aída Balaio tenha se proposto como a figura feminina, o exemplo de que ela como mulher poderia fazer muito, como fez.

Conta-nos que ganhou um pouco desse amor e desse espírito de luta por parte de seu pai, mas muito também a partir de sua docente, esta que sempre no alpendre ao lado, na sua casa, alfabetizava e ensinava muitas crianças, mas sempre tinha por costume rezar antes de iniciar as classes. Destaca isso como uma adjetivação direcionada à Aída Balaio, o fato desta mulher ser bastante religiosa e de servir como exemplo de devoção a aquelas crianças, ao seu alunado. “O filho do pescador era educado por ela, sim.” (VERÇOSA, 2019).

---

<sup>67</sup> O grifo fora proposto com intuito de destacar a entonação de voz da colaboradora, assim como a interpretação do pesquisador ao ser sensível em perceber na dada fala o ar de admiração e orgulho no momento da pronúncia.

“Comecei a estudar com ela com uns 9 (nove) anos, passei bem uns 6 anos como sua aluna, ela adorava as expressões corretas e tudo mais” (VERÇOSA, 2018). Dona Tatá estudou com ela no período em que Aída já lecionava de forma direcionada e estruturada na sua residência mesmo... “naquela casinha ali, era num alpendre, era cheio de aluno depois fui pra dom Antenor, é bispo, parente dela”. (VERÇOSA, 2018), dona Tatá foi estudar com ele depois que ela adoeceu.

“Ela tinha muito cuidado com o esposo que era mais velho, mas que Dona Tatá indica que ele a tratava muito bem. Era um exemplo de mãe e amiga”. Ela gostava muito, a docente, de “ir pra praia vê as jangadas chegar”, ver o cotidiano do povo dali, que ainda hoje é realidade, costume, hábito, cultura local. “Tudo, tudo por aqui era com a Dona Aída”. Talvez nos indicando que Aída Balaio era a figura a quem os moradores recorriam tanto quando necessitavam de conhecimento quanto em relação ao básico para a sobrevivência, indo assim ao encontro a outras referências e falas sobre a Balaio.

A discente nos revela que, mesmo com os alunos mais levados, Aída era muito dinâmica e flexível e acabava conseguindo envolver a todos; costumava Tatá acompanhá-la em visitas e andanças que ela fazia pelas comunidades e morros, pois gostava daquilo, além de afirmar que Aída tentou fazer mais, mais pelas pessoas, pela comunidade, pelas crianças, depois de madura fez o que pode. Este “pode”, cremos, ser no sentido de, naquele dado momento, a docente ter uma situação financeira mais tranquila, talvez.

Tatá tornou-se, com o tempo, grande amiga da família, especialmente admiradora da professora e muito colega de um de seus filhos, pai de Sayonara, Waldenilo Balaio, o filho mais novo de Aída, e que foi seu contemporâneo na juventude, com quem passara, sofrera, digamos assim, um episódio marcante para os dois e que o contextualizava não só no quadro político local, cearense, mas na dinâmica nacional brasileira, no dado período.

Dona Tatá chegou a ser levada para prestar esclarecimentos à polícia, ali por volta dos anos 70 do século passado, período da Ditadura Militar no Brasil<sup>68</sup>. Não só ela, mas o filho mais novo de Aída com quem tinha grande apreço e amizade, Waldenilo Balaio, no entanto este ficou preso, foi um dos primeiros presos políticos do Ceará. Sua amizade com ele relata ter sido a motivação de a polícia ter a procurado. O filho de Aída tem, nesse episódio, histórias mais marcantes e pesadas, no ponto de vista em que sofreu tortura durante o dado

---

<sup>68</sup> A ditadura no Brasil foi o período em que o Brasil foi governo de 1964 a 1985 sob a orientação de militares no poder. A ditadura passou por 3 fases diferentes ao longo dos anos de repressão de seus 21 anos de duração até a reabertura lenta gradual e segura, a reabertura política, com a **Lei da Anistia** e o movimento pelas eleições diretas para presidente.

período, situação indicada tanto por Tatá, quanto pela esposa e sua filha mais velha, contribuintes diretos de nossos escritos.

Otaclia, com influências por parte de seus padrinhos, conseguiu logo se desvencilhar do ocorrido, mas salienta que provou que não tinha realmente a ver com a dada perspectiva política, assim como a proximidade e amizade não abarcava aproximação que a vinculasse com qualquer episódio das acusações referendadas a Waldenilo Balaio, que na época trabalhava no telégrafo, e como um jovem, apesar de já casado e com filhos, acabou sendo preso no auge do regime militar, das questões autoritaristas, sob a liderança do militar Médici, devido a seu posicionamento político contrário ao governo, considerado assim subversivo.

Após uma intervenção de algo que necessitava a atenção de Tatá, no que tange à associação dos idosos, onde ocorrera nossa conversa, ela aproveita e manda trazer uma água de coco, fresquinha para nos ofertar, como agrado e também como demonstração, acreditamos, de que neste momento da conversa estava à vontade, ao mesmo tempo em que o relato sobre aquele episódio, por hora, encerrava-se ali, pois volta a falar da professora Aída, afirmando que esta era muito querida e tinha assim boa relação com todos, tanto que se tornou madrinha de muitos, primeiro aqueles que possuíam ou não qualquer condição, seja financeira ou de ser um sujeito esclarecido, todos, todos já a olhavam como um bom potencial para apadrinhar seus filhos; e como o Mucuripe fora, por muito, terra de gente simples, pobre mesmo e trabalhadora, na verdade, enxergavam a Aída com mais que admiração, a vislumbravam como alguém que podiam sempre recorrer quando se fazia preciso, quando a necessidade batia a suas portas.

Dona Tatá tem uma ótima memória, como já destacamos aqui em nossos escritos, a adjetivação se dá porque ela, por nenhum momento, de modo geral, reclama de algum esquecimento, assim como apresenta uma fala sempre desenvolta e alegre sobre esse tempo e afirma, ao mesmo tempo, em que é sim uma mulher de boa memória. Salienta ainda que ama o Mucuripe, mas o tem como um lugar com pouca gratidão, pois tanto sua professora, Aída, quanto ela, já fez e faz muito pela comunidade local, no entanto, não tem nada de agradecimento maior e ou lembranças. Diante disso, afirma que: “Aída era pra ser uma mulher mais lembrada e valorizada, pelo menos ali no Mucuripe, tem gente que vive ali e que num sabe quem somos”, nos conta.

Ela, a docente, segundo Dona Tatá teria alfabetizado muitos, nem se sabe quantos, e nos esclarece que os alunos nutriam um respeito e grande carinho pela educadora, que era

exigente, sem impor medo, assim, as aulas eram divertidas, mesmo para ela que confessa não ser lá muito da leitura e escrita, e ser muito mais da ação.

Dona Aída através da Educação foi aproveitada. Ela naquele tempo ensinava muitos, ensinava mais de 50 meninos ou muito mais, todos passaram pelas mãos dela... Pela educação que dona Aída Balaio me deu eu aprendi o que sei na educação, como saber receber e tratar as pessoas, como também na limpeza que ela era muito limpa e organizada sabe... Aprendi com ela. Aprendi a ser correta no meu português, eu faço um discurso em qualquer parte do mundo, porque eu aprendi com ela, quando se errava, ela reprimia e ensinava. (VERÇOSA, 2018).

Foi de encher os olhos, conseguir visualizar a história ali de frente, viva, altiva, desenvolta, enxergar para além de uma mulher, Dona Tatá, que é uma líder, uma empreendedora e muito religiosa, sim, mas a possibilidade de podermos enxergar uma menina que, cheia de sonhos, e de certa forma ao contar a sua história e a de sua relação de admiração para com as atitudes e práticas da docente e também mulher, Aída Balaio, nos remonta a sentimentos de gratidão, de uma aluna que sabe do valor do ensino, do conhecimento e da dedicação de uma professora, assim como o sentimento de altruísmo, que, por vezes, justifica a imagem de tão bondosa e caridosa de Aída e que é ratificada não só na fala de Dona Tatá sobre a mestra, mas ao se propor a dar continuidade às suas posturas, ações, praticando um pouco dessa mesma beneficência.

Isso nos foi adubo para propor que Dona Tatá é, enquanto discente, uma fã e discípula de Balaio, e esta não nega em sua fala o orgulho de referendar, pois destaca que “a Dona Aída sempre aprovava minhas atitudes...” Aquilo que eu senti da Dona Aída Balaio, eu fiz pelos meus sobrinhos, pela minha família, pelo Mucuripe. “O que eu recebi dela eu repassei, repliquei” (VERÇOSA, 2018).

Nossa biografada assim como a sua discente, aqui contribuinte, não foi uma pessoa totalmente anônima na sociedade, pois como uma mulher que é: nome de rua, nome de escola, de bibliotecas, de relações próximas com lideranças políticas, poderia ser alguém anônimo. Como todas e tantas características de bondade e lutas puderam ser constituídas em uma só mulher, que para o Mucuripe, na verdade, vai contribuir com a Educação, mas para além da formal, vai ter práticas educativas envoltas do olhar para o outro, do importar-se não somente com a falta de instrução dos que a cercavam, mas também a falta de comida, do que beber, vestir e calçar, com tantas doenças e mortes que acabam por assolar os mucuripenses.

Na verdade, Aída Balaio, aqui descrita a partir da sua formação e atuação no magistério, não tem sua biografia como uma forma apenas de tirá-la do anonimato, e sim para trazermos à tona o que de intrínseco podemos observar e analisar em uma mulher, de origem

simples, tida como muito religiosa, com gosto pelo cinema, de personalidade forte, que ganha lume como educadora e senhora culta diante de um olhar mais direcionado, menos elitista, mas que acaba por perpassar em sua constituição de vida por diversos momentos, tidos de uma forma ou de outra como acontecimentos e fatos históricos para o Mucuripe, a História e para a Educação cearense.

Nos relatos de Dona Tatá, percebemos que tantas e todas as características aqui apresentadas e correlacionadas à Aída não são apenas dela, pertencem ao lócus que viveu e que influenciou dentre as histórias que construiu, as pessoas que direcionou, orientou e apadrinhou; então essas adjetivações não são somente de uma mulher, mas de uma memória que é viva e dinâmica, seja em sua discente, em seus familiares ou nos fios da costura desta tese. Destacando a importância de dialogarmos sobre quão determinante é uma rede de apadrinhamento, podemos dizer que Aída não só foi madrinha de muitos no Mucuripe, foi a possibilidade de desvincular-se de uma história de ignorância, de trabalho pesado, árduo, braçal e até perigoso daqueles possíveis futuros homens do mar. Foi a mulher culta, uma negra que era vislumbrada como intelectual, uma mãe que trabalhava e que, apesar da maternidade, não deixou de trabalhar, seja pelo sustento ou não.

Se não temos como afirmar sobre uma rede de apadrinhamento que possibilitou de forma mais clara a Aída não deixar-se enquadrar, como uma sina de quem nascera mulher negra pobre, que visualiza poucas chances para quem se caracteriza como ela, em uma sociedade elitista que, em maioria, não aceitou o fim da escravatura, racista sim e preconceituosa, pois, mesmo entre afro-brasileiros, a negação a uma cultura, a estrutural vinculação com o errado, mal, feio, sujo, pejorativo é tão forte, que os fazem definir o outro e a si como moreno(a)s e moreninho(a)s, negro(a)s não, um subterfúgio, forma de não serem associados aos que foram escravizados e de tentarem se desvincular de uma história de erros e brutalidades que não está, com toda certeza, em suas raízes afro.

O negro não é escravo, não é feio o ser, feia ainda é uma sociedade que teima em chamar escravizados de escravos, de negar que escravos no Ceará não resistiram e lutaram por sua liberdade, porque eram poucos frente à exploração em outras províncias, que, por conta da miscigenação, aqui não temos o dito “negro negro”. Que classificação seria essa? O que objetivamos colocar é, ao afirmamos Aída enquanto negra, mostramos que existem personalidades de destaque da raça e que ainda infelizmente, na historiografia, continuamos a negar, silenciando cores, embranquecendo tons.

Como nos indica Balem (2002, p1) ao dialogar com Soares (1998): “designa a condição de pessoas ou grupos que não apenas sabem ler e escrever, mas também utilizam a

leitura e a escrita, transformando sua condição de vida pela incorporação desses comportamentos em seu viver diário, isto é, a condição de ser letrado”. Aída assim transformou não somente sua realidade, mas a de seus discentes. Podemos, sim, apontar as fugas dos enquadramentos, mesmo a partir de uma rede de apoio, sem nenhum problema, os ditos privilegiados da história constroem suas redes e partilhas de poder, para que minorias continuem sendo os que acessam e que possuem lugar e visibilidade de ter suas lutas e vozes escutadas. Assim, nem Aída Balaio e nem seus discentes, que nos contaram suas histórias de superação e resistência com a ajuda direta ou não da professora, são imunes aos jogos de poder que acreditamos permear todas as relações, como exemplo: Francisco Balaio e Aída; Aída e os Mucuripeiros; Aída e Teté; Virgílio Távora / Luiza Távora com Aída; Padre José Nilson e Vera Lúcia Marcelino Viana (Verinha), dentre outros.

A transição de poder entre dominados e dominantes que trocam de lugar a depender de quem fala e com quem falam, seja entre gêneros, religiosidade, conhecimento e relações de apadrinhamento, pois, como destacou Magalhães (2019), os Balaio assim como Aída não eram referência de poder aquisitivo abastado, o que os diferenciava era porque se configuravam como uma família de boa formação educacional e para a realidade do Mucuripe e de Fortaleza, era sim possibilidade de sobressair-se, de galgar prestígio e reconhecimento social, já que a Educação para todos não inclui todos nesse mesmo pacote.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa assim tratou da biografia de Aída Balaio (1889-1970), objetivando compreender a atuação profissional e as práticas educativas junto à formação para professora de Aída, no período de 1908 a 1970. Compreendendo então, a história de vida da professora Balaio na interface com o contexto educacional, considerando também aspectos políticos, culturais e sociais da região do Mucuripe, Fortaleza, Ceará. Delineamos assim uma narrativa biográfica que nos permitiu dar maior visibilidade à trajetória de vida da docente, ensejando lume às ações e contribuições empreendidas pela educadora de modo geral, mas com foco na Educação.

Nosso delimitar temporal, embora iniciado em 1908, e que se encerra junto ao ano de morte da professora, 1970, permeou todo o seu período de vida, na medida em que a constituição de um sujeito, embora analisado sobre uma temática, abarca outros processos que influenciam e são influenciados por escolhas e ações do indivíduo junto ao seu lugar social. Vivenciou o ensino misto, pois durante uma década desenvolveu o trabalho na cadeira vinculada à localidade do Mucuripe.

Como seu lócus de maior destaque, refletimos também como o Mucuripe, constantemente, foi e é palco de embates de interesses políticos e privados, que respeitam pouco o lugar de identidade e pertencimentos dos que ali viveram; dos que ali constituíram sua história de vida e familiar, e que, constantemente, se veem entre o abandono do poder público, excluídos dos processos, das escolhas e das reais melhorias sociais, ao mesmo tempo em que se tornam vítimas de propostas de urbanização, do crescimento, valorização imobiliária e expulsão realizada por aqueles que não enxergam muitos dos moradores, simples, marginalizados, e, até mesmo, ainda com presenças de baixa escolaridade para lutar por vida melhor aos mucuripeiros.

Uma problemática foi considerada a questão geral dessa pesquisa: Como Aída Balaio, uma mulher negra, de origem simples, galgou formação secundária em escola de elite e alcançou determinado reconhecimento social por intermédio da sua atuação profissional no contexto educacional da região do Mucuripe, a ponto de ser ainda lembrada após seu falecimento, mesmo este já tendo ocorrido há quase meio século? Em busca de responder tantos por menores que permeavam esse questionamento central a pesquisa perpassou assim pelo campo da História da Educação, amparada na perspectiva da História Cultural. Utilizando como metodologia a História Oral e esta entrecruzada com a análise documental, constituindo uma biografia de recorte temporal justificado pelos anos de atuação de Aída em

processos educacionais, fossem eles articulados à educação formal ou não.

Quem era Aída Santos e Silva, quais adjetivações e questões, de modo geral, como se deu seu casamento, qual sua realidade antes do matrimônio, quantos filhos teve e com quantos anos casou, quais escritos nos deixou sobre sua prática, etc. e outras mais e mais perguntas se acumulavam no intuito de encontrar Aída Balaio. Ainda tínhamos a labuta analisar descrevendo o que nos levou a Aída, como se tornou possibilidade temática para construção do estudo em tela, e como a vida dessa mulher, ao tornar-se objeto de estudo acadêmico, tendo por temática sua formação e atuação educacional, poderia nos ser relevante para a História da Educação no Ceará.

A tese perpassou, assim, de maneira interdisciplinar por questões teórico-metodológicas da História e da Educação, no campo da História da Educação, por elaborar uma Biografia com mote na Formação e atuação de Professores, de tal modo perpassou também por ações, emoções e posicionamentos de uma mulher que revela e é revelada no seu contexto sócio educacional, e que ganhou destaque e certo prestígio no bairro do Mucuripe, em Fortaleza – CE. Contudo, antes mesmo de nos deleitarmos sobre todas as possíveis fontes e caminhos que poderiam nos fazer enveredar, se fazia necessário um etapa da pesquisa nos portais acadêmicos, como o da BDTD, da Scielo, da CAPES. Descritores como: “Aída Balaio” e “Aída Santos e Silva”, foram nossos norteadores para investigar a também autenticidade e novidade temática; verificou-se que não havia nenhuma produção, até então, dentro da perspectiva acadêmica, sobre nossa dada biografada, incentivando-nos, assim, na busca por ensejar luz à história de vida dessa educadora.

Assim, abordamos também o que se propagou em várias produções acadêmicas de estudo sobre o magistério e a mulher, ou seja, que Aída ter conquistado profissionalização e também formação para a docência na verdade, não necessariamente foi fruto de suas conquistas e ou resistências, pois a época era de um processo de feminização do magistério, e ver como em outros trabalhos estas professoras eram abordadas se fazia necessário. Caminhando junto com a tomada de ciência do que significava e a relevância que se tinha o estudo de uma vida, uma mulher, uma educadora e quais as implicações metodológicas da dada escolha.

O contexto de entrada de Aída tanto para a formação para o magistério, quanto para o quadro efetivo de professores do estado, vai ser de novas perspectivas educacionais e de um novo olhar sobre a formação docente do início do século XX. Isso nos possibilitou não somente analisar os pormenores do trilhar profissional da docente, mas perpassar por mudanças, que nos fez enxergar ainda muitas permanências e continuidades, no que tange ao

acesso feminino a educação, à vinculação da mulher aos afazeres domésticos e artesanais, que no currículo dos meninos não se apresentavam, como o coser e bordar, mas também vislumbrar por quais limitações e assim possíveis indicativos de rupturas Aída efetivou.

Encontramos sim diversas contradições presentes nas mudanças sociais e culturais, pois hábitos e costumes são passíveis de mudanças, mas deixam marcas e resquícios diversos que passaram e se estruturaram na história de vida de Aída Balaio, sua constituição de/para educadora, na medida em que a mulher vai conquistando espaços públicos para além de suas residências. Aída apesar de ser apontada como uma mulher de preceitos conservadores, na verdade, já frequentava lugares e tornava-se liderança quando o paternalismo ainda era extremamente pertinente.

O magistério era permeado de ensinamentos de uma cultura científica, religiosa e, também, de um ideário feminino envolto de uma função social representativa da mulher para casar, ser boa esposa e boa mãe. A formação de Aída se deu no Colégio Imaculada Conceição que nos possibilitou vislumbrar um pouco das influências e das percepções para o ensino, a caridade e a religiosidade de Aída Balaio, como também delinear sobre como a formação de Aída de certo modo era reflexo da formação que se desenvolvia de professoras primárias no Ceará do início do século XX. Existia no período uma propagação de um perfil de professora envolta por uma missão sublime de auxiliar, de apoiar os mais necessitados, principalmente com amor, o que permitiu a criação de uma imagem doce da profissão de mestre primária; ao mesmo tempo em que a profissão se tornou um meio de inserção de mulheres tanto numa perspectiva social, quanto no mercado de trabalho.

Aída atuou no campo formal e informal da educação, alfabetizando filhos de pobres pescadores no Mucuripe e lecionando em um dos primeiros grupos escolares criados durante a Reforma do Ensino no Ceará, em 1922, marco importante para a História da Educação Cearense; vivenciou o Mucuripe em dois momentos diversos, quando morou ali, até por volta de 1922, e quando retornou, já no final dos anos de 1940; isto é, o bairro perpassou assim pelo início e pelo fim do exercício do magistério de Aída, mesmo que saibamos que sua residência ali na praia sempre se manteve viva, pois sempre que podia estava ali presente com os filhos e netos.

Em 1922, Aída já estava lecionando em um grupo escolar, este se tornou, com a reforma educacional do mesmo ano, o Grupo do Outeiro, período em que Aída passa a compor o quadro de professoras efetivas do estado e que partilharia de um novo pensar para a educação primária, com maior organização do que é escola, do que deveria ensinar e para a formação de quem estaria ensinando. Passou pelas reestruturações do próprio grupo que

mudou de nomenclatura assim como a partir da Era Vargas (1930-1945) foi se propondo maiores intervenções escolares e maiores preocupações com a formação de trabalhadores, contudo pelo menos nesta época Aída que deveria se preocupar em formar trabalhadores já era considerada cidadã. Em 1948, já havia acabado a Era Vargas (1930-1945) e já se configurava o período de democratização da política brasileira, e Aída aposentava-se com quase 40 anos de comprovação de ensino, embora antes apenas na aplicação de cadeira mista, contudo todos esses vínculos comprovados junto à carteira funcional da educadora.

Após a aposentadoria Aída é nomeada para lecionar um Curso de Alfabetização de Jovens e Adultos e a professora passa então a morar definitivo no Mucuripe, bairro referendado para ser contemplado pelos ensinamentos da professora, e assim a partir de sua aposentadoria, talvez, que Aída conseguiria constituir a imagem de mulher caridosa, bondosa, prestativa e dedicada à Igreja e às suas ações tanto quanto era referendada por sua qualificação de ser professora. Lembrada também como uma mulher de postura sem igual, mãe de uma família cristã, e mesmo após a viuvez não deixou, ou tentou assim fazer, resquícios de conduta que não honrasse sua boa reputação. Uma imagem construída que a aproximava assim mais pertinentemente do ser feminino que a educação feminina pela qual perpassou queria produzir.

Mãe, avó e bisavó, pois toda nossa rede de colaboração dos Balaio se deu na representatividade feminina: Sayonara Santos, Noêmia Balaio, Teda Chagas, Tânia Chagas, Aída Chagas, Thays Chagas; mulheres dialogando e refletindo sobre outra mulher, dentro o seu contexto, suas amarras, individualidades e questionamentos que, apesar de vislumbrarem adjetivações à matriarca dessa família, conseguiram nos levar a trajetórias de uma mulher que teve de lutar por seus espaços e escolhas; mesmo quando o esperado não era ser a mulher de destaque, intelectual, exímia leitora e fã de cinema. E foram estas familiares que nos possibilitaram à busca por não somente colocar Aída como um ser de altar, e assim nos possibilitou vislumbrar um pouco mais das particularidades da personalidade e de suas visões de mundo.

Aída Balaio construiu sua história de vida junto ao conhecimento, à Educação, à Igreja Católica, ao assistencialismo, ao cinema, à alfabetização seja de crianças, jovens e adultos, além de inspiração, não só para esta tese, mas para vidas que sofreram direta ou indiretamente sua influência, exemplo e ou norte para a formação de sujeitos no que pauta à educação formal, não formal e informal. Contudo, sem tentar torná-la uma heroína, e sem, talvez, destituí-la do trono, não cremos que Aída Balaio tenha vestido a sublime missão de mulher e educadora sem racionalizar e compreender o seu papel social e a relação entre o que

queria e o que podia fazer.

A tese é que Aída Balaio, enquanto mulher vislumbrou no conhecimento, talvez, a maior forma de resistência e luta para si, como também para aqueles tão carentes e abandonados que a acolheram e que muitos ela educou. Como um sujeito histórico, ela é múltipla e imbricada de subjetividades que a tornam única; única em seus valores, conquistas e em sua relação com o Mucuripe, bairro que ganhou mais holofotes junto a Aída Balaio, a qual, praticando e propagando a Educação, trouxe luz à voz e vez para moradores do bairro, por possibilitar a educação necessária para que pudessem ascender socialmente, mas principalmente possibilitou àquela comunidade um novo olhar sobre suas capacidades e representatividade que o estudo, o conhecimento tem em si.

Desse modo, ao constituirmos a dada biografia direcionada sob a temática do papel e relação de Aída para com a Educação, acabamos por ensejar lume também à inserção da mulher na educação e no mercado de trabalho, permitindo refletir as atividades do feminino como: atividades domésticas, o ser mãe, a busca pelo sacramento do casamento, dentre outros. Aída nos trouxe não só a afirmativa de o quanto a história é muito mais permeada de permanências e continuidades do que de rupturas, pois, nos proporcionou reflexão em torno de sua trajetória de vida envolta à sua relação com a educação, perpassando por questões como preconceito, etnia, raça, dualismos de classes sociais, de gênero e padrões que constituíram a personalidade biografada, mas que também são, ainda, problemáticas e barreiras não superadas em pleno final da segunda década do século XXI.

Isto é, mais de um século pós o nascimento de Aída, em 1889, ainda temos negações de acesso à educação de qualidade para as classes desprivilegiadas financeiramente, o acesso à educação básica pública voltada para os pobres e a particular para uma elite e a diferenciação salarial e os padrões de profissões pautadas em questão de gênero e de classe social. Além, de nos mostrar o quanto ainda é recente a pauta de proposta, de oferta e de análise da formação docente no Brasil, quanto pouco temos de escritos e fontes diversas sobre alguns nomes no que tange como se deu sua formação e quais as implicações destas em suas práticas e experiências.

Assim a vida de Aída é marcada por resistências e por conquistas que não eram características a todas as mulheres, muito menos negras no seu mesmo contexto, já que Aída é enquanto mulher negra e pobre, personalidade que traçou um trilhar que nem é representativo do coletivo de mulheres pobres, nem do coletivo de mulheres negras, mas não por isso deixou de revelar o contexto em si junto as possíveis resistências e enquadramentos de ser mulher, pobre, negra e de representatividade de prestígio social, nas primeiras décadas do século XX,

no Ceará, em Fortaleza e sob a realidade também do Mucuripe.

A biografia aqui apresentada sob a temática da Educação, não dá conta de toda uma vida em seus múltiplos aspectos, nem tinha essa pretensa, mas que foi possível a partir dessas discussões desenvolvermos estudos sobre questões de gênero, sobre o acesso à educação por parte de mulheres negras, por exemplo, mas, principalmente, sob o olhar micro da vida de Aída buscou ampliar a lente de um contexto de formação e atuação docente em torno da realidade da História da Educação do Ceará.

## REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Antônio Pinto (1911). **Relatórios de Presidente de Província Gov. Menezes Pimentel**. Departamento de Patrimônio Cultural. Núcleo de Microfilmagem. Catalogo Geral. Fortaleza: Secretária de Cultura, Turismo e Desporto, 1988.

ACERVO CEARÁ CULTURAL. 200-. **Aída Balaio**. Disponível em: <https://cearacultural.com.br/gente/aida-balaio.html>. Acesso em: 14 jan. 2019.

ALBERTI, Verena. **Fontes orais**: histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005 a. p. 155-202.

\_\_\_\_\_. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005b.

\_\_\_\_\_. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005c.

\_\_\_\_\_. **Ouvir Contar**: Textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALMADA, Zenilo. **As lavadeiras de Fortaleza**. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/2.804/as-lavadeiras-de-fortaleza-1.410005>. Acessado em: 20/10/2019

ALMEIDA, Gildênia Moura de Araújo. **Mulheres Beletristas e Educadoras: Francisca Clotilde na Sociedade Cearense - de 1862 a 1935**. 2012. 356f. – Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), 2012.

ALMEIDA, Jane. **A Reforma da Instrução Pública do Ceará de 1922**: As Diretrizes da Política Educacional do Governo Justiniano de Serpa. Dissertação, 2009. Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Sociedade do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará. Disponível em: [http://www.uece.br/politicasuece/dmdocuments/jane\[1\].pdf](http://www.uece.br/politicasuece/dmdocuments/jane[1].pdf). Acessado em: maio de 2019.

ALMEIDA, Osvaldo Cândido. **Entrevista** – concedida por Osvaldo Cândido a Ana Michele da Silva Lima. Fortaleza, novembro de 2019.

ALVES, Raquel da Silva. **Mães da pátria**: educadoras na terra da luz. O ensino primário no Ceará na década de 1920. 2009. – Dissertação, Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará. 2009.

ARAÚJO, Helena Lima Marinho Rodrigues. **A tradicional escola normal cearense chega ao bairro de Fátima**: formação das primeiras professoras primárias (1958-1960). Fortaleza: UFC, 2015.

BALAIIO, Noemia Mourão 2016. **Entrevista** – concedida por Noemi Mourão Balaio a Ana Michele da Silva Lima. Fortaleza, 17 ago. 2016

\_\_\_\_\_. 2017. **Entrevista** – concedida por Noemi Mourão Balaio a Ana Michele da Silva Lima. Fortaleza, 28 jan. 2017

\_\_\_\_\_. 2018. **Entrevista** – concedida a Ana Michele da Silva Lima. Fortaleza, 18 maio 2018.

BALEM, Nair Maria. **Revisitando Conceitos: Alfabetismo/Analfabetismo e Respectivos Neologismos**. Artigo 12 p. 2002. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/viewFile/224/405>. Acessado em: 19 out. 2019.

BARROS, J. D. Sobre a feitura da micro-história. **Opsis**, Goiânia, v. 7, n. 9, p. 167-185, 2007.

BENCOSTTA, Marcus Levi Albino (Org.) **História da Educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.

BENTO, Alline Rodrigues. **Zilda Diniz Fontes (1920-1984)**: [manuscrito]: uma educadora que não cabe na escola / Alline Rodrigues Bento. - 2019. 164 f. Dissertação. Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação (FE). Programa de Pós-graduação em Educação, Goiânia, 2019.

BLOCH, M. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001, 160 p.

BOSI, Ecléa. **A substância social da memória**. In: BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1986.

BRASIL. Constituição (1937). Constituição de 1937. Disponível em: [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br) Acesso em: setembro de 2019.

BUFFA, Ester. **Arquitetura e educação: organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, 1893/ 1971**. São Carlos; Brasília: Ed. UFSCar; INEP, 2002.

BURKE, Peter. (Org.) **A escrita da história**. Tradução por Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_. **O que é História Cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. **A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2010.

CARMO, Ozita Josino do. **Entrevista** - concedida por Ozita Josino do Carmo a Ana Michele da Silva Lima. Fortaleza, 30 out.

CASTELO, Plácido A. **História do Ensino do Ceará**. Monografia n.22, (Coleção Instituto do Ceará). Fortaleza: Departamento de Imprensa Oficial, 1970.

CAVALCANTE, Eider de Olivindo. **Os meandros do habitar na metrópole**: expansão urbana e controle territorial na produção do litoral de Fortaleza. Tese (doutorado). Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Programa de Pós-graduação em Geografia, Fortaleza, 2017.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. *et al.* **História e Memória da Educação no Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_. **João Hippolyto de Azevedo e Sá**: o espírito da Reforma Educacional de 1922 no Ceará. Fortaleza: EDUFC, 2000.

CAVALCANTE, L. E.; VASCONCELOS, J. G. **Os contadores de história e a constituição de acervos para a preservação da memória comunitária**. In: ENANCIB, 11., 2010, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANCIB, 2010. p. 1-22.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2 ed. Tradução por Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHAGAS, Aída de Castro. 2019a. **Entrevista** – concedida por Aída de Castro Chagas a Ana Michele da Silva Lima. Fortaleza, 09 nov.

CHAGAS, Tânia de Castro. 2019b. **Entrevista** – concedida por Tânia de Castro Chagas a Ana Michele da Silva Lima. Fortaleza, 09 nov.

CHAGAS, Teda de Castro. 2019c. **Entrevista** – concedida por Teda de Castro Chagas a Ana Michele da Silva Lima. Fortaleza, 09 nov.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução por Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 2002.

COSTA, Neusa. 2019. **Entrevista** - concedida por Neusa Costa a Ana Michele da Silva Lima. Fortaleza, 05 nov.

COUTINHO, Eduardo. **O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade**. Projeto História, São Paulo, nº 15, 1997: 165-192.

DAMASCENO, Ana Daniella. **Escolas Nocturnas no Ceará**: Ações de combate ao analfabetismo adulto na Primeira República. 2010. Dissertação. Programa de Pós-graduação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: <http://uece.br/ppge/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Ana%20Daniella.pdf>  
Acesso em: 15 outubro de 2018.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo, Boitempo, 2016. 244 p.

DOCUMENTOS DE POLÍTICA EDUCACIONAL NO CEARÁ: IMPÉRIO E REPÚBLICA / Organização: Sofia Lerche Vieira e Isabel Maria Sabino de Farias; colaboração: Delane Lima Nogueira... [et al.]. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006. 113 p. + 4 CD-ROM – (Coleção Documentos da Educação Brasileira)

DOSSE, F. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo, USP, 2009, 440 p.

FARIAS FILHO, Luciano Mendes de. **O espaço escolar como objeto da história da educação: algumas reflexões**. Rev. Fac. Educ. v. 24, n. 1 São Paulo Jan./Jun. 1998.

\_\_\_\_\_. **As professoras e seus tempos: ética e responsabilidade** – Artigo Opinião. Revista Brasileira de Educação Básica. Disponível em: <https://rbeducacaobasica.com.br/os-professores-e-seus-tempos-etica-e-responsabilidade/> 1/8 Acesso: 20 jul. 2019.

FEBVRE, Lucien. Profissões de fé à hora da partida. In: **Combate pela História**. Lisboa: Presença, 1985.

FIALHO, L.M.F. 2017. Prefácio. In: M.L.S. NUNES; M.M. TEIXEIRA, C.J.C. Machado; S.R. ROCHA (org.), **Eu conto, você conta: leituras e pesquisas (auto)biográficas**. Fortaleza, UECE, p. 21-30.

\_\_\_\_\_; BRAGA JÚNIOR, V. R. S. **Educadora Irmã Maria Montenegro (1923/2008): Mulher Luz**. In: FIALHO, L. M. F. *et al.* (Org.). **História, Literatura e Educação**. Fortaleza: UECE, 2015. p. 109-128.

\_\_\_\_\_; SÁ, E. C.V. **Educadora Henriqueta Galeno: Trajetória de uma Literata Feminista (1887-1964)**. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/75182>. 2018

\_\_\_\_\_. LIMA, A.M.S. QUEIROZ, Z.F. de. **Biografia de Aída Balaio: prestígio social de uma educadora negra**. Educação. Revista Unisinos. 23(1): 48-67, janeiro-março 2019. ISSN 2177-6210. Unisinos - doi: 10.4013/edu.2019.231.04

FORTALEZA NOBRE. Imagens. Disponível em: <http://fortaleza-nobre.blogpost.com.br/> Acesso em: setembro de 2019.

FOUCAULT, M. A casa dos loucos. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 113-128.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

FRAGO, Antônio Vinão. **Alfabetização na sociedade e na história: vozes, palavras e textos**. POA: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, Ana Maria. **Analfabetismo no Brasil: da ideologia da interdição do corpo à ideologia nacionalista, ou de como deixar sem ler e escrever**. São Paulo: Cortez, 1993. (Biblioteca de Educação).

FREIRE, Paulo. **Alfabetização: leitura do mundo e leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FREIRE, V. C. C. **Maria Luiza Fontenele: educação e inserção política**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

FREITAS, M. C.; BICCAS, M. S. **História social da educação no Brasil (1926-1996)**. São Paulo: Cortez, 2009.

GARRIDO, L. A. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 33-54, 1993.

GATTI, Bernadete Angelina. **Os Professores e Suas Identidades**: o desenvolvimento da heterogeneidade. Cadernos de Pesquisa, nº 98, Fundação Carlos Chagas, SP: Cortez, 1996.

GAUER, G.; GOMES, W.B. 2008. Recordação de eventos pessoais: memória autobiográfica, consciência e julgamento. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [s.l.], v. 24, n. 4, p. 507-514.

GIRÃO, B. **Mucuripe**: de Vicente Pinzón ao Padre Nilson. Fortaleza, Demócrito Rocha, 1998, 229 p.

GIRÃO, Raimundo. **Evolução Histórica Cearense**. Fortaleza, BNB. ETENE, 1985. 446p.

HALBWACHS, MAURICE. A memória coletiva. São Paulo: Editora Centauro, 2004.

HOLANDA, Firmino. **Orson Welles no Ceará**. Edições Demócrito Rocha. 2007

HOBBSAWM, E. J. **A era das revoluções**. 9.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IBRAHIM, Elza. **Um passeio pela História Oral em companhia de Portelli, Foucault e Coutinho**. Mnemosine Vol.10, nº1, p. 114-127 (2014) – Artigos Departamento de Psicologia Social e Institucional/ UERJ. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/41644-140331-1-PB.pdf>. Acessado em: 01 out. 2019.

JUCÁ, Gisafran. Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. 2. ed. Fortaleza: Premius, 2011.

JÚNIOR, Antônio Germano Magalhães. FERREIRA, Maria Nair Batista. 2013. A utilização de biografias na formação de professores. *In*: J.G. VASCONCELOS (org.), **Pesquisas biográficas na Educação**. Fortaleza, UFC, p. 23-41.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: 34. ed., 1994.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2008, 499 p.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p.167-182.

LIMA, A. M. S.; FIALHO, L. M. F.; SANTANA, J. R. **A escola como locus de higiene no Ceará (1930-1960)**. Fortaleza: UFC, 2015.

LIMA, José Maria Albino de. 2019. **Entrevista** - concedida por José Maria Albino de Lima a Ana Michele da Silva Lima. Fortaleza, 12 nov.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, J. (Org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 225-249.

\_\_\_\_\_. **O pequeno X: da Biografia à História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 443-481.

\_\_\_\_\_. **Gênero: questões para a educação**. In: BRUSCHINI, C.; UNBEHAUM, S. *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Editora 34 e Fundação Carlos Chagas, 2002.

LOZANO, J. E. A. Práticas e estilo de pesquisa na História oral contemporânea. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. (Org.). **Usos & abusos da História oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

LUCHESE, T.Â.; KREUTZ, L. Memórias (auto)biográficas de docentes da região colonial italiana do RS: o caso de Alice Gasperin e Elvira Dendena. **Revista Educação Unisinos**, [s.l.], v.14, n. 2, p. 44-51, 2010.

MACHADO, C. J. S. 2010. Zilda da Costa Mamede (1928-1985): passos de uma pesquisa biográfica. In: J.G. VASCONCELOS (org.), **Tempo, espaço e memória da educação: pressupostos teóricos, metodológicos e seus objetos de estudo**. Fortaleza, UFC, p. 114-126.

MAGALHÃES, Antônio Júnior. **Entrevista** - concedida por Antônio Júnior Magalhães a Ana Michele da Silva Lima. Fortaleza, 10nov.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_; RIBEIRO, S. L. S. **Guia prático de História oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MENDES, E.G. **História da formação do pensamento geográfico cearense: entre o saber, conhecimento científico e a docência (1887-1947)**. 2012. 147f. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em Saúde**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NAGLE, J. 2001. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo, EPU; Rio de Janeiro, Fundação Nacional de Material Escolar, 341 p.

NEVES, Berenice Abreu de Castro. **O Raid da Jangada São Pedro**: pescadores, Estado Novo e luta por direitos. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

\_\_\_\_\_. **“Para que o jangadeiro, quando morrer, não necessite da caridade pública”**: Mestre Jerônimo e os direitos sociais na cultura política jangadeira. *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, n.13, v.7, p. 255-274, 2015.

NETO, Julio Pinto Pereira. 2019. **Entrevista** - concedida por Julio Pinto Pereira Neto a Ana Michele da Silva Lima. Fortaleza, 05nov.

NIREZ, M.A.A. **Cronologia ilustrada de Fortaleza**: roteiro para um turismo histórico e cultural. *In*: PORTAL DA HISTÓRIA DO CEARÁ, 2005.

NÓBREGA-THERRIEN, S. M. *et al.* Contribuição das Irmãs de Caridade na assistência à Saúde e no desenvolvimento da Enfermagem no Ceará. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL MAHIS, **Anais...** Fortaleza: MAHIS, 2012. p. 1-18.

NOBRE, L. 2015. **Personagem do Mucuripe – Aída Balaio**. *In*: Fortaleza Nobre. <http://www.fortalezanobre.com.br/search/label/a%c3%adda%20santos%20e%20silva>

\_\_\_\_\_. **Aída Santos e Silva**. Disponível em: <http://www.fortalezanobre.com.br/search/label/A%C3%ADda%20Balaio>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. **A Saga dos Jangadeiros – Uma Nova Aventura, Parte I**. Disponível em: <http://www.fortalezanobre.com.br/2014/03/a-saga-dos-jangadeiros-uma-nova-aventura.html>>. Acesso em: 25 set. 2018.

\_\_\_\_\_. **A Saga dos Jangadeiros – Uma Nova Aventura, Parte II**. Disponível em: <http://www.fortalezanobre.com.br/2014/04/a-saga-dos-jangadeiros-uma-nova.html>>. Acesso em: 25 set. 2018.

\_\_\_\_\_. **Mucuripe**. Disponível em: <http://www.fortaleza-nobre.com.br/2009/11/escola-normal-de-fortaleza.html>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. **Colégio Imaculada Conceição**. Disponível em: <http://www.fortalezanobre.com.br/search/label/Col%C3%A9gio%20da%20Imaculada%20Concei%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. **Igreja O Pequeno Grande**. Disponível em: <http://www.fortaleza-nobre.com.br/2009/11/escola-normal-de-fortaleza.html>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. **Cidade Saudade (Mucuripe) – Por Nelson F. Bezerra**. Disponível em: <http://www.fortalezanobre.com.br/2019/11/cidade-saudade-mucuripe-por-nelson-f.html>>. Acesso em: 15 set. 2019.

\_\_\_\_\_. **Bar do Anísio. Parte III**. Disponível em: <http://www.fortalezanobre.com.br/search/label/Beira-mar>>. Acesso em: 12 fev. 2019.

\_\_\_\_\_. **Escola Aprendizes de Marinheiro.** Disponível em:  
<<http://www.fortalezanobre.com.br/search/label/Escola%20de%20Aprendizes%20Marinheiro%20do%20Cear%C3%A1>>. Acesso em: agosto de 2019.

\_\_\_\_\_. **Beira Mar.** Disponível em: <<http://www.fortaleza.nobre.com.br/2009/11/escola-normal-de-fortaleza.html>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. **Escola Jesus, Maria, José.** Disponível em:  
<<http://www.fortalezanobre.com.br/search/label/Escola%20de%20Jesus%20Maria%20Jos%C3%A9>>. Acesso em: agosto de 2019.

\_\_\_\_\_. **Igreja São Pedro.** Disponível em:  
<<http://www.fortalezanobre.com.br/search/label/Igreja%20de%20S%C3%A3o%20Pedro>>. Acesso em: agosto de 2019.

\_\_\_\_\_. **Igreja Nossa Senhora da Saúde.** Disponível em:  
<<http://www.fortalezanobre.com.br/search/label/Igreja%20Nossa%20Senhora%20da%20Sa%C3%BAde>> Acesso em: agosto de 2019.

NÓVOA, A. **Vidas de professores.** Porto: Porto, 1995.

NÓVOA, F.; FINGER, M. (org.), 2014. **O método (auto)biográfico e a formação.** 2. ed. Natal, UFRN, 2014, 232 p.

NUNES, M. J. R. Freiras no Brasil. In: PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 482-509.

OLIVEIRA, João Santos de. 2019. **Entrevista** - concedida por João Santos de Oliveira a Ana Michele da Silva Lima. Fortaleza, 05 nov.

OLIVEIRA, R. N. N. **A igreja católica no Pirambu:** as relações de poder presentes no discurso da teologia da libertação e da renovação carismática católica (1968-1986). 2014. 225 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

PERROT, M. **Os excluídos da História.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, 332 p.

\_\_\_\_\_. 1993. DUBY, Georges (orgs.). (1993) **Histórias das mulheres.** Porto, Editora Afrontamento.

PONTE, S.R. **Fortaleza belle époque:** reformas urbanas e controle social (1860 – 1930). 2. ed. Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha, 1999, 208 p.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. **Historia Oral e Poder.** Mnemosine, vol.6, nº2, pp. 2-13, 2010.

\_\_\_\_\_. **O que faz a história oral diferente.** Projeto História, nº 14, São Paulo, fevereiro/1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11233/8240>. Acessado em: 12 out. 2019.

\_\_\_\_\_. **A Filosofia e os Fatos.** Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Tempo, vol. 1, nº 2, 1996.

PRIORE, M. **Biografia:** quando o indivíduo encontra a História. Topoi, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 7-16, 2009.

\_\_\_\_\_. História da Gente Brasileira. Volume 3: República – Memórias (1889-1950) / Mary del Priore. – Rio de Janeiro: Le Ya. 2017. Il. (História da gente brasileira: 3. ISBN: 978-85-441-0551-1). 2017.

\_\_\_\_\_. **História das mulheres no Brasil** / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. – São Paulo : Contexto, 2004.

RAMOS, L.C. **Mucuripe:** verticalização, mutações e resistências no espaço habitado. 2003. 147f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Programa de Pós-graduação em Geografia Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

REIS, José Carlos. Os Annales: a renovação teórico-metodológica e utópica da história pela reconstrução do tempo histórico. In: SAVIANI, Dermeval *et al.* História e história da educação. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados HISTEDBR, 2000. \_\_\_\_\_. **Novelle histoire e tempo histórico:** a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel. São Paulo: Ática, 1994.

\_\_\_\_\_. **Escola dos Annales:** a inovação em História. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

RIALVA, Rita Amil de. **Minhas Lições: curso primário – 2º Série: Linguagem, Conhecimentos Gerais e Matemática.** Livraria Francisco Alves. Editora Paulo Azevedo LTDA. Rio de Janeiro, 1950.

ROCHA, Maria da Silva. **Entrevista** - concedida por Maria da Silva Rocha a Ana Michele da Silva Lima. Fortaleza, 05 nov.

SAMPAIO, F. **Lições de ciências naturais e preceitos de higiene:** para o Curso Primário. 5. Ed. Fortaleza- CE: Editora Instituto do Ceará. 1951.

SANTIAGO, Z.M.P. **Arquitetura e instrução pública:** a reforma de 1922, concepção de espaços e formação de grupos escolares no Ceará. Fortaleza, CE. 2011, 434f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

SANTOS, Sayonara Mourão Balaio R. 2016. **Entrevista** – concedida por Sayonara Mourão Balaio Rocha Santos a Ana Michele da Silva Lima. Fortaleza, 17 ago.

\_\_\_\_\_. 2017. **Entrevista** – concedida por Sayonara Mourão Balaio Rocha Santos a Ana Michele da Silva Lima, 28 jan.

\_\_\_\_\_. 2018. **Entrevista** – concedida por Sayonara Mourão Balaio Rocha Santos a Ana Michele da Silva Lima. Fortaleza, 18 maio.

\_\_\_\_\_. 2019. **Entrevista** – concedida por Sayonara Mourão Balaio Rocha Santos a Ana Michele da Silva Lima. Fortaleza, 09 nov.

SANTOS, Uebert. 2015. **Aída Santos e Silva**. In: Blog do Uerbet Santos, 22 jan. Disponível em: <https://uerbet.blogspot.com/search?q=AÍDA> Acesso em: acessado em agosto de 2016.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 2008.

\_\_\_\_\_. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

SILVA, M. G. L. P. **A Escola Normal do Ceará nos anos de 1930 a 1950: palco de debates políticos e pedagógicos no calor das reformas**. 2009. 235 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

SILVA, W.C.L. Espelho de palavras: escrita de si, autoetnografia e ego-história. In: A.S. AVELAR; B.B. SCHMIDT (org.). **Grafia de vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica**. São Paulo, Letra e Voz, 2012, p. 39-63.

SILVEIRA, E. **Colégio Imaculada Conceição: do Gênese ao Apocalipse**. Fortaleza: Tipogresso, 1999.

SOARES, Magda Becker. **Alfabetismo/Letramento**. Presença Pedagógica, jul./ago, 1996 n.10 vol.1

SOUSA, Terezinha Bernardino de. Entrevista concedida por Terezinha Bernardino de Sousa a Ana Michele da Silva Lima. Fortaleza, 05 nov.

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no Século XX: ensino primário e secundário no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2008.

SOUZA, Simone de. GONÇALVES, Adelaide. **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004. 448p.

THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria**. Rio: Zahar, 1981.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRIBUNA DO CEARÁ. Escola mais antiga de Fortaleza, Imaculada Conceição comemora 150 anos em 2015. **Tribuna do Ceará**, Fortaleza, 29 mar. 2015. Disponível em: <http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/educacao/escola-mais-antiga-de-fortaleza-imaculada-conceicao-comemora-150-anos-em-2015/>. Acesso em: 15 fev. 2018.

VASCONVELOS, Dimas Augusto de. 2013. A utilização de biografias na formação de professores. In: J.G. VASCONCELOS (org.), **Pesquisas biográficas na Educação**. Fortaleza, UFC, p. 76-90.

VASCONVELOS, José Gerardo. FIALHO, Lia Machado Fiuza. Xavier, Antônio Roberto. 2018. A utilização de biografias na formação de professores. **História, Memória e Educação: aspectos conceituais e teórico-epistemológicos**. Fortaleza, EdUECE, 2018.

VERÇOSA, Otacília. **Entrevista** – concedida a Ruy Lima para o programa Memória Viva. Divida em quatro blocos com duração média de 10 minutos cada. Exibida em: 21 jul. 2012. TV OPOVO. Disponível em: Bloco 1 - <https://www.youtube.com/watch?v=5b3jMjNU8MQ> / Bloco 2 - <https://www.dailymotion.com/video/x2b8kql> / Bloco 3 - <https://www.youtube.com/watch?v=CS4A-82R8o8> / Bloco 4 - <https://www.youtube.com/watch?v=DIyWpiK41K4>. Acesso em: 29 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. **Entrevista** – concedida por Otacília Verçosa a Ana Michele da Silva Lima. Fortaleza, maio de 2018.

\_\_\_\_\_. **Entrevista** – concedida por Otacília Verçosa a Ana Michele da Silva Lima. Fortaleza, outubro de 2019.

VICENTINI, P. P.; LUGLI, R. G. **História da profissão docente no Brasil**: representações em disputa. São Paulo: Cortez, 2009.

VIEGA, J.; GALVÃO, A. (2013). As escolas isoladas nas décadas iniciais do século XX: o estudo de uma instituição. **Cadernos de História da Educação**, [s.l.], v.11, n. 2. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/21708> Acesso em: 16 de janeiro de 2017.

VIEIRA, Sofia Lerche. **História da Educação no Ceará: sobre promessas fatos e feitos**. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

XAVIER, A. R. **Joana Paula de Moraes**: história, memórias e trajetórias educativas (1900-1963). 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

**ANEXOS**

ANEXO A – CADASTRO FUNCIONAL DE AÍDA SANTOS E SILVA

I.P.E.C. - D.P.A.




## CADASTRO DO SEGURADO

Nome SILVA, AÍDA SANTOS E  
 Repartição Tesouraria de Estado  
 Carteira n.º 9128      Inscrição n.º 9128

I - DADOS INDIVIDUAIS		IV - FILHOS OU ENTÃO										
Nome <u>Aída Santos e Silva</u>		NOME		NASCIMENTO			SEXO					
Data da 1ª nomeação <u>17 / 17 / 1911</u>				DIA	MÊS	ANO	MASC.	FEM.	SOLT.	CASADO	DESQUIT.	VÍDUO
Filiação <u>José Simões das Santos</u>												
Nascimento <u>16 / 8 / 1889 Em Fortaleza</u>												
Estado <u> Ceará</u>												
Sexo <u>Feminino</u>												
Estado Civil <u>Viúva</u>												
Residência												
Secretário												
Repartição <u>Tesouraria de Estado</u>												
Enderço												
Cargo ou Função <u>Aposentada</u>												
Ereção <u>Interno</u>												
Contratado <u>Quarta de Obras</u>												
Vencimento ou Salário <u>fixo NC13</u>												
Diária <u>NC13</u>												
Nome												
Data do nascimento												
Data do casamento												
Estado <u>Estado</u>												
Filial												

Fonte: Acervo Pessoal da Família Balaio.



## 7 — CARREIRA FUNCIONAL

Indique no quadro abaixo os seguintes atos da administração, relativos á sua carreira funcional: — admissões, promoções, aumentos de vencimentos, precisando: DATA, natureza do ato, cargo, repartição, além da remuneração mensal respectiva.

Data	Natureza do ato	Remuneração	Cargo	Repartição
17 7 1911	Nomeação	83 \$ 333	Professora	Mocuripe
1 8 918	Aumento	100 \$ 000	"	"
17 5 922	Melhoria	120 \$ 000	"	Fortaleza 3º Grupo
6 10 927	"	140 \$ 000	"	Outubro
13 10 928	Incorp. Gratiz.	140 \$ 000	"	"
1 5 931	Aumento	180 \$ 000	"	"
3 3 932	Melhoria	220 \$ 000	"	"
1 9 934	Aumento	300 \$ 000	"	"
1 1 937	Melhoria	360 \$ 000	"	"
22 1 937	Melhoria	400 \$ 000	"	"
		\$		
		\$		

## 8 — OBSERVAÇÕES

Utilize este espaço se julgar necessário esclarecer ou completar qualquer de suas informações

Atendo des vinte e oito anos de serviço efetivo no magisterio, conto ainda com 1 ano de serviço interino na cadeira mixta do Arraial Graça de Seletas em 1908 e em outros do Município de Fortaleza

L. O. 16.401

Assinatura: .....

**ANEXO B – NOMEAÇÃO DE AÍDA BALAIO PARA O CURSO DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUCURIPE (1948)**

*Portaria 946*

  
 ESTADO DO CEARÁ  
 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E SAÚDE

**PORTARIA N.º 946**

O Secretário de Educação e Saúde, usando de suas atribuições legais e nos termos do convênio celebrado entre o Estado do Ceará e o Ministério de Educação e Saúde para execução do Plano do Ensino Supletivo RESOLVE designar AÍDA SAMPOS E SILVA para reger o Curso de Alfabetização de Adolescentes e Adultos, no lugar MUCURIPE, distrito de FORQUILHA, bairro FORQUILHA, do Município MUCURIPE, e rua n.º

Fortaleza, 21 de junho de 1948

  
 Adolfo de Albuquerque  
 Secretário de Educação e Saúde

ANEXO C – CHAMADA JORNAL O NORDESTE DE NOVEMBRO SOBRE A  
CAMPANHA DE JOVENS E ADULTOS

**Formas de cooperação dos voluntários  
na C. de Educação de Adultos  
Recenseamento dos analfabetos  
em cada município**

Entre as múltiplas formas pelas quais os voluntários podem cooperar na "Campanha de Educação de Adultos", figuram as seguintes, que são as principais: 1 — Informar-se da situação do analfabetismo no seu município e na sua cidade. Conversar com o maior número de pessoas a respeito dessa situação, que entrava o progresso. Quem não saber produz menos; não aspira a melhorar de condição, não se interessa devidamente pela vida democrática, admite e transmite superstições, refuga os princípios da higiene, dificilmente coopera nos empreendimentos sociais. E, tudo isso, não por má vontade ou maldade, mas porque o analfabeto não dispõe de elementos de formação e de informação. 2 — Aconselhar os analfabetos, que já conheça, ou venha conhecer, especialmente, aqueles que estejam nas idades de quinze a trinta anos a que procurem uma das dez mil classes noturna que estão instaladas em todos os municípios do Brasil, e aí se matriculem, para cursar as aulas.

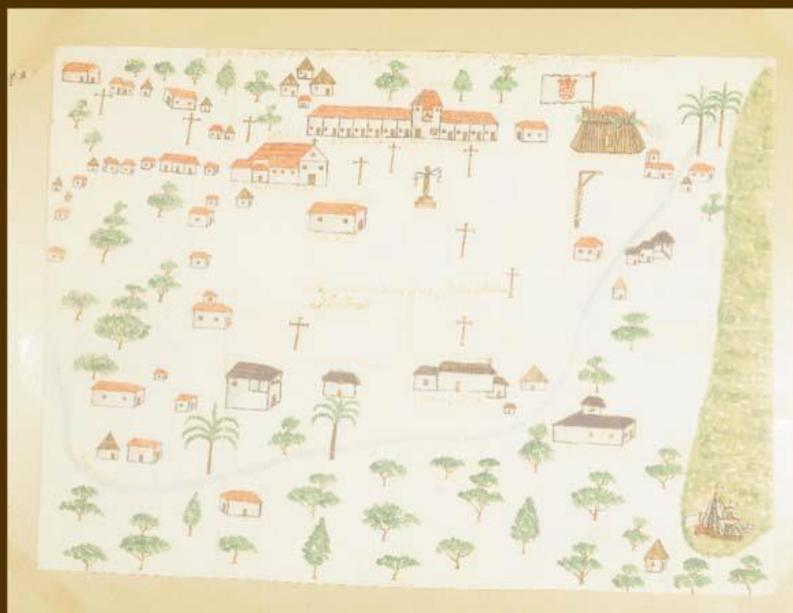
**AS DIFICULDADES  
DA CAMPANHA**

A maior dificuldade a vencer na atual Campanha é a de comunicar aos próprios analfabetos os benefícios que dela poderão retirar. Os adultos analfabetos têm constrangimento em procurar a escola: trata-se de convencê-los de que não é vergonhoso "não saber", e sim, "não querer aprender". O ensino, nas classes noturnas que agora se abrem é absolutamente gratuito, até os livros são fornecidos gratos. 3 — Encarregar-se, por si mesmo, do ensino de um, de dois ou três analfabetos, senão de maior número. Lembre-se de que, se cada alfabetizado ensinar um analfabeto a ler, o analfabetismo mais rapidamente se extinguirá. Por que não fazê-lo? Para a obtenção do material de ensino e de instruções didáticas, bastará procurar a autoridade escolar mais próximo. Ou, então, escrever ao Departamento de Educação, no Estado ou no Território; ou ao Serviço de Educação de Adultos; Departamento Nacional de Educação; Rio de Janeiro.

ANEXO D – COLEÇÃO DE DOCUMENTOS – AUTORIZAÇÃO DE AÍDA  
ABANDONAR A CADEIRA MIXTA DO MUCURIPE

Coleção  
Documentos da Educação  
Brasileira

Documentos de Política Educacional no Ceará:  
Império e República



2 Ementário da Legislação Educacional do Ceará

Organização | Sofia Lerche Vieira

Colaboração | Maria do Socorro Sales Felipe Bezerra

Maria do Nascimento Vasconcelos | Priscila Holanda Costa

Rosalina Rocha Araújo Moraes

Brasília | DF | 2006

748	Decreto nº 1.972, de 25 de agosto de 1922 - Approva o Decreto n. 367 - B. de 15 de maio do anno corrente que expediu o regulamento de lei que equiparou à Escola Normal do Estado os collegios de N.S. do Sagrado Coração e Immaculada Conceição.	MP	MF
749	Decreto nº 1.975, de 29 de agosto de 1922 - Approva o decreto do Poder Executivo n. 358, de 18 de maio do corrente anno, creando e mandando executar os serviços de inspecção medica nos estabelecimentos de instrucção primaria, normal profissional e secundario do Estado.	MP	MF
750	Decreto nº 1.980, de 29 de agosto de 1922 - Manda continuar em vigor o art. 285, do Regimento interno da Faculdade de Direito do Ceará, aprovado pelo decreto n. 71, de 10 de julho de 1917.	MP	MF
751	Lei nº 1.992, de 22 de setembro de 1922 - Autoriza o Poder Executivo a abrir o credito da quantidade de 279\$900 para pagamento dos vencimentos a quem tem direito a professora da cadeira da povoação de Jubaya, do municipio de Maranguape, d. Anna de Castro Santos.	AL	AG
752	Lei nº 1.995, de 27 de setembro de 1922 - Approva diversos creditos abertos pelo Presidente do estado.	MP	MF
753	Lei nº 1.996, de 27 de setembro de 1922 - Autoriza o Presidente do Estado a reorganizar a bibliotheca da Faculdade de Direito.	AL	AG
754	Decreto nº 2.011, de 21 de outubro de 1922 - Abre credito especial da quantia de 347:157\$423, para occorrer ao pagamento de vencimentos a diversos funcionarios publicos do Estado, relativos a alguns meses do exercicio de 1920.	MP	MF
755	Decreto nº 2.013, de 25 de outubro de 1922 - Approva diversos creditos abertos pelo Presidente do Estado.	MP	MF
756	Decreto nº 2.014, de 25 de outubro de 1922 - Approva uma aposentadoria concedida pelo Presidente do Estado.	MP	MF
757	Lei nº 2.015, de 25 de outubro de 1922 - Autoriza o Presidente do Estado a mandar abonar à professora da cadeira mixta da povoação de Mucuripe, do municipio de Fortaleza, d. Ainda Santos e Silva, a gratificação a que tem direito, a contar de 24 de julho de 1921 a 17 de março do corrente anno.	AL	AG
758	Lei nº 2.021, de 25 de outubro de 1922 - Autoriza o Presidente do Estado a fazer aquisição da bibliotheca do notavel cearense Antonio Bezerra de Menezes e dá outras providencias.	AL	AG
759	Lei nº 2.024, de 1º de novembro de 1922 - Extingue as categorias em que se classificavam os professores publicos primarios e regula os vencimentos dos mesmos.	AL	AG
760	Lei nº 2025, de 04 de novembro de 1922 - Dispõe sobre a distribuição e localização das escolas do Estado.	AL	AG

ANEXO E - CERTIDÃO DE ÓBITO DE AÍDA SANTOS E SILVA



PODER JUDICIARIO
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DO CEARÁ
REGISTRO CIVIL DA 3a. ZONA
NASCIMENTO, CASAMENTOS, SEPARAÇÕES, DIVÓRCIOS E ÓBITOS

CARTÓRIO CYSNE

OFICIAL DO REGISTRO CIVIL - Dr. CLAUDIO CYSNE DE MEDEIROS.
OFICIAL SUBSTITUTA - Dra. SARAH VIRGINIA B. CYSNE DE MEDEIROS
ESCREVENTE - CLAUDIA VIRGINIA B. CYSNE DE MEDEIROS
RUA CASTRO E SILVA, 101 - TELEFONES: 231-4170 e 231-4198

CERTIDÃO DE ÓBITO

O BACHAREL CLAUDIO CYSNE DE MEDEIROS, OFICIAL DO REGISTRO CIVIL
DA 3a. ZONA DE FORTALEZA CAPITAL DO ESTADO DO CEARÁ

CERTIFICA que no livro nº C./ 14 ..... de Registro de Óbitos, à fls. 61 ...
sob o nº de o.dem. 22.735 consta o assento de AÍDA SANTOS E SILVA
faleceu no dia 19 .. do mês de JANEIRO (01) .. do ano de mil NOVECENTOS
E SETENTA (1.970) .. às 18:10 .. horas
e .. minutos, em RUA: SANTANA 150 ..
do sexo FEMININO ..
Com 81 (OITENTA E UM) .. Anos de idade
de Profissão APOSENTADA ..
Estado Civil VIUVA ..
Natural de FORTALEZA = CEARÁ ..
Filh. A de JOSÉ FIRMINO DOS SANTOS ..
E DE: ... JANUÁRIA ALVES DOS SANTOS ..
em consequência de PARADA CARDIO = RESPIRATÓRIA ..
conforme atestou o Dr. BENTO BRUNO PIMENTEL ..
Sepultou-se no Cemitério de FORTALEZA ..
Observações: ÓBITO FEITO NO DIA 22 DE JANEIRO DE 1.970 ..
O referido é verdade e dou fé.

Fortaleza, 05 de NOVEMBRO de 19 91.

Handwritten signature of the official

Oficial do Registro Civil



**ANEXO F – DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS PARA A MUDANÇA DO NOME  
DO CIES PARA HOMENAGEAR AÍDA BALAIO**

lei n: 7233 de 06.11.92  
D.O.M. n: 9991 de 16.11.92

Promulgada



**CÂMARA  
MUNICIPAL  
DE FORTALEZA**

*Trabalhando junto com o povo*



**DEPARTAMENTO LEGISLATIVO**

**DIGITALIZADO**

EM: 13/11/92

Regra Roberta et al.  
FUNCIONÁRIO

DATA 19/11/92

PROJETO DE LEI Nº 338/91

ASSUNTO: Autopiza a modificacao de  
denominacao do Centro Integrado  
baixa do local, para centro  
Integrado Aida Balaio

VEREADOR Gorete Pereira

LEI Nº 7233 DE 06/11/92

DIOM Nº 9991 DE 16/11/92

ARQUIVO 24-11-92



Lei: 072331992  
Projeto: 03381991  
Autor: GORETE PEREIRA  
Assunto: CIES





## CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

LEI Nº **7233** DE

06 DE *novembro*

DE 1992.

Autoriza a modificação da denominação do Centro Integrado Lagoa do Coração, para Centro Integrado Aida Balaio.

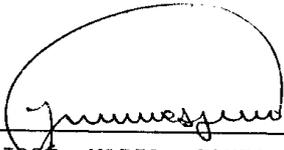
A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA E EU PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º - Fica modificada a denominação do Centro Integrado Lagoa do Coração que passará a denominar-se de Centro Integrado Aida Balaio.

Art. 2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL JOSÉ BARROS DE ALENCAR, EM 06 DE

*novembro* DE 1992.

  
\_\_\_\_\_  
JOSÉ MARIA COUTO  
PRESIDENTE

FAO

Paço José Barros de Alencar - Rua Antonele Bezerra, 280 - Fone: (085) 244-9477 - Caixa Postal 5011



COMISSÃO DE Urbanismo  
 DESIGNO O VEREADOR Cláudio Moraes  
 COMO RELATOR  
 Em 25/11/91  
 Presidente

## CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

A COMISSÃO DE URBANISMO

Em 10/11/1991

PROJETO DE LEI Nº 338/91.

Presidente

Autoriza a modificação da denominação do Centro Integrado Lagoa do Coração, para Centro Integrado Aida Balaio.

Aprovado em 1ª. Discussão

Em 27/11/1991

Presidente

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA:

Art. 1º - Fica modificada a denominação do Centro Integrado do Lagoa do Coração que passará a denominar-se de Centro Integrado / Aida Balaio.

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Aprovado em 2ª. Discussão

Em 29/11/1991

Presidente

JUSTIFICATIVA:

A presente iniciativa visa homenagear uma das mais brilhantes personagens que dedicou-se tantos anos a Educação ajudando a melhorar o ensino em nossa capital. Muito fez pelo Bairro do Mucuripe onde criou escola e ajudou os mais necessitados cabendo a Câmara Municipal através do Art. 26 - XVIII, autorizar a modificação do referido Centro. Dessa maneira se tenta resgatar a memória daquela que se constituiu numa das mais notáveis figura do Mucuripe, ajudando a todos naquele Bairro e desenvolvendo um grande serviço em prol da Educação para o engrandecimento de Fortaleza.

A COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL

Em 29/11/1991

Presidente

Vereadora - Gorete Pereira.



## CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

COMISSÃO DE URBANISMO

Parecer nº 92 /91  
Ao Projeto de Lei nº 338/91

Dispensado de Impressão e Intercício

Em 27 / 11 / 19 91

*[Signature]*  
Presidente

Nada encontramos que possa ser contrário ao presente projeto.

Parecer favorável, s.m.j.

Sala das Sessões das Comissões Permanentes da Câmara Municipal de Fortaleza, em 25 de novembro de 1991.

*[Signature]*  
Relator

Presidente *[Signature]*



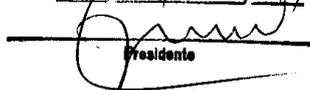
## CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

### COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL

A COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL DÁ A SEGUINTE REDAÇÃO AO PROJETO DE LEI Nº 338/91.

**APROVADO**

EM 12/12/91

  
Presidente

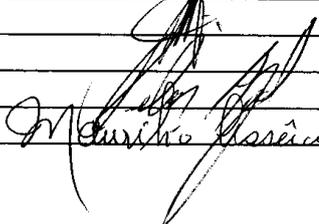
Autoriza a modificação da denominação do Centro Integrado Lagoa do Coração, para Centro Integrado do Aida Balaio.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA:

Art. 1º - Fica modificada a denominação do Centro Integrado Lagoa do Coração que passará a denominar-se de Centro Integrado Aida Balaio.

Art. 2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões das Comissões Permanentes da Câmara Municipal de Fortaleza, em 03 de dezembro de 1991.

  
\_\_\_\_\_  
Presidente  
  
\_\_\_\_\_  
Maurício Assis

MPM.

**CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA** MAPR / CP

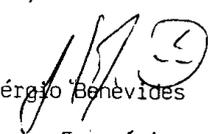
Ofício nº 1324/92

Fortaleza, 05 de novembro de 1992.

Senhor Prefeito:

Estamos enviando a V.Exa., para receber a devida numeração, a Lei que "AUTO  
RIZA A MODIFICAÇÃO DE DENOMINAÇÃO DO CENTRO INTEGRADO LAGOA DO CORAÇÃO, PA  
RA CENTRO INTEGRADO AIDA BALAIO", promulgada por esta Casa Legislativa.

Cordialmente,

  
Vereador Sérgio Benevides  
Presidente, em Exercício

Exmo. Sr.

Dr. JURACI MAGALHÃES

DD: Prefeito Municipal de Fortaleza

Nesta



## CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA MAPR

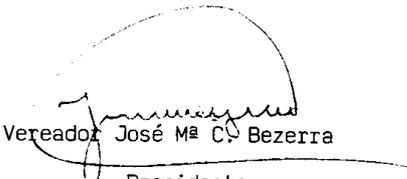
Ofício nº 2350/91

Fortaleza, 06 de dezembro de 1991.

Senhor Prefeito:

Na conformidade do artigo 47 da Lei Orgânica Municipal, tenho a satisfação de encaminhar a V.Exa., o presente autógrafo de lei aprovado por esta Câmara, que "Autoriza a modificação da denominação do Centro Integrado Lagoa do Coração, para Centro Integrado Aida Balaio".

Atenciosamente,

  
Vereador José M. C. Bezerra  
Presidente

Exmo. Sr.

Dr. JURACI MAGALHÃES

DD: Prefeito Municipal de Fortaleza

Nesta

# ANEXO G – PUBLICAÇÃO EM DIÁRIO OFICIAL AUTORIZANDO A MUDANÇA DO NOME DO CIES

EMBRO DE 1992

sem distinção como finalidade de...  
 ta, com sede e...  
 do Ceará. Ca-...  
 30 - O Centro...  
 ção: FUNDADORES...  
 Administração...  
 diretoria com-...  
 arquia: a) Pre-...  
 Secretário. 19...  
 Único - Haverá...  
 a com a direto-...  
 administração do...  
 cido por todos...  
 tais. Capítulo VI...  
 ral, que repre-...  
 sentações e as...  
 ações e - que se...  
 vocação e na se-...  
 Capítulo VIII -...  
 o respondem na...  
 pela diretoria...  
 e três reuniões...  
 omatamente de-...  
 seu substituto...  
 so de dissolução...  
 destino de - seus...  
 rá ser reformado...  
 ocada para esse...  
 or na data de sua...  
 s omissos nesta...  
 189 - Revogam-...  
 assembléia reali-...  
 ra dos Santos -

**FORTALEZA**  
 DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO

ANO XL FORTALEZA, 16 DE NOVEMBRO DE 1992 Nº 9991

## PODER EXECUTIVO

**LEI Nº 7219 DE 16 DE OUTUBRO DE 1992**

Revoga a Lei nº 6463 de 07.06.1989, na forma que indica.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA E EU PROMULGO A SEQUINTE LEI: Art. 1º - Fica revogada a Lei nº 6463 de 07.06.89 que "Considera de utilidade pública o Fundo de Apoio Comunitário (FAC), em decorrência da Lei nº 6488 de 08.09.89, D.O.M. 9211 de 25.09.89, que concede o mesmo benefício. Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. PAÇO JOSÉ BARROS DE ALENCAR, em 16 de outubro de 1992. José Maria Couto Bezerra - PRESIDENTE.

\*\*\* \*\*

**LEI Nº 7232 DE 06 DE NOVEMBRO DE 1992**

Institui o Programa de Acuidade Visual e Prevenção da Cegueira.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA E EU PROMULGO A SEQUINTE LEI: Art. 1º - Fica criado na rede municipal o PROGRAMA DE ACUIDADE VISUAL E PREVENÇÃO DA CEGUEIRA. Art. 2º - As Secretarias de Saúde e de Educação do Município de Fortaleza, elaborarão em conjunto um plano de atuação a ser executado durante o ano letivo. Parágrafo Único - A partir de 1993 os exames preventivos deverão ser feitos obrigatoriamente após as matrículas, no prazo máximo de trinta (30) dias. Art. 3º - O Município de Fortaleza fica autorizado a firmar convênios com órgãos públicos, classistas, privados e organismos nacionais e internacionais com o objetivo de ampliar e aperfeiçoar o Programa de Acuidade Visual e Prevenção da Cegueira. Art. 4º - A Secretaria Municipal de Saúde será responsável pelo treinamento de pessoal necessário à aplicação do Programa. Art. 5º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. PAÇO MUNICIPAL JOSÉ BARROS DE ALENCAR, em 06 de novembro de 1992. José Maria Couto - PRESIDENTE.

\*\*\* \*\*

**LEI Nº 7233 DE 06 DE NOVEMBRO DE 1992**

Autoriza a modificação da denominação do Centro Integrado Lagoa do Coração, para Centro Integrado Aida Balaio.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA E EU PROMULGO A SEQUINTE LEI: Art. 1º - Fica modificada a denominação do Centro Integrado Lagoa do Coração que passará a denominar-se de Centro Integrado Aida Balaio. Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. PAÇO MUNICIPAL JOSÉ BARROS DE ALENCAR, em 06 de novembro de 1992. José Maria Couto - PRESIDENTE.

\*\*\* \*\*

**LEI Nº 7234 DE 06 DE NOVEMBRO DE 1992**

Dispõe sobre a isenção do IUVV-Imposto sobre Venda a Varejo de Combustíveis Líquidos e Gasosos no Município de Fortaleza, na forma que indica.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA E EU SANCIONO A SEQUINTE LEI: Art. 1º - Fica isento da cobrança do IUVV-Imposto sobre a Venda a Varejo de Combustíveis Líquidos e Gasosos no Município de Fortaleza, o Gás Natural Combustível, destinado ao uso nos transportes coletivos e táxis. Parágrafo Único - O processamento da isenção de que trata o "caput" deste artigo será regulamentado pelo Chefe do Poder Executivo, observada a legislação tributária vigente. PALÁCIO DA CIDADE, em 06 de novembro de 1992. Juraci Vieira de Magalhães - PREFEITO DE FORTALEZA.

\*\*\* \*\*

**LEI Nº 7235 DE 06 DE NOVEMBRO DE 1992**

Institui o Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA E EU SANCIONO A SEQUINTE LEI: Art. 1º - Fica instituído o Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, com o objetivo de criar condições financeiras e de administrar os recursos destinados ao desenvolvimento das ações de atendimento à criança e ao adolescente. Art. 2º - O fundo de que trata esta Lei será vinculado à Secretaria do Trabalho e da Ação Social do Município e gerido pelo Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente - COMDICA, observadas as diretrizes gerais do Plano Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, elaborado pelo COMDICA. Art. 3º - Compete ao Secretário do Trabalho e da Ação Social, sem prejuízo das suas atribuições originárias, em conjunto com o COMDICA: I - elaborar o Regimento Interno do Fundo, criado por esta Lei, que será aprovado por ato do Chefe do Poder Executivo; II - elaborar o Orçamento Anual do Fundo; III - submeter à apreciação do Chefe do Poder Executivo sua programação plurianual e anual. Art. 4º - Constituirão receitas do Fundo, ora criado: I - contribuições a fundos consignadas no orçamento do Município; II - doações de contribuintes do Imposto de Renda ou outros incentivos fiscais; III - dotações, auxílios, contribuições, subvenções, transferências e legados de entidades nacionais e internacionais governamentais e não governamentais; IV - recursos de aplicações financeiras; V - produtos de aplicações dos recursos disponíveis e de venda de materiais, publicações e eventos; VI - multas previstas nos arts. 214, 245 us que 258, da Lei Federal nº 8.069, de 13/07/90 (Estatuto da Criança e do Adolescente); VII - receitas advindas de Convênios, acordos e contratos firmados pelo COMDICA. Art. 5º - Os recursos financeiros do Fundo serão depositados e movimentados em estabelecimento bancário oficial, em conta específica, obedecidas as normas estabelecidas em legislação pertinente e serão aplicados de acordo com orçamento próprio do COMDICA. Art. 6º - Compete ao Chefe do Poder Executivo, anualmente: I - fazer constar na Proposta Orçamentária do Município recursos suficientes à participação nos programas especiais às crianças e adolescentes e implementados em decorrência dos valores oriundos do Fundo ora criado. II - apresentar ao Poder Legislativo Municipal, por ocasião de Prestação de Contas Anual relatório detalhado dos trabalhos desenvolvidos pelo Fundo. Art. 7º - Fica o Prefeito Municipal autorizado a abrir à Secretaria do Trabalho e da Ação Social, crédito especial até o limite de Cr\$ 500.000.000,00 (quinhentos milhões de cruzeiros), no vigente orçamento. Parágrafo Único - O Crédito Especial a que se refere o "caput" deste artigo será atualizado sempre que ocorrer atualização do Orçamento do Município, de acordo com o art. 6º, II, da Lei 7034, de 17 de dezembro de 1991. Art. 8º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. PALÁCIO DA CIDADE, em 06 de novembro de 1992. Juraci Vieira de Magalhães - PREFEITO DE FORTALEZA.

\*\*\* \*\*

**LEI Nº 7236 DE 06 DE NOVEMBRO DE 1992**

Considera de utilidade pública o Instituto Maria Imaculada, na forma que indica.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA E EU SANCIONO A SEQUINTE LEI: Art. 1º - Fica considerada de utilidade pública o Instituto Maria Imaculada, na forma que indica. Art. 2º - A presente Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. PALÁCIO DA CIDADE, em 06 de novembro de 1992. Juraci Vieira de Magalhães - PREFEITO DE FORTALEZA.

\*\*\* \*\*

**DECRETO Nº 8960, DE 06 DE NOVEMBRO DE 1992**

Declara de utilidade pública, para fins de DESAPROPRIAÇÃO, os bens imóveis que indica e dá outras providências.

O PREFEITO MUNICIPAL DE FORTALEZA, no uso de suas atribuições que lhe conferem o art. 76, da Lei Orgânica de Fortaleza, de 05 de abril de 1990, e com apoio no Decreto-Lei

...sito à Av. Representante le...  
 ...moradores desta...  
 ...na ASSEMBLÉIA...  
 ...25 de novembro de...  
 ...os blocos "A",...  
 ...seguintes assun-...  
 JOSÉ PEREIRA  
 Cardoso de Brito  
 NACIONAL PIRRO...  
 ...NTO DE MESQUITA...  
 ...a responsabilidade...  
 SEDE: Rua 315...  
 ...0531-630, Fort-...  
 ...u Menor e Maior...  
 ...lidade de cruz...  
 ...lidade ao Cap...  
 ...cas, cabendo a VER...  
 ...idade, ativa, pe...  
 ...TERAÇÃO CONTRATU...  
 ...CIOS. CONDIÇÕES...  
 ...os, e no caso de...  
 ...hado a quem de...  
 ...brasileira, no...  
 ...CPF 359913723-49...  
 ...leira, casada, Ph...  
 ...54-543-87, ambas...  
 ...- 28 Etapa - Conju...  
 ...MARIA SANTA DE...  
 ...12 de novembro

ADORA  
 DOS ENCARGOS  
 3  
 Senhores Pais e  
 CENTRO EDUCACIONAL  
 que, para os fins  
 encargos educac  
 e:  
 .....Cr\$ 668.000...  
 do um contrato enc  
 disposição don  
 A DIRETORIA.

ANEXO H – PLACAS DA BIBLIOTECA AÍDA BALAIO – HOMENAGEM –  
ESCOLA DE ENSINO MÉDIO EM TEMPO INTEGRAL MATIAS BECK



ANEXO I- REPORTAGEM O POVO – A HISTÓRIA DO CEARÁ PASSA POR ESSA RUA –  
AÍDA BALAIO A MADRINHA DO  
MUCURIBE

FORTALEZA—CE,  
TERÇA-FEIRA  
02/MAIO/89

*Orson Welles  
Ceará, Mucuribe, Balaio, J. P. L.*

**U**ma  
mulher  
do povo,  
que  
se dedicou  
ao ensino



Aída  
a ma  
do M

Em frente à Igreja de Nossa Senhora de Nazaré estendia-se a areia da praia, interrompida apenas pelo cruzeiro, ladeado por dois pés de flamboyants de cores vivas. Caminhando-se um pouco mais se chegava às cabanas onde moravam os pescadores, entre coqueiros e pés de caju, e só depois é que se chegava ao mar.

Este foi o cenário avistado por Orson Welles no início dos anos 40, numa viagem de cineasta decidido a filmar a história de Mestre Jacaré e seus homens, que enfrentaram o oceano desde o Ceará até o Rio de Janeiro. E era este o cenário onde circulava Aída Santos e Silva, conhecida em todas as imediações pelo nome de Aída Balaio.

Ao tempo da visita de Welles, Aída já passava dos 50 anos. Esta circunstância cronológica em nada reduzia seu amor pelo cinema, grande o bastante para que terminasse por se envolver nas filmagens. O conhecimento de francês, aprendido no Colégio da Imaculada Conceição, auxiliava nos contatos entre a equipe e os nativos. Cabia a ela arregimentar os figurantes dentre os ariscos pescadores e suas famílias, levando-os à secretária do diretor, uma mulher grandalhona que era chamada pelas crianças de "Miss Hanes", o mesmo nome da elefanta de um circo que acampava na cidade.

O filme seria intitulado "It's all

mais, o que no fim das contas podia ser chamado de amor.

Com mais de 50 anos, Aída tinha uma longa história de magistério a contar. Era professora desde 1911, começando com 22 anos a seguir o caminho de todas as mulheres de sua família, como ressalta a filha Betsaida Amora, a segunda dos seis filhos vivos. O ensino era sua vocação, atividade que perseguiria sem descanso até o final da vida.

Aída Santos, filha de José Sirmões dos Santos e de Januária, casaria muito jovem. Tinha recém-completado 16 anos quando se uniu a Francisco Balaio da Silva, Alferes da Revolução Acreana, mais velho e muito mais experiente. O nome Balaio venceria duas gerações, primeiro como um apelido dado pela participação do pai na revolta da Balaiada, e mais tarde como nome mesmo, tão comum quanto Carneiro, Bezerra ou Barata.

Francisco lutara sob o comando do coronel Plácido de Castro, e tivera a sorte de voltar vivo à sua terra. Em 1905, com a jovem esposa, foi ocupar um cargo na delegacia do Mucuripe. Ali, quase nem era mais Fortaleza, e sim um arraial de casinhas onde só se chegava a cavalo ou a pé mesmo, pela beira da praia. Ir até à cidade era quase uma viagem, sob o sol quente refletido em areias escaldantes.

A &amp; ARTE



Balaio,  
rinha  
curipe

OS LEI...



As ruas de uma cidade contam muito de sua história. Elas registram os nomes das pessoas que colaboraram para o crescimento cultural, político ou econômico da comunidade, e que marcaram sua presença em gerações sucessivas. "A história do Ceará passa por esta rua" é uma homenagem a estas pessoas.

a semana religiosa. Um fato é inesquecível: o pai, tomado de revolta diante da decisão do bispo, resolveu arrombar a porta da capela para dar prosseguimento às comemorações previstas. O resultado foi além do que se esperava. Dom Manuel excomungou sem hesitar todos os envolvidos na invasão. Entre eles, é claro, o Alferes Francisco Balaio.

A mãe ficou desesperada, recorda Betsaida. Uma mulher cheia de religiosidade, orientadora de tantas crianças na direção da

CADERNO B

Apesar de morar todo este tempo nas proximidades do colégio, a família mantinha a casa no Mucuripe, onde iam a qualquer oportunidade, e onde se demoravam nas férias escolares.

Foi numa dessas viagens que acompanhou o trabalho do cineasta americano, e em que possivelmente se deu o episódio da excomunhão do marido.

Em junho de 1948 uma boa notícia: o Secretário de Educação e Saúde, Walmik Albuquerque, nomeia a professora para o Curso de Alfabetização de Adolescentes e Adultos, na rua Princesa Isabel, no Mucuripe. É a volta definitiva para o lugar onde se sentia em casa. O acesso agora era mais fácil. O ônibus ia até a Praia de Iracema, e de lá se seguia a pé ou a cavalo. O trem, e antes dele o trolley, eram opções para a viagem.

Ensinaria ainda até 1966, quando os filhos decidem que a mãe já trabalhou bastante. O marido morrera em abril de 1950, e a opção de ensinar "para não pedir esmolas", como escreve numa das várias anotações que deixou — não é mais necessária. Somados os períodos de magistério, os números impressionam: 35 anos no Grupo do Outeiro, mais 19 de ensino particular no Mucuripe, totalizando 54 anos de aulas. No caderno ela anota criteriosamente os números, e acrescenta com a bela letra exercitada em décadas de ca-

chegou a ser visto numa tela de cinema, e que a imagem dos heróicos jangadeiros não chegou a ir além de uma sala de corte qualquer em Hollywood. Aida Balaio prosseguiu em suas atividades normais, deixando o filme virar uma história a ser contada a quem tivesse algum interesse em ouvir.

Para ela, interessante mesmo era falar sobre o crescimento do Mucuripe, sobre questões de ensino, saber novidades de seus mais de 350 afiliados a lhe tomar a bênção nas caminhadas pela areia. Os pescadores moravam em casebres de pau-a-pique, esqueleto de madeira irregular preenchido por mãos cheias de barro. As palhas dos coqueiros serviam de cobertura, e dentro das casas não havia nada. Quando muito um banco feito com o tronco de um coqueiro, apoiado em forquilhas, e uma tremepe onde uma lata vazia servia de panela, cozinhando refeições à base de peixe, que seriam comidas sobre esteiras de palha, em pratos de ágata.

Aida caminhava de uma casa para outra, visitando as famílias, conhecendo seus problemas, acompanhando de perto suas idas e vindas pelo mar, que um dia dava comida e outros dias só dava a morte. Nos pescadores ela observava o temperamento fechado, pouco dado a expansões de sentimentos, despedindo-se das famílias sem um gesto de carinho. E observava também o desejo de aprender, ou de permitir a seus filhos que aprendessem um pouco

meada professora, em 1911, designada para ensinar na Escola Mista a partir do dia 24 de julho. Foram onze anos de dedicação a alunos carentes, aos quais alfabetizava e ensinava o que considerava essencial em matéria de religião. "Naquele tempo não se comemoravam essas datas cívicas, nem o dia das mães", lembra Bet-saida. "Comemoravam-se apenas as festas religiosas, com muita animação".

Juntamente com o vigário da paróquia, Aida estava à frente das

Em maio, cantavam-se novenas e coroava-se Nossa Senhora; em junho vinham as concorridas festas de Santo Antônio, São João e São Pedro, o padroeiro dos pescadores. E do final de agosto até a primeira semana de setembro, a mais concorrida celebração: a de Nossa Senhora da Saúde, padroeira da outra capela do bairro.

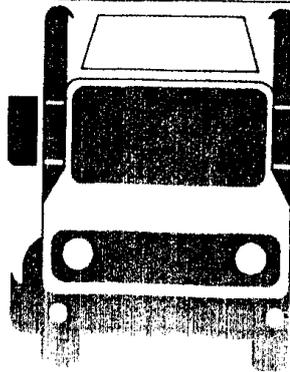
As duas igrejas dividiam os paroquianos. A de Nossa Senhora de Nazaré, hoje em plena Av. Beira-Mar, era zelada por um paroquiano fiel, quase dono da Igreja



O Mucuripe nos velhos tempos, entre os coqueiros e o mar

# Esteja sempre

- Balanceamento de rodas e alinhamento de direção.
- Pneus para todos os veículos.
- Técnicos realmente capacitados.



incessantemente soprada pelo corredor da capela, em cuidar dos paramentos da missa, em cuidar as imagens sagradas. Este excesso de cuidado deu início a um mal entendido entre a comunidade e o bispo Dom Manuel, terminou por decretar o fomento sumário da Igreja. Betsaida não recorda bem dos detalhes, nem consegue precisar a data. Sabe apenas que era no mês de festas de agosto, com os fiéis parando suas melhores roupas zendo planos para comemorar



um caso assim. O tempo se encarregou de aparar as arestas entre o bispo e os pescadores, e a igreja voltou a funcionar normalmente. Nas festas Aída tocava harmônica, cantava, arregimentava o pessoal com a mesma disposição que sempre tivera. Deve ter sentido saudade quando foi transferida para lecionar no Grupo Escolar do Outeiro, na esquina da Av. Dom Manuel com o início da Santos Dumont.

O cargo foi assumido a 9 de agosto de 1922. Mais tarde o Grupo viria a receber o nome de Clóvis Beviláqua, mas no início da década de 20 mantinha o mesmo nome dado ao que viria a ser a Aldeota.

"Aldeota era mato fechado", relembra Betsaida, "com terras que se vendiam a tostão o palmo". Aída concentrou sua energia para o auxílio dos moradores daquele matagal. Mandava que derrubassem árvores para construir suas casas, e coordenou o estabelecimento de um arruado de residências humildes em terras que lhe pareciam sem dono. Caso o proprietário aparecesse, como de fato apareceu, ela era segura o bastante para ressaltar o valor humanitário do projeto e conseguir a permanência dos moradores no local.

Em maio de 1924 o contrato no Grupo Escolar foi efetivado. As crianças que lá estudavam Aída dedicaria 26 anos de sua vida, afastando-se em março de 1948 por ocasião da aposentadoria.

do voltasse!!!".

A bem intencionada proibição dos filhos é ignorada parcialmente pela mãe. As aulas continuam, principalmente para jovens que disputam vagas em empregos públicos ou na Marinha. E anota no caderno, misteriosa: "(em segredo) Ainda hoje dei aula a um rapaz para alcançar uma colocação". Os filhos só descobriram os pequenos truques da mãe após sua morte, em 19 de janeiro de 1970. Aos filhos, havia pedido que não houvesse lágrimas na missa de corpo presente, e sim muito canto e muita música, como nos velhos tempos. Sobre ela escreveu padre Francisco José de Castro Ramos, vigário paroquial da Sé e seu ex-aluno: "Ela mantinha um relacionamento muito gostoso com a classe, não era autoritária, e com uma paciência infinita me ensinou as primeiras letras". E prossegue: "Lembro-me bem de sua absoluta dedicação ao magistério e da enorme capacidade de despertar em seus alunos a vontade pelo saber, pelo conhecimento".

Padre Nilson de Oliveira, que fora diretor espiritual da Confraria Nossa Senhora do Carmo, uma das associações a que Aída Balaio fizera parte, dá um depoimento mais sucinto num texto trabalhado na correção gramatical: "U'a Mulher... U'a Mãe.. U'a educadora... U'a Cristã autêntica... Assim eu vi por muitos anos e a vejo ainda hoje, uma Senhora que em vida se chamava Aída Balaio".

# em alinhado.

A MAIOR LOJA DE PNEUS E SERVIÇOS  
DA AMÉRICA LATINA.

## Gerardo Bastos S/A

Onde um pneu é um pneu.

BARÃO DE STUDART, 3100 — Tel. 247.3737

## APÊNDICE

**APÊNDICE A – CRONOLOGIA DA HISTÓRIA DE VIDA DE AÍDA SANTOS E SILVA  
(AÍDA BALAIÓ)**

<b>Datas, Fatos, Feitos e Educação Informal</b>	
<b>Ano</b>	<b>Informação/Local/Instituição</b>
1889	Nascimento de Aída Santos e Silva (ano da Proclamação da República e um ano depois da abolição da escravatura, que no Ceará ocorrerá já em 1884)
1896	Provável ano em que os estudantes iniciavam sua educação primária, algo em torno de seus 7/8 anos, acreditamos assim que foi a data de inserção de Aída na escola.
1902-1903	Provável período em que cursou o ensino secundário
1905	Casamento com Francisco Balaio da Silva
1905	Acompanhando o Marido Francisco Balaio da Silva, se muda para o Mucuripe logo após a nomeação do Alferes como delegado da região.
1908	Inicia sua trajetória na docência (não temos como dizer com exatidão que não tenha anteriormente lecionado já, contudo, segundo descrição de seu cadastro funcional, foi neste ano o seu primeiro registro oficial)
1908	Arraial de Pelotas
1908-1921	Leciona no Mucuripe
1921	Neste ano Aída consegue a dispensa oficial da cadeira mista no Mucuripe e assumi ainda no mesmo presente ano no 3º Grupo Escolar de Fortaleza.
1922	Nomeada para lecionar em um dos principais grupos da cidade, torna-se professora vinculada ao Estado, tendo seus registros mais organizados, a partir desse momento, devido a data ser também de maior organização da Educação do Ceará com a Reforma de Lourenço Filho de 1922. No mesmo período, apesar de manter a casa do Mucuripe, passa a morar mais próximo ao seu trabalho nos arredores do 3º Grupo Escolar.
1908	Nasce o primeiro filho dos 7 filhos (4 homens e 3 meninas) de Aída com Francisco Balaio. Valdir
1909	Nasce o segundo filho do casal Balaio, agora uma menina chamada Betinha
1910	Nasce em 1910 a segunda filha mulher da professora chamada Nair
1915	Nasceu Valmir Hugo
1925	Nasceu Waldelys
1930	Nasce o filho mais novo de Aída, Valdenilo Balaio da Silva
1924	A filha Zaida em seus relatos no Livro: O Mucuripe, atribui este ano para a real efetivação do vínculo de Aída como professora do Estado, isto depois de dois anos já trabalhando no dado grupo escolar, intitulado Grupo Escolar do Outeiro.

1935	Morre seu filho mais velho, Valdir de Tuberculose
1937	O grupo Escolar que lecionava, muda de nome de Outeiro para Santos Dumont
1948	Aposenta-se com mais de 25 anos de exercício do Magistério
1948	A Nomeação para reger o Curso de Alfabetização de Jovens e Adultos no Mucuripe a oportuniza retornar para a localidade que iniciou seus primeiros passos do trilhar do magistério.
1959	Aída participa de uma produção cinematográfica de Orson Welles, sendo mediadora entre os estrangeiros responsáveis pelo filme, os pescadores e os mucuripenses, atores e coadjuvantes. Falava francês por conta de sua formação inicial com as Irmãs de Caridade São Vicente de Paulo.
1965	Por conta da idade avançada e de sua saúde já mais debilitada, os filhos de Aída tentam proibi-la de dar continuidade aos afazeres de professora.
1965- 1970	Continua a lecionar com redução de carga horária de trabalho, em casa, com Jovens que queriam preparar-se para concursos.
1967/1968	Apesar de uma não precisão exata as netas de Aída referendam que cerca de 2 anos antes do falecimento da mãe, mais ou menos, o filho Valmir Hugo da Silva para o Ceará, do Rio de Janeiro, logo após tomar ciência da gravidade da doença de sua mãe.
1968	Prisão de seu Filho por conta de acusações de envolvimento com comunistas. Aída nunca chegou a ter ciência das consequências que o herdeiro sofrerá durante a Ditadura Militar.
1970	Morte de Aída em 19 de janeiro.

Fonte: Produzido pela autora (2019).

**APÊNDICE B – TERMO DE VALIDAÇÃO****TERMO DE VALIDAÇÃO DAS ENTREVISTAS**

Eu, \_\_\_\_\_  
declaro ter lido a transcrição da entrevista realizada no dia \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
pela Ana Michele da Silva Lima. Venho por meio deste validar a transcrição da  
entrevista supracitada para a utilização na pesquisa “FORMAÇÃO E  
ATUAÇÃO DOCENTE DE AÍDA BALAIO: BIOGRAFIA DE UMA  
EDUCADORA NEGRA EM FORTALEZA – CE (1908-1970)” desenvolvida  
no programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará  
(PPGE-UECE).

Fortaleza, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

Participante: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Documento de identificação: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE C - TCLE

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

S. \_\_\_\_\_, você foi selecionada e está sendo convidada para participar da pesquisa intitulada: “FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE DE AÍDA BALAIÓ: BIOGRAFIA DE UMA EDUCADORA NEGRA EM FORTALEZA- CE (1908-1970)”, que tem como objetivo compreender a formação educativa e atuação profissional de Aída Balaió no cenário educacional do final do século XIX até a metade do século XX. Este é um estudo baseado em uma abordagem qualitativa que utiliza a história oral híbrida como método.

Sua participação na pesquisa consistirá em responder perguntas a serem realizadas sob a forma de entrevistas e evocam sentimentos e lembranças, podendo causar constrangimento. As respostas às entrevistas serão gravadas, transcritas, textualizadas e validadas por sua pessoa, isto é, em nenhum momento serão divulgadas informações sem o seu prévio consentimento. Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode se recusar a responder perguntas ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo na relação com o pesquisador.

A S. \_\_\_\_\_ não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. A pesquisa, no entanto, poderá ser divulgada por meio de publicações – artigos, livros, capítulos ou conferências públicas – portanto, as informações prestadas não serão sigilosas, podendo ocorrer das mesmas serem utilizadas por outros pesquisadores ou demais interessados em estudos e análises futuras, inclusive, acrescentando ou questionando as suas informações, fator que foge ao controle do pesquisador.

Este documento está elaborado em duas vias, sendo uma cópia para o participante e outra para o pesquisador. Você poderá entrar em contato com as pesquisadoras para esclarecer quaisquer dúvidas sobre o projeto. O Comitê de Ética em Pesquisa poderá ser contatado pelo telefone (85) 3101.9890 e pelo e-mail: [cep@uece.br](mailto:cep@uece.br)

---

Pesquisadoras: Ana Michele da Silva Lima, celular: (85) 999109638, E-mail: [anamichelesl@gmail.com](mailto:anamichelesl@gmail.com); Lia Machado Fiuza Fialho, celular (85) 99646.0186, E-mail: [lia\\_fialho@yahoo.com.br](mailto:lia_fialho@yahoo.com.br)

---

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar da pesquisa proposta, “FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE DE AÍDA BALAIÓ: BIOGRAFIA DE UMA EDUCADORA NEGRA EM FORTALEZA- CE (1908-1970)”, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Fortaleza, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

Participante: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Documento de identificação: \_\_\_\_\_